



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

JACQUELINE LORRANE BRUGALLI CHAGAS CAGLIARI

**PROCESSOS CRIATIVOS NO CONTEXTO DE OFICINAS TERAPÊUTICAS NA  
PERSPECTIVA DO PROFISSIONAL DE SAÚDE MENTAL**

Recife  
2020

JACQUELINE LORRANE BRUGALLI CHAGAS CAGLIARI

**PROCESSOS CRIATIVOS NO CONTEXTO DE OFICINAS TERAPÊUTICAS NA  
PERSPECTIVA DO PROFISSIONAL DE SAÚDE MENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Cognitiva.

Área de concentração: Psicologia Cognitiva.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marina Assis Pinheiro.

Recife

2020

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Valdicéa Alves Silva, CRB4-1260

C433p Chagas Cagliari, Jacqueline Lorrane Brugalli.  
Processos criativos no contexto de oficinas terapêuticas na Perspectiva do profissional de saúde mental / Jacqueline Lorrane Brugalli Chagas Cagliari. – 2020.  
248 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Marina Assis Pinheiro..

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Recife, 2020.

Inclui referências e apêndices.

1. Psicologia cognitiva. 2. Relações - interações. 3. Ênfase antecipatória - Outridades. 4. Ação criativa. 5. Dinâmica criativa. 6. Ação criativa e estética. I. Pinheiro, Marina Assis (Orientadora). II. Título.

153 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2020-282)

JACQUELINE LORRANE BRUGALLI CHAGAS CAGLIARI

**PROCESSOS CRIATIVOS NO CONTEXTO DE OFICINAS TERAPÊUTICAS NA  
PERSPECTIVA DO PROFISSIONAL DE SAÚDE MENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Cognitiva.

Aprovada em: 28/02/2020.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marina Assis Pinheiro (Orientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Silvia Fernanda de Medeiros Maciel (Examinadora Interna)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Wedna Cristina Marinho Galindo (Examinadora Externa)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Clarissa Maria Dubeux Lopes Barros (Examinadora Externa)  
Faculdade Pernambucana de Saúde

Dedico esta dissertação à minha avó, Ivanildes de Oliveira Chagas (*in memoriam*), que de todos os aprendizados, faltou-me apenas ensinar a lidar com a saudade.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, inicialmente, a Deus que segurou em minha mão e me deu forças para continuar essa nova caminhada e concluí-la. Que nos momentos de maior atribulação foi possível sentir Sua presença ao meu redor me dando a mão.

Aos meus pais, Edenice Chagas e Roque Cagliari, que fizeram todos os esforços e investimentos possíveis para que eu realizasse mais esse sonho e continuasse seguindo em frente nesta jornada. Agradeço também aos meus irmãos, tios e a minha madrinha que serviram de inspiração para que eu sempre almejasse voos mais altos. Todo apoio vindo de vocês foi essencial para a conquista desse título. Ele é dedicado a vocês igualmente.

Agradeço também a minha avó, Ivanildes Chagas (*in memoriam*), por representar para mim a imagem da mãe ideal e fazer possível torná-la real. Pelas saudades que deixou nesse pequeno espaço de tempo da conclusão deste mestrado e por ter sido uma estrela guia aí de cima nesse segundo ano de conclusão. Ao meu amor e a minha maior saudade.

Agradeço em especial as minhas meninas, Alanny Nunes, Jessica Barbosa e Mônica Franciele, que se tornaram mais do que parceiras nas dificuldades, se tornaram cúmplices e amigas de sonho. A vida não teria sido fácil nesses dois anos sem vocês ao meu lado. Não consigo pensar em um agradecimento melhor que consiga expressar em palavras o tamanho do sentimento que sinto por partilhar dessa jornada, e das futuras, ao lado de vocês. Obrigada por me aceitarem!

Agradeço também aos meus companheiros pós-graduandos pela parceria durante as disciplinas do primeiro ano. E em especial a Janicleide Souza e Janaina Gaia pelas risadas e pela igual acolhida nos momentos de desespero. Obrigada pelas palavras de apoio e por passarem segurança nos momentos de maior nebulosidade. Vocês foram de suma importância na construção desse projeto.

Gratidão aqueles que no dia a dia viram meu sufoco e minha luta para enfrentar cada pequena batalha que era posta: Henrique Albuquerque, Mirella Cibalde, Mayra Medeiros e Cecília Assy. Obrigada pela compreensão e pela acolhida em todos os momentos de desespero que busquei o conforto de vocês em nosso lar.

Quero agradecer também aos integrantes do meu grupo de pesquisa, em especial as minhas amigas Vanessa França e Nathalia Albuquerque, que sempre

foram presentes e acolhedoras nos momentos de dúvida, que sempre se disponibilizaram para prestar auxílio nas dificuldades. Além de terem encorajado a seguir meu caminho e segurado em minha mão ao longo desses dois anos. O grupo não seria o mesmo sem nossas conversas e nosso apoio mútuo.

Agradeço também a minha orientadora, Marina Pinheiro, pelos momentos de aprendizado em que toda orientação era uma aula. Cada segundo que passei ao lado da senhora serviu para que eu aprendesse não somente a teoria, mas também a crescer e amadurecer como pessoa. Obrigada.

Devo toda gratidão ao secretário da pós, Timóteo Leitão, que sempre foi bastante solícito e disponível para tirar dúvidas administrativas. Ele que é a engrenagem por trás de todo funcionamento da Pós em Cognitiva. Gratidão, colega!

Agradeço também aos meus amigos que não foram citados aqui, mas que merecem, de forma especial, todo o meu abraço e afeto. Gratidão!

## RESUMO

Os estudos sobre a criatividade requerem o reconhecimento da dimensão estética da experiência representada por registros subjetivos e transformadores da realidade. Entende-se por criatividade o processo através do qual o sujeito transforma os limites do real por via dos sentidos que lhes são próprios, únicos, e ao mesmo tempo co-autorados pelas outridades que participam das perspetivações de ênfase antecipatória na ação criativa. A investigação proposta se configura como um estudo exploratório, de carácter ideográfico, voltada para a dinâmica criativa no contexto de oficinas terapêuticas com enfoque na experiência de um oficinairo em um serviço de Saúde Mental. Os principais aportes teóricos deste estudo são os seguintes autores: Glăveanu, a partir da reflexão acerca dos conceitos utilizados na Teoria dos 5 A's – ator, audiência, ação, artefato e affordance; acerca da relação eu-outro e o excedente de visão proposto por Bakhtin; e Zanella e Pinheiro como autoras contemporâneas que indicam aspectos relevantes sobre a dinâmica da ação criativa e da estética. Além disso, será levantada à proposta vygtskyana sobre a afetividade presente no ato criativo, entendendo-se certa face afetivo-cognitiva, bem como, cultural-simbólica, implicada fundamentalmente na criatividade. É neste contexto que a presente dissertação tem como objetivo acessar e elaborar conceitualmente como se dá a dinâmica própria à relação eu-outro participante da ação criativa na relação do profissional de saúde mental face às outridades participantes da atividade oficinaira tais como a técnica, usuários, a saúde mental e a instituição, que estarão presentes no planejamento e desenvolvimento da oficina terapêutica. A metodologia incluiu uma análise dialógica que buscou a captura das perspetivações através de entrevistas semi-estruturadas realizadas com o profissional planejador de oficinas terapêuticas bem como o acompanhamento de uma oficina e sua avaliação exploratória acerca da emergência do novo. Deste modo, foram analisadas as ambivalências discursivas, as tensões e os efeitos de significação gerada nos participantes ali presentes e que estavam implicadas no processo criativo, considerando três polaridades implicadas na dinâmica estético-criativa da atividade oficinaira: o ator, a técnica e as outridades. A partir desta análise, entendeu-se que os enunciados produzidos pelo psicólogo estavam focados, predominantemente, em aspectos relativos à emergência do novo que surgiu na atividade oficinaira como inesperado, imprevisível, eventicidade e

neutralizado, em termos de seu impacto. Deste modo, a criatividade na oficina terapêutica estaria voltada para o surgimento do novo como um fenômeno distribuído, dialógico e social composto de uma irreversibilidade no tempo, de uma afetividade e singularidade existentes no contexto da ação do profissional que se mostra diversa em cada planejamento, execução e reconstrução da oficina proposta.

Palavras-chave: Processos criativos. Perspectivação. Saúde mental. Oficinas terapêuticas.

## ABSTRACT

Studies on creativity require recognition of the aesthetic dimension of experience represented by subjective and transforming records of reality. Creativity is understood as the process through which the subject transforms the limits of reality through the senses that are their own, unique, and at the same time co-authored by other parties that participate in the perspectives of an anticipatory emphasis on creative action. The proposed investigation is configured as an exploratory study, of an ideographic character, focused on creative dynamics in the context of therapeutic workshops with a focus on the experience of a workshop worker in a Mental Health service. The main theoretical contributions of this study are the following authors: Glăveanu, from the reflection on the concepts used in the Theory of 5 A's - actor, audience, action and affordance; about the self-other relationship and the excess of vision proposed by Bakhtin; and Zanella and Pinheiro as contemporary authors who indicate relevant aspects about the dynamics of creative action and aesthetics. In addition, it will be raised to the proposal of vygtskyana on the affectivity present in the creative act, understanding a certain affective-cognitive as well as cultural-symbolic face, fundamentally involved in creativity. It is in this context that the present dissertation aims to access and conceptually elaborate how the dynamics inherent to the I-other participant in creative action occurs in the relationship of the mental health professional vis-à-vis other participants in the workshop activity such as the technician, users, mental health and the institution, which will be present in the planning and development of the therapeutic workshop. The methodology included a dialogical analysis that sought to capture perspectives through semi-structured interviews conducted with the professional planner of therapeutic workshops, as well as the monitoring of a workshop and its exploratory evaluation about the emergence of the new. In this way, discursive ambivalences, tensions and the effects of meaning generated in the participants present and which were involved in the creative process were analyzed, considering three polarities involved in the aesthetic-creative dynamics of the workshop activity: the actor, the technique and the others . From this analysis, it was understood that the statements produced by the psychologist were predominantly focused on aspects related to the emergence of the new that emerged in the workshop activity as unexpected, unpredictable, eventful and neutralized, in terms of its impact. In this way, creativity in the therapeutic workshop would be

geared towards the emergence of the new as a distributed, dialogical and social phenomenon composed of an irreversibility in time, of an affection and singularity existing in the context of the professional's action, which is different in each planning, execution and reconstruction of the proposed workshop.

Keywords: Creative processes. Perspectivation. Mental health. Therapeutic workshops.

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

CAPS	CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL
CNSM	CONFERÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE MENTAL
IV CNSMI	IV CONFERÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE MENTAL INTERSETORIAL
MS	MINISTÉRIO DA SAÚDE
MTSM	MOVIMENTO DOS TRABALHADORES EM SAÚDE MENTAL
OMS	ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE
SM	SAÚDE MENTAL
SUS	SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>UMA HISTÓRIA POUCO CONTADA.....</b>	<b>20</b>
<b>2.1</b>	<b>Percurso da Reforma Psiquiátrica .....</b>	<b>20</b>
<b>2.2</b>	<b>Oficinas Terapêuticas .....</b>	<b>25</b>
2.2.1	Surgimento das Oficinas: um breve histórico, contexto internacional .....	25
2.2.2	Surgimento das Oficinas: contexto brasileiro .....	28
<b>3</b>	<b>PROCESSOS CRIATIVOS .....</b>	<b>32</b>
<b>3.1</b>	<b>A Psicologia Cultural da Criatividade .....</b>	<b>32</b>
<b>3.2</b>	<b>Contribuição ao ato criativo: Abordagem Sócio-Histórica.....</b>	<b>38</b>
<b>4</b>	<b>CONTRIBUIÇÕES DA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA.....</b>	<b>41</b>
<b>4.1</b>	<b>Dialogismo e Estética .....</b>	<b>41</b>
<b>4.2</b>	<b>Autores contemporâneos.....</b>	<b>43</b>
<b>5</b>	<b>OBJETIVOS.....</b>	<b>45</b>
<b>5.1</b>	<b>Objetivo Geral .....</b>	<b>45</b>
<b>5.2</b>	<b>Objetivos Específicos .....</b>	<b>45</b>
<b>6</b>	<b>MÉTODO.....</b>	<b>46</b>
<b>6.1</b>	<b>Caracterização do Participante do Turno Reflexivo.....</b>	<b>46</b>
<b>6.2</b>	<b>Procedimentos .....</b>	<b>47</b>
<b>6.3</b>	<b>Instrumentos e Materiais.....</b>	<b>49</b>
<b>6.4</b>	<b>Abordagem Interpretativa.....</b>	<b>50</b>
<b>7</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>55</b>
<b>7.1</b>	<b>Ambiência da instituição .....</b>	<b>55</b>
<b>7.2</b>	<b>Descrição do vídeo .....</b>	<b>58</b>
<b>7.3</b>	<b>Descrição da Oficina Terapêutica.....</b>	<b>59</b>
7.3.1	Anotações Gerais .....	59
7.3.2	Registro Detalhado.....	60
<b>7.4</b>	<b>Discussão da Primeira Entrevista.....</b>	<b>64</b>
<b>7.5</b>	<b>Análise da Segunda Entrevista.....</b>	<b>77</b>
7.5.1	Fragmentos Parte I (Segunda Entrevista).....	77
7.5.2	Fragmentos Parte II (Segunda Entrevista).....	85

7.5.3	Fragmentos Parte III (Segunda Entrevista) .....	93
<b>7.6</b>	<b>Síntese das polaridades em sua relação com a Emergência do novo.....</b>	<b>99</b>
7.6.1	Observação participante da Ambiência institucional .....	100
7.6.2	O ator oficinairo .....	100
7.6.3	A técnica.....	100
7.6.4	Outridades dialógica.....	102
<b>8</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>105</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>106</b>
	<b>APÊNDICE A – Roteiro Para Entrevista Individual (Pré Oficina) .....</b>	<b>111</b>
	<b>APÊNDICE B – Roteiro para Entrevista Individual (Pós Oficina).....</b>	<b>114</b>
	<b>APÊNDICE C – Diário de Campo (Pesquisadora): Registro de Ambiência 1 .....</b>	<b>123</b>
	<b>APÊNDICE D – Diário de Campo (Pesquisadora): Registro de Ambiência 2 .....</b>	<b>126</b>
	<b>APÊNDICE E – Diário de Campo (Pesquisadora): Registro de Ambiência 3 .....</b>	<b>128</b>
	<b>APÊNDICE F – Diário de Campo (Pesquisadora): Registro de Ambiência 4.....</b>	<b>131</b>
	<b>APÊNDICE G – Diário de Campo (Pesquisadora): Registro de Ambiência 5 .....</b>	<b>133</b>
	<b>APÊNDICE H – Diário de Campo (Pesquisadora): Registro de Ambiência 6 .....</b>	<b>135</b>
	<b>APÊNDICE I – Diário de Campo (Pesquisadora): Espaço Físico.....</b>	<b>139</b>
	<b>APÊNDICE J – Descrição do Vídeo .....</b>	<b>141</b>
	<b>APÊNDICE K – Diário de Campo: Pré-Oficina (Psicólogo) .....</b>	<b>143</b>
	<b>APÊNDICE L – Diário de Campo: Pós-Oficina (Psicólogo) .....</b>	<b>144</b>
	<b>APÊNDICE M – Diário de Campo: Pós-Oficina (Pesquisadora).....</b>	<b>145</b>
	<b>APÊNDICE N – Parecer Comitê de Ética em Pesquisa.....</b>	<b>150</b>
	<b>APÊNDICE O – Transcrição da Entrevista Individual (Pré-Oficina) .....</b>	<b>156</b>
	<b>APÊNDICE P – Transcrição da Entrevista Individual (Pós-Oficina) – Parte I.....</b>	<b>179</b>
	<b>APÊNDICE Q – Transcrição da Entrevista Individual (Pós-Oficina) – Parte II .....</b>	<b>205</b>
	<b>APÊNDICE R – Transcrição da Entrevista Individual (Pós-Oficina) – Parte III.....</b>	<b>223</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Antes de apresentar de forma mais direta a trama conceitual que atua no presente trabalho, torna-se relevante apresentar o contexto vivencial em que partiram as questões da investigação realizada. Desse modo, durante o percurso de estágio obrigatório da autora deste trabalho, uma das atividades propostas pelo local de estágio, um hospital dia com foco na saúde mental, era organizar, elaborar e facilitar uma oficina terapêutica para os pacientes da instituição em seus mais variados graus de sofrimento psíquico. Essas oficinas poderiam ser compostas por atividades corporais, manuais e artísticas, a partir das quais, de acordo com Benevides (2010), torna-se possível desenvolver a auto-expressão, autonomia, comunicação e integração. Nesta etapa do planejamento a facilitadora deveria refletir sobre o objetivo da oficina, qual seria o desenvolvimento (desde o início ao término) e quais recursos materiais seriam utilizados. Nesta vivência verificam-se várias questões relevantes, tais como: o objetivo terapêutico da atividade e qual a viabilidade de ser realizada pelo grupo – respeitando as diferenças perpassadas pelos usuários.

Em decorrência da experiência relatada surgiram como questões de pesquisa as seguintes inquiuições: Como funciona o processo criativo no indivíduo que atua na saúde mental no contexto de oficina? Como ocorre essa elaboração? Qual o papel da criatividade nesse processo? Quais são os elementos perspectivantes presentes nesse ato de criar?

Neste ponto cabe inserir a questão da escassa literatura sobre as oficinas e a criatividade em jogo na experiência do facilitador junto ao usuário. Deste modo, o presente estudo vem como proposta teórica contribuir e expandir a área acerca dos processos criativos, além de contribuir para produção de conhecimento que retornará ao sujeito participante, em termos de políticas públicas para este campo das oficinas terapêuticas. À vista de auxiliar os esforços de teorizar uma práxis que é tão central à área de reforma psiquiátrica que a presente pesquisa pretende contribuir.

Acerca do cenário de pesquisa, as oficinas terapêuticas, no campo da saúde mental, foram inseridas como ferramenta que possibilitava atividades de expressão dos usuários de serviços dedicados a portadores de intenso sofrimento psíquico. Silveira (1986) destaca que “é através dessas atividades que se pode conseguir

maior penetração no mundo íntimo” (p. 13), sendo este um transformador dos diálogos interiores, das tensões ambivalentes e conflitos de vozes oriundas das mais diversas outridades atuantes na vida do sujeito. Nesta perspectiva, as oficinas se apresentavam como um dispositivo terapêutico que atendia ao modelo de promoção de saúde que surgiu como prática inovadora devido à Reforma Psiquiátrica. Na perspectiva da Reforma, o sofrimento psíquico era concebido de modo muito diferente do modelo psiquiátrico-moralizante, com seus tratamentos adversos a exemplos de “choque elétrico, coma insulínico e lobotomia” (MELO, 2001, p. 57). O princípio regulador de tais práticas asilares partia da noção de normalidade e higienização àqueles que não se adequavam a esse padrão social vigente. No internamento, os pacientes eram, então, isolados e destituídos de sua individualidade e singularidade<sup>1</sup>.

Vale salientar que a Reforma não é objeto direto da presente pesquisa, mas um marco histórico e contexto pragmático significativo nas políticas públicas de atenção à saúde mental no Brasil que amplificou o lugar das oficinas e seus desafios de modelização teórico-práticas. O início do movimento da Reforma deu-se com o italiano Franco Basaglia no ano de 1961, devido à sua experiência no Hospital Provincial Psiquiátrico de Gorizia, uma cidade localizada no nordeste da Itália (YASUI, 2011; JUNQUEIRA e CARNIEL, 2012; SERAPIONI, 2019). Neste local, Basaglia buscou uma forma mais humanizada de tratamento àqueles com intenso sofrimento psíquico, propiciando maior inclusão destes na sociedade. No Brasil a luta começou nos anos 70 em virtude da Reforma Sanitária, que tinha como objetivo melhorar a qualidade de vida da população. No ano de 1986 foi criado o primeiro Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) no estado de São Paulo, trazendo novas políticas assistenciais para as instituições. Porém, foi somente em 2001 que a Lei 10.216 foi aprovada, “norma essa que propõe um modelo de atenção à saúde mental, aberto e de base comunitária”. Novas redes de atenção à saúde mental foram implantadas, auxiliando na redução dos leitos psiquiátricos desumanizados (BORGES, 2017; ANDRADE e MALUF, 2017).

Articularam-se ao campo da saúde mental saberes da psicologia e terapia ocupacional no processo terapêutico e as contribuições que podiam vir a proporcionar no tratamento dos pacientes acometidos por algum sofrimento

---

<sup>1</sup> Sendo o termo singularidade abordado como único “para cada ser humano, [...] sua própria forma de perceber e sentir o mundo” (Zanella, 2011, p. 67).

psíquico. Essas instituições, anteriormente citadas, também tinham como objetivo promover a saúde daqueles que eram portadores de algum tipo de sofrimento psíquico, e com atividades práticas auxiliar nesse processo, bem como na melhoria das condições de relações sociais dentro e fora do serviço e tratamento dos indivíduos.

Profissionais que atuavam neste campo precisaram mudar seu olhar e suas práticas a partir deste novo paradigma de atenção à saúde mental, gerando, deste modo, novas modalidades de saber-fazer. Neste horizonte de prática de atenção à saúde é que se recorta o trabalho das oficinas como disparador das questões da pesquisa apresentada nesta dissertação. De modo a destacar que a elaboração de oficinas tem em seu cerne um potencial terapêutico intrínseco para atuar como dispositivo auxiliador no tratamento e promotor de maior autonomia e transformações aos usuários do serviço. Essas atividades de oficina são vistas, segundo Hopkins e Smith (1984), como contendo em si:

Propriedades terapêuticas que cabe ao profissional descobrir, através da análise de atividades, e adequar ao quadro patológico. É um pensamento de tipo causa/efeito que prevalece: procurar atividades que promovam, pelas suas próprias características, oportunidade para o exercício de determinadas funções (p. 5).

A presente dissertação tem como objetivo então tomar a ação de planejamento, desenvolvimento e avaliação de oficinas terapêuticas como uma prática que se embasa, fundamentalmente, numa psicologia dos processos criativos. Pretende-se investigar os modos de ação, reflexão e criação, de um profissional, seja ele psicólogo, terapeuta ocupacional ou assistente social, na construção, realização e compreensão dessas oficinas debruçando-se sobre a emergência do novo nas relações intersubjetivas provocadas pelas oficinas terapêuticas. Neste processo, observa-se o surgimento de perspectivas<sup>2</sup>, ambivalências, incertezas e tentativas de solução para as resistências imaginadas no percurso dinâmico e desafiador da elaboração, facilitação e aplicação de uma oficina. Estas oficinas têm como propósito gerar um produto/artefato simbólico transformador de seus participantes.

Ciornai et al (2004) propõem que a ação criativa está presente não somente naquele que experiencia a oficina enquanto participante de serviços terapêuticos,

---

<sup>2</sup> Essa noção será desenvolvida na fundamentação teórica.

mas também no profissional que a planeja e desenvolve, mediado por saberes profissionais e intuições afetivamente construídas. E será ao longo da experiência do profissional que a presente pesquisa tem o seu enfoque.

Bakhtin (1986) foi pioneiro ao propor o ato criativo - nos domínios da ciência, das artes e da vida - como um processo que guarda uma necessidade absoluta do outro. Já na Psicologia sócio histórica, de acordo com a concepção vygotskiana dos processos de internalização e externalização, a relação eu-outro nos processos criativos possui uma tríade fundamental formada pelo sujeito, o outro e o uso de artefatos (VYGOTSKY, 2012). O fazer oficinas terapêuticas seria um eterno trabalho de perspectivação das outridades que participam e, efetivamente, co-constroem a experiência oficinaira. Para o autor Glăveanu (2015), os processos criativos envolveriam:

O eu - outro, simbólico - material e passado – presente - relações futuras que o transformam em um ato social, corporificado e temporal (p. 167).

Os processos criativos produzem uma resultante no mundo (GLĂVEANU, 2015) que nasce do permanente movimento entre atores (profissionais, usuários/participantes, instituição) que sozinhos ou não, conseguem transpassar, coordenar e organizar deslocamento perspectivantes geradores de novos cursos de ação. Oliveira (2016) propõem que cada ideia abrange uma atitude afetiva, cognitiva e semiótica transformada pela relação com a realidade ao qual está inserida. Sendo assim, a origem do pensamento guarda relações com a singularidade do contexto emergente, com as motivações da ação, com os modos de endereçamento da performatividade da ação. Essa articulação da perspectiva do ator sobre o artefato produzido está associada à capacidade de se relacionar afetivamente com a materialidade que emerge desta ação perspectivante. “As perspectivas não são nem o produto de indivíduos, nem algo que as pessoas ‘têm’, mas antes, o que eles desenvolvem sempre em relação ao mundo exterior” (GLĂVEANU, 2015, p. 169), ao se colocar no seu lugar.

Nós os orientamos de acordo com expectativas, desejos, medos, e sobretudo de acordo com uma atitude do nosso ser mais íntimo, uma ordenação interior. Em cada ato nosso, no exercê-lo, no compreendê-lo e no compreender-nos dentro dele, transparece a projeção da nossa ordem interior. (OSTROWER, 2013, p. 9).

Os processos acima citados, segundo Ostrower (2013), se constroem em um contexto cultural. No contexto das oficinas terapêuticas, aquele que a organiza tem como produto de sua ação criativa a própria oficina; incluindo do seu planejamento até sua realização, as perspectivas que participam desse processo e a dimensão estética. Esta ação é entendida como um objeto construído pelo homem para mediar sua relação com o outro. Quando se elabora uma oficina observa-se a necessidade de incorporar à proposta, pensada previamente, elementos que proporcionem reflexão sobre o tema nos sujeitos os quais ela está endereçada.

O estudo da criatividade permite identificar aspectos também estéticos representados por registros subjetivos e transformadores da realidade atuantes no processo criativo (PINHEIRO, 2018). Estética neste sentido como alusão ao que Santos (2010) refere como “um modo do sujeito ser afetado”. Essas dimensões estéticas estariam para além das instituições sensíveis (intuitivo) e intelectuais (lógico) que permitem conhecer o objeto, seriam elas um modo subjetivo de experienciar.

A vivência estética é propriamente a vivência de um indivíduo, é uma vivência radicalmente subjetiva. E isto quer dizer que nela não se tem em vista nada que contribua para o conhecimento do objeto enquanto tal. Este vai ser mesmo um dos novos sentidos que ele dá a noção de estético. (SANTOS, 2010, p. 43).

Há um forte vínculo entre a experiência estética e processos criativos (TATEO, 2017; VALSINER, no prelo; FRAYZE-PEREIRA, 2008). No tocante às oficinas terapêuticas essa interação resulta em um produto de ação com conteúdo subjetivo que vai além do material criado pelo sujeito participante da ação da oficina, seja ele profissional de saúde ou usuário. Segundo a perspectiva de Zanella (2004) relação estética possui um olhar que a considera como uma “relação sensível que, no prazer/desprazer, no deleite e/ou repulsa, forja a própria sensibilidade e se objetiva na atividade criadora” (p. 139). Refere a uma nova relação com o objeto que faz produzir sentidos diversos para as realidades outras.

Relação estética deve ser vista como uma espécie de instrumento para ampliação dos sentidos e os processos psicológicos superiores que a eles se amalgamam, onde sujeitos se reconheçam nas relações que estabelecem com suas produções, com a realidade e com seus semelhantes/diferentes ali presentes, podendo, a partir de atividades criadoras, ressignificar seu passado e projetar-se para futuros percebendo a polissemia da realidade em que vivem e do que pode vir a ser. (ZANELLA et al, 2006, p. 13).

A autora, supracitada, refere que o que permite a perspectivação perante a

ação futura são as ressignificações e a história de vida do sujeito. Deste modo a estética e afetividade estariam relacionadas às oficinas, a partir do momento que ao planejá-la o profissional de saúde coloca suas interações e relações com as outridades, juntamente com sua história. Apesar da estética não se constituir como foco analítico central, não deixa de ser um atravessamento interpretativo mais amplo que participa na dimensão afetiva da vivência das oficinas junto aos usuários.

Glăveanu (2015) e Pinheiro (2011, 2018 e 2019), neste sentido, apresentam uma teoria muito importante para a presente pesquisa por trazer elementos que se aproximam da experiência estética e afetiva da oficina no olhar desta pesquisadora, o qual tem como questão saber se as inferências que os autores abordam são generalizáveis para essa atividade oficineira que tem como contexto a saúde mental. A dinâmica da ação criativa, segundo Glăveanu (2015), configura-se através de sua teoria dos 5 As, sendo eles ator, audiência, ação, artefato e *affordance* – conceitos estes que serão melhores explanados na fundamentação teórica. O dinamismo da ação criativa decorreria da interação desses cinco elementos.

De acordo com a perspectiva dialógica que orienta a leitura de Glăveanu, pode-se considerar que o ator da ação criativa será o profissional de saúde mental, a audiência será ele mesmo e o participante da oficina terapêutica, de modo mais imediato, pois a ação depende da interação com públicos diversos e outridades antecipadas, passadas, presentes, futuras. Da relação entre ator e audiência na dinâmica cultural emergem o artefato simbólico, a oficina, e suas resultantes marcadas pela emergência do novo. Outras dimensões da experiência criadora presentes nessa ação são a temporalidade, socialidade, materialidade e intersubjetividade, sendo esta última, presente no cerne dos processos de criação, manutenção e transformação de possibilidades e limites de ser (SIMÃO, 2010).

Por fim, a reflexão pretendida por esse estudo visa os processos criativos envolvidos no exercício da promoção de saúde, na referência daquele que está como mediador e facilitador das oficinas terapêuticas. Espera-se com isso possibilitar uma maior exploração e integração do universo das oficinas à luz dos horizontes investigativos próprios à pesquisa dos processos afetivos-cognitivos. Desta forma, busca-se proporcionar uma reflexão sobre formas mais holísticas de olhar a criatividade, reconhecendo sua natureza social e subjetiva como um processo que aborda a relação entre o eu e as outridades.

## **2 UMA HISTÓRIA POUCO CONTADA**

A Reforma Psiquiátrica significou o começo da mudança de paradigmas da saúde mental, de profunda desconstrução da lógica dos antigos hospitais psiquiátricos, e, por fim, da abertura para novas abordagens, inaugurando programas de reinserção e novos cuidados em saúde. A Reforma continua a ocorrer no Brasil, sua história é recente, sendo palpável a manutenção de estigmas sociais acerca dos usuários de serviços de saúde mental, que requerem trabalho de reconstrução (AMARANTE, 2009; YASUI, 2011; BRAGA, 2019). Deste modo, nesta primeira seção será exposto de forma breve os conceitos sobre doença e saúde mental, bem como o percurso ao longo da história, para então falar sobre a Reforma Psiquiátrica, tema a ser abordado no presente capítulo da dissertação de modo a promover uma reflexão sobre a inserção das práticas de oficinas nesse novo modelo de saúde mental proposto.

### **2.1 Percurso da Reforma Psiquiátrica**

Conforme mencionado anteriormente, a experiência italiana trouxe críticas sobre as institucionalizações em psiquiatria, revelando ser uma fonte inspiradora de rupturas dos antigos paradigmas existentes na saúde mental. Deste modo, Basaglia inspirou, em 1973, a criação da Lei 180 que procurava abolir os hospitais psiquiátricos, servindo também como modelo à reforma no Brasil. Como meio de propor e garantir os direitos aos pacientes psiquiátricos e a extinção dos manicômios, foi apresentado ao Congresso Nacional o Projeto de Lei 3.657. Anterior à implementação deste projeto, estava em curso no país o decreto do presidente Getúlio Vargas, que abordava em sua resolução a ordem de que pacientes poderiam ser recolhidos aos hospitais psiquiátricos mediante um atestado, que poderia ser solicitado por quem tivesse interesse. Em um primeiro momento a Reforma visava criticar e modificar a forma de tratamento e as instituições intituladas manicômios (AMARANTE, 2017; BORGES, 2017).

A história da reforma psiquiátrica no Brasil buscou a desconstrução do modelo asilar e a invenção de um modelo orientado pela lógica psicossocial de cuidado. O movimento surge em meados dos anos 70 em virtude da Reforma Sanitária, que tinha como preocupações a infraestrutura das cidades, saneamento e densidade demográfica/habitação, além de promover a mudança nos modelos de

atenção e gestão a saúde geral (BORGES, 2017; AMARANTE, 2017). Apesar dos dois movimentos, o da reforma psiquiátrica tem sua história e particularidades entremeadas em um contexto internacional de mudanças, ademais é o cenário no qual está inserido as práticas de oficinas terapêuticas, objeto central desta pesquisa. O ano de 1978 costuma ser identificado como o de início efetivo do movimento social pelos direitos dos pacientes psiquiátricos no Brasil, em atenção a um movimento chamado Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental (MTSM) fundado neste mesmo ano e formado por integrantes do movimento sanitário, profissionais, familiares e usuários inseridos no antigo modelo de internação. Através deste movimento profissionais, usuários e a sociedade passaram a protagonizar a luta e denunciar a violência praticada nas instituições manicomiais, além de promover uma reflexão crítica sobre o modelo hospitalocêntrico de assistência às pessoas com transtornos mentais (TENÓRIO, 2002). Nesse mesmo ano foi realizado no estado do Rio de Janeiro a I Conferência Nacional de Saúde Mental, estas mostram ser, ao longo dos anos, de suma importância para o movimento.

O movimento da reforma psiquiátrica foi fundado também a partir da crise do modelo existente de assistência centrado nos hospitais psiquiátricos, intitulados manicômios. As práticas realizadas nessas instituições se baseavam em isolamento, vigilância, repressão e controle, privando os sujeitos de sua individualidade durante o processo de tratamento. As instituições também tinham problemas administrativos, como superlotação, altas taxas de mortalidade, fugas e violência. Em decorrência desses acontecimentos ocorreu uma reflexão sobre as práticas intituladas de 'tratamento' que essas instituições promoviam. A reforma surgiu, em contrapartida, com uma proposta de um novo modelo terapêutico e multidisciplinar, visando não mais descaracterizar o sujeito. De maneira geral, busca superar a prática e os pressupostos teóricos da instituição psiquiátrica tradicional (AMARANTE, 2017). O objetivo é o de promover a redução de leitos e reinserir os sujeitos que estavam em tratamento nos hospitais psiquiátricos para a sociedade e o convívio familiar. Esse conjunto de transformações incide não somente na área das práticas, mas também nos saberes e valores sociais. Porém esse processo demanda atenção, pois há estigmas em torno dos que possuem algum tipo de transtorno psiquiátrico, deste modo é necessário um trabalho de equipe multidisciplinar que viabilize suporte a esses sujeitos e sua família.

Em linhas gerais, a Reforma Psiquiátrica apresenta como proposta uma transformação e reflexão do setor psiquiátrico. O principal objetivo é transformar as relações que a sociedade estabeleceu entre a loucura e o sujeito em sofrimento psíquico, buscando superar o estigma de segregação existente, de modo a promover um vínculo de solidariedade e cuidado (AMARANTE, 2017).

No ano de 1986, logo após o fim do período da ditadura militar brasileira, surgiu o primeiro CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) no estado de São Paulo, abordando políticas assistenciais para intervir na forma como a Psiquiatria trabalhava nas instituições. Enquanto dispositivo estratégico da rede de cuidados o CAPS trata de:

Um serviço de saúde aberto e comunitário do Sistema Único de Saúde (SUS). Este é um lugar de referência e tratamento para pessoas que sofrem com transtornos mentais, psicoses, neuroses graves e demais quadros, cuja severidade e/ou persistência justifiquem sua permanência num dispositivo de cuidado intensivo, comunitário, personalizado e promotor de vida (BRASIL, 2004, p. 03).

Dentre os dispositivos de atenção à saúde mental, os Centros de Atenção Psicossocial têm um papel fundamental para Reforma Psiquiátrica devido ao seu valor estratégico de demonstrar uma prática possível de organização da rede substitutiva aos hospitais psiquiátricos. O CAPS tem como função oferecer serviços e tratamento para pessoas com sofrimento psíquico, sendo então um dispositivo de cuidado intensivo e comunitário cujo objetivo é se adequar as mais variadas necessidades dos sujeitos e formas de tratamento. Com o intuito de abarcar essas necessidades foram criadas 3 modalidades de CAPS: adulto; álcool e drogas e infanto-juvenil (MILHOMENS e MARTIN, 2017).

Em conjunto com os CAPS, foram implementados Núcleos de Atenção Psicossocial (NAPS), que tinham período de funcionamento 24h – reformulados atualmente –, e as Residências Terapêuticas para os sujeitos vindos de instituições psiquiátricas que tiveram seu funcionamento finalizado. Somente a partir da década de 90 que a reforma começa a ter contornos mais definidos devido a assinatura da Declaração de Caracas e pela realização da II Conferência Nacional de Saúde Mental. A primeira trata-se de um documento com propostas de reformar a rede de atenção à saúde. A segunda retrata um evento no qual deliberou sobre discussões anteriores e rumos gerais de uma reforma da assistência, bem como acrescentou algumas propostas de diretrizes no campo. Sendo assim, é neste período que as primeiras normas federais entram em vigor no país, regulamentando assim os

serviços de atenção diária, fundadas nas experiências dos primeiros CAPS, NAPS e Hospitais-dia, e as primeiras normas para fiscalização e classificação dos hospitais psiquiátricos.

Porém, foi somente em 2001 que foi aprovada a Lei 10.216 e ocorreu a realização da III Conferência Nacional de Saúde Mental. Esta lei exige:

Extinção de todos os leitos em hospitais psiquiátricos no Brasil e a constituição de uma rede substitutiva de atendimento e cuidado às pessoas com sofrimento psíquico grave (JESUS, 2017, p. 23).

Deste modo, esta norma propõe um novo modelo de atenção à saúde mental o qual novas redes de atenção deveriam ser implantadas, com a finalidade de auxiliar a redução dos leitos psiquiátricos desumanizados (BORGES, 2017). Ações do governo nas instâncias federais, estaduais e municipais, possibilitaram um maior alcance na construção e aplicação deste modelo em regiões onde o modelo asilar persistia. Este período foi marcado, então, por dois movimentos: a construção de uma rede de atenção à saúde mental substitutiva ao modelo de hospitalização/internação; e a fiscalização progressiva dos leitos psiquiátricos ainda existentes no país. Contudo, o modelo ainda passa por mudanças à medida que avanços e novas abordagens voltadas a assistência em saúde mental são criadas.

Os hospitais-dia são dispositivos que funcionam como avanço conquistado na construção desse novo modelo de atenção. Apesar de recordar o funcionamento dos serviços anteriormente citados, para o contexto de saúde mental, estes hospitais foram um dos primeiros serviços a serem oferecidos pelo SUS como modelo de cuidado voltado para as pessoas com transtornos mentais. Atualmente é um equipamento em processo de superação devido à função desempenhada pelos Centros de Atenção Psicossocial. Em decorrência desses últimos a expansão da rede fez com que diversos hospitais-dia transformassem toda a sua dinâmica voltando suas práticas para a inserção social dos usuários. A maioria desses hospitais adotaram medidas parecidas com CAPS e eventualmente passaram também a assumir sua função estratégica de ordenamento da rede de atenção em saúde mental em seu território (BORGES, 2017; JESUS, 2017).

Por se tratar de um modelo a ser superado, o Ministério da Saúde tem a proposta de, nos próximos anos, cadastrar os hospitais-dia que estão em funcionamento como CAPS. O objetivo futuro é discutir a permanência desses

espaços com perfil hospitalar, de modo que a implementação de novos serviços de atenção à rede possibilite uma superação deste dispositivo.

Outro serviço que veio para ampliar ainda mais e promover reflexão sobre os modelos anteriores foram os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) que funcionam como uma rede complexa, de base territorial e referência para usuários do serviço em Saúde Mental. Esses Centros são uma das principais ações e normatizações do Ministério da Saúde quando relacionados aos avanços adquiridos na luta por melhorias na atenção em rede pública. As normas do Sistema Único de Saúde, segundo Ministério da Saúde (2004), preveem a contratação de serviços privados quando em caráter complementar à essa rede, contudo, segundo uma ação tomada na III Conferência Nacional de Saúde Mental as atribuições e demandas desses serviços seriam unicamente pautadas por uma gestão pública. Deste modo, somente os CAPS públicos constam no cadastro do Ministério da Saúde.

Desta forma, os CAPS são definidos como dispositivos comunitários que proporcionam assistência e reabilitação através do trabalho, lazer, educação, cultura e fortalecimento dos laços familiares e comunitários aos sujeitos em sofrimento psíquico. O objetivo deste serviço é substituir, de modo gradual, os hospitais psiquiátricos asilares e organizar um novo modelo de rede assistencial que possa integrar o sujeito, as famílias e a comunidade (RIBEIRO *et al.*, 2008).

Dentre os meios pelos quais é possível a reabilitação dos usuários, destacam-se as oficinas terapêuticas, modalidade assistencial valorizada nos CAPS e Hospitais-dia. As oficinas são caracterizadas pelo Ministério da Saúde (2004) como atividades grupais que buscam proporcionar a socialização entre os usuários e seus familiares, a expressão de sentimentos e emoções, além do desenvolvimento de habilidades, da autonomia e ao exercício da cidadania dos sujeitos em sofrimento psíquico. Esse aparelho tem se destacado por se constituir como uma nova forma de acolhimento, de convivência, de mediações do diálogo e de acompanhamento. Atualmente funcionam também como elementos organizadores do cotidiano dos serviços de saúde mental, compreendidos como espaços de produção e manejo de subjetividade, de reconstrução de vínculos entre sujeitos e a sociedade.

Deste modo, a próxima seção deste trabalho busca abordar os aspectos históricos das oficinas terapêuticas na assistência a sujeitos em sofrimento mental nos CAPS e Hospitais-dia, bem como refletir sobre a pertinência dessas atividades na atenção psicossocial prevista no movimento de reforma psiquiátrica.

## 2.2 Oficinas Terapêuticas

Com uma proposta de ruptura que buscava a superação do manicômio (...), pois evidencia-se que sua própria lógica de funcionamento aprisiona, não apenas fisicamente, mas subjetivamente, a expressão livre do homem. Nasce, então, a ideia de superar e acabar com o manicômio, em sua forma material e simbólica, substituindo-o por outros dispositivos abertos e sociabilizantes” (GUERRA, 2008, p. 30-31).

Para entender as oficinas terapêuticas é necessário pensar e entender como se organiza e se articula com práticas anteriores. Assim sendo, torna-se necessária uma reflexão histórica sobre essa trajetória, perpassando pelo campo psiquiátrico em geral e dentro do cenário brasileiro. Apesar de possuir escassa produção de publicações sobre os processos criativos relacionados à saúde, aqueles que mencionam a criatividade a abordam apenas como uma adjetivação ou objetivo, ao invés de um processo psicológico-cultural identificável e ‘modelizável’ conceitualmente. Deste modo, a pertinência deste tema indica a carência de tomá-lo um dos objetos de reflexão e relevância deste estudo.

### 2.2.1 Surgimento das Oficinas: um breve histórico, contexto internacional

Desde o advento da Reforma Psiquiátrica medidas têm sido propostos para aqueles que trabalham no campo da saúde mental. Novos dispositivos de assistência têm surgido com o intuito de resguardar a subjetividade dos sujeitos com sofrimento psíquico (AMARANTE, 2017), proporcionando formas de sociabilizar o tratamento com o objetivo de reabilitação e ressocialização destes indivíduos. Estes aparelhos, segundo Guerra (2008), apontam também para pensamento antimanicomial e diferem do recurso terapêutico usado anterior à reforma no qual visava a correção do desvio moral e intervenção a partir do diagnóstico clínico, tendo como ênfase a hegemonia do saber psiquiátrico clássico.

Anterior a essa nova rede assistencial, e até mesmo da instalação do modelo médico-psiquiátrico, o campo geral da psiquiatria datava o século XII como primeira referência ao uso da atividade e do trabalho como modelos de recursos terapêuticos para a loucura. No século XVII a função das instituições asilares seria de assistência aos sujeitos ditos ‘inadaptados’ a convivência social. De modo geral seu objetivo era auxiliar na manutenção da ordem social e do molde de vida vigente da sociedade burguesa (PINTO, 2011).

A lógica do desvio social é abordada por Guerra (2008) como uma característica do século XVII, no qual concebia a loucura como uma desordem social e as 'grandes internações' funcionavam como casas de trabalho e correção em decorrência da sua finalidade em retirar sujeitos improdutivos e utilizar o trabalho como uma intervenção terapêutica: "o mundo da loucura tornou-se o mundo da exclusão" (p. 29). Deste modo, a loucura ainda não estava vinculada à doença, mas sim à alteração de desvio de ordem da razão, moral e sociedade, sendo o trabalho um dispositivo de medição social e ferramenta curativa (GUERRA, 2008; PINTO, 2011). O objetivo dessas casas de correção seria de impedir a mendicância, ociosidade e as fontes que causavam desordens sociais; "num período de condenação burguesa à ociosidade, a loucura e outras formas de improdutividade tornaram-se caso de polícia" (GUERRA, 2008, p. 29).

(...) obrigam-se os ociosos ao trabalho, no lazer indefinido de um labor sem utilidade nem proveito. (...) ressalta a incapacidade para o trabalho e para a atividade, assim como para a incapacidade destes sujeitos de cumprirem o papel previsto no contrato social. Trabalho e atividade servindo apenas para referendar a exclusão, não abrindo quaisquer saídas, apenas silenciando diferenças (RANGEL, 2006, apud PINTO 2011, p. 30).

A utilização da atividade e do trabalho não se originou no território psiquiátrico, mas anteriormente como objeto de manutenção da ordem social, sendo constituído como poder jurídico ou da assistência social. O Hospital Geral possuía como característica de política de assistência uma estrutura semijurídica; uma entidade administrativa, de ordem monárquica e burguesa, que decidia, julgava e executava ao lado dos outros poderes (GUERRA, 2008). Essas medidas, no entanto, fracassaram em decorrência da instabilidade econômica e desemprego gerado pelo trabalho gratuito e obrigatório que era realizado nas casas de correção. Em linhas gerais, o trabalho foi utilizado como recurso de controle/medição social e essa atividade era um recurso da burguesia e do Estado para manter a ordem moral e social, "cujos valores atribuíam ao ócio o significado de pecado e ao trabalho, sua solução" (p. 27). O trabalho e a atividade tinham como finalidade ser um recurso terapêutico.

No final do século XVIII, em face à tradição filosófica nominalista, os fenômenos passam a possuir um estatuto de cientificidade, deste modo, conseguindo seu lugar no campo da verdade e não mais das suposições/especulações. A psiquiatria, surge então, a partir deste contexto, como

uma especialidade médica, formada da observação clínica dos fenômenos patológicos em pacientes internados. Assim sendo, a hegemonia e o saber psiquiátrico passam a apropriar-se das casas de internação e terminologia loucura, concebendo-a como uma patologia. Entretanto, a psiquiatria caracterizava-se mais como uma prática empírica que propriamente como uma ciência (PINTO, 2011).

A lógica do desvio moral, abordada por Guerra (2008), refere à loucura como doença; um desvio ou erro da razão faziam os sujeitos serem submetidos a castigos e correções morais. O tratamento passou a ser de cunho moral e o médico a autoridade diante do paciente e seu diagnóstico clínico. As atividades e dispositivos terapêuticos circundavam sobre a normatização do comportamento desviado. Deste modo, a figura central da terapêutica seria o médico e as instituições Asilo/Manicômio funcionando como ferramenta de tratamento.

Segundo Ribeiro, Sala e Oliveira (2008) as oficinas terapêuticas sofreram modificações ao longo da história. Os primeiros relatos de seu uso datam século XVII, período em que os hospitais ainda não eram reconhecidos como instituições de saúde, pois mantinham sob tutela a assistência de grupos ditos 'socialmente desajustados'. Neste contexto, a finalidade da atividade era, por meio do trabalho, restaurar ou manter a ordem social. O trabalho terapêutico é subvertido em um recurso de correção do desvio moral, sendo prescrito e submetido de acordo com a autoridade médica. Os asilos/manicômios se tornam "por si próprio, o tratamento" (GUERRA, 2008). Em linhas gerais, o autor refere que:

Reordenam moralmente, através do *trabalho mecânico*, as ações e atitudes dos internos, agora asilados em nome do tratamento médico edificado em torno da estrutura hospitalar. O uso da atividade e do trabalho na estrutura semijurídica dos hospitais gerais, situado entre a polícia e a justiça, como vimos na lógica anterior, reaparece agora entre a ciência a moral, garantindo, através da ideia de 'terapêutico', um novo lugar para o asilo. Aqui o uso da atividade aparece para legitimar a nova 'ciência' psiquiátrica, dando origem a um novo liame entre o social e a inscrição da loucura (p. 29).

Contudo, a virada do século XX, é marcada o fim da clínica psiquiátrica em decorrência da falha dos modelos anteriores: internamento e asilo em instituições manicomiais. Este século surge com a desconstrução do campo psiquiátrico e reconstrução do campo terapêutico da saúde mental cuja lógica parte da reorganização do modelo assistencial e de novos aparelhos reabilitadores (GUERRA, 2008; PINTO 2011). Dentre estes dispositivos, surgem, com a finalidade de resgatar a singularidade dos sujeitos e possibilitar a reinserção social: as oficinas.

Segundo Guerra (2008) e Pinto (2011), os escritos de Simon, Sidovan, Bion e Menninger são alguns exemplos sobre a retomada da atividade e do trabalho sob uma nova perspectiva. O primeiro e o segundo buscavam introduzir ao tratamento psiquiátrico níveis de complexidade. Já Bion e Menninger buscavam realizar intervenções também em grupo. Contudo, a grande apreensão e reformulação da atividade e do trabalho no campo psiquiátrico, aconteceu a partir do movimento antimanicomial da Itália. As experiências e vivências são alteradas em 1970 em virtude da ruptura das instituições asilares. O objetivo não é mais otimizar esses espaços, mas sim o substituir por novos aparelhos sociabilizantes. A atividade, no campo da saúde mental, passa a ser caracterizada, segundo Guerra (2008), como um instrumento de aspecto criativo e inventivo. O trabalho passa a ser uma intervenção capaz de possibilitar a inserção social.

### 2.2.2 Surgimento das Oficinas: contexto brasileiro

O surgimento no contexto brasileiro pode ser dividido, segundo Guerra (2008), em três trajetórias: higienista, da saúde mental e reforma psiquiátrica brasileira.

Sobre a primeira trajetória, data-se o ano de 1920. Neste período as colônias agrícolas formavam o eixo que estruturava o país. A loucura no país foi recolhida pelas Santas Casas de Misericórdia e asilos manicomiais. As circunstâncias relatadas na seção anterior, datando o século XVII, foram passadas pelo Brasil no fim do século XIX, deste modo, a desordem social, a ociosidade e o obstáculo ao crescimento econômico foram as justificativas para a construção dessas instituições. Conforme Guerra (2008), a loucura foi situada, por questões sociais e econômicas, como desadaptação social, tendo, deste modo, como intervenção, a segregação e o asilo; Resende (1994, apud GUERRA 2008) reitera o 'recolhimento' dos sujeitos alienados, segundo a medicina, como um sequestro de indicação clínica, no qual o trabalho participará como uma imposição terapêutica. Deste modo, acontece com o surgimento das colônias, o tratamento dos sujeitos ditos loucos sociais através do trabalho.

Colônias Agrícolas foram criadas visando acomodar os internos para os quais as investidas do tratamento moral fracassaram, tendo sido considerados crônicos e necessitando, por isso mesmo, de um ambiente para se instalarem, podemos dizer, definitivamente (GUERRA, 2008, p. 33).

Assim como ocorreu na Europa, esse modelo de intervenção terapêutica passou a ser um empreendimento para o campo psiquiátrico, no qual a proposta seria de promover o trabalho agrícola para os pacientes incuráveis e crônicos. O trabalho passou a ser um modelo de tratamento moral cuja função nuclear fazia parte da intervenção asilar.

Sob o nome de praxiterapia, introduziu o tratamento pelo trabalho, onde as atividades rurais, ligadas ao setor primário da economia, tiveram destaque. (...) eram realizadas atividades rurais como o plantio de frutas e hortaliças e criação de animais. Além disso, na colônia masculina funcionavam oficinas de ferraria, mecânica, elétrica, carpintaria e marcenaria, tipografia e encadernação, sapataria, colchoaria e vassouraria e, por fim, pintura de paredes (SOARES, 1991 apud GUERRA 2008, p. 32-33).

Esse modelo de intervenção falha, à espelho da europeia, em decorrência da estratégia terapêutica se utilizar dos moldes de colônia e pré-capitalização que não preparavam os sujeitos que eram devolvidos a sociedade, para a realidade de urbanização e industrialização que perpassava esse período. Destoando, desse modo, dos objetivos das colônias de proporcionar uma reinserção na sociedade. Um ponto importante sobre essa atividade e trabalho, segundo Guerra (2008), refere à observação de que em sua primeira versão, as oficinas remetem ao dilema capital e trabalho.

Deste modo, torna-se inviável a proposta de tratamento das colônias, por se tratar de um modelo obsoleto de reinserção do sujeito à sociedade. Enquanto tratamento terapêutico, não possuía meios de se manter, de modo a se exaurir com fim do período, em decorrência da ineficácia no tratamento de reabilitação social. Em linhas gerais, a década de 1920 foi marcada pela criação das colônias agrícolas, sendo consolidado como primeiro modelo a introduzir o trabalho como ferramenta de reabilitação, ocupação do tempo ocioso e garantia de boa ordem social para o avanço dos centros urbanos. Vale ressaltar uma importante exceção desse período, Ulisses Pernambucano, que constituiu uma rede aberta e complexa em torno do hospital psiquiátrico, construindo inclusive ambulatorios (GUERRA, 2008).

A partir da década de 1940 uma nova terapêutica surgiu através das propostas pioneiras da psiquiatra Nise da Silveira (1976), que questionava a primazia organicista, criticava a exploração da mão de obra gratuita e valorizava a terapia ocupacional. A perspectiva proposta buscava valorizar a atividade como recurso terapêutico em detrimento da hegemonia médica de orientação biológica. O

objetivo do trabalho passa a buscar beneficiar o sujeito com atividades de livre escolha.

As atividades desenvolvidas eram bem variadas, agrupando-se em oficinas que envolviam: a) o esforço característico do trabalho (marcenaria, sapataria, encadernação, costura, trabalhos agrícolas etc.); b) atividades expressivas (pintura, modelagem, escultura, música, dança etc.); c) atividades recreativas (jogos, festas, passeios, rádio); e d) atividades culturais (escola, biblioteca) (GUERRA, 2008, p. 35).

Deste modo, observa-se que neste período, uma grande diversidade de atividades terapêuticas foi proposta. Anterior ao ano de 1940, as atividades e o trabalho eram de cunho laboral, porém neste período elas foram ressignificadas e passaram a fazer parte, juntamente com as atividades estéticas e recreativas, do modelo de intervenção terapêutico. Outro fator a ser notado é que não há obrigatoriedade de participação, as atividades são ofertadas em formato de convite.

Após a instalação da psiquiatria como campo médico, outras finalidades foram conferidas a essa atividade, como tratamento moral, ocupação, entretenimento e geração de renda para a manutenção de instituições afins. É importante ressaltar que a ideia da adoção do trabalho como recurso terapêutico se manteve (RIBEIRO; SALA; OLIVEIRA, 2008).

Deste modo, a trajetória da saúde mental no Brasil passou por um processo de transição assinalado pelo pouco investimento neste setor. As décadas de 1960 e 1970, marcadas pelo período ditatorial no país, ficaram conhecidas como período da 'Indústria da Loucura'. A proposta política na época buscava ampliação de leitos e introdução de novos aparelhos e tecnologias medicamentosas. Nesta época, a psiquiatria partia para uma intervenção em massa; deste modo, a atividade e o trabalho não possuíam qualquer importância terapêutica no tratamento dos sujeitos asilares, visava somente cumprir exigências legais e contratação de leitos (GUERRA, 2008; PINTO, 2011).

A proposta apresentada por Nise da Silveira foi circunscrita e somente recuperada na década de 1980, período este em que o país passou por uma reformulação e abertura política em diversos cenários, em virtude do fim da ditadura e dos ideais democráticos em voga. A reformulação da assistência terapêutica volta a entrar em vigor. Em linhas gerais:

Internações desnecessárias, baixa qualidade no atendimento, carência de infraestrutura, lucro abusivo (...), inicia-se um processo de questionamento e reforma no campo da saúde mental no Brasil, consentâneo ao movimento de redemocratização no país (GUERRA, 2008).

O processo de intervenção passa a ter como finalidade a desconstrução das práticas psiquiátricas segregadoras e tradicionais. As instituições asilares são substituídas por diversos espaços: Centros de Atenção Psicossocial (CAPS); Núcleos de Atenção Psicossocial (NAPS); Residências Terapêuticas; Leitos em Hospitais Gerais. Novas modalidades de assistência são resgatadas e abertas, a exemplo das atividades de oficina terapêutica, cenário central nesta pesquisa. Deste modo, esses espaços e os dispositivos terapêuticos têm como objetivo ressocialização e reintegração dos sujeitos acometidos por sofrimentos psíquicos.

Segundo Guerra (2008), as oficinas terapêuticas são redescobertas como um recurso terapêutico, podendo então, ser tomadas como recurso pedagógico, educativo e recreativo. As diferentes perspectivas são essenciais para se delimitar a prática das oficinas com o campo da saúde mental. Anterior ao movimento da Reforma, a figura do médico e a doença eram centrais no tratamento dos sujeitos alocados nas instituições manicomiais. Com a desconstrução dessa hegemonia, há o papel do técnico de referência ou da própria equipe multidisciplinar, que deve respeitar o interesse do sujeito como uma estratégia do serviço para seu tratamento.

Em linhas gerais:

É importante observar que, justamente no ponto em que a oficina opera, ou seja, no de provocar algum tipo de enlaçamento, de inclusão, a questão da ética se destaca. Recuperar o sujeito em sua singularidade e historicidade significa toma-lo também como um sujeito concreto, pobre ou rico, preto ou branco, homem ou mulher, trabalhador ou desempregado, alfabetizado ou não, e com todas as circunstâncias cotidianas que essas características lhe trazem. (...) a oficina, ora aberta para o interior, no campo inconsciente, ora aberta para o exterior, no campo sócio político, operaria (...) buscando condições de inscrição do louco na vida pública, a partir da singularidade com que cada um se manifesta em sua subjetividade (p. 54).

Deste modo, este trabalho se insere na lacuna de reflexão sobre a dimensão psicológica e criadora, buscando abordar como ocorre a emergência do novo no profissional psicólogo que trabalha com oficinas terapêuticas.

### 3 PROCESSOS CRIATIVOS

#### 3.1 A Psicologia Cultural da Criatividade

Partindo da abordagem e dos estudos da Psicologia Cultural da Criatividade, será enfoque desta pesquisa o ato criativo segundo o pesquisador Vlad Petre Glăveanu (2010) que, em síntese, relaciona a criatividade segundo três paradigmas, sendo eles: Paradigma Ele (*He*) ou do gênio, Paradigma Eu (*I*) e Paradigma Nós (*We*). O primeiro tem resquícios da Grécia antiga e faz alusão à espiritualidade e misticismo. Nesse paradigma a criatividade perpassa pela genialidade; indivíduo escolhido por ser superdotado, talentoso, único e gênio; onde a criatividade era uma dádiva concebida a ele. Segundo Oliveira e colaboradores (2016), no que concerne sobre a história da criatividade, esta era concebida como vinda dos deuses, uma dádiva, resultante de inspiração mística. Gomes, Rodrigues e Veloso (2016) referem que “a criatividade era, pois, lavrada no cérebro pelos deuses, que se entretinham criando imagens para serem usadas pelas pessoas” (p. 570).

Sobre cada eixo paradigmático é possível refletir a uma época na qual a sociedade estava inserida e onde houve alteração sobre a visão de homem. Deste modo, com o surgimento do conceito gênio no Renascimento e a contribuição da metafísica a partir do século XVIII; a ideia de criatividade como algo espiritual e sobrenatural perdeu espaço para a noção de gênio criativo (GOMES et al, 2016, p. 571).

O processo criativo, de acordo com Glăveanu (2010), deu continuidade mesmo com duas linhas divergentes; as artes do Romantismo e a razão do Iluminismo. A concepção de sujeito deste paradigma, de vertente mais individualista, considera os sujeitos criativos como únicos e singulares. O autor também elucida sobre a principal limitação existente e aborda a criatividade como estrita a níveis altos, talhando o que poderia vir a ser esse processo criativo. O Paradigma Eu (*I*) surgiu, então, a partir da substituição dessa ideia individualista e biológica de sujeito, pela possibilidade dessa capacidade estar presente em aspectos psicológicos do sujeito; “associando a criatividade a atributos de personalidade e inteligência e continuando a destacar o indivíduo de forma isolada” (MELO, 2018, p. 22). O contexto histórico é após a Segunda Guerra Mundial (GLĂVEANU, 2010) e esse paradigma contribuiu para a psicologia avançar em sua metodologia, auxiliando no

processo psicométrico de avaliação das habilidades criativas (resolução de problemas), nos quais os testes tiveram sua validade e aplicação.

Uma das reflexões feitas a partir do Paradigma do Eu (I) sobre atribuir somente à criatividade questões internas, fez surgir um outro tipo de abordagem – o Paradigma Nós. Esse paradigma reflete acerca da ideia de criatividade mais compartilhada e distribuída cuja cultura fornece ferramentas variáveis, fazendo referência à importância das outridades presentes nesse processo criativo. Glăveanu (2010) refere que objetivo estaria em dar ênfase ao social, substituindo uma visão positivista, por uma forma de olhar mais holística, reconhecendo o social na criatividade. Trazendo a “interação social, comunicação e colaboração” (GLĂVEANU, 2015, p. 166) para o fenômeno dos processos criativos. De forma geral, um dos objetivos seria de relacionar os indivíduos com as dinâmicas sociais.

A criatividade para Glăveanu (2009) atravessa diversas áreas de conhecimento para além das artes e do resultante produto de sua ação. É um processo que relaciona o contexto social e cultural conectado à existência humana.

A psicologia cultural da criatividade está focada nas formas da qual a criatividade ocorre dentro de um espaço representacional ou potencial e usa artefatos culturais em um processo constante de expressar o eu e as relações entre o eu e o outro. (GLĂVEANU, 2009, p. 60).

Propondo uma teoria da ação, Glăveanu et al (2013) concebem o devir criativo como um fenômeno relacional e intersubjetivo. A premissa epistemológica seria de interação e interdependência, desse modo a ação criativa não está restrita a autores individuais. Essa teoria compreende a ação humana como interna e externa, onde inter-relaciona aspectos cognitivos, emocionais, volitivos e motivacionais.

O criador age no mundo em uma tentativa de materializar uma visão artística. No entanto, esta ação é composta por uma reação do mundo que o criador precisa passar, para estar ciente e integrar, a fim de continuar o trabalho (p. 3).

A associação do criador com o artefato remete, segundo o autor supracitado, à experiência do sujeito e sua relação diante do social. De modo mais amplo, o processo criativo, segundo Glăveanu (2015), é formado pela construção e reconstrução de perspectivas da ação criativa a partir da movimentação do ator de modo material ou simbólico, sozinho e com outros. No ato de criar a participação das outridades auxilia e influencia na percepção e exploração dessas perspectivas de modo criativo. Com o objetivo de teorizar essa relação eu-outro, o autor propõe à

ação criativa o modelo dos cinco A's; ator, audiência, ação, artefato e *affordance*. O caminho ocorre através das associações de diferentes outridades dialógicas que de modo presencial ou virtual, imaginado ou fantasiado atuam no curso da ação, do ambiente. O processo estaria presente na relação eu-outro de modo físico e simbólico, tendo o social participando de forma ativa no artefato criativo e o tempo da ação voltado constantemente para o futuro.

Há sempre uma posição exterior ao ator criativo (o de público/audiência) que somos, capazes de imaginar e buscar novos caminhos de ação proporcionados por nosso meio ambiente. (GLĂVEANU, 2015, p. 167).

A noção de perspectivação pode ser elaborada como um exercício de aproximação e deslocamento do aqui e agora que coordena a ação criativa, na posição do eu em relação às outridades sociais, materiais e simbólicas. Segundo Mead (1938), primeiro autor a tratar de perspectiva, esse conceito ocorre a partir da relação do indivíduo com o mundo, na qual esta noção se torna orientação de ação – modo de agir no mundo. Desse modo, segundo Glăveanu (2015), as perspectivas não são “algo que as pessoas têm, mas sim o que elas desenvolvem ou constroem” (p. 169). Essa realidade perspectivante não é unitária, ela se caracteriza como multi-perspectivas na medida que o indivíduo, por ser social, as diferencia e coordena em decorrência da interação social. Em linhas gerais, o ato criativo estaria envolvido então na adoção e coordenação de duas ou mais perspectivas diferentes sobre uma mesma questão, de modo a expandir as possibilidades de ação criativa.

De modo a exemplificar a dinâmica dos 5 A's, Glăveanu (2015) propôs um estudo desenvolvido pelo autor com um artista plástico inglês, ilustra de forma clara o modelo dos 5 A's propostos por ele. O ator da ação criativa, neste contexto das artes, seria o autor da pintura. No papel de audiência do processo, é possível concebê-la enquanto o olhar do próprio ator que também contempla sua obra, bem como das outridades que terão acesso ao seu artefato ou com as quais o ator dialoga internamente no porvindouro da ação. O ator é também audiência de sua arte através da construção das perspectivadas, ou seja, através de uma visada exotópica-imaginativa do próprio ator sobre o trabalho e seu curso de produção (GLĂVEANU, 2015). Para o referido pesquisador romeno os 5 A's estão relacionados entre si da seguinte forma:

O ator só existe em relação a um público, a ação não pode ocorrer fora das interações com um mundo social e material, e os artefatos incorporam as tradições culturais de diferentes comunidades. (GLĂVEANU, 2013, p. 71).

A dinâmica destes elementos citados acima faz parte do ciclo criativo, no qual o ator é um sujeito inserido no contexto sociocultural e constituído por essas relações sociais. Glăveanu (2013) refere que “um ator está simultaneamente aprendendo e executando roteiros sociais e sendo um agente ativo em relação a esses roteiros e em relação a outros atores” (p. 72).

Em se tratando da ação criativa, o autor supracitado refere que é necessário pensar acerca da criatividade de dois modos distintos; como uma dimensão interna (psicológica) e outra externa (comportamental). Ele refere que “a ação é tanto psicológica quanto material, interna e externa; orientada por objetos, estruturada e simbólica ou significativa” (GLĂVEANU, 2013, p. 73). Esse elemento possibilita a reflexão sobre o domínio da criação, os aspectos e habilidades do criador, além de características da situação.

Compreender uma ação não se limita a inferir o objetivo X como o meio de explicação, mas também descobrir o ‘significado’ que ele tem para o ator em uma situação particular. Esse aspecto simbólico se relaciona com a dinâmica cognitiva do processo criativo, e é aqui que podemos observar a estreita conexão entre um estudo da criatividade como ação e como um processo psicológico (p. 73).

O ato de compreender a ação criativa está voltado para as significações e perspectivas que o sujeito tem ao elaborar o artefato. É depositado nesse produto as experiências vividas e sua relação com o passado e o futuro possível. Dentro dessas experiências é notória a existência de fenômenos psicológicos e cognitivos, como a imaginação, o afeto e a memória; que apesar de citados não são foco de estudo desta pesquisa.

Ao tratar de artefato<sup>3</sup>, Glăveanu (2013) traz uma retomada ao conceito de externalização vygotskyano que refere que o ato de externalizar propicia construção de significados baseados na afetividade e cognição. Os chamados de produtos criativos são compostos por uma materialidade simbólica, por conceitos construídos na dinâmica cultural e intersubjetiva, assim como por uma ação da relação das intencionalidades e antecipações. De acordo com o autor:

---

<sup>3</sup> Conceito de artefato referido como “objeto produzido, no todo ou em partes, pela arte ou por qualquer atividade humana, na medida em que se distingue do objeto natural” (ABBAGNANO, 2007).

O ato humano de criação, basicamente, é uma reformulação pessoal de determinados materiais, sejam físicos ou mentais. O que é novo é a forma transformada; uma nova forma, gerada a partir de uma antiga. (BARRON apud GLĂVEANU, 2013, p. 74).

A audiência participa no processo da ação criativa ao transformar a noção abstrata em uma 'imagem vivida'. Esse termo é utilizado como referência de avaliação para o que é chamado de criativo na cultura, além disso do ponto de vista de "um entendimento sociocultural é ativo e múltiplo" (Glăveanu, 2013, p. 75). Audiência é composta por elementos culturais que foram internalizados no indivíduo que ao executar gera produto/artefato. Dewey (apud Glăveanu, 2013, p. 75) trouxe a ideia de que "o artista incorpora em si a atitude do 'percebedor' enquanto ele trabalha".

Último elemento, importante de ser refletido são as *affordances*; que diz respeito à relação entre o sujeito e os objetos oferecidos pelo ambiente. Além da compreensão do objeto em si, o sujeito também atenta para quais transformações podem ser feitas com ele, remetendo às possibilidades de ação, sejam elas convencionais ou não. Um exemplo de *affordance* seria a garrafa de vidro que serve tanto para armazenamento de líquidos, quanto uma arma quando quebrado ou um jarro quando pintado. O objeto não se restringe ao seu uso conceitual, há nele outras possibilidades de vir a ser.

O potencial para o uso criativo de objetos, portanto, não é uma realidade predefinida, mas uma realidade transformadora, mudando à medida que os atores descobrem novas potencialidades em seu ambiente e as moldam de formas desejadas. (GLĂVEANU, 2013, p. 76).

O termo supracitado faz referência ao objeto para além das características predefinidas. Esse objeto possuiria um novo modelo de uso a partir das novas funções que lhe forem sendo atribuídas, solicitando uma ação por parte daquele que o contempla. Destacando-se em meio as suas novas ressignificações que relaciona as interações do ator com este objeto. Em relação à perspectiva do profissional a respeito da materialidade gera uma *affordance* para os usuários.

No que tange às relações intersubjetivas, este conceito está relacionado diretamente à essência dos processos de criação que possibilitam ao sujeito se reconhecer como ser e vir a ser tantos outros, no estar com os outros, consigo ou com vários que há em si. Estas relações intersubjetivas fazem parte dos campos de pesquisa da psicologia e da reflexão epistemológica nas ciências humanas:

(...) à sua consciência e reflexão sobre si mesmo e sobre os outros seres *no* e *do* mundo, à permanência e à transformação de si que esse ser no mundo acarreta e, em última instancia, às possibilidades e implicações do vir a ser e do não ser na relação com os outros” (SIMÃO, 2010, p. 88, grifo do autor).

Deste modo, esses aspectos transformadores e conservadores da vida subjetiva dos sujeitos em suas mais diversas dimensões ocorrem nos diálogos com e no mundo de si mesmo e das outridades. Segundo Simão (2010) os processos intersubjetivos emergem do espaço sociocultural, de modo que possibilita a contínua reconstrução e recriação dos sujeitos através do diálogo com os outros e consigo. Corroborando com autora, Valsiner (1998), define esse conceito como sendo de domínio temporário de significados compartilhados entre os indivíduos, ou entre os diversos níveis de funcionamento semiótico do sujeito.

É possível pensarmos que inter-agir subjetivamente é um processo de regulação recíproca de ações simbólicas entre eu e outro, possibilitando aos sujeitos envolvidos estarem em contínuo vir a ser, isto é, transformarem-se (SIMÃO, 2010, p. 113).

Portanto, a tentativa de compartilhar significados é importante para possibilitar as interações com os outros, gerando demandas de negociações intersubjetivas, que nas oficinas terapêuticas permitem a transformação nos significados de experiências, tanto para o profissional quanto para o usuário. Essa dinâmica intersubjetiva no diálogo possibilita a geração do novo; uma abordagem que auxilia no constante movimento de busca e transformação do sujeito. Segundo Simão (2010) a busca por realizar a meta de compartilhamento intersubjetivo viabiliza aos sujeitos se reorientarem nas suas ações simbólicas, criando novas relações, que podem vir a ser relevantes no desenvolvimento subjetivo individual.

A criatividade, abordada inicialmente, é relacionada ao contexto sócio-histórico com ênfase na perspectiva contemporânea da Psicologia Cultural. Ao que concerne à estética o objetivo é abarcar as dimensões atuantes na experiência criativa que extrapolam os conceitos até aqui abordados. Em seguida será explorada a perspectivação do ato criativo e afetividade segundo Vygotsky (2009), uma vez que ele pode ser tomado como um dos pioneiros da incursão nos processos criativos na Psicologia ainda que esta parte de sua obra tenha sido interrompida por sua morte precoce.

### 3.2 Contribuição ao ato criativo: Abordagem Sócio-Histórica

A partir da perspectiva sócio-histórica de Vygotsky (2012) a criatividade é compreendida como um processo que leva à criação de artefatos; ao fazer uso de materiais “impregnados de cultura”, ou seja, impregnados de significações, de valores e histórias coletivamente construídas. Essa ação criadora, para o autor, tem origem social e traz ao homem a essência de sua orientação para o futuro, “tornando-o criativo em seu presente” (VYGOTSKY, 2012, p. 24).

No que tange à afetividade, Vygotsky (1999) refere que os sentimentos e emoções são necessários para que ocorra a criação; sendo possível afirmar que é preciso ressignificar o passado, modificando e recriando o presente. Para o autor o desenvolvimento do indivíduo é perpassado pelas relações e interações que estabelece no contexto sócio-histórico ao qual está inserido. Sendo através desse meio que a afetividade é mediada no sujeito (VYGOTSKY, 2010). Desse modo, estaria presente no ato criativo elementos afetivos, no qual a emoção seria uma unidade inspiradora para a criação – “todos os sentimentos por ela desencadeados são reais, vividos verdadeiramente e integrados pelo homem que os sente” (p. 39).

Para Vygotsky (1999) a atividade criadora é perpassada por toda realização humana responsável pelo ato de criar qualquer elemento novo, “quer corresponda aos reflexos deste ou daquele objeto do mundo exterior” (p. 9), ou em determinadas construções cerebrais que se expressam nos indivíduos. Deste modo, é destacado, pelo autor, a importância das vivências anteriores do sujeito ao longo de sua trajetória. Esse processo auxilia o indivíduo a conhecer e experienciar o mundo que está a sua volta com ações criativas e hábitos corriqueiros que se alternam ao longo da experiência. Diante dessa perspectiva, toda atividade humana não estaria limitada somente à reprodução de ações do cotidiano, trata-se do ato criativo de elaborar novos elementos, imagens, ações e vivências, que perpassam as funções da ação criadora (VYGOTSKY, 2012).

Assim sendo, se as ações dos indivíduos fossem voltadas para atividades pretéritas em repetição, o sujeito estaria enclausurado no espaço-tempo, sem possibilidade de adaptação e recriação para novas situações. Seria o ato criativo o causador de impulsos que projetam o sujeito para o tempo futuro, no qual o possibilita criar e modificar seus atos no presente. A criatividade estaria relacionada também a qualquer ação voltada para o ato de imaginar, combinar e criar elementos novos, independente do juízo de valores que possa vir a surgir para julgar sua obra.

Esta se encontra presente nos por menores dos atos dos sujeitos, de modo a não pertencer unicamente à grandes realizações, “tudo o que ultrapassa o quadro da rotina e encerra uma partícula, por mínima que seja, de novidade tem a sua origem no processo criador do ser humano” (VYGOTSKY, p. 13, 2012). Deste modo, todo sujeito por trás do ato criativo é sempre produto de sua época e do seu ambiente.

A situação do psicólogo que utiliza de técnicas e programas de áudio para planejar e facilitar oficinas terapêuticas estaria relacionada a elementos de suas vivências pretéritas. O ato criativo ocorre da combinação de elementos que resultaram em algum elemento novo, inesperado. Desta forma, a atividade criadora se encontra associada à diversidade das experiências vividas pelos indivíduos, constituindo um processo histórico no qual novos elementos se apoiam sob anteriores. A experiência passada se torna fonte de conhecimento que possibilita a criação do novo: “quanto mais veja, escute e experimente, quanto mais aprenda e assimile, quanto mais abundantes foram os elementos reais de que disponha na sua experiência, tanto mais importante e produtiva será” (VYGOTSKY, 2012). Esta não seria limitada pela reprodução de conteúdo assimilado, mas sim da criação e combinação utilizando de elementos pretéritos. Já a seleção desses perpassa a expressão interior de seus sentimentos:

Todo sentimento possui para além da manifestação exterior, corporal, uma expressão interior que se manifesta na seleção de pensamentos, imagens e impressões. (...) As imagens da fantasia conferem também uma linguagem interior aos nossos sentimentos selecionando determinados elementos da realidade e combinando-os de maneira a que essa combinação corresponda ao nosso estado de espírito interior (p. 21).

Segundo Vygotsky (2012) todas as vivências adquirem um peso emocional que possibilitam sua inter-relação. Diante dessa perspectiva, a influência de um ou mais fatores de mesmo peso possibilitam a emergência do novo devido ao campo diversificado e ilimitado de combinações. A fantasia movida por fatores emocionais e interiores viabiliza o surgimento de elementos de caráter mais íntimo e subjetivo. O autor corrobora que “todas as formas de representação criadora contem em si elementos afetivos”, deste modo, a relação de sentimentos com a realidade provoca a emergência do novo nas vivências que perpassam o sujeito ao longo de sua trajetória.

No que diz respeito à reflexão sobre a estética, termo não explorado nas teorias supracitadas, será abarcado segundo uma perspectiva dialógica bakhtiana e

conforme propõem contemporâneos, como Zanella (2004, 2005, 2006, 2011, 2015, 2017) e Pinheiro (2010, 2018).

## 4 CONTRIBUIÇÕES DA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

Nesta seção será discutida a importância do dialogismo e da estética em consequência da necessidade de perscrutar, no contexto das oficinas terapêuticas, não só a sua natureza dialógica, assim como certa face, ainda que de forma mais indireta, do registro afetivo, holístico e subjetivante nessas atividades oficinairas.

### 4.1 Dialogismo e Estética

O filósofo e linguista russo Mikhail Bakhtin (1985-1975) é o principal representante do dialogismo e trouxe inúmeras contribuições sobre a temática da estética. Suas alegorias filosóficas têm servido como aporte teórico para o estudo dos processos criativos entre os que investigam tais processos sob a perspectiva sócio-histórica.

Embora Bakhtin não tenha referido explicitamente a noção de sujeito, sua obra apresenta uma perspectiva própria acerca do ser, a qual tem como marca a inconclusibilidade. Segundo Geraldi (2013) na relação eu-outro, este vê o sujeito em sua totalidade, “com um pano de fundo que me é inacessível” (p. 18). Esse outro acessa dimensões do sujeito que a ele, sozinho, seriam inacessíveis; um pano de fundo que faz referência ao imaginário em detrimento do conhecido. Essa inacessibilidade de si demonstra a incompletude do sujeito. Deste modo a contemplar o mundo em sua totalidade a partir de uma condição de unicidade, o Bakhtin pontua que não é possível contemplar a totalidade do próprio sujeito-autor da ação contemplativa, nem o mundo às suas costas. Desta forma, a necessidade absoluta do outro, emerge de sua posição única na qual a outridade torna-se um excedente de visão para o eu.

Segundo Bakhtin (1997) “para viver, devo estar inacabado, aberto para mim mesmo” (p. 34), sendo compreensível que graças à inconclusibilidade há espaço para a cogênese das posições oriundas das outridades. Neste sentido, o objeto estético criativo é marcado pela incompletude humana e, simultaneamente, pelo endereçamento ao outro, sendo produzido também na relação entre a corporeidade e a dimensão espaço-temporal da experiência em termos de sua unicidade (PINHEIRO et al., 2010; PINHEIRO et al., 2019).

No que refere ao conceito de dialogismo, proposto por Bakhtin (1997), o enunciado se constitui como uma propriedade dialógica, que articula as posições do

eu e do outro. O enunciado materializa a dialogização da palavra, que é perpassada pela palavra do outro; de maneira que todo discurso é atravessado pelo discurso alheio. O dialogismo constitui então as relações simbólicas que se estabelecem entre dois ou mais enunciados, já que um enunciador, ao construir um discurso ou planejar oficinas terapêuticas, está sujeito às implicações do discurso das outridades (instituição e usuários) e das experiências vividas anteriormente (BRAIT e col., 2005; FIORIN, 2018).

Desse modo, os ecos, lembranças, as outridades, que refutam, confirmam, completam, carregam emoções e juízos de valor, dão composição à arena de vozes. Tal ideia se contrapõe à homogeneidade discursiva, pois, como afirma Fiorin (2018), “a relação com um enunciado, a adesão a ele, a aceitação de seu conteúdo faz-se no ponto de tensão dessa voz com outras vozes sociais” (p. 28). No enunciado há também alternância dos discursos; um diálogo com outros enunciados. Portanto, todo discurso se constitui a partir de outro, no qual pelo menos, duas vozes estarão presentes no fio do discurso na elaboração de uma oficina terapêutica. Caracterizando o enunciado como heterogêneo, essas vozes dialogam em uma arena na qual participam o paciente/usuário e as outridades (FIORIN, 2018).

As noções discutidas até aqui se relacionam à proposta de Bakhtin (1997) sobre a estética, como dimensão constitutiva do sujeito. A ideia de excedente de visão como posicionamento axiológico frente à vida, implica que o enunciador precisa dar a ela um acabamento, que só será alcançado ao se distanciar dela, olhar de fora, tornando-se um outro em relação a si. Desse modo, ele precisa se “auto-objetivar, isto é, precisa olhar-se com um certo excedente de visão e conhecimento” (FARACO, 2005, p. 43).

A partir do que foi abordado acima, ainda que de forma breve, é necessário aludir a outro conceito presente na filosofia bakhtiniana, que é a exotopia. O sujeito que exerce uma atividade exotópica, busca sair de sua posição e se observar através do olhar do outro, para, então, perspectivar imaginativamente aspectos do excedente de visão. A posição exotópica possibilita o trabalho estético, no qual o sujeito percebe e descreve a sua própria situação em uma dada posição a qual não transcende o mundo, porém torna possível uma visão de certa distância com o intuito de transfigurá-lo na construção arquitetônica da obra, sendo estética ou não (BRAIT e col., 2005).

## 4.2 Autores contemporâneos

Partindo de uma perspectiva histórico-cultural mais contemporânea, Zanella e colaboradores (2006) referem que a experiência de relação estética é a experiência do sujeito com o outro, com ele mesmo, sendo mediada simbolicamente. Essas vivências são retomadas como objeto de reflexão do sujeito, de maneira que, no contexto das oficinas terapêuticas, supõe-se que o responsável por seu planejamento precisa se colocar imaginativamente como audiência, auxiliando no processo de redimensionamento das relações e práticas que este institui cotidianamente.

A estética se caracteriza como “dimensão fundamental do humano” (ZANELLA et al, 2006, p. 3), a qual tem como condição de existência a relação perspectivante do sujeito com o mundo, que ultrapassa a “dimensão prático-utilitária” (p. 3). Essa relação com o outro é permeada pela sensibilidade a partir de uma vivência reflexiva e afetiva. Essa perspectiva se aproxima do conceito de estética proposto por Bakhtin (1997) de que a criação de um objeto estético se fundamenta nas relações sociais, caracterizando a arte como forma de comunicação social entre eu e outro.

Sobre a criatividade, Zanella et al (2006) afirmam que esta pode estar presente nas relações e interações que os sujeitos estabelecem com o mundo, com as outridades e consigo mesmo. Essas relações são marcadas pelas várias possibilidades de significação das experiências estéticas e criativas. As experiências estéticas possibilitam, segundo os autores, um reconhecimento do outro e de si na realidade. Desse modo é possível viabilizar um caminhar em direção à estética do sujeito nas relações simbolicamente mediadas, o que proporciona uma ressignificação da ação.

Segundo Pinheiro (2019), a história da experiência estética nas ciências humanas, perpassa pela compreensão da singularidade dos indivíduos e pelos seus próprios valores e concepções de sentimentos. Deste modo, a estética estaria sempre marcada por uma matriz afetiva que atravessa as noções de belo e sublime. Pinheiro e colaboradores (2018) referem que a estética foi um elemento de pouco estima dentro do campo da psicologia. Em decorrência deste fator, os estudos da experiência estética tornaram-se mais recentes nos discursos psicológicos da contemporaneidade por se tratar de uma dimensão necessária na vivência dos indivíduos.

A experiência estética seria, segundo Pinheiro (2018), uma “dimensão subjetiva e recriadora da realidade, inerente a uma maneira de ser afetada pelo mundo” (p. 118) no qual as experiências e a afetividade existente nos indivíduos funcionariam como um diluidor nas dualidades existentes dentro da psicologia. Deste modo, há uma necessidade vigente de reconectar a experiência estética como um ponto de suma importância nos estudos da singularidade humana. Sendo esta singularidade pensada com “uma condição para o potencial criativo de um artista” (p. 3), além de um conceito pertencente à validação da expressão artística. O filósofo Bakhtin (1997) propôs reflexões e alegorias sobre a experiência estética e a singularidade presentes nos enunciados dos sujeitos em obras líricas. Nessa perspectiva, segundo Pinheiro (2018), o filósofo buscou recuperar a unicidade dos indivíduos no mundo como elemento presente na dinâmica existencial destes, sendo o objeto estético-criativo uma alegoria marcada pela incompletude humana.

O excedente de visão seria, portanto, um movimento marcado pelo ato do sujeito ampliar sua visão limitada pela posição corporal e espaço-temporal. Bakhtin (1997) refere que o sujeito está em uma constante busca por esse excedente e que ultrapassa as bordas. Pinheiro (2018) corrobora, portanto, que esse deslocamento seria como:

(...) posição do sujeito, de projetar a visão de um outro imaginário, uma alteridade indeterminada, para aprender com uma dimensão transgressora da própria consciência do autor. É como se a pessoa tentou tornar-se outro em relação a si mesmo (eu-para-outros), estreitando as manchas cegas de sua própria visão; a refração projetiva do que nos escapa e, conseqüentemente, o que é dotado de valor mais intenso (p. 5).

Em vista disso, o excedente de visão seria composto pela arena de vozes que, por vista, é marcada pela contingência sócio-histórica, um enunciado que surge da relação com outras vozes. Essas vozes são marcadas por uma multiplicidade e são detentoras de uma força de igual poder. A atividade estética, deste modo, faria menção à um produto final da ação e à inconclusividade do ato de visão, não sendo marcada apenas pelo domínio do belo, mas também uma forma dos sujeitos sentirem e serem impactados pela experiência humana. Deste modo, um dos desafios dessa pesquisa se deve ao fato do estético extrapolar o registro empírico, orientando-se para a experiência de ruptura da ordinariedade da vida (BAKHTIN, 1997).

## **5 OBJETIVOS**

### **5.1 Geral**

O presente trabalho tem como objetivo geral investigar, em caráter exploratório, a dinâmica dos processos criativos ao longo da ação do profissional que atua em contexto de saúde mental e planeja e facilita oficinas terapêuticas.

### **5.2 Específicos**

1. Acessar e elaborar conceitualmente, inspirado pela teoria dos 5 A's de Glăveanu (2013, 2015), como ocorre a dinâmica perspectivante da ação criativa na relação do psicólogo face às outridades que participam de sua atividade oficineira.

2. Investigar como as ambivalências e tensões inerentes às significações da atividade oficineira lançam luz sobre as perspectivas atuantes na experiência do profissional facilitador.

## 6 MÉTODO

A abordagem metodológica assumida nesta dissertação é qualitativa de caráter ideográfico. Propondo-se um estudo de caso, uma vez que se pretende uma análise e descrição de uma situação em particular, no caso a dinâmica criativa em uma oficina terapêutica, sendo indicada para pesquisas de cunho exploratório. A abordagem ideográfica baseia-se na compreensão do mundo social através da relação com o sujeito participante da pesquisa, no qual há uma ênfase voltada à observação dos eventos, da vivência, da subjetividade e da explicação dos fatos a partir da perspectiva do sujeito. Desse modo, a pesquisadora buscou ter acesso às experiências do sujeito em seu contexto natural (Nascimento et al, 2017). Na perspectiva ideográfica, a explicação é desenvolvida com base em “descrições holísticas individualizadas, isso significa que o fenômeno é estudado como um todo individual, como um sistema que faz parte de um contexto particular” (RONDE; DEYANIRA, 2003, p. 7). Mas que lança luz sobre dinâmicas histórico-concretas que são ao mesmo tempo singulares e potencialmente coletivas, passíveis de generalização.

### 6.1 Caracterização do Participante do Turno Reflexivo

Neste estudo participou um psicólogo que atuava no planejamento e facilitação de oficinas terapêuticas na área de saúde mental em um hospital dia na cidade do Recife-PE. A proposta foi informada ao profissional antes da entrevista, para obtenção de consentimento, bem como garantia de anonimato. O profissional realizou todos os procedimentos de acordo com a resolução prevista e procedimentos previamente aprovados pelo comitê de ética da Universidade Federal de Pernambuco<sup>4</sup>.

A escolha de um hospital-dia, voltado ao contexto da saúde mental, ocorreu devido à facilitação do acesso ao espaço pela pesquisadora. Além de ser uma instituição que tinha em seu cronograma de atividades regulares a proposta de oficina terapêutica concebida na presente dissertação.

---

<sup>4</sup> Ver anexo: Parecer Comitê de Ética em Pesquisa.

## 6.2 Procedimentos

Após submissão e autorização do projeto de pesquisa pelo comitê foi dado início às fases previstas e descritas a seguir, que tiveram em sua duração o período de dois meses e meio. A pesquisadora acompanhou o planejamento (elaboração), desenvolvimento (facilitação) e avaliação (*feedback*) de uma oficina terapêutica.

- (1) Na primeira fase foi dedicado um momento de observação das atividades cotidianas do profissional na instituição. O objetivo foi dar apoio às fases seguintes do método, pois através dessa observação foi possível uma apropriação da atmosfera, das rotinas e dos valores da instituição de modo a circunscrever a ambiência. Além de ter observado a dimensão extra verbal presente por meio da arquitetura do espaço e dos modos de comunicação institucional. As observações foram divididas em 6 visitas totalizando 18 horas de ambiência. O registro, por parte da pesquisadora, foi realizado através do diário de campo<sup>5</sup> que funcionou como instrumento de registro de informação dos acontecimentos para fins dessa pesquisa científica (OLIVEIRA, 2014).
- (2) Na segunda fase, a pesquisadora acompanhou, de modo dialogado, o planejamento da oficina terapêutica através de um protocolo de entrevista. Essa entrevista foi realizada na instituição, antecedendo a atividade de oficina a ser observada. O objetivo desta fase foi compreender, não só a sequência e os objetivos da atividade oficineira, mas quais seriam os materiais a serem utilizados, e sobretudo quais as perspectivas antecipatórias que perpassavam o olhar do sujeito frente às possíveis outridades que atravessaram e atravessam sua trajetória profissional. Surgiu também como material produzido de demanda espontânea do sujeito a elaboração de um registro<sup>6</sup> com as metas para a oficina. Nesta fase a pesquisadora utilizou um áudio gravador e um bloco para notas.
- (3) A terceira fase fez-se composta pela facilitação da oficina terapêutica pelo psicólogo, no qual a pesquisadora estava presente somente como observadora coparticipante da atividade. Nesse momento foi observado: (a)

---

<sup>5</sup> Ver anexos: Diário de Campo (Pesquisadora): Registro de Ambiência 1, 2, 3, 4, 5 e 6; Diário de Campo (Pesquisadora): Espaço Físico.

<sup>6</sup> Buscar em anexos: Diário de Campo Pré Oficina (Psicólogo).

como as antecipações se confirmavam e foram criativamente transformadas no campo intersubjetivo do profissional junto aos usuários; (b) como essa ferramenta projetada foi transformada pelos outros e como o olhar dessas outridades foram integrados, coordenados ou afastados pelo facilitador. Ao término dessa atividade foi solicitado, do psicólogo, a elaboração de um registro<sup>7</sup> do vivido. A pesquisadora também continuou com o registro<sup>8</sup> em forma de diário, tendo em vista que essa ferramenta foi de suma importância no auxílio da construção da segunda entrevista com o profissional devido ao recorte dos elementos vivenciados ao longo da oficina.

- (4) A quarta e última fase consistiu em uma entrevista que buscou construir uma reflexão dialogada sobre fragmentos da transcrição da entrevista feita na segunda fase e do registro escrito da terceira fase. Essa entrevista, devido a sua extensão e disponibilidade na agenda do psicólogo, foi necessária ser dividida em três momentos. Contudo não acarretou problemas na fluidez da entrevista devido o protocolo ter sido subdividido em: oficina, aquecimento, fala dos usuários, técnicas e primeira entrevista. Desta forma foi possível abranger todos os subtópicos dentro do período disponibilizado pelo sujeito. Esta última fase teve como objetivo evocar as significações mais recorrentes que o processo e o artefato tiveram para o facilitador, assim como trazer à tona ambivalências e as tensões existentes naquela atividade de oficina terapêutica observada pela pesquisadora. Buscou-se, desse modo, favorecer os movimentos de exotopia (BAKHTIN, 1997), no qual o sujeito se deslocou à posição do outro/audiência, de forma a interpretar e analisar suas ações. Pretendendo-se, assim, acessar a elaboração das perspectivas e o processo de mudança delas entre o planejamento, a implementação e a reflexão na interação com a pesquisadora. Desse modo, foi possível colocar o participante “em uma exposição autoexplicativa, reflexiva, importante para a compreensão de si, de sua ação e dos resultados decorrentes” (MELO, 2018, p. 37).

Em súmula, segue registrado no quadro a seguir as fases, objetivos e instrumentos utilizados em cada momento respectivamente:

---

<sup>7</sup> Buscar em anexos: Diário de Campo Pós Oficina (Psicólogo).

<sup>8</sup> Buscar em anexos: Diário de Campo Pós Oficina (Pesquisadora).

Quadro 1 – Síntese das fases do procedimento de pesquisa

	<b>Fase</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Instrumentos</b>
1 <sup>a</sup>	Observação	Observar a ambiência e a dimensão extra verbal presente em seus aspectos simbólicos. Pesquisador tomará nota em um diário de campo.	Caneta, bloco de notas e diário de campo.
2 <sup>a</sup>	Acompanhamento de Planejamento de Oficina Terapêutica	Compreender, através de uma entrevista semiestruturada, não só a sequência e os objetivos da atividade oficinaira proposta pelo sujeito, mas quais seriam os materiais a serem utilizados, e sobretudo quais as perspectivas antecipatórias que perpassavam seu olhar frente às possíveis outridades que atravessaram sua trajetória profissional.	Bloco de notas, caneta, áudio gravador e protocolo de entrevista.
3 <sup>a</sup>	Facilitação da Oficina Terapêutica – observação e instrução	Observar a ação da atividade da Oficina, tomar notas e solicitar ao profissional oficinairo que elabore um diário de campo – registro desta atividade.	Caneta, bloco de notas e diário de campo.
4 <sup>a</sup>	Entrevista com exibição de recortes dos Planejamentos e das Facilitações das Oficinas Terapêuticas	Exibir fragmentos da entrevista (2 <sup>a</sup> fase) e do registro escrito – Diário de campo (3 <sup>a</sup> fase) de modo a evocar significações recorrentes neste processo de oficina terapêutica.	Notebook, áudio gravador, caneta, bloco de notas e diário de campo.

Fonte: Cagliari (2020).

### 6.3 Instrumentos e materiais

Os instrumentos utilizados nesta dissertação foram: dois protocolos de entrevista semiestruturada (planejamento e avaliação), diários de campo (profissional e pesquisadora), áudio gravador e notebook, como ferramentas de registro das situações de pesquisa. A entrevista semiestruturada teve como função apresentar de modo geral o participante, sendo seguida de uma descrição do seu trabalho e das atividades exercidas, além de uma reflexão sobre as atividades oficinairas e como foi compreendida sua construção e produção. Já o diário de campo foi pensado como um dispositivo de registro de observações e interlocuções, de movimentos, das leituras, dos tempos, espaços e das observações que ocorrem (OLIVEIRA, 2014). Desse modo o diário de campo foi pensado como:

(...) instrumento reflexivo para o pesquisador, o gênero diário é, em geral, utilizado como forma de conhecer o vivido dos atores pesquisados, quando a problemática da pesquisa aponta para a apreensão dos significados que os atores sociais dão à situação vivida. O diário é um dispositivo na investigação, pelo seu caráter subjetivo, intimista. (MACEDO, 2010, p. 134).

Através desse caráter intimista e subjetivo que o autor alude, foi possível observar e apreender aspectos da cultura local no sentindo da atenção, concepção de saúde que se reflete na arquitetura física e na atmosfera afetiva gerada pelos participantes da instituição ao longo das observações feitas. Desta forma, a partir de um modo reflexivo, o gênero diário permitiu apreender mais sobre o ponto de vista do observador – suas ideias, tensões e ambivalências (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

#### **6.4 Abordagem interpretativa**

A interpretação dialógica compreende a linguagem como atividade social própria a um contexto sócio-histórico que se atualiza nos enunciados do sujeito ao longo de suas vivências. O social é simultaneamente interno e externo ao sujeito, pois ganha forma tanto na arena de vozes subjetivas e íntimas do ator como também performatizam de modo alteritário nas outridades sociais com as quais o sujeito se depara (BAKHTIN, 1997; BRAIT e col., 2005; FIORIN, 2018).

Deste modo o enunciado está relacionado não somente ao sujeito, mas também à sua interação com as mais diversas outridades. Os enunciados são sempre dirigidos a estas e na perspectiva do sujeito desta pesquisa os outros que surgem mais vivenciados nas tensões, nos movimentos exotópicos e nos deslocamentos são: usuários, instituição e pesquisadora. Em relação as outridades Menegassi e Gasparotto (2019) abordam que:

Sempre que o sujeito fala, escreve ou apenas pensa algo, o faz dirigindo-se a alguém, ainda que seja para o outro de si mesmo. É o outro que o constitui como sujeito, visto que ele é a motivação para qualquer enunciação. E essa comunicação com o outro acontece por meio da interação (p. 109).

Pensando na articulação das polaridades ator, técnica e outridades, na atividade o oficineiro, empreendeu-se uma leitura dialógica buscando capturar as tensões, perspectivação e modos de significação da emergência do novo neste campo intersubjetivo. Nesta leitura, considera-se a linguagem como constituinte de uma interação entre o sujeito e o social (MENEGASSI, GASPAROTTO, 2019). A existência dessas outridades representam, portanto, uma espécie de não-eu e uma posição para além do eu para si, no qual o sujeito faz uma auto-avaliação através de diálogos interiores externalizado ao longo da entrevista. Desta forma, considera-se

como unidade de análise fundamental desta pesquisa a relação eu-outro mediadas pela técnica no qual emerge o novo próprio à intersubjetividade destas relações.

Após a transcrição de todo material áudio gravado das entrevistas foi iniciada a atividade interpretativa dos dados, a saber: seleção dos fragmentos de entrevista mais significativos, elaboração das intuições da pesquisadora sobre a dinâmica dialógico-criativa observada, problematização das polaridades interpretativas e suas formas de circunscrição na investigação. Antes da situação mais central da pesquisa, conforme apontado no Quadro 1 do método, o profissional foi entrevistado sobre sua trajetória profissional, o nascimento da técnica e sua relação com a saúde mental. Esta etapa lançou luz sobre quem é o ator da ação criativa recortada e lançou pistas sobre a tríade ator-técnica-outridades dialógicas. Neste momento foi buscado capturar as inferências do sujeito acerca do que foi experienciado ao longo da oficina, utilizando de trechos previamente selecionados do diário de campo e da primeira entrevista pré-oficina terapêutica para compreender o curso da ação criativa.

Desta forma, a abordagem analítica aqui apresentada é focada também na segunda entrevista e no diário de campo pós oficina, pois foi através destes que se tornou possível a reflexão do sujeito sobre o curso da ação na oficina. Sendo audiência de si e do grupo, explorando sentidos e afetos que atravessaram a situação oficinista, é que foi produzido o objeto efetivo da presente dimensão interpretativa do estudo.

A discussão interpretativa aqui descrita será mais incisivamente empreendida na quarta fase do quadro 1: Entrevista com exibição de recortes do Planejamento e da Facilitação da Oficina Terapêutica. Nesta seção, a dinâmica da ação criativa será discutida e interpretada através do confronto do ator-oficinista com fragmentos do enunciado retirados da segunda entrevista e do diário de campo da oficina (registros da pesquisadora) de modo a favorecer o turno reflexivo e acessar dimensões da vivência criativa próprias ao registro verbal e extra-verbal dos enunciados. É sobre este momento que a proposta interpretativa aqui desenhada se debruçará com maior evidência e ênfase já que os momentos anteriores são mais preparatórios para a vivência do turno reflexivo.

Deste modo, foi perscrutada a ação e a reflexão do psicólogo que elabora e executa oficinas terapêuticas em contexto de saúde mental, observando os deslocamentos exotópicos (BAKHTIN, 1997; BRAIT e col., 2005) realizados por ele

e as perspectivas diante da experiência vivida. A interação entre o deslocamento de posições e, conseqüentemente, a produção de perspectivas foram movimentos centrais ao curso da ação criativa. Em sùmula:

O contexto da pesquisa se propôs a favorecer a autorreflexão e a produção de enunciados por parte do sujeito na reconstrução da sua experiência a fim de tentarmos capturar as tensões e os movimentos de maior e menor convergência de sentidos que surgiram na reconstrução da experiência vivida e que balizam a ação (FRANÇA, 2019, p. 50).

Assim sendo, para realização da interpretação dos dados produzidos foi feita uma discussão reflexiva de orientação dialógica com ênfase interpretativa dos dados considerando três polaridades que foram destacadas com base no dialogismo e na culturalidade implicada na Teoria dos 5 A's de Glăveanu (2014). As polaridades foram divididas em: 1) ator, psicólogo oficinairo; 2) a técnica utilizada e seus artefatos mediadores da relação intersubjetiva e, por fim, 3) as outridades presentes, imaginadas, institucionais ou virtuais articuladas nos enunciados do ator, as quais de forma mais imediata, os usuários, a instituição e a pesquisadora. Sendo assim, buscou-se caracterizar as tensões, ambivalências, ambigüidades que dinamizaram esta triangulação no processo de emergência e reconhecimento do novo próprio ao processo criativo da vivência de oficinas terapêuticas.

A primeira polaridade faz alusão à perspectivação da oficina por parte do psicólogo participante desta pesquisa. Partes da entrevista pós oficina terapêutica foram selecionadas, dentro desses recortes buscaram aludir acerca das interações do ator e da audiência que aparecem na ação desse psicólogo que planeja e facilita oficinas. As polaridades ator, audiência/outridade e artefato presentificam-se no curso da ação fazendo parte do turno reflexivo abordado na Teoria dos 5 A's de Glăveanu (2014, 2015). A análise dos enunciados a partir dessas polaridades funcionou através dos fragmentos extraídos da transcrição nos quais foram observados movimentos exotópicos atuantes nas perspectivações por parte do sujeito participante da pesquisa. França (2019) refere que nesse movimento o "sujeito buscou se colocar no lugar de um outro, destacando-se, assim, a interação entre o ator e a audiência" (p. 50). Dentro desse eixo também foi possível

acompanhar as ambiguidades<sup>9</sup> e ambivalências<sup>10</sup> presentes ao longo dos enunciados do sujeito.

Já a segunda polaridade elencada, referente à técnica, foi utilizada pelo psicólogo no que diz respeito ao procedimento realizado ao longo das oficinas terapêuticas, e em especial a que foi acompanhada pela pesquisadora. De acordo com França (2019) o eixo que diz respeito à técnica refere-se à relação existente entre as ações de uso da técnica de modo inovador ou não conforme o conceito de *affordance* lança luz. As *affordances* provenientes dessa polaridade se apresentaram como materialidade semiótica<sup>11</sup> da técnica experienciada pelo sujeito. O uso dessas *affordances* pode, segundo a autora, “participar da criação de novos artefatos se repetidos e transmitidos culturalmente” (p. 50). Nessa interação da técnica com o eu-oficineiro e as outridades foram observadas as principais tensões dialógicas e resistências que viram a emergir do sujeito como novo/inesperado, na medida em que foi reconhecido como inovador na relação eu-instrumento-outridade.

Sendo assim, buscou-se capturar na atividade interpretativa da pesquisa o jogo de forças implicadas nas relações junto às outridades representadas pela relação ator para si, ator e técnica, ator e pesquisadora. Nesse terceiro eixo, pervasivo aos dois anteriormente citados, foi tematizado como as tensões dialógicas se configuram e quais são essas tensões que o sujeito vivencia considerando o lugar da incerteza e da imprevisibilidade inerentes à futuridade da ação.

A análise apresentada a seguir estará centrada, portanto, nessas três polaridades (ator, artefato e outridade) e os trechos selecionados serão apresentados à medida que o sujeito foi elaborando os enunciados ao longo e na sequência temporal de emergência na entrevista. Isto posto, será apresentado em sequência: a síntese da observação da instituição (espaço físico), a descrição do vídeo utilizado na oficina, a descrição da oficina acompanhada pela pesquisadora e a discussão inicial sobre a primeira entrevista. Estas descrições visam à facilitação

---

<sup>9</sup> Segundo Abbagnano (2007), o termo Ambiguidade diz respeito a diversidade de possibilidades de interpretações que um determinado fato ou situação podem ter.

<sup>10</sup> O termo Ambivalência refere-se a um “estado caracterizado pela presença simultânea de valorizações ou atitudes contrastantes ou opostas. (...) atitudes opostas em face do mesmo objeto” de acordo com Abbagnano (2007, p. 36). Ou seja, ambivalência é a presença de direções afetivas opostas sobre um mesmo objeto da experiência.

<sup>11</sup> Produzida por ação das refrações e significados particulares e únicos da situação aqui investigada.

da compreensão dos dados produzidos nas entrevistas, pois apresentam o contexto verbal e extra-verbal que participou das elaborações do participante de pesquisa.

## **7 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **7.1 Ambiência da Instituição**

Sobre a observação do espaço foi feito um total de 18h, divididos em 6 encontros semanais de 2, 3 e 4 horas. No que diz respeito ao espaço físico, a instituição conta com um local amplo, acolhedor e agradável, dispondo de um grande jardim. Na entrada da casa há um pequeno nível de escadas e uma rampa com corrimão. No jardim, à esquerda da entrada dispõe-se de bancos de concreto e uma árvore, enquanto que à direita está disponível uma pequena horta com verduras e legumes. Adentrando mais ao espaço, encontra-se mais um banco de concreto e um pé de goiaba. A visibilidade da instituição, de quem olha assim que chega ao local, permite contemplar todas as entradas das salas, um dos banheiros, a mesa da enfermagem, o balcão e as duas mesas grandes. Há possibilidade de observar toda estrutura física do local.

No espaço amplo e aberto da instituição estão disponíveis: duas mesas grandes, com 18 e 16 lugares; um balcão no qual são feitas as refeições e lanches, bem como a limpeza dos materiais de cozinha (possui pia e grandes armários dispostos na parede contendo louças e talheres); possui um lavabo; armários nos quais são armazenados os materiais utilizados nas oficinas. Distribuídos pelo espaço estão estantes com os produtos elaborados pelos usuários nas oficinas. Além de uma mesa para a equipe de enfermagem e próximo estão 4 cadeiras de madeira. Ao longo das paredes da instituição encontram-se objetos confeccionados pelos usuários e um quadro com o horário das oficinas e panfletos de eventos acadêmicos; além de vasos e 3 redes.

Em linhas gerais o espaço comporta: 3 salas, 3 banheiros (1 acessível a cadeirante), e um grande espaço aberto. As 3 salas existentes são dispostas para as seguintes atividades: a primeira é utilizada para atendimento psicológico, psiquiátrico e reuniões; possui mesa, telefone, abajur, poltronas e cadeiras, um local mais aconchegante. Na segunda sala estão dispostos os arquivos com os prontuários dos usuários; dois armários, um para arquivos gerais e outro para materiais de papelaria. Contém uma mesa com computador e quadros de louça, nos quais estão dispostos os planejamentos feitos pela equipe e a divisão dos terapeutas de referência, usuários e seus respectivos estagiários. A primeira e a segunda sala possuem tamanhos parecidos. A última sala da instituição é a maior disponível no espaço;

possui 3 janelas e comporta uma mesa de 16 lugares (quando há necessidade de implantá-la nesse espaço), televisão com acesso à internet, balcão para colocar os materiais a serem utilizados na oficina, contém também um armário para armazenamento dos colchonetes (utilizados nas atividades corporais) e no canto da sala cadeiras ficam dispostas uma em cima da outra. Esta sala é bastante utilizada na instituição para realização de oficinas e reuniões de família.

A equipe técnica é formada por: 1 terapeuta ocupacional, 2 psiquiatras, 2 técnicas de enfermagem, 1 enfermeira, 4 psicólogos, 8 oficineiros e 10 estagiários. Dentre as atividades dispostas, encontram-se: Oficina de Corpo e Vida; Despertar; loga; Dublagens Criativas; Música; Cinema de Animação; Afiinação Coletiva; Teatro e Dança. E dentre os aspectos subjetivos apreendidos sobre a dinâmica dos usuários com os profissionais foi observado um movimento fluido, espontâneo e brando nas relações. Nas atividades de oficina que a pesquisadora acompanhou foi notado a empolgação e adesão positiva dos usuários diante do que foi planejado pelos oficineiros. A interação nas dinâmicas do cotidiano surpreendia pela harmonia com que eram realizadas, mesmo nos momentos de chá e nas refeições, foi notado que a equipe possuía um modo de operar próprio e que funcionava mesmo sem precisar de conversas e diálogos mais extensos. Situações de demanda dos estagiários ou da equipe técnica passavam tranquilidade em meio a agitação das dinâmicas de um hospital-dia. De modo a exemplificar o que foi dito anteriormente, segue trecho abaixo retirado do diário de campo da pesquisadora:

Foi notado um respeito mútuo e uma troca sobre as intercorrências que aconteceram na semana anterior entre a psicóloga Ipê e Narciso<sup>12</sup>. A equipe de enfermagem (...) estava recebendo os usuários que ainda estavam chegando na casa (...) já na entrada, no portão, os usuários começavam a falar amenidades com as técnicas, saudando com bom dias e sorrisos (Registro de Ambiência 2).

Inclusive momentos entre os estagiários foi observado “uma interação positiva e repartição das atividades”<sup>13</sup> e o acolhimento daqueles que estão a mais tempo na instituição para com aqueles que deram início a seu estágio recentemente. Com relação as dúvidas que surgiam foram notadas uma boa recepção da equipe técnica

---

<sup>12</sup> Psicólogos da Instituição.

<sup>13</sup> Ver Anexo: Registro de Ambiência 2.

em auxiliar nesse processo de aprendizado e o esclarecimento de maiores questões.

Em uma das paredes da sala de atendimento fica disposta uma tabela com o nome dos estagiários e quais são seus respectivos terapeutas de referência, aquele profissional o qual o estagiário busca na hora de tirar dúvidas e que acompanha os usuários determinados para ele, repassando e trocando quaisquer informações específicas e essenciais para a evolução (Registro de Ambiência 2).

Sobre a relação entre os usuários na instituição foi passada a pesquisadora ser algo agradável. Durante a terceira observação feita na instituição, foi notado que a dinâmica entre os pares ocorreu de forma afável e que mesmo aqueles que possuíam dias opostos para comparecer no local havia cumprimentos e saudações equivalentes.

No momento do chá (...) foi notada a interação entre eles (usuários), pois alguns têm no projeto terapêutico dias opostos dos demais, então ao se encontrarem começaram a conversar sobre quais dias estavam vindo e sobre os acontecimentos recentes em suas vidas (Registro de Ambiência 3).

Em se tratando, especificadamente da dinâmica entre osicineiros e os usuários, vale ressaltar que eles eram bem recebidos no espaço. Antes mesmo do início de uma das oficinas, foi notada uma movimentação durante o tempo em que aguardavam a chegada da profissional.

Quando aicineira Rosa<sup>14</sup> do turno da tarde chegou, foi nítida a boa relação desta com os usuários, a recepção deles para com a profissional foi de acolhida e expectativa. Chamou a atenção a recepção da usuária Violeta<sup>15</sup> que começou a cantar uma música que tem na letra o nome da profissional (Registro de Ambiência 4).

Nesse recorte específico foi possível observar que, salvo algumas intercorrências diárias, a dinâmica entre os sujeitos ocorria de forma bastante positiva e era notório o vínculo existente entre eles. Para além da observação de um espaço amplo e aberto em sua estrutura física, os registros de ambiência facilitaram a compreensão da cultura e da rotina do espaço, percebendo, deste modo, os movimentos de amparo, receptividade e atenção emanados/vindos pelos/dos

---

<sup>14</sup> Psicóloga da Instituição.

<sup>15</sup> Usuária da Instituição.

profissionais e de todos demais integrantes da equipe de funcionários da casa diante dos usuários que ali estavam em acolhimento.

É válido destacar que essas observações se circunscreveram ao vivido pela pesquisadora, enquanto impressões gerais, para melhor desenvolvimento das entrevistas e estabelecimento de melhor aproximação junto ao participante. A observação, por um intervalo mais longo, poderia acessar dimensões mais profundas no cotidiano da instituição que em virtude do recorte metodológico escapavam às possibilidades de abordagem no presente estudo.

## 7.2 Descrição do vídeo

A oficina acompanhada pela pesquisadora teve como proposta apresentar trechos de vídeos e solicitar aos usuários do Hospital Dia que dublem os personagens que aparecem ao longo do trecho. Neste dia de coleta especificadamente o recorte do vídeo selecionado transcorreu do seguinte modo que será narrado a seguir.

A animação sem áudio teve como duração 22 segundos, contou com 9 personagens seniores de forma humana e em formato espectral e 1 dragão. O vídeo teve início com os 8 personagens flutuando em uma sala escura, em seguida mostrou um dos personagens (personagem 1<sup>16</sup>) colocando a mão no peito e movimentando a boca exageradamente. Em seguida se curvou para frente, enquanto que outro personagem (personagem 2<sup>17</sup>) ao seu lado observava a atitude com os olhos semicerrados. A primeira personagem continuou falando e trouxe uma bengala de encontro ao peito do personagem 2 ao seu lado que, surpreso, abriu completamente os olhos e retrucou, empurrando a bengala para baixo, gesticulando bastante com os braços e com feições de desagrado vira as costas para a personagem 1. Ambos se olhavam com a face franzina.

A cena retorna em seguida dando ênfase ao que a personagem 3<sup>18</sup> está dizendo. Esta movimentou somente a boca. Após 3 segundos, repentinamente, irrompeu o personagem 4<sup>19</sup> com um ábaco em mãos. Este olhou para a personagem 3 com a mandíbula travada, vira e começa a fazer contas no seu ábaco. Por 2

---

<sup>16</sup> Personagem 1: Mulher sênior, cabelos escuros presos em coque baixo, média estatura e com bengala na mão.

<sup>17</sup> Personagem 2: Homem de meia idade com barba e cabelo pretos, média estatura.

<sup>18</sup> Personagem 3: Mulher sênior, cabelos brancos presos em coque alto com laço e baixa estatura.

<sup>19</sup> Personagem 4: Homem jovem com chapéu e bigode, possui um ábaco em mãos, média estatura.

segundos o personagem refletiu, olhando para cima, e movimentando as peças do instrumento novamente. A cena corta para personagem 5<sup>20</sup> que somente observou a situação como se estivesse olhando de um ponto mais alto da sala, já que seu olhar está focado em pontos abaixo.

Em seguida, apareceram 4 personagens (personagem 6<sup>21</sup>, 7<sup>22</sup>, 8<sup>23</sup>, e 9<sup>24</sup>). O personagem que apareceu no canto esquerdo do vídeo tem expressões franzinas no rosto e olhou para os dois personagens (7 e 8) que apareceram mais ao centro. Estes, de certo modo, parecem ser o centro dessa nova cena; uma mulher e um homem segurando um garfo forçado. Quando este (personagem 8) falou, a mulher (personagem 7) olhou para frente com uma feição franzida e as sobrancelhas arqueadas. Nesse momento o personagem 6 olhou para ele (personagem 7) sem modificar as feições emburradas, enquanto que o personagem 9, no canto direito do vídeo, movimenta os olhos, também observando o que está sendo dito.

Nesse momento a personagem 1 reapareceu em pé, agitando a bengala, enquanto que o personagem 2 olha para o outro lado apoiando o rosto franzido e emburrado na mão. Após esse momento a cena mostra o dragão aparecendo no final do vídeo passando as páginas de um jornal, com as pernas cruzadas e movimentando o pé. Esse personagem olhou para o canto superior da tela e depois voltou a olhar para o jornal, passando a página.

### **7.3 Descrição da Oficina Terapêutica**

#### **7.3.1 Anotações gerais**

A oficina observada se intitula como oficina de dublagens. Nesta atividade, geralmente, é proposto aos usuários que dublem um determinado trecho passado pelo oficinheiro na televisão da instituição. O recorte visual não possui nenhum tipo de áudio e todos os equipamentos necessários e utilizados para tal execução (caixa de som, notebook, microfone, software para edição dos vídeos, televisão, equipamento para conversão de áudio e cabos) são de propriedade do psicólogo.

---

<sup>20</sup> Personagem 5: Homem sênior de barba e cabelos compridos na cor branca, média estatura e sobrepeso, possui bengala.

<sup>21</sup> Personagem 6: Homem sênior de barba e cabelos compridos na cor branca, baixa estatura.

<sup>22</sup> Personagem 7: Mulher meia idade, cabelos brancos preso em coque baixo, média estatura.

<sup>23</sup> Personagem 8: Homem sênior, careca, de óculos, possui um garfo forçado.

<sup>24</sup> Personagem 9: Homem sênior de cabelo branco e chapéu.

Antes da oficina iniciar, dois participantes já se encontravam na sala para participar e outros dois abordaram o profissional do lado de fora da sala para saber se a oficina iria começar naquele momento, “vai ter aula agora? Como ouvindo (outra atividade) é só as 10h, então a aula é aqui? ”. O psicólogo Lírio<sup>25</sup>, a estagiária Margarida<sup>26</sup> e a pesquisadora organizaram as cadeiras em um ‘círculo’ e chamaram o restante dos usuários para participar da oficina. O profissional também organizou os materiais que iria utilizar para a oficina em cima de uma mesa e balcão próximos à TV.

Todos os usuários demonstraram animação para a atividade. Inicialmente foi contabilizado 16 participantes na sala, porém ao longo da atividade mais 3 usuários participaram da oficina. Durante sua execução alguns saíram para atender telefone, ir ao banheiro e beber água. Dentre os 19 participantes da oficina, a grande maioria participou diretamente ou indiretamente na elaboração do vídeo – apreciação das falas dubladas, sugestão de recorte; outros comentaram a cena, mas não participaram da dublagem. Em determinados momentos alguns pacientes interromperam a atividade de dublagem. Ao total a oficina teve como duração 1 h.

### 7.3.2 Registro Detalhado

Será tomado como nota que os personagens dispostos nessa descrição da oficina diferem dos apresentados na descrição do vídeo. Na descrição do vídeo os personagens foram enumerados de acordo com a sequência de seu surgimento, não levando em consideração somente os que movimentavam a boca, mas sim a quantidade de personagens em cada parte da cena recortada. Já na oficina os personagens enumerados seguiram a ordem das falas e das dublagens realizadas pelos usuários.

O profissional começou a oficina dando bom dia para os participantes e perguntando como eles estavam. Alguns usuários responderam de forma breve, porém um começou a relatar um ocorrido dos últimos dias e que até aquele momento da oficina estava incomodando-o. O psicólogo acolheu a demanda do usuário e informou que após a oficina eles poderiam conversar sobre o assunto; ‘falar sobre isso não é momento da oficina, a gente pode falar disso em um pós-

---

<sup>25</sup> Nome fictício dado ao sujeito desta pesquisa.

<sup>26</sup> Estagiária no hospital dia.

oficina'<sup>27</sup>. Aproveitando que uma paciente levantou, o psicólogo solicitou que todos fizessem o mesmo e pediu para fazer um círculo. Deu-se início a um alongamento na parte superior dos membros e o profissional falou que durante a oficina eles iriam utilizar a voz, para isso seria necessário aquecer as cordas vocais, 'esquentar um pouquinho'. Solicitou-se novamente para que todos estivessem em pé e pediu para que eles vocalizassem as vogais das mais diversas formas, porque 'coloca o sentimento que a gente tem na voz, quem é tímido fala mais baixo'. Em seguida solicitou que cada participante pensasse na voz de um personagem e fosse à frente do círculo para mostrá-la aos demais que a imitariam depois. O primeiro paciente foi ao meio do círculo e disse 'eu tenho a força', os demais interpretaram o mesmo gesto e frase. Outras frases que apareceram em seguida: 'hello'; 'eu sou o Megatron'; 'hehehe (imitação de risada) eu quero um sanduiche'; 'O Fred, Fred, Cadê Bob, Fred? ', após essa última imitação os pacientes voltaram aos seus lugares e o psicólogo expressou 'já estão sentando todos?! Escolhendo o horário de finalizar o aquecimento?! '. Todos os usuários fizeram o alongamento.

Com o término do aquecimento o profissional perguntou se todos estavam prontos para iniciar. Nesse momento alguns pacientes relataram que gostariam de assistir os vídeos gravados anteriormente. O psicólogo explicou que em um outro momento eles poderiam ter acesso a esses vídeos, pois as gravações e edições ainda estavam em processo de ajustes.

Após apagar as luzes foi mostrado o trecho de 22 segundos da animação sem áudio. A cena tinha diversos personagens fantasmagóricos e um dragão, como foi descrito anteriormente. Os personagens eram de diferentes idades e jeitos (alguns tinham objetos em mãos) e pareciam falar sobre algo. Depois de exibir a cena algumas vezes, alguns relataram já ter assistido ao filme completo. O psicólogo perguntou que impressões eles tiveram; a primeira palavra dita pelos usuários foi 'reunião', as demais foram 'reunião de conselho, reunião de chineses, reunião de ranzinzas', 'velhos', 'dragão folgado', outro pensou em Erasmo Carlos. Lírio<sup>28</sup> enfatizou a ideia de não reproduzir, mas de criar algo novo; solicitou que observassem as expressões dos personagens, o movimento da boca na hora da fala. Questionou sobre quem seria o personagem com um ábaco na mão, eles responderam 'contador' e trouxeram que o dragão no vídeo era folgado.

---

<sup>27</sup> Ver anexo: Diário de Campo: Pós-Oficina (Pesquisadora).

<sup>28</sup> Nome fictício dado ao sujeito desta pesquisa.

Ao solicitar a participação de um dos usuários, prontamente um deles se voluntariou para dublar. O psicólogo mostrou então o primeiro personagem a ser dublado e iniciou as gravações. A fala feita pelo usuário foi algo como 'coitado de nós, como a gente pode estar aqui? ', o psicólogo chamou a atenção novamente para a expressão no rosto do personagem e como parecia que ele estava naquele pequeno trecho e no contexto com os demais. Foi problematizado pelos demais participantes o fato do dublador ser um homem e a primeira personagem do vídeo ser uma mulher. A estagiária Margarida<sup>29</sup> falou que isso não seria um problema, pois em algum momento da cena alguém teria que dublar o dragão. Alguns pareceram refletir sobre e voltaram a atenção para a atividade de dublar. Entretanto, um usuário levantou, se ausentou da sala e retornou com um caderno em mãos e o levou para mostrar ao psicólogo. Algumas das frases que estavam contidas no caderno eram em inglês. Lírio solicitou que no momento de dublar o próximo personagem, ele poderia trazer o material, mas deveria esperar sua vez.

Retornando às instruções, recortes, refazer e dublar novamente, a primeira fala do personagem 1 decorreu em: 'Olha, nós estamos aqui para quê, finalmente? Finalmente estamos aqui para agradar uns aos outros'. Contudo, a frase ficou muito extensa para o movimento e cena em que o personagem surge, então as últimas palavras foram cortadas. Deste modo, a frase no vídeo ficou 'Olha, nós estamos aqui para quê, finalmente? Finalmente estamos aqui', como a fala da personagem 1. Foi observado nesse momento a atenção e paciência do facilitador no que concerne à edição do áudio de acordo com a cena e as instruções passadas aos usuários; voltando e gravando novamente todas as vezes que o grupo sentiu necessidade.

O segundo usuário foi voluntariamente participar da atividade de dublar e trouxe o caderno que estava em suas mãos. Este foi instruído pelo profissional a observar qual personagem seria e qual o tempo de duração da fala; 'o que você acha que ele está dizendo? '. Profissional solicitava a todo momento que todos os usuários ao dublar poderiam criar algo novo ao observar a cena, além de pedir silêncio ao grupo sempre que necessário. A segunda fala elaborada para o personagem 2 trouxe duas palavras em inglês; '*sit down*' e a segunda foi '*my*', sendo pronunciada de forma mais estendida e prolongada. O usuário relatou, depois da

---

<sup>29</sup> Estagiária no hospital dia.

gravação, que o trecho dublado por ele ‘ficou bom, não ficou como um texto, mas a fala ficou boa. O negócio foi que eu não falei a frase completa’.

O terceiro participante expressou sua vontade de participar da oficina antes do segundo usuário concluir seu tempo de dublagem. A frase seguiu no mesmo modelo da frase dita em inglês pelo personagem anterior, em continuidade as falas em inglês: *‘no my cat, is my God, my friends’*. O profissional deixava em aberto a oportunidade de começar a gravar a frase do início ou continuar de onde tinham parado para completar a dublagem. Para realização e gravação da frase final do personagem 3 o usuário a reproduziu e refez repetidamente.

O quarto usuário que participou da dublagem começou a cantar uma música ‘eu não posso mais ficar aqui a esperar ’ para dublar a fala do personagem 4. Após essa participação o profissional perguntou se alguém que ainda não tinha dublado, gostaria de dublar. Então o quinto participante levantou e decidiu fazer a próxima fala, dublando, deste modo, o pensamento de um dos personagens, que aqui será chamado de personagem 5. O usuário murmurou a própria palavra ‘pensamento’, outras não compreensíveis seguidas de um balbucio. O oficinheiro acolheu e colocou um efeito diferenciado para que fosse notado para os demais o contraste de uma fala com um pensamento. A próxima usuária, que foi dublar o personagem 6, também discorreu uma fala mais balbuciada, como uma reclamação, antecipando a palavra ‘não’ para o personagem dublado.

Acompanhando a lógica de aparecimento dos personagens, o profissional repassou o vídeo com as falas feitas até aquele momento e pediu para que a sétima participante observasse o tempo de fala, já que em uma primeira tentativa foi excedido o tempo de movimentação do personagem, que era mais curto. Na sétima personagem o enunciado dublado foi ‘Gente, eu sou o ancião aqui’. Em outra tentativa a usuária trouxe a seguinte indagação e exclamação: ‘Interessante, eu sou a mestre, (...) só que ela fala bem brava né? Tem que ser bem brava! ’. A sétima frase dublada foi ‘vocês pensam o que? Eu sou a mestre! ’. Já o oitavo sujeito tinha uma fala muito rápida e deveria dublar o dragão, oitavo e último personagem com fala na cena do vídeo. Deste modo, ele elaborou como fala do dragão a seguinte frase: “e aí? Tem alguma notícia importante? ”.

Com a conclusão de todas as falas e o pensamento, a estagiária Margarida apagou as luzes e o psicólogo exibiu o trecho de 22 segundos para todos contemplarem a cena. Todos bateram palmas e rapidamente um dos usuários trouxe

a necessidade em concluir o vídeo com assobios que lembravam temas de velho oeste, pois para ele, aquele término de vídeo pedia uma música para conclusão – como quando são passados os créditos em um filme. Após o usuário terminar os assobios, todos os demais usuários bateram palmas. Porém o equipamento não ajudou na captação do som por não ser o adequado para aquela função, desde modo, quando a gravação foi executada, notou-se que a captura foi somente dos ruídos próximos ao microfone. Lírio sugeriu, então, que na próxima oficina poderia trazer equipamentos mais adequados para esse tipo de som.

Ao apresentar o vídeo completo para os usuários assistirem, todos ovacionaram o vídeo e deram risadas, principalmente da interação da fala do dragão com os demais personagens. Na fase posterior à dublagem o psicólogo questionou essa história elaborada pelos usuários que trouxeram: ‘foi uma história de várias peças, cada um dialogando sua parte’, ‘um trouxe uma fala em inglês, outro continuou, (...) fala que é a mestra e termina como se tudo não fosse importante, lendo jornal’. Outro usuário relatou que ‘ficou muito legal o dragão’.

Novamente, após a conclusão das dublagens e com o vídeo completo, Lírio questionou se alguém viu algo a mais no vídeo, ou diferente, e uma paciente que tinha chegado na metade da atividade se pronunciou falando que ‘eu vi uma reunião de seres celestes/ancestrais e no final esse dragão que foi tomar conselho com eles e pegou um jornal para tirar onda’, outro paciente complementou sua fala dizendo ‘porque ele era o único vivo daí’, outro participante disse ‘ou porque eles estavam falando muita besteira’. E nesse momento os demais usuários começaram a rir.

Nos momentos finais o psicólogo questionou se alguém gostaria de compartilhar mais alguma coisa, como ninguém se pronunciou para falar do vídeo em si, o profissional mostrou o vídeo completo mais uma vez e a oficina foi encerrada devido ao horário. Logo após o término o psicólogo falou a pesquisadora, de forma breve, que pensou em pedir para os usuários refazerem a cena novamente, porém preferiu que fosse mantida a espontaneidade das falas.

#### **7.4 Discussão da Primeira Entrevista**

A primeira entrevista teve como objetivo capturar aspectos da vivência pessoal do sujeito com a psicologia, a construção da técnica utilizada e sua trajetória no campo da saúde mental. Além de apresentar como foi planejada a oficina terapêutica em questão.

Os fragmentos apresentados na sequência de surgimento ao longo da entrevista foram separados em três grupos temáticos: 1) a trajetória profissional do psicólogo, 2) a construção da técnica e 3) seu percurso na saúde mental. Vale salientar que os recortes serão discutidos com o objetivo de apresentar uma síntese dos principais temas que atuam na dinâmica da construção e planejamento da oficina terapêutica. Em síntese, a proposta desta seção, é apresentar a história profissional, história da técnica e as questões que perpassam o sujeito nos momentos anteriores à oficina. Na primeira pergunta foi questionado sobre a trajetória profissional do sujeito, primeira temática, e o tornar-se psicólogo para o sujeito.

PESQUISADORA: Então para dar início aqui nossa entrevista, eu gostaria de estar conhecendo um pouquinho dessa tua trajetória profissional de como foi esse tornar-se psicólogo, né? Gostaria de saber como foi que você escolheu pelo vestibular de psicologia. Como foi esse processo de escolha?

ENTREVISTADO: Então, Psicologia tinha sido um curso pensado para mim logo de início assim que acabei o colégio, mas eu não tentei para o vestibular, acabei pensando em outras coisas (..) enfim, uma profissão que me chamava muita atenção era produção fonográfica. E após, enfim, tá formado na área eu decidi fazer alguns períodos do curso de psicologia simplesmente para ter um pouco mais de conhecimento. Mas aí quando eu entrei na faculdade (...) eu acabei, optando pelo, enfim, pela graduação e acabei seguindo assim. Foi uma coisa que durante o curso foi se construindo essa ideia de ser psicólogo assim, que durante muito tempo, enfim, eu não entendia muito bem como era trabalhar com isso.

Neste trecho o sujeito abordou que anterior ao curso de Psicologia foi feito o curso de Produção Fonográfica, informação importante para compreender a relação do sujeito com as atividades áudio visuais utilizadas na oficina de dublagem. Relatou também que a opção pelo curso de Psicologia foi decorrente da busca por “mais” conhecimento. Neste sentido, é interessante notar que “ser psicólogo” emergiu no enunciado como uma imagem marcada por certa nebulosidade sobre a forma de trabalhar. A opção pelo fim da graduação não parecia, necessariamente, a adoção de uma identidade profissional, mas um acontecimento prenhe de interrogações que convergiram, como será observado mais adiante, para o entrecruzamento das duas formações na prática das oficinas em Saúde Mental. Neste sentido, a Psicologia apareceu como uma outridade que foi acontecendo na trajetória de vida do ator e não especificamente uma escolha, com uma agentividade, mais acabada sobre seus horizontes profissionais.

Logo após a conclusão da fala anterior, o sujeito trouxe de modo livre seu primeiro contato com a saúde mental, terceira temática proposta nesta discussão. Fez referência a uma disciplina que marcou seu período de graduação.

ENTREVISTADO: Sobre saúde mental especificadamente, no primeiro período que eu tive (..) tive uma cadeira chamada Etnopsicologia e ele estava bem afrente de toda reforma psiquiátrica feita aqui, ele até foi meu orientador no projeto de conclusão do curso que foi sobre, enfim, basicamente essa história toda da loucura, bem Foucault. E eu me encantei muito pela área de saúde mental, então eu acho que meu desejo maior durante o tempo de formação foi trabalhar em instituições de saúde mental especificadamente.

Neste contexto, chamou a atenção a marca que uma cadeira vivenciada no início do curso, em sua primeiridade efetiva, atravessou toda sua formação. ‘Eu me encantei’ parece aludir a uma experiência de ser escolhido para além do que as justificativas poderiam falar, numa agentividade afetiva anterior “essa história toda da loucura”. Como se a saúde mental enquanto área tivesse um apelo afetivo mais intenso que a própria identidade do “ser psicólogo”. O uso de advérbio de intensidade (muito) à frase “história toda da loucura”, parece aludir a uma intensidade de reconhecimento do apelo desta outridade profissional.

No momento seguinte, posterior à fala que retratou o início da graduação, o sujeito abordou, de modo mais detalhado, sua trajetória ao longo dos estágios que coincidiram com a temática da saúde mental. Observando que há uma relação entre a trajetória profissional (temática 1) e a saúde mental (temática 3) ao longo das vivências do sujeito.

ENTREVISTADO: A oficina de dublagem foi criada no período de estágio no Jardim<sup>30</sup>, mas acabou sendo um norte para um monte de coisa que eu fiz.

Este trecho retratou o período inicial de construção da oficina de dublagem. O grupo que compõe esse elemento é a temática 2. De modo breve o sujeito refere que pensou na proposta da oficina durante o estágio realizado na instituição ao qual é funcionário atualmente e que esta experiência se tornou um ‘norte’ para as demais vivências do sujeito. Ele relatou, posteriormente, que fez o trabalho de conclusão para pós-graduação voltado para o uso de tecnologias em oficinas terapêuticas e que o seu artigo para a segunda pós, que está concluindo, também vai ser sobre essa oficina, apesar de fazer esse relato de forma mais ampla. É possível notar que mesmo após a época de estágio, a oficina de dublagem continua a se manter

---

<sup>30</sup> Nome fictício, instituição onde o psicólogo trabalha.

presente não só nas atividades realizadas na instituição que o sujeito é funcionário, mas também nas vivências exteriores.

PESQUISADORA: Então, o teu interesse pela psicologia surgiu antes mesmo de tu concluir o ensino médio, né? Mas você consegue lembrar um pouquinho de como foi que surgiu? Tinha entrado em contato com alguém, com algum psicólogo, ou algo do tipo?

ENTREVISTADO: Então não vou saber te precisar datas, (...), mas eu participei de um processo de psicoterapia por volta de uns 11 anos e eu não consigo me lembrar do tempo que eu fiquei lá. (...) nesse processo eu fiquei com muita vontade assim de fazer psicologia. Entendia como um espaço de cuidado, como algo que tava me fazendo tão bem, que eu queria fazer isso também com as pessoas, foi meio esse processo assim, mas tinha muita resistência familiar para o curso de psicologia, assim, muita. Na verdade, eu comecei até iniciando jornalismo, e (...) enfim, no segundo período de jornalismo eu fiz 'não, não é isso que eu quero', fui para produção fonográfica, mas ((fungada)) o desejo surgiu por ter feito psicoterapia.

No recorte acima, que faz alusão a temática 1, o sujeito relacionou à Psicologia elementos como cuidar e 'fazer bem' em divergência da outridade familiar que fazia posto de resistência a essa opção de curso. Deste modo o sujeito relatou que fez um curso anterior ao de Produção Fonográfica, demonstrando uma multiplicidade de cursos e direções antes do sujeito trilhar o caminho da Psicologia. Quando questionado sobre o que viria ser psicólogo, o entrevistado referiu:

ENTREVISTADO: Então, eu acho que minha concepção do que é ser psicólogo (...) vem mudando muito desde antes de iniciar o curso até agora assim, eu não acho que tenha algo estabelecido (...). Mas eu penso que de início eu tava muito grudado ao arquétipo do herói, do salvador, né, como um psicólogo como aquele que vai ajudar todo mundo (...). Mas, não sei, depois do curso, depois de estar trabalhando na área acho que o psicólogo, ser psicólogo, é estar presente mesmo. É uma pessoa que consegue estar ali com outra por inteiro. A gente está vivendo nesse mundo que ninguém consegue escutar ninguém, com tanta informação rápida, tudo é muito superficial, né? Eu acho que a nossa prática é muito voltada para o aprofundar, né? Por estar ali com o outro valorizando cada narrativa do outro, cada história. Eu acho que isso é o ser psicólogo.

A reflexão do sujeito sobre a profissão de psicólogo está enlaçada em metáforas e vivências pessoais que perpassaram tanto no momento de formação, no curso, quanto na experiência profissional adquirida no estágio e posterior a esse espaço. Mais uma vez o ser psicólogo e a Psicologia estão sendo perpassados pelo signo do cuidado e pela metáfora do herói que é 'salvador' e que 'vai ajudar todo mundo'. Reafirmando a ideia dita anteriormente sobre a Psicologia como 'espaço de cuidado' e que 'faz bem'. Além de relacionar com a dinâmica da sociedade de tratar tudo de modo superficial, como solução a isso, o sujeito trouxe a prática do

psicólogo como algo voltado ao aprofundar e ‘estar ali com a outra por inteiro’. Em seguida a pesquisadora questionou quanto tempo o psicólogo estava atuando no campo da saúde mental.

ENTREVISTADO: Eu me formei no final de 2016 (...), agora eu estou no Jardim, além do consultório. Mas, assim, estágio desde o primeiro período eu comecei a estagiar. E sempre foi, enfim, voltado para essa área de saúde mental, então é isso.

Foi notado nesta fala do sujeito que a relação das temáticas 1 (trajetória profissional) e 3 (percurso na saúde mental) ocorreu ainda no primeiro ano do curso de Psicologia. Destacando desde o início do curso seu vínculo com a saúde mental. O recorte abaixo continua a abordar questões minuciosas da trajetória profissional (temática 1) do sujeito desta pesquisa.

PESQUISADORA: (...) O que você considera que seria o mais importante para a gente estar sabendo da tua carreira?

ENTREVISTADO: Agora o que eu considero o mais importante da minha carreira?! ((sorriso)). Eu achei tão engraçado isso. Não sei, assim, sei nem o que pensar nisso. Mas uma coisa que eu sinto que foi um divisor de águas para eu ser reconhecido em alguns espaços foi a oficina de dublagens. Acho que isso foi importante (...). Mas não sei assim. Eu acho o seguinte, o lugar que eu senti que me formou como psicólogo, que eu aprendi (...) que minha prática é muito do que eu aprendi baseada no local, realmente foi o estágio do Jardim. É isso assim, para mim foi o que eu realmente encontrei o que eu queria realmente fazer.

Os enunciados do sujeito, ao longo das duas entrevistas, são marcados pela incerteza, como será possível observar ao longo dos próximos recortes. É observado um não saber o que pensar, ao mesmo tempo que elabora que a oficina de dublagens foi, além de inovação, um marco para que o sujeito fosse reconhecido. Novamente são frisados o nascimento e a singularidade da técnica neste ambiente de trabalho que proporcionou também ao sujeito um extenso aporte de vivências/práticas, além do reconhecimento pessoal sobre o futuro profissional.

Após ser questionado pela pesquisadora sobre as principais atividades executadas por ele na instituição em que trabalha o sujeito relatou que está à frente no programa de Álcool e Drogas da instituição e que planeja e facilita duas oficinas nessa temática. Neste momento ele detalhou como e quais materiais estão envolvidos nesse processo dessas oficinas. Dentre outras atividades realizadas no espaço o sujeito elencou que faz parte de reuniões de equipe, supervisões mensais com psicólogos, elaboração de documentos por parte da equipe técnica e

evoluções. Relatou também que faz parte de projeto chamado Centro de Convivência idealizado junto com outro psicólogo. O sujeito informou que o objetivo desse Centro é sair com os usuários para visitar outros ambientes além da instituição Jardim e para realização dessas saídas uma programação é realizada no mês anterior em conjunto com os usuários. De modo geral esse trecho faz alusão à temática 1 (trajetória profissional) cujo o sujeito compartilha e detalha as atividades realizadas voltando sempre a atenção para os usuários em contexto de saúde mental. Observou-se a presença temática 1 e 3 no recorte do enunciado seguinte:

PESQUISADORA: Pensando um pouquinho nesse teu trabalho em saúde mental, quais são teus maiores desafios?

ENTREVISTADO: (...) como se trata de um novo modelo de promoção de saúde, um desafio é lidar com o novo; vai dando uma insegurança, 'será que eu estou indo pelo caminho certo? '. São muitas escolhas que a gente tem que fazer todos os dias. No espaço como o Jardim a gente tem muita oportunidade de troca, assim, com a equipe. A equipe é sempre muito próxima.

Quando questionado sobre os desafios o sujeito alude mais uma vez, no seu enunciado, a incerteza em relação as propostas que envolvem a temática da trajetória profissional e da técnica em contexto de saúde mental. E contrapondo essa insegurança vem a equipe de profissionais e a instituição que possibilitam um ambiente favorável as trocas que parecem dar uma segurança maior na atuação nessa área. Deste modo, a incerteza e a permanente indagação acerca do trabalho parecem centradas no momento em que o profissional foi audiência de si, num exercício de autocontemplação, ao mesmo tempo em que tais questões não parecem ser eliciadas pelas outridades profissionais presenciais de seu contexto de trabalho. Ao ser questionado sobre a oficina terapêutica e quais os desafios existentes no ato de planejar e executar, o psicólogo trouxe:

PESQUISADORA: Quais os desafios que você sente nessa prática?

ENTREVISTADO: (...) Primeiro ponto eu acho que é tempo, para a gente conseguir ser criativo não é só parar um tempinho e '*ah, vamos criar alguma coisa*'. Precisa de um tempo, a gente precisa estar bem, né. Vem um monte de '*leseiras*' na cabeça até a gente conseguir filtrar tudo e ter algo assim. E eu acho que as oficinas elas demandam muito algo assim.

Nesse recorte o sujeito relatou que para conseguir elaborar e planejar as oficinas foi necessário separar um tempo e 'estar bem' para realizar tal atividade. Deste modo, planejar e pensar em uma atividade terapêutica demandou, segundo o sujeito, certa atenção e dedicação por parte daquele que propõe a oficina. Que para

além de pensamentos e ideias foi necessário 'filtrar tudo' para chegar ao ponto de uma atividade planejada. Neste sentido, a técnica surgiu como demandante de uma temporalidade própria, posto que em sua dimensão de *affordance*, requer sempre sua reconstrução à luz da atualidade de seu uso, de sua audiência. Se por um lado ela nasceu da trajetória profissional marcada por uma multiplicidade de formações no horizonte do oficinairo, por outro lado, ela pareceu colocar para ele certo trabalho de reelaboração, um por-fazer próprio ao desafio do encontro real e concreto com a outridade dos usuários sob sua atenção. Outro desafio descrito pelo sujeito foi:

ENTREVISTADO: Então, enfim, tem que ser bem pensado. Uma outra coisa, né, é porque é isso, ao mesmo tempo que a gente pensa nisso, e como é importante pensar, muita coisa sai completamente do controle. As vezes uma expectativa que você tem que vai dar em algum canto, mas dar em outro completamente diferente, né. Acho que a oficina terapêutica tem muito disso.

Esses desafios são componentes da segunda temática e abordam a dinâmica por traz da construção das oficinas terapêuticas pelo profissional. Nesses recortes foi possível observar critérios que perpassaram pelo sujeito na hora de delimitar qual atividade seria realizada, quais materiais seriam necessários e qual a expectativa diante do que ocorrerá de fato na oficina. Isso ocorreu devido à incerteza que perpassa pelo profissional que não tem controle sobre qual direção a oficina irá tomar como rumo, mesmo planejando e executando um *script*. A oficina 'tem muito disso' de perpassar a indeterminação. Tal indeterminação é marca da intersubjetividade que é construída na singularidade única de cada encontro, se a técnica promove uma mediação, esta não se coloca como garantia de previsibilidade para além do *setting* da oficina terapêutica. Em seguida, ao ser questionado sobre os sentimentos envolvidos ao exercer a atividade oficinaira, o sujeito referiu:

PESQUISADORA: Outra questão, outra dúvida, como você se sente quando está realizando essa atividade? Quais são os sentimentos que te vem? Como que você se sente ao exercer essa atividade?

ENTREVISTADO: Então, já que eu sou algumas pessoas dentro de uma só, como todos nós somos, eu tenho sentimentos bem distintos, assim. Então eu me sinto muito desafiado. Muito desafiado em toda oficina que eu faço, assim, porque ((fungada)) uma das coisas que a gente falou em uma outra pergunta que você fez, era '*caramba, estou indo pelo caminho certo?*', '*Eu podia fazer outra coisa?*'. Quando alguém fala alguma coisa, caramba, estimula a continuidade, tipo, '*até onde eu devo estimular eles a criar um tema ou a seguir um tema que eles já criaram?*'.

No recorte acima explicitado foi possível observar a ambivalência existente entre o se sentir desafiado e a incerteza de saber se está descolocando pelo caminho correto. As outridades também estão presentes nessa temática 2 quando o sujeito alude à “quando alguém fala alguma coisa” que possivelmente seria um enunciado perpassado pelas outridades (usuários e instituição) que estão fortemente conectadas à construção da técnica. Neste sentido, destacou-se que a intersubjetividade gerada pelas outridades da oficina pareceu não cessar de colocar questões para o profissional. Neste sentido, foi nas ressonâncias dessas vozes na intimidade de um eu-para-si, estimulada pela situação de entrevista, que a ambivalência sobre a efetividade “do caminho certo” pareceu se intensificar. Ainda continuando a ideia anterior:

ENTREVISTADO: Nunca consegui chegar num ponto, com o melhor formato, tem dias que funciona melhor de um jeito, tem dias que funciona melhor de outro. E o sentimento também que eu tenho (.) eu tenho certa felicidade, assim, certa alegria em estar fazendo a oficina. Quando eu estou lá, assim, é legal pensar que um projeto que foi construído e que está dando certo, quando eu vejo os usuários querendo dublar, eu penso *'caramba que massa ter pensado em uma proposta como essa que comove as pessoas e as pessoas sentem um prazer'* e isso dá suporte nesse processo terapêutico. Enfim, em alguns momentos eu sinto isso, em outros eu sinto uma grande insegurança ((sorriso)) de estar fazendo, acho que é por aí assim. São sentimento confusos, mas estão bem presentes.

Esses fragmentos explicitam os sentimentos que o sujeito vivenciou ao longo da dinâmica do processo de planejar e executar uma atividadeicineira. Mostrando-se no enunciado presente elementos de carga ambivalente; a felicidade pelo projeto de oficina dar certo e a insegurança por traz dessa mesma atividade. No trecho a seguir foi questionado ao entrevistado o que o instigava a realizar as atividades de oficina terapêutica:

ENTREVISTADO: Conseguir produzir um material coletivo dentro de um espaço de saúde mental que o grupo se sinta satisfeito e se reconheça naquilo é um grande desafio. Acho que a oficina de dublagem proporciona isso. Acredito que daí venha boa parte da instiga.

Nesta fala, pode-se interpretar a ideia de “material coletivo” e “reconhecimento” como marca do horizonte dialógico, de convergência das alteridades na construção de algo comum, com o pretendido pelo profissional. A construção de ressonâncias produtoras de reconhecimentos mútuos parecem ser uma paisagem importante para a realização das oficinas na perspectiva do

facilitador. Sendo próprios da esfera da intersubjetividade, não como fusão, mas como possibilidade de diálogo mediante as diferenças. E especificadamente, ao ser questionado sobre a construção e idealização da ideia de oficinas de dublagens, temática 2, o sujeito expôs:

ENTREVISTADO: Então, vê só, o meu primeiro curso foi em produção fonográfica. Então eu trabalhava com som, eu nunca trabalhei especificadamente com dublagem, mas sempre foi um desejo meu. Então, assim, eu lembro que quando eu era pequeno, eu brincava muito de tirar o som da TV e ficar dublando. Então, na época de estágio a gente é estimulado a criar uma oficina, e aqui a gente tinha, na época, a supervisão de Azálea<sup>31</sup>, né, para (.) enfim, desenvolver isso junto. Aí na minha época eu pensei *'como é que eu junto essas duas coisas?'*. Aí acabou com a ideia de dublagem e seguiu assim. Azálea deu uma boa elaborada nisso tudo, que era um projeto meio perdido, assim, eu queria fazer uma dublagem, *'mas porquê?'*, *'nem sei muito'*. A gente foi meio que construindo assim.

O trecho acima abordou questões do processo e da técnica por trás da construção e do planejamento das oficinas (temática 2), além de referir questões de vivências passadas e da trajetória profissional. Uma carga afetiva foi atribuída quando o sujeito se questiona em como fazer uso do curso feito anteriormente e do desejo de menino que atravessa suas escolhas agora quando adulto. Foi notória a percepção da importância do curso de Produção Fonográfica no ato de contribuir para o manuseio dos equipamentos ao longo das oficinas. Neste enunciado, as oficinas de dublagem surgiram, então, como uma síntese de moções idiossincrático-afetivas, de atravessamentos profissionais contingentes ao contexto de trabalho “projeto meio perdido” e sua motivação pela integração de trajetórias aparentemente tão distintas “como é que eu junto essas duas coisas?”. E sobre a primeira oficina de dublagem realizada o sujeito referiu que:

PESQUISADORA: E como foi tua primeira oficina de dublagem? Você lembra?

ENTREVISTADO: Então, a primeira, primeira oficina de dublagem eu fiz para os estagiários ((sorrisos)). Era meio que um piloto para a gente entender como é que funcionaria, então a gente fez no espaço de supervisão. Aí já foi bem legal, assim, é (.) algumas coisas confusas, ainda se encaixando, mas a gente já via que iria fluir assim. Era uma proposta que envolvia sim.

Notou-se que desde o primeiro momento em que o sujeito demonstrou sua proposta ao grupo de estagiários até a técnica utilizada atualmente houve bastante mudanças. O experimento realizado na supervisão do estágio serviu como

---

<sup>31</sup> Coordenadora na Instituição na qual o psicólogo trabalha.

parâmetro para organizar não somente as ideias, mas também de modificar e aprimorar a técnica para além da construção de uma marca pessoal ao seu trabalho. Por se tratar da relação e da experiência do sujeito com a técnica foi observado a relação deste trecho com o grupo temático 2 (construção da técnica). Em seguida o sujeito foi questionado sobre os sentimentos que perpassaram naquele primeiro momento.

PESQUISADORA: Qual foram teus sentimentos nessa primeira oficina que você fez? Mesmo sendo voltada para os estagiários, você sentiu o que?

ENTREVISTADO: Insegurança ((sorrisos)). Eu ficava me perguntando *'por que eu estou fazendo isso?'*, *'meu irmão, será que isso é psicologia? Ou não é psicologia e eu só estou, sei lá, fazendo uma viagem aqui?'*. Então ficava um dos meus grandes questionamentos: *'Tá, como é que eu faço para isso aqui conseguir ser terapêutico?'*. Era uma coisa que Azálea me falava muito (.) que essa atividade por si só ela já era terapêutica, uma coisa que não estava no cotidiano das pessoas, que envolvia, assim, um trabalho coletivo, que colocava a voz das pessoas, o protagonismo era esse, que fazia as pessoas ressignificarem uma história, entrar em contato com esses conteúdos, assim. Enfim, ela fortaleceu bastante isso em mim, que era uma dificuldade que eu tinha bastante assim de início, *'meu Deus, você era estagiário e está propondo algo que você nunca viu'*, né, era meio que um tiro no escuro.

O trecho acima aborda, em específico, sobre a oficina de dublagem e a técnica utilizada nesse tempo de oficina. O sujeito referiu em específico a necessidade de relacionar o uso da técnica em jogo nas dublagens às oficinas terapêuticas como “uma coisa que não estava no cotidiano das pessoas”, através da outridade e do excedente produzida pela voz da supervisora Azaléa. Desta forma, o trabalho em grupo possibilitava aos sujeitos colocar sua voz e serem protagonistas de sua história, ressignificando e entrando em contato com suas vivências através dos enunciados dublados. A inovação da técnica, ou ainda, “o algo que você nunca viu” emergiu como enunciado prenhe de sentidos sobre a importância da voz, da autoria dos usuários via a mediação incomum da dublagem.

Foi observado, desta forma, a temática 2 (construção da técnica) atuante neste enunciado, como algo próprio à singularidade de sua trajetória profissional, mas também, validado, vivenciado e reconhecido pelas outridades significativas do participante, a saber: a supervisora e os usuários. Mais uma vez, a indagação acerca da dimensão terapêutico-psicológica da prática, a insegurança e ambivalência sobre o sentido da experiência pareceu se constituir como um traço da reflexão sobre o seu fazer de modo mais amplo e, conseqüentemente, do próprio

nascimento da técnica, como abordado anteriormente. Sobre os elementos que participaram do processo de escolha do trecho a ser dublado, a pesquisadora questionou:

PESQUISADORA: Quais são os elementos que participam quando você escolhe o trecho a ser dublado?

ENTREVISTADO: Mas quando você vê uma cena dessa você já sente que ela lhe toca de alguma forma, né, tipo, meu Deus, alguma coisa acontece quando você vê? Aí eu tento buscar sempre acessar essas cenas, né, mas as vezes vem uma cena que, tipo, não sei (.) nem sei o que me toca, mas eu trago mesmo assim e vamos ver no que é que dá.

Neste trecho foi acompanhado a construção e adaptação da técnica (temática 2) mediante a necessidade do espaço, do tempo e do público. Como já visto anteriormente, a primeira oficina serviu como piloto para a elaboração de um modelo que fosse aplicável ao contexto de oficinas em saúde mental. No que diz respeito a forma de escolher os trechos/cenas foi possível observar que estes ainda circulam por uma atmosfera mais intuitiva em detrimento de escolhas pragmáticas. O campo da intuição circunscreve, delimita-se e mostra presente mais uma vez nas escolhas prévias do sujeito. O recorte que diz “ela lhe toca de alguma forma, meu Deus, alguma coisa acontece quando você vê” apontou para o lugar da uma impactação subjetiva impossível de ser reduzida conceitualmente e, por outro, numa aposta sobre a intensidade do que nem se sabe na outridade dos usuários.

Ao ser questionado sobre o recorte dos trechos, o sujeito relatou que todo o processo fica por sua responsabilidade, desde o recorte até a edição do vídeo anterior e posterior à oficina. E em relação ao equipamento/ferramentas de áudio visual que foram utilizadas em algumas oficinas, o psicólogo informou que pertencem a ele. Com relação ao planejamento, este relata que:

ENTREVISTADO: (...) é sempre um desafio, mas eu entendi que ele sempre me surpreende, eu sempre gosto de pensar no que eu espero, como é que vai ser a cena, as vezes eu fico dublando a cena na minha cabeça enquanto estou vendo. Mas é sempre COMPLETAMENTE diferente, assim, eu nunca (.) até esse tempo todo que eu venho fazendo ela, eu nunca consigo prever o que é que vai sair daí. (...) Mas a ideia (.) e tem isso, né, tem cenas que eu sinto *'meu Deus acho que isso aqui vai dar muito o que falar'* e quando vê é uma oficina mais travada, assim, parece que ninguém chegou em canto nenhum, assim ((sorrisos)). E outras que eu faço *'vamos testar, porque eu nem sei para onde isso vai dar'* e acessa muito forte assim.

Em contrapartida a todos os desafios e as ambivalências citadas anteriormente, para o sujeito, o ato de planejar oficinas também faz referência ao

que é surpreendente. Desde o momento de escolha do trecho, até o momento de ser dublado pelos usuários, tudo está envolto de uma camada de surpresa para o oficinairo, pois este relatou que mesmo dublando a cena previamente ele nunca foi capaz de prever o que de fato viria a emergir quando em contato com os usuários. Dentro dos elementos dessa segunda temática, construção da técnica, foi possível observar a participação da imprevisibilidade e da surpresa quando a proposta está em contato com os usuários. Com relação ao planejamento específico da oficina que seria acompanhada pela pesquisadora, o sujeito expôs:

ENTREVISTADO: Eu pensei em dois recortes e achei que a gente poderia escolher os dois juntos o recorte. Uma foi uma que (.) o que eu pensei, já que você vai usar essa imagem para um projeto de mestrado, eu fiquei no receio de utilizar algum filme (...), mas que não esteja em domínio público, então você não pode citar ele. (...) O de domínio público que eu escolhi foi esse do ano de 1939. Então é uma cena que tem muitos personagens, né, que tem tipo muita cor (.) que cor, eu sinto, que é uma coisa que joga a gente para esse lado mais lúdico, da fantasia, então as pessoas se sentem mais soltas para falar. E já que é uma cena do chapeleiro com Alice, com os coelhos, com tudo assim, é uma cena que a gente pode estar falando de qualquer coisa mesmo. Além de ter elementos de som que a gente pode construir, então a gente vai poder ter um pouco mais de acesso de elementos da oficina, é (.) enfim, pode ir para qualquer lugar.

Neste fragmento do dado o participante destacou o lugar da outridade da pesquisadora de forma bastante acentuada. A alusão ao mestrado, ao domínio público das imagens, pareceu indicar não somente certo receio acerca do olhar da investigadora, como também a tentativa de compartilhar a própria ação de seleção das cenas da oficina em planejamento com a pesquisadora, marcando o lugar desta última como co-participante e, assim, numa certa medida, co-autora da dinâmica em formulação. Destacou-se também, nesta passagem, que sua aposta seletiva de cenas se deu por um sentir, “eu sinto que é uma coisa que joga a gente para esse lado mais lúdico”. Uma intuição e uma forma de saber que desafiou os esforços de significação/compreensão do próprio oficinairo, provocando certa insegurança ou ainda inquietação acerca dos seus efeitos na outridade dos usuários e, no caso, no olhar da investigadora. Com relação às metas da atividade:

ENTREVISTADO: O desafio (...) a gente conseguir fazer com que isso se harmonize, tem que ter uma história toda e criar uma história coletiva. Então, mesma coisa que eu falei, ‘*qual o desafio disso?*’. É fazer com que cada pessoa ela consiga se sentir representada naquela produção, né, se não, não é dela. Então eu acho que é isso, conseguir fazer com que todo mundo participe.

Foi observado que além das metas, o sujeito abarca mais elementos que circundam o modelo de técnica proposto por ele na oficina de dublagem. Desde a duração até os aquecimentos a serem realizados, formulando uma espécie de esquema no qual a oficina foi composta não somente pela técnica, mas também pelo aquecimento. Frisando que o objetivo da oficina como um todo foi criar uma história coletiva, tendo em vista que é um grupo que está ali participando da atividade e não o individual. Além de que para que seja possível a ideia de dublagem, as falas têm que seguir e puxar algum gancho, tendo em vista que essa oficina não trata de uma atividade de ventriloquismo e sonorização (“fazer com que todos participem”). A história, portanto, deve ser construída pelo coletivo e aceita por todos os seus integrantes. Escolhendo, por fim, a cena do vídeo que foi descrita na seção anterior.

ENTREVISTADO: Então, nessa oficina especificadamente, o que é que eu pensei, foi que a cena vai remeter muito a um conselho, parece que as pessoas estão discutindo sobre algo para chegar em algum ponto, né. Eu acho que é um estímulo para criar um ambiente favorável para que eles possam falar sobre o que eles estão querendo decidir, assim, porque parece que é algo muito importante que está acontecendo, eles estão muito enérgicos, até agressivos assim na fala, para ver assim, e fazem contas. A ideia é meio essa, assim ‘*o que é que na minha vida, nesse momento, eu estou precisando decidir?*’. E decidir em coletivo que remete muito da oficina de dublagem, eles precisam decidir em coletivo e construir a história juntos. E na minha cabeça vem muito isso.

Este trecho foi recortado para exemplificar o movimento de imprevisibilidade e surpresa que perpassa o ato de planejar oficinas terapêuticas. Como foi visto no tópico anterior<sup>32</sup>, o psicólogo perspectivou que a trajetória da oficina iria perpassar por temas como ‘conselho’, ‘discussão’, uma reunião para decidir algo importante, contudo os usuários trouxeram temas mais relacionados ao ‘cômico’ e ao cotidiano, sem aludir, necessariamente, a uma discussão e decisão, conforme será visto na discussão da segunda entrevista. Neste sentido, o profissional tomou como potencialidade de compartilhamento o significado que ele extraiu das imagens, na expectativa de que tal *affordance* pudesse ser construída também na unicidade do encontro dos usuários com as imagens selecionadas. No trecho a seguir o sujeito trouxe mais elementos pertencentes a temática de construção da técnica:

PESQUISADORA: Você quer falar um pouquinho desses participantes da oficina?

---

<sup>32</sup> Ver Descrição da Oficina.

ENTREVISTADO: Alguns usuários mesmo, eles conseguem entender e participar da oficina (...) sem tanta dificuldade de entender, mas eu acho que a proposta aqui dentro é de que, mesmo os participantes que talvez não estejam pensando na construção dessa imagem coletiva, que eles possam mesmo assim dar voz ao que eles quiserem. Então é isso, a gente pensa que a oficina de dublagem você vai poder dar aquilo e você vai poder se escutar nisso.

Neste recorte o sujeito relatou que o objetivo da oficina foi proporcionar a todos os usuários um espaço de voz no qual eles se sentissem livres para dublar. Mesmo que o enfoque fosse sempre na construção e na harmonização do coletivo, as falas que fogem dessa 'imagem coletiva' também foram aceitas, tendo em vista que a proposta é criar um espaço de expressão vocal para todos que quiserem participar da oficina. Deste modo, a discussão buscou proporcionar ao leitor deste trabalho uma breve emersão sobre o espaço da instituição e a trajetória profissional do psicólogo sujeito desta pesquisa, bem como acompanhar os elementos dispostos na construção da técnica e o percurso deste sujeito no campo da saúde mental.

## **7.5 Análise da Segunda Entrevista**

Como foi dito na introdução deste capítulo, a análise dos dados coletados desta segunda entrevista partirá de uma premissa dialógica com ênfase interpretativa utilizando de três polaridades fundamentadas no dialogismo e na Teoria dos 5 A's de Gláveanu (2014, 2015). As polaridades apresentadas serão divididas em: 1) ator; 2) artefato/técnica e 3) as outridades.

A segunda entrevista realizada teve como objetivo apresentar ao sujeito os recortes da primeira entrevista (planejamento) em confronto com o diário de campo elaborado pela pesquisadora e pelo psicólogo que funcionaram como instrumento de captura da situação de oficina acompanhada. Em decorrência da quantidade de recortes a serem apresentados ao sujeito e da disponibilidade de agenda, esta entrevista foi dividida em três partes; a primeira com período de 1h e 30 minutos, a segunda 1h e a terceira 1h e 44 minutos.

### **7.5.1 Fragmentos Parte I (Segunda Entrevista)**

O primeiro trecho recortado, para fins de análise da primeira parte, iniciou com um questionamento da pesquisadora sobre a lembrança do psicólogo em relação a primeira fala dita assim antes da proposta da oficina terapêutica

acompanhada ser repassada. Um dos usuários relatou se a “aula” seria naquele espaço:

PESQUISADORA: Você consegue lembrar um pouquinho?

ENTREVISTADO: Sim, sim, eu lembro. Não lembro quem foi agora, mas eu lembro disso que é meio comum de acontecer na verdade. *‘Professor, tenho aula aí?’*. ((risos)).

Neste fragmento pode-se acompanhar um primeiro movimento de deslocamento por parte do sujeito. No momento em que trouxe um trecho de uma possível fala do sujeito o psicólogo põe em prática a dinâmica de refração da outridade que diz respeito a sua construção como sujeito, bem como da relação das suas percepções e valores com o modo em que experiencia o mundo. A parte em que relatou “é meio comum de acontecer” diz respeito a continuidade/temporalidade que ocorre nas situações de oficina. A estrutura física do espaço, o quadro de horário e diversosicineiros, que compõe o quadro de funcionários da instituição e propõe atividades, remetem à ideia de escola.

O recorte a seguir fala sobre como o psicólogo percebeu os usuários naquela oficina específica. Relatou anteriormente que a oficina tende a possuir uma linha que vai sendo tecida ao longo da atividade, porém, naquele dia, o psicólogo percebeu os usuários bastante “dispersos” e “como se não tivesse essa linha muito bem estabelecida”.

ENTREVISTADO: Mas tende, a oficina, a ter um ((estalo com a língua)) uma linha, por mais que seja confuso em alguns momentos de entender, tem uma linha que vai tecendo aquilo. Nesse dia eu senti que as pessoas estavam tão dispersas que é como se não tivesse essa linha muito bem estabelecida, né.

Ao ser questionado sobre o sentimento em relação a dispersão dos usuários na oficina, o sujeito relatou:

ENTREVISTADO: Então, eu, particularmente, fico inquieto. Acho que eu tento trabalhar isso em mim há um bom tempo: de não ficar inquieto, de não ficar inseguro. Mas fico sim inquieto. Eu fico tentando, em geral quanto está nesse momento, eu fico tentando pensar no que é que eu posso fazer para mudar isso. No que é que eu posso fazer para conectar mais as pessoas à oficina. (...), mas, assim, em geral, puxar alguém que eu sinto que está olhando (...) *‘ei, fulaninho, o que você acha? Você pensou em alguma coisa?’*. Se a pessoa não quer ir lá, estimular, de *‘ah, tu pode dizer alguma coisa para o grupo e alguém ir lá gravar’*. Ou alguém que está realmente disperso e de você tentar puxar.

É possível observar que há neste trecho uma certa insegurança por parte do sujeito quando este se depara com uma situação que ultrapassa as fronteiras do

planejado, quando os participantes da oficina, inicialmente, não estão concentrados na realização da proposta. O sujeito refere que “fico inquieto” e “acho que tento que trabalhar isso em mim há um bom tempo: de não ficar inseguro, de não ficar inquieto” são exemplos da insegurança, ambivalência, como uma zona de sentidos nebulosos existentes no momento de oficina. Há também da menção ao tempo de continuidade de uma inquietação antiga em sua trajetória pessoal e que parece acompanhar todos os momentos de sua reflexão sobre a oficina desenvolvida. O trecho recortado diz respeito à primeira polaridade (ator) no qual o sujeito trouxe questões íntimas sobre seu fazer. O trecho seguinte foi uma continuação do enunciado anterior:

ENTREVISTADO: Mas ao mesmo tempo acho que é uma atividade que é importante a gente puxar mesmo, faz parte do nosso papel, mas, assim, a gente pensando que é um hospital dia, tantas coisas vão tocando as pessoas que as vezes é importante dar o espaço delas mesmas assim. E, mas enfim, estar nesse equilíbrio das coisas que para mim é bem difícil. Ainda hoje é bem difícil. Então, acho que é isso, assim, se eu fosse, eu não lembro exatamente como eu me senti, mas pensando agora como é que, conhecendo meus padrões, como eu acho que me senti: certa insegurança, pensativo no que é que eu poderia fazer de diferente.

Nesta passagem observou-se aspectos ambivalentes no enunciado do sujeito diante da questão referente à participação dos usuários na oficina terapêutica. Elabora que ao mesmo tempo em que foi necessário convidar a participar da oficina, “é importante dar o espaço delas, também se pergunta sobre a liberdade da adesão dos usuários sem forçar a presença deles, “estar neste equilíbrio das coisas”. Este conflito, convidar e deixar livre a participação, foi explicado pelo próprio sujeito na medida em que este relatou que essa dinâmica faz parte do cotidiano de um hospital dia (outridade institucional), referiu que “tantas coisas vão tocando as pessoas” que talvez exista a necessidade de refletir quando “puxar” o usuário para a oficina e quando é importante deixar a demanda livre. No trecho a seguir ao ser indagado pela pesquisadora sobre o sentimento que o perpassou no momento em que estava executando a oficina, este relatou que:

ENTREVISTADO: (...) é que é muito diferente você fazer uma oficina quando você está simplesmente fazendo uma oficina e quando você faz sabendo que tem uma pessoa ali olhando que você está fazendo na oficina. E isso é bem diferente. Não só uma pessoa que está fazendo uma pesquisa especificadamente, mas sei lá, às vezes na oficina um psiquiatra quer entender que oficina é essa, tipo, alguém da direção quer ver. É diferente, você dá uma travadinha. Você fica

*'meu Deus do céu'*. Eu lembro de tentar não ser tomado por essa energia, lembro muito, tipo, *'tá, vamos fazer como é e ponto'*.

Neste momento foi notório na reflexão do sujeito sobre as outridades estranhas ao cotidiano das oficinas, mas que são também audiência no curso da ação criativa. No intervalo em que o psicólogo relata que “é muito diferente” quando ele executa oficina e quando “você faz sabendo que tem uma pessoa ali olhando” representam para ele o olhar do outro, psiquiatra, pesquisadora. Neste sentido a outridade não emergiu no enunciado como uma perspectiva que trouxe um excedente, uma amplificação de seu olhar sobre o fazer da oficina, mas como uma dificuldade, quiçá uma ameaça considerando sua estranheza e a dimensão intuitiva do saber-fazer de sua prática oficinista. Em suas palavras: “É diferente, você dá uma travadinha. Você fica *'meu Deus do céu'*. Eu lembro de tentar não ser tomado por essa energia”. Na sequência o entrevistado falou sobre uma dificuldade relacionada ao fato de realizar oficina terapêutica.

ENTREVISTADO: Eu acho que o manejo, no Jardim Suspenso especificadamente, a desatenção, porque é uma oficina que requer muita atenção e o aquecimento eu acho que é fundamental para que a gente crie um clima de grupo, trabalhe essa questão da desinibição, que o pessoal comece mais a desenvolver essa espontaneidade, soltar um pouquinho mais a criatividade. Acho que o aquecimento faz toda diferença, para todos os locais que fiz a oficina, eu sinto que o aquecimento bem feito muda muito. Sendo que é muito difícil fazer um aquecimento lá.

Dentre a posição do eu facilitador e das diversas outridades existe uma mediação da técnica. E é essa técnica, o instrumento da oficina propriamente, um instrumento que circunda as vivências do psicólogo e que se torna uma espécie de outridade em função a ele, portadora assim, de certa alteridade em relação ao ator. Principalmente quanto este relatou que “a gente” uma duplicidade de agentes que transita entre o eu e a oficina em caráter de agentividade. A técnica, nesta passagem, apareceu para além de um instrumento passivo, estava voltado para uma mediação das relações, através do aquecimento, e uma dinâmica que tornou possível a construção de aberturas, “eu sinto que o aquecimento bem feito muda muito”. Nas situações seguintes da oficina, a pesquisadora exibiu novamente o vídeo com as falas dubladas pelos usuários e antes mesmo de prosseguir com a pergunta, o psicólogo relatou:

ENTREVISTADO: *Caramba*, sabe de uma coisa? Que eu não tinha percebido, não tinha pensando? Reparando, e agora vendo, parte

dessas pessoas que participaram dessa oficina são pessoas que normalmente não participam e que têm um comprometimento maior.

PESQUISADORA: E como é que você se sente ao ver e constatar isso agora?

ENTREVISTADO: Não, então, eu fico até, sei lá, mais feliz ((risos)). Eu fiquei pensando agora e *caramba* de alguma maneira o grupo permitiu que essas pessoas tivessem um espaço de fala. E talvez seja isso, se as pessoas que em geral participam da oficina tivessem participado teria essa coerência que a gente falou, essa estruturação maior.

Analisando esse recorte foi possível observar um movimento de surpresa do sujeito que iniciou o enunciado com a expressão “caramba”. Nesta situação notou-se o momento em que a emergência do novo surgiu para o sujeito em uma movimentação *aposteriori* da ação criativa. Algo que o sujeito não captou ao longo da atividadeicineira. E o sentimento que surgiu após essa constatação foi de felicidade, em contradição aos movimentos de insegurança e inquietação. Para além disso o sujeito refletiu sobre a interação do grupo naquele dia que “permitiu”, de modo geral, “que essas pessoas tivessem um espaço de fala”, que os demais usuários participassem da atividade proposta. Nesta passagem, seguindo com a entrevista, a pesquisadora perguntou como foi para o psicólogo trabalhar o aquecimento.

ENTREVISTADO: Então a gente mostra a articulação da boca, vai crescendo, vai do a até o u, que fica bem pequenininho. Então, assim, gesticular é muito importante. A forma como a gente fala cada coisa é importante. Não sei se foi nesse dia que eu falei a questão do não. É muito diferente você falar não e você falar NÃO. É completamente diferente. E na dublagem é somente isso que a gente vai utilizar. Acho que as pessoas precisam pensar nisso e estimular isso muito antes de iniciar a oficina para que esteja todo mundo.

Na fala acima o sujeito abarcou questões processuais anteriores ao ato de dublar, fazendo alusão à técnica e movimentos que perpassam o planejamento da oficina, que não somente diz respeito à atividade principal (dublar), mas envolve também um aquecimento para tal. No momento em que apareceu “gesticular é muito importante” o psicólogo falou da importância da entonação e de preparação dos usuários para a atividade.

No momento seguinte foi apresentado ao sujeito um trecho do diário de campo da pesquisadora em que diz “após essa última imitação os pacientes voltaram aos seus lugares e o psicólogo expressou ‘já estão sentando todos?! Escolhendo o horário de finalizar o aquecimento?!’”. Em resposta à apresentação deste recorte:

ENTREVISTADO: (...) eu acho que a oficina, ela pede uma postura, (...) mais espontânea, até pela proposta dela. Tem uma coisa do brincar, que é uma proposta brincar. Então, assim, acho que não tem condições da gente, da pessoa que está facilitando a oficina, ser uma pessoa séria, falando um monte de coisa e regras, porque não funciona. Eu acho difícil, na verdade, uma oficina terapêutica ser tão rígida assim. Mas tem algumas em que sim é necessário, mas na oficina de dublagem não, até porque cortaria totalmente o clima. E a ideia, se a gente for pensar no final das contas, a intenção da dublagem é brincar. Então, difícil é a gente entender o que é brincar primeiro, alinhado a esse conceito, porque brincar pode ser '*está fazendo nada*', mas não é isso. O brincar aqui é que desenvolve tudo.

Foi observado que a atividade oficineira, segundo o psicólogo, atravessou a questão da ludicidade, "a intenção da dublagem é brincar", trazendo para a ação uma entonação mais leve e espontânea. No qual o lúdico entraria como uma proposta implícita para a atividade terapêutica proposta pelo ator. A experiência estética apareceu neste fragmento na medida em que falam desta forma intersubjetiva que perpassa as formas de sentir do sujeito. Um sentir que diz respeito não somente ao que foi perceptivo e planejado, mas ao que funciona, neste parágrafo, como um dispositivo lúdico recriador dessa realidade. Na fala a seguir o sujeito dá continuidade ao fragmento do diário da pesquisadora citado acima.

ENTREVISTADO: Como é que é?! '*Já estão sentando todos?! Escolhendo o horário de finalizar o aquecimento?!*'. Mas é bem isso, (...). Parece que o grupo (...) alguma forma (...) não estavam ali, se não estavam a fim de fazer, nem se não é muita exigência, não se sentiram confortável em fazer os aquecimentos. Mas nesse momento eu sinto uma inquietação, sinto uma inquietação de verdade, porque é meio de que se a gente for para o nosso lado humano, não profissional, é, tipo, '*caramba, estou fazendo uma coisa aqui e vocês nem ligam*'. Mas o pior é que no final das contas é esperado isso. Não é algo que fugiu do controle. ((risadas)).

Neste momento o sujeito relatou sua inquietação diante da pouca adesão do grupo em relação ao aquecimento proposto. O psicólogo chegou a se deslocar para o eu-passado na fala "caramba, estou fazendo uma coisa aqui e vocês nem ligam" e aborda a questão do inesperado que o planejamento da técnica produz de ressonância nele. Além da ambivalência que circunda a questão do novo inquietante em detrimento do que já deveria ser esperado, "no final das contas (...) não é algo que fugiu do controle", que o sujeito refletiu com tom jocoso. O recorte a seguir diz respeito à fala do usuário que comparou a atividade oficineira a uma aula/escola. Eis o que o psicólogo comentou sobre:

ENTREVISTADO: As pessoas vão de alguma maneira aprender a viver, digamos assim, aprender a estar em relações sociais, que a

maioria das pessoas ali tem uma dificuldade muito grande de estar tendo essa relação. Então, de alguma maneira gente fica estimulando a atividade nas pessoas para que desenvolvam isso. Onde é que tu vai para um lugar em que você aprende a desenvolver alguma habilidade?! Escola.

As outridades aula e escola estariam presentes neste trecho fazendo alusão a uma parte do sujeito que está imersa na cultura e auxiliando o sujeito no seu processo de construção. Sendo assim, essas outridades estariam participando da constituição do sujeito bakhtiniano, que se trata de um ser sócio-histórico. Neste trecho foi possível observar a relação da aprendizagem com a prática de participar das oficinas terapêuticas, segundo a perspectiva dos usuários. Fator importante de ser observado é o cuidado e atenção do profissional com os usuários e a realidade vivida, “aprender a estar em relações sociais”.

No trecho a seguir, foi apresentado ao psicólogo o recorte do diário de campo em que a pesquisadora relata “a fala feita pelo usuário foi algo como ‘coitado de nós, como a gente pode estar aqui?’ ”. Esse fragmento aludiu a uma reflexão do sujeito mediante a uma fala dublada por um dos usuários no vídeo.

ENTREVISTADO: Então *‘coitado de nós, como a gente pode estar aqui?’*, se a gente for pensar que estamos nesse espaço, em uma instituição, em que está todo mundo ali precisando de suporte, é um espaço de saúde mental, onde as pessoas estão adoecidas, estão sofrendo para *caramba*. Então, *‘coitado de nós, como a gente pode estar aqui?’*, é bem pesado. Essa fala me vem, um primeiro momento, como isso. Mas é um achismo meu.

A comparação feita por aquele remeteu a uma simultaneidade, mesmo o espaço de saúde se tratando de um local de cuidado e suporte, há também a reflexão de que é o local “onde as pessoas estão adoecidas, estão sofrendo”. Deste modo, a fala do usuário, segundo oicineiro, estaria representando um sentimento pertencente a alguns participantes da atividade. É observado também a irrupção do inesperado que essa fala provocou no psicólogo que concluiu enfatizando “essa fala me vem (...) como isso”. Foi apresentado ao icineiro, no momento da entrevista, o trecho “olha, nós estamos aqui para quê, finalmente? Finalmente estamos aqui para agradar uns aos outros” que diz respeito a uma das falas dubladas por um dos usuários.

ENTREVISTADO: E aí? O que é isso? E se eu for pensar pelo mesmo caminho, o que danado é isso que eu estou fazendo aqui? Coitado de mim. E ao mesmo tempo ele é a pessoa que mais dubla e mais quer dublar. E *‘estamos aqui para agradar uns aos outros’*, essa parte é a que me chama mais atenção, principalmente vindo dele (...).

Fico pensando que se fosse hoje em dia eu perguntaria ‘e é, nós estamos aqui para agradar um ao outro?’.

O sujeito iniciou o recorte se questionando sobre o enunciado do usuário, “e aí? O que é isso?”. Em seguida veio a surpresa que perpassou pelo oficinairo quando este compara a fala dublada com o usuário interlocutor. O espelhamento entre a fala do usuário e as próprias ações de participar da oficina faz alusão a um inesperado diante das vivências anteriores do entrevistado. Em um movimento de deslocamento, o sujeito se colocou em uma posição de confronto com a atitude do eu-passado, “se fosse hoje em dia eu perguntaria”. Ao ser questionado sobre o que foi da ordem do terapêutico nesse processo de oficina, o psicólogo relatou:

ENTREVISTADO: Então eu fico pensando assim, ele se escutou falando isso, para a gente pode passar sem nem mesmo percebermos, mas eu acho que para ele não passa despercebido. Pessoa que fala isso e escuta, eu acho que essa é a intenção da oficina de dublagem na verdade. Você falou, você vai se escutar e vai se escutar algumas vezes. Você pode não prestar atenção no que os outros falaram, mas a sua fala você presta atenção.

Neste recorte a técnica estaria funcionando como um excedente de visão para os usuários da oficina, a partir do momento que ela funcionou como ferramenta que promoveu ao sujeito perceber o que estaria às suas costas. O movimento de deslocamento proporcionado pela técnica permite que a dublada para o sujeito “não passa despercebido” e aquilo que foi elaborado no enunciado será escutado pelo usuário algumas vezes, possibilitando uma reflexão sobre. Mais uma vez, a técnica foi abordada como se fosse portadora de certa autonomia em relação ao ator-oficinairo e provida de propriedades inerentes à sua funcionalidade expressiva.

Outro trecho do diário de campo foi apresentado ao sujeito “O psicólogo chamou a atenção novamente para a expressão no rosto do personagem e como parecia que ele estava naquele pequeno trecho e no contexto com os demais”. Neste momento da oficina o psicólogo solicitou ao usuário que estivesse atento as expressões e ao contexto o qual o personagem estava inserido e participava naquele momento do vídeo.

ENTREVISTADO: É como se olhando a tela, (...) ‘ah tá, está na vez desse personagem aqui, o personagem que é roxo’. A pessoa fala, e claramente você vê que ela está falando a fala do personagem azul, você fala ‘qual personagem você está dublando?’, ‘como é esse personagem?’, ‘o que ele está fazendo?’; para a gente ver se estamos falando do mesmo personagem. Pode (...) ser que eu ache que ele está dublando o azul e ele está dublando o roxo mesmo, na cabeça dele. E eu estou na minha viagem achando que não. Então é trazer, ‘olha, presta atenção, o que está acontecendo?’.

Foi observado mais uma vez o movimento do inesperado diante da nebulosidade que perpassa a atividade oficineira mesmo com todo o planejamento realizado. O inesperado surgindo como uma dúvida que o sujeito tenta contornar chamando o usuário para a atividade, “olha, presta atenção, (...) me contem, o que ele fez? ”. Deste modo, no decorrer da oficina o psicólogo elaborou mecanismos para além da técnica que o permitiu lidar com o inesperado que ocorreu na ação criativa. A intersubjetividade da relação eu-outro nesta passagem se pronunciou na tentativa de convergir as significações sobre o referente das dublagens junto aos usuários. Ainda referente a polaridade técnica e ao processo de dublagem dos personagens, segue o trecho abaixo:

ENTREVISTADO: (...) quais são os espaços que essas pessoas têm de falar; que elas podem falar simplesmente, falar o que elas precisam falar e querem falar. (...) elas precisam ter esse espaço, precisam muito, mas ao mesmo tempo, a gente precisa também dar o espaço para que elas falem e também precisa dar esse continente, esse contorno.

Simultaneamente surgiu neste relato a técnica como um movimento que possibilitou e permitiu ao usuário ter seu espaço para elaboração da dublagem ao seu modo, ao mesmo tempo que, em oposição, o psicólogo necessitou dar um continente, uma borda, um limite para que esta fala não extrapolasse as regras de construção de um diálogo, ou que fique totalmente livre e solto. O participante da oficina de dublagem tem liberdade para construir a fala, contudo é necessário “dar esse continente, esse contorno”. Por fim os recortes apresentados na primeira parte da segunda entrevista pós oficina terapêutica foram concluídos. Em seguida será apresentado a segunda e a terceira parte do último método realizado nesta pesquisa.

#### 7.5.2 Fragmentos Parte II (Segunda Entrevista)

Neste trecho da segunda entrevista pós oficina, os demais recortes dos diários de campo e da primeira entrevista foram apresentados ao sujeito. Enfatizando que, devido ao protocolo da segunda entrevista ser muito extenso, esta segunda entrevista foi dividida em três partes. Deste modo será apresentado agora a segunda parte do protocolo da segunda entrevista. Esse momento iniciou com uma pergunta da pesquisadora sobre o relato de um dos usuários da atividade

oficineira, “o usuário relatou que o trecho dublado por ele ‘ficou bom, não ficou como um texto, mas a fala ficou boa”.

PESQUISADORA: Quando você lê agora, o que você sente desse relato?

ENTREVISTADO: (...) E tem essa coisa de ‘*caramba, ficou bom*’, então você tem um orgulho daquilo que você fez e isso de alguma maneira organiza, porque você vai se reconhecendo. Acho que uma das coisas do processo terapêutico, em oficinas desse formato, é (...) a gente, de alguma maneira, se testando, colocando e fazendo coisas que não fazíamos antes, a gente se reconhece, porque a gente pode ver o que a gente fez, como ele. Ele faz, tenta algumas vezes, vai gravar e depois ele para e olha. Então ele se percebe no mundo. Então eu acho que isso é o mais legal.

Nesta passagem, pode-se destacar, numa linguagem bakhtiniana, certa nuance do excedente de visão presente no trecho em que o sujeito relatou que “a gente se reconhece, porque a gente pode ver o que a gente fez, como ele”. Neste momento, tudo que está às costas do sujeito foi vislumbrado através do deslocamento exotópico, o sujeito conseguiu então se reconhecer e se perceber no mundo; parar e olhar. Neste relato há também a presença de ambiguidade existente nos pronomes ele e você que são utilizados pelo sujeito. Nos fragmentos enunciativos: “então você tem um orgulho daquilo que você fez”, “porque você vai se reconhecendo” e “então ele se percebe no mundo” foram encontrados pronomes ambíguos, não ficando nítido se o sujeito estava se referindo a ele ou ao usuário que participou da atividade de dublagem. Pode-se inferir, assim, certa especularidade na relação entre oficineiro e outridade usuário no processo de reconhecimento, como se um fosse uma necessidade estética absoluta para o outro, numa gramática mais bakhtiniana. Outro aspecto que chamou atenção foi a importância da expressividade nessa atividade oficineira e a versatilidade do psicólogo em acolher os usuários nas mais diversas situações. O próximo fragmento foi continuação do enunciado anterior.

PESQUISADORA: E você sentiu o que com essa fala?

ENTREVISTADO: Difícil dizer o que eu sinto quando vejo, mas pensando nesse usuário especificadamente, quando olho, o que me vem é algum sentido de ‘*caramba, que massa ele está seguindo, ele está tentando, ele está se reconhecendo*’. Enfim, é algo positivo. Eu fico aqui na dúvida, será que era legal ter conseguido gravar a frase toda?! Mas ao mesmo tempo, no espaço, não tinha como ele gravar a frase toda ((risada)). Não tinha condições alguma. É o que deu, reconhecer que foi o que deu, é isso, então.

Foi observado neste trecho a aparência das ambivalências quando o sujeito relatou que “difícil dizer o que sente”, porém em contrapartida referiu que algum sentimento surgiu, mesmo conseguindo nomear somente de modo parcial, “é algo positivo”. Outro fator intrigante foi a oposição existente que apareceu neste recorte quando o sujeito questionou se deveria deixar “gravar a frase toda” e “não tinha como ele gravar a frase toda”, seguido de uma risada. Deixar os usuários executarem o ato de dublar livremente implicaria, deste modo, em uma oposição ao objetivo de propor que atividade seja uma construção de um diálogo coletivo, “não tinha condições alguma” e “é o que deu”.

Em outros momentos o psicólogo chamou a atenção para a necessidade de observar o contexto em que o personagem a ser dublado estava imerso, solicitando dos usuários observar quais elementos estavam envolvidos na cena. A dublagem, propriamente dita, sem notar essas nuances e por menores, implicaria em monólogos, um falar somente para si, ausente de coletividade e diálogo, porém esta não é a proposta da oficina.

No trecho acima o sujeito executou movimentos exotópicos de deslocamento, tanto sobre seu posicionamento mediante o ato de ser audiência do outro, “ele está tentando, ele está se reconhecendo”, quanto no ato de transitar entre ser audiência de si, “é o que deu, reconhecer que foi o que deu”. Deste modo, configurando a técnica de dublagem como uma outridade alteritária reguladora das trocas comunicativas da oficina. O trecho a seguir apareceu em sequência ao que foi dito anteriormente.

PESQUISADORA: Quando você (...) chama a atenção do usuário para olhar o rosto, as expressões, movimentação da boca, do personagem, você imaginou o que poderia vir desse usuário com relação a fala?

ENTREVISTADO: Eu imaginaria que ele ultrapassaria o tempo da fala porque a gente conhece já o perfil, conhece como cada um se desenvolve nas atividades. Então uma das coisas da oficina de dublagem é isso, é estimular essa percepção; estimular que eles consigam entender o que está na tela e conseguir conectar com o que eles querem dizer.

Ao ser questionado pela pesquisadora sobre o que o psicólogo perspectivava sobre a fala do usuário este relatou uma oposição existente entre a realidade do ocorrido e a expectativa da situação. O sujeito “imaginou” que o usuário “ultrapassaria o tempo da fala”, porém concluiu que um dos objetivos da oficina seria “estimular que eles (usuários) consigam entender o que está na tela e (...) conectar com o que eles querem dizer”, deste modo, mesmo sabendo da possibilidade de

ultrapassar as bordas e contornos, o sujeito ainda esperou que a técnica utilizada na oficina provocasse nos usuários uma compreensão sobre limites e um contato maior tanto com o que há no mundo interior quanto com os personagens que apareceram no vídeo a ser dublado. Este propósito estaria assim, dentro do campo das expectativas sobre a emergência do novo como dinâmica criadora e não como o novo inesperado ou o novo evento da singularidade/eventividade da situação.

No fragmento a seguir a pesquisadora questionou ao sujeito sobre como foi para ele quando os usuários não observavam as movimentações dos personagens no vídeo. Como ele se sentiu quando a atenção não estava voltada diretamente para a tela da TV e ao que foi proposto pela atividade oficinaira.

ENTREVISTADO: Eu me sinto desafiado a conseguir estimular que ele consiga fazer isso. É sempre um desafio que muitas vezes você vai e a impressão que dá é que a proposta não foi entendida, mas ao mesmo tempo *'que proposta é essa que eu quero? Que expectativa é essa para essa oficina?'*.

Neste momento foi observado no enunciado do sujeito outra oposição que fez referência às suas ações. Ao mesmo tempo que o psicólogo relatou se sentir estimulado a provocar no sujeito o movimento de observar os gestos e as fisionomias dos personagens do vídeo para que a proposta seja alcançada, ele se questionou, “que proposta é essa? (...) que expectativa é essa? ”. Para o sujeito existe uma relação entre o foco dos usuários sobre o vídeo reproduzido e a expectativa que ele tinha sobre a oficina. O recorte abaixo foi uma continuação do enunciado acima apresentado de forma dividido para facilitar o processo de interpretação dos dados produzidos.

ENTREVISTADO: E fico na dúvida da medida, até onde a gente vai estimulando, vai forçando chegar nessa compreensão de entender quem é o personagem ali e deixar um pouco mais livre para ver o que é que surge.

Nesta passagem foi possível observar a ambiguidade presente no relato do sujeito. O signo “compreensão” surgiu como ambíguo devido a possibilidade de assumir significado oposto ao signo “recriação”, que seria da ordem da coação, da inibição, da não expressividade espontânea. Ao relatar que estimulou os usuários a “chegar nessa compreensão” o sujeito caracterizou a ação criativa por parte dos participantes como um ato voltado somente para o entendimento do participante da oficina. A emergência do novo por trás da ação dos usuários estaria perpassada,

segundo o profissional, por uma neutralidade no qual este relacionou a dinâmica criativa a uma simples compreensão dos movimentos de fala na dublagem.

Em sequência da entrevista, a pesquisadora apresentou ao sujeito um trecho que falava sobre a relação da fala de dois personagens distintos que foram dublados em inglês por dois usuários, “a frase seguiu no mesmo modelo da frase dita em inglês pelo personagem anterior, em continuidade”. Após apresentação do recorte, a pesquisadora questionou ao sujeito como seria para ele lidar com essa situação em que a dublagem é realizada em inglês.

ENTREVISTADO: Eu (..) nunca pensei especificadamente nisso, é muito raro trazer outro idioma.

No trecho acima foi identificada a relação do inesperado segundo o sujeito com relação às dublagens, “nunca pensei especificadamente”. Por se tratar de um movimento insólito, a emergência do novo surgiu como uma condição de quebra do ordinário, do que está enraizado na vivência do cotidiano pelo sujeito. Deste modo, o surgimento do novo apareceu aqui como algo que advém do incomum experienciado não somente pelos usuários da oficina, mas também naquele por trás da sua proposta.

Em sequência à fala anterior, o sujeito relatou sobre como seria o movimento de continuidade no ato de dublar. Essa continuidade que diz respeito à sequência de uma fala de um usuário estar relacionada com a do próximo participante, em formato de diálogos.

ENTREVISTADO: Eu sinto que a gente entra em uma engrenagem. (...) quando a gente entra nesse movimento de continuidade, um vai puxando de acordo com o que outro fala, (...) a gente consegue organizar isso em forma de grupo. Realmente, começa a virar um material só e um material coletivo. A gente chegou na expectativa da proposta, aí é legal para mim, eu sinto que ‘eita, ok’. Mas é isso, nossas expectativas para tudo.

O início da fala acima aborda uma metáfora que relacionou a continuidade das falas dubladas com uma engrenagem, “um vai puxando de acordo com o que o outro fala”. Para o profissional esse movimento de organizar as falas do sujeito em um material coletivo significou atingir uma das expectativas propostas, “a gente chegou (...), mas é isso, nossas expectativas para tudo”. E ao fazer essa alusão o sujeito apresentou elementos carregados de surpresa, “eu sinto que ‘eita, ok’”. Fazendo referência em seu enunciado ao inesperado. A dinâmica criativa na

situação da oficina estaria assim relacionada à construção de um campo intersubjetivo preñado em diálogo e convergência das singularidades dos atores na construção de uma troca comunicativa articulada à objetividade das imagens apresentadas. Posteriormente o sujeito foi questionado sobre o sentimento que surgiu quando os pacientes elaboraram inicialmente uma fala e, por diversos motivos, acabaram por refazê-la e abordaram outros elementos que não foram explanados no primeiro momento do ato de dublar.

ENTREVISTADO: Na verdade, eu acho que minha atenção não fica voltada para isso na hora das oficinas, não presto atenção nessas mudanças. Acho que a gente tem muita coisa para ser dita, então as vezes a gente fala e queria dizer uma outra coisa e mudou, simplesmente não deu tempo, então a gente já pensou em outra coisa. Talvez aquilo já tenha sido elaborado, daí a gente vai para um outro ponto, que quando a gente realmente quer dizer aquilo e aquilo não foi elaborado, a gente vai dizer um milhão de vezes.

O surgimento do novo neste trecho remeteu a um novo neutralizado pelo profissional em termos de seu impacto, “eu acho que minha atenção não fica voltada para isso na hora das oficinas, não presto atenção nessas mudanças”. Apesar de enfatizar que há muito a ser dito pelos usuários e reconhecer que “a gente fala e queria dizer outra coisa e mudou”, o sujeito transfigurou ao inesperado elementos do ordinário, descaracterizando a emergência do novo que estava por trás do enunciado.

Em sequência do protocolo de entrevista, a investigadora apresentou ao profissional um recorte da oficina referente ao quarto usuário que se propôs a dublar um personagem do vídeo. O usuário discorreu em sua fala um trecho da música ‘Sentado à beira do caminho’ de Erasmo Carlos, “eu não posso mais ficar aqui a esperar”. Com essa fala a pesquisadora questionou ao psicólogo se ele saberia informar o motivo que levou o usuário a apresentar essa música específica.

ENTREVISTADO: Acho que é uma forma sim de comunicar algo, essa música deveria ter várias partes e ele escolheu dublar especificadamente essa parte; se bem que ele cantou mais e a gente cortou (...). Talvez de alguma maneira até seja uma coisa inconsciente bem minha desse recorte, tipo, do que eu estou lendo também, não sei. Mas, assim, aí vai para outro nível que eu não conseguiria nem falar agora.

Elementos que chamam a atenção nesse recorte foi a responsabilidade do corte na fala do usuário. Neste sentido, certa nebulosidade interpretativa sobre a situação foi mantida na perspectiva do oficinairo “aí vai para outro nível que eu não

conseguiria falar”. Em um primeiro momento o psicólogo falou sobre a música que o usuário escolheu como fala do personagem 4, que teve que ser recortada para encaixar no tempo de fala. Contudo, apesar do profissional ser o efetivador do corte, este usa o plural para referir a si, usando o termo “a gente”. Durante a oficina os equipamentos de áudio eram todos manuseados pelo profissional, deste modo, a ambiguidade no termo “a gente cortou” faz referência a equipe (psicólogo e estagiária) ou a técnica funcionando como uma outridade ativa no momento da oficina. Em seguida foi retratado que a interpretação da fala do usuário perpassa, “vai para outro nível que eu não conseguiria nem falar agora”. Há uma ausência exposta quando o sujeito foi solicitado que interprete sobre a fala dos participantes, são ações que perpassam por um *feeling*, um fazer que se faz. O enunciado do profissional continuou com o trecho abaixo ao falar sobre o motivo que levou o usuário a dublar a música citada anteriormente:

ENTREVISTADO: Então é uma coisa massa que conecta essa pessoa. Então é isso, ele fala através da música mesmo e nada melhor do que ele dublar uma música ((risadas)).

Já neste fragmento foi possível capturar a reflexão do profissional sobre auto expressividade por trás da dublagem do usuário. Inicialmente foi abordado sobre a conexão existente entre o participante e a música, “é uma coisa massa que conecta essa pessoa”, e, pode-se inferir que simultaneamente, também se dá algo da dublagem com o ato de ventrilocar a canção. Há nesse momento uma lógica paradoxal que perpassou toda a proposta por trás da técnica que ao possibilitar aos indivíduos liberdade para dublar suas próprias falas em toda originalidade, ao mesmo tempo proporcionou momentos de auto expressão através do ventriloquismo das imagens propostas, uma lógica projetiva de articulação entre realidade subjetiva e realidade objetivamente percebida. No trecho a seguir a pesquisadora buscou questionar o profissional sobre a expressividade por trás da dublagem dos usuários, como seria para ele esse modo de expressão por parte dos usuários.

ENTREVISTADO: Eu fico vendo, como no encontro anterior, que é uma engrenagem que vai funcionando e essa questão da continuidade, do atropelo de uma fala na outra, em que chega alguém e diz algo que ninguém entende. Acho que isso fala muito daquele espaço, quais são as pessoas incompreendidas. E é isso, a gente está dando voz para as pessoas incompreendidas, e essa voz não vai ser compreensível ((risada)). Mas eu acho que mais importante que a técnica é dar voz, esse reconhecimento, esse processo de autonomia e do quanto a gente consegue trabalhar isso posteriormente, quando

a pessoa vê e o que me chama atenção na própria fala é ser reconhecido como é você dentro daquele grupo todo, você balbuciando, gritando e cantando, que é legal.

Neste recorte é notório o deslocamento do psicólogo para a posição do outro, “acho que isso fala muito daquele espaço” e quando este diz “o que me chama atenção na própria fala é ser reconhecido como você é”. O sujeito relatou que há expressividade pelos usuários mesmo quando este enunciado é um dito incompreensível. A técnica surgiria, então, como um instrumento que “está dando voz para as pessoas incompreendidas” e que por trás dessa voz foi possível proporcionar aos sujeitos autonomia, reconhecimento e expressividade. No fragmento abaixo o profissional foi questionado sobre esse processo está construindo através da técnica.

PESQUISADORA: E o que você sente que está construindo?

ENTREVISTADO: Boa pergunta, excelente pergunta, juro que quando eu descobrir isso eu vou escrever sobre ((risadas)). Eu sinto que eu estou construindo, mas o que eu estou construindo eu não faço ideia e isso me inquieta muito. Eu tenho uma grande inquietação (...). Me veio, talvez eu tenha que levar isso para a terapia primeiro na verdade, me veio muito pedras. E a gente colocando uma pedra sobre a outra naquele formato mesmo de construindo alguma coisa mais primitiva, sabe? Uma pirâmide, ou coisa assim. Na verdade, me veio muito aquelas imagens das construções do Peru, aquelas pedras sendo colocadas assim, mas (..) não sei, vamos descobrir como é. O que acontece se a gente colocar uma pedra em cima da outra? Parece que a gente não sabe que está construindo uma cidade, só está colocando pedra para ver o que é que dá. Talvez não seja nem algo legal de ser dito assim, é uma coisa meio aleatória.

O trecho acima representa mais uma vez a marca da nebulosidade presente logo no início do enunciado, “quando eu descobrir isso eu vou escrever sobre”. Há sempre movimentos de esquiva ou ausência por parte do profissional com relação à alguns questionamentos feitos pela pesquisadora, talvez por ultrapassarem o sentido cotidiano e pragmático do vivido na interação com os usuários. Mais ainda, a dimensão intuitiva e o não saber parecem ser parte fundamentais da dinâmica criativa do oficineiro nesta construção tão dependente da outridade usuário. Foi notória a presença da inquietação do sujeito diante da construção da técnica planejada por ele, “eu sinto que eu estou construindo, mas o que eu estou construindo eu não faço ideia e isso me inquieta muito”, uma forte alteridade entre o ator e seu artefato.

O profissional, em um segundo momento, expressiu através de metáfora o sentimento que perpassou o ato de construir a técnica, “colocando uma pedra sobre

a outra”. Há também comparação com uma construção antiga, “construindo alguma coisa mais primitiva”, que entrou em oposição aos recortes apresentados acima quando o sujeito relatou que a técnica teria como uma de suas propostas proporcionar ao usuário a inclusão com as tecnologias. Poderíamos indagar se a antiguidade aludida diz respeito à história do oficinheiro, uma trajetória profissional marcada por multiplicidades de sonhos e de não saber. A conclusão do enunciado volta ao movimento inicial de nebulosidade em que ele relatou “parece que a gente não sabe que está construindo uma cidade, só está colocando pedra para ver o que é que dá”. Em sequência do que foi abordado acima o sujeito relatou que a oficina e a técnica dividem o mesmo sentimento de nebulosidade no que diz respeito à sua construção.

ENTREVISTADO: Lógico que a gente tem muitas coisas, as pessoas que me supervisionaram, deram um monte de material que eu li, construí meu artigo em cima disso, estou construindo outro, mas ao mesmo tempo ainda é para mim uma coisa meio que (..) não sei o que é isso. É isso? A oficina é isso? Acabou aqui? Não, não é isso, eu tenho muita impressão de que vai para além disso. Eu sinto que está sendo construído, chegou em um ponto que *‘eita, então é legal colocar pedra sobre pedra, que dá um conforto, uma segurança para a gente, e tem uma coisa que a gente pode ficar por aqui, ok’* mas sabe, eu não sei ainda o que a gente está colocando, esse pedra sobre pedra. Não sei o que é isso, vamos ver.

O psicólogo relatou uma incerteza sobre a construção da oficina de dublagens. Há uma inconclusibilidade – um não saber – que perpassa o sujeito no enunciado quando este refere “é isso? A oficina é isso? Não, (...) eu tenho muita impressão de que vai para além disso”. Existe certeza somente na ação de “colocar pedra sobre pedra”, mas qual o ponto final ou qual a construção que está sendo feita é algo que paira a incerteza, “eu não sei ainda o que a gente está colocando, (...). Não sei o que é isso, vamos ver”.

### 7.5.3. Fragmentos Parte III (Segunda Entrevista)

Os fragmentos apresentados a seguir dizem respeito à terceira e última parte do protocolo de entrevista pós oficina terapêutica. Nesta terceira parte foram apresentados recortes da fala dos usuários, do diário de campo produzido e trechos da primeira entrevista. Na passagem apresentada abaixo a pesquisadora indagou o profissional sobre a fala de uma usuária que correspondeu com a perspectiva que o psicólogo tinha para o andamento da oficina naquele dia.

ENTREVISTADO: O que eu planejei para a oficina, essa usuária especificadamente, foi pela mesma via (...). É legal ver isso assim. Eu espero que não tenha estimulado ela ((risadas)) por aí assim. Essa cena, especificadamente como tinha dito, e por isso que eu pensei em trazer ela (.) de pessoa que tinha que se planejar para fazer, dar continuidade e quais seriam as minhas expectativas, essa cena é a cena que, costumeiramente, ela traz esse tema para as pessoas. É o conselho dos velhos sábios, do que ter que resolver alguma coisa, de botar ordem em algo, de ser conselheiro mesmo de quem está necessitado, que as vezes é o dragão ou as vezes é alguém que não está lá. É (...) não sei, acho que ela conseguiu ir por essa via que normalmente surge quando as pessoas olham, bonito né?!

Neste primeiro trecho apresentado foi observado o surgimento do novo na reação do profissional ao se deparar com uma usuária que correspondeu à proposta pensada previamente, “acho que ela conseguiu ir por essa via que normalmente surge quando as pessoas olham”. Para dar entonação esse acontecimento que causou certo espanto, por ser algo diferente do inesperado, o sujeito se expressou relatando “bonito né?!”. No recorte abaixo o psicólogo foi questionado sobre o fato da usuária também ter modificado e alterado a fala inicialmente dublada.

ENTREVISTADO: Mas já que se trata de um material coletivo, de uma produção, isso fica (...) muito cheio de garranchos e não dá, sem esses nomes e essas costuras bem certinhas, fica muito confuso, então não é legal de se ver.

Em resposta à investigadora, o profissional relatou que o material produzido na oficina é construído pelo coletivo, deste modo se trata de uma produção com “garranchos”. Ao continuar o enunciado refere que “não dá, sem esses nomes e essas costuras bem certinhas, fica muito confuso e não é legal de se ver” o sujeito trouxe em sua fala a marca das outridades dialógicas presentes nesta arena de vozes que compõe a ideia do que é elemento importante na delimitação do que é vislumbrado na oficina. Essa arena de vozes foi marcada neste trecho pela palavra do outro e pela vivência sócio-histórica do sujeito (BAKHTIN, 1997; BRAIT e col., 2005).

No recorte a seguir foi apresentado ao entrevistado o trecho da última fala dublada pelos usuários na oficina, “e aí? Tem alguma notícia importante?”<sup>33</sup>. Tratando-se de uma fala que correspondeu ao oitavo e último personagem, um dragão que estava lendo um jornal nos segundos finais que antecederam a conclusão do vídeo recortado. Sobre está fala o sujeito relatou:

---

<sup>33</sup> Ver anexo: Transcrição da Entrevista Individual (Pós Oficina) – Parte III.

ENTREVISTADO: (...). Eu me sinto privilegiado de acompanhar um processo como esse. Sendo que quando ele fala '*e aí? Tem alguma notícia importante*', eu sinto que '*caramba, ele viu a cena, ele se conectou com o que tava, com o que (..) com o elemento que estava na hora de dublar*', então ele se conectou com isso.

No fragmento acima quando o psicólogo trouxe que "caramba, ele viu a cena, ele se conectou com o que tava", este relaciona a criatividade com o ato de conectar à cena. Deste modo, a ação criativa, por parte dos usuários, tem uma função, segundo o profissional, com o ato de se conectar à cena e aos elementos presentes nela. Fato este já exemplificado em um dos recortes anteriores quando foi relacionada ao elemento compreensão. Em seguida ele continua sua fala:

ENTREVISTADO: Mas, assim, meu sentimento é que ele não se conectou com o dragão, eu posso estar completamente errado, mas assim, ele se conectou com o jornal. A impressão que me dá é que é uma outra pessoa, que a câmera não está filmando, que está perguntando ao dragão '*e aí? Tem alguma notícia importante?*' ((risadas)). É o dragão que está segurando o jornal, o dragão saberia, o dragão não está perguntando a ninguém, ele não está nem aí para ninguém e para o que está acontecendo ali. E essa é a minha leitura, completamente minha leitura. Ele pode ter feito uma leitura exatamente do dragão sobre isso e de ser assim. Eu lembro que o dragão não gesticula a fala, então é difícil. É o pensamento do dragão?!

A incerteza e a dúvida são elementos que estão sempre presentes na interpretação do profissional diante dos enunciados dos usuários. Neste trecho apareceu essa reflexão quando relatou que "eu posso estar completamente errado". Inclusive o sujeito chegou a justificar o ato de interpretar a fala como "e essa é a minha leitura, completamente minha leitura", alegando que o participante da oficina poderia ter interpretado o personagem de uma outra forma. E ao ser questionado sobre o que sentiu:

ENTREVISTADO: (...) eu acho que foi algo diferente da maior parte da oficina. Tem uma fala que uma pessoa dublou (..) aquela fala da anciã também se conectou, em específico, com o sentimento daquela pessoa, mas eu acho que ele também se conectou ao elemento. E alguns outros usuários se conectaram muito mais com alguma coisa mais interna mesmo, que foi o que era de dentro. Ele não. Parece que teve uma elaboração maior para tentar entrar dentro daquela realidade que não é simplesmente a dele, com toda certeza, tem um peso danado de carregar algo assim. Se esforçou para estar em outra também. Também não sei como é a busca dele de saber coisas importantes, '*o que é que está acontecendo de importante*'. Eu acho que fala desse movimento mesmo, a voz dele está cheia de (..) acho que junto com a voz está a curiosidade também. O estar no mundo que também é essa ideia de se conectar com alguma coisa de lá, parece que ele está chegando mesmo, se conectando mesmo a tudo. Então aparece a voz, aparece tudo, o desejo, aparece a costura. Acho que é isso.

Na visão do profissional a elaboração e interpretação do último usuário que fez a ação de dublar foi algo “maior para tentar entrar dentro daquela realidade que não é (...) a dele”. Segundo o psicólogo, as únicas falas que fazem alusão à proposta de se conectar com a oficina foram os últimos dois usuários que dublaram. E este último, em especial, trouxe para o entrevistado a conexão não somente relacionada à criatividade, mas fazendo referência a emergência do novo como uma construção em que o participante consegue se vincular não somente com a cena, mas também com um objeto em particular (jornal). Há uma reação de surpresa por parte do sujeito com relação à perspectiva da oficina que atingiu seu ápice quando o usuário está “se conectando mesmo a tudo” e em que “aparece a voz, aparece tudo, o desejo, aparece a costura” que são elementos e objetivos existentes no modelo pensado para o planejamento da oficina. No fragmento abaixo a investigadora questionou ao profissional quais seriam suas impressões acerca das dublagens do vídeo apresentado no momento da oficina. Eis que este relatou:

ENTREVISTADO: Então, vê só, Lírio, enquanto pessoa, enquanto pessoa que faz *‘eu quero trabalhar, me deixe trabalhar, minha gente, vamos fazer’* e tipo toda minha agonia interna, eu fico bem feliz quando alguém dubla a cena, eu fico tipo *‘aí, finalmente alguém, achei que ninguém tinha entendido isso, bora galera’*. Tem algo em mim que tem isso, com toda certeza. O Lírio terapeuta, o Lírio que era para estar respondendo essas questões aqui, eu sinto que era isso, tudo fazia parte e a gente tem que dar essa acalmada nas nossas expectativas. Expectativas que as vezes é tanta que *‘nossa, meu Deus do céu’* aí me dá vontade de mostrar para todo mundo porque *‘olha, como ficou isso aqui, está arrasando, hollywood isso aqui’*. Mas isso é muito mais do meu desejo de ter um material pronto para mim e não tem nada a ver com o processo das pessoas. Porque em relação ao processo deles tanto essa fala mais coerente como a fala não, dá igual, é o mesmo processo.

O sujeito iniciou o relato acima falando sobre o sentimento de felicidade que perpassa por ele no momento em que um usuário dubla a cena conforme a perspectiva inicial pensada, “aí, finalmente alguém, achei que ninguém tinha entendido”. Nesse trecho foi notório que para o profissional quando os participantes conseguem vivenciar a cena do mesmo modo que foi experienciado por ele, este tem razões ambivalente de espanto e felicidade. Em um segundo momento deste enunciado, o profissional abordou a expectativa como novidade e relaciona esta à diferenciação do desejo individual dele para a oficina quando comparado ao que surge nos usuários, “mas isso é muito mais do meu desejo de ter um material pronto

para mim e não tem nada a ver com o processo das pessoas”. No recorte abaixo a investigadora questionou ao profissional sobre a eficácia desta técnica na oficina.

ENTREVISTADO: Então, vamos lá, eu talvez, pelos meus receios, eu sempre tento levar muito para a ideia de que a eficácia da técnica está dentro de um contexto de hospital dia, num contexto de equipe multidisciplinar. Então, para mim a oficina de dublagem é um elemento dentro daquilo. Eu tenho uma resistência muito grande, já fui bem solicitado para fazer uma oficina dessa aberta ao público, como uma oficina terapêutica, enfim, aberta, e eu sempre senti muita resistência em fazer. Talvez pela insegurança ou talvez por isso tudo não estar muito claro na minha cabeça. Às vezes eu acho que está claro e eu inseguro, mas quando eu penso assim nessa eficácia, o que que as oficinas propõem dentro de um espaço desse? É você conseguir fazer com que se tenha um espaço acolhedor, um espaço onde os usuários possam se expressar, se expressar criativamente naquilo ali.

Inicialmente o sujeito relatou que relaciona a técnica utilizada na oficina terapêutica ao contexto de hospital dia em que está inserido. Em seguida, expôs uma resistência referente ao ato de planejar e executar essa atividade. Os sentimentos experienciados por ele perpassaram por elementos ambivalentes, ao mesmo tempo em que relatou insegurança e que “tudo não estar muito claro na minha cabeça”, há uma contraposição que diz “às vezes eu acho que está claro”. Nessa dualidade entre os objetivos estarem nítidos ou não, o sujeito conseguiu perceber que mais uma vez a insegurança estava presente e ainda concluiu que apesar de todos os entraves a proposta foi “você conseguir fazer com que se tenha um espaço acolhedor, (...) onde os usuários possam se expressar (...) criativamente naquilo ali”. No trecho a seguir o psicólogo continuou relatando sobre a atividade da oficina de dublagem.

ENTREVISTADO: De alguma maneira a oficina de dublagem tem disso, vai de alguma forma (..) a gente circula na brincadeira, vou fazer aqui e quando vejo vou só fazer, e vai chegando em algum ponto que a pessoa vai soltando, *‘porque não sou eu, é apenas uma personagem’* e *‘tome’* projeção ((sons de estalos)).

A estética aparece na citação acima quando o sujeito faz alusão a qualidade do sentir que é importante na ação transformadora que perpassa os modos de significar propostos na atividade oficineira, “vou fazer aqui e quando vejo (...) vai chegando em algum ponto que a pessoa vai soltando”. O elemento estético foi de suma importância nessa pesquisa por se tratar de uma das chaves hermenêuticas dos processos criativos. Em um dos trechos da entrevista o oficineiro fala que uma

das metas da oficina de dublagem foi “conseguir, né, criar esse espaço harmonioso, coletivo”. A pesquisadora questionou então:

PESQUISADORA: Eu gostaria de saber o que é para você essa harmonização.

ENTREVISTADO: É o seguinte, a harmonização seria (...) a gente criar um espaço onde as pessoas consigam se conectar e construir algo junto. Então harmonização seria eles conseguirem de alguma maneira se ligar, é isso, ligar essas ilhas na construção de algo. Quando eu penso, assim, harmonização (..) quando a gente sente que está sendo julgado ou algum usuário de alguma maneira percebe, acredita, ou enfim, o usuário sente que pode estar sendo julgado ou que pode estar fazendo uma coisa errada e ficar tentando buscar fazer aquilo que é certo eu acho que isso impede vários processos. Então esse ambiente harmonioso seria um ambiente no qual ele se sinta acolhido, se sinta sem esse julgamento e que ele possa tá falando de uma forma mais espontânea junto com tudo que está sendo tecido com todos os outros participantes. Acho que é isso.

O conceito de harmonização para o psicólogo seria “a gente criar um espaço onde as pessoas consigam se conectar e construir algo junto”, enfatizando novamente o papel do coletivo no momento de produzir o artefato na oficina terapêutica. Há nesse trecho também a construção de um campo dialógico intersubjetivo que perpassou pela singularidade dos indivíduos devido à um movimento de busca pela harmonização em detrimento do julgamento que “impede vários processos” no momento da atividade oficineira.

O fragmento abaixo faz parte dos momentos finais da entrevista, no qual a psicóloga levou o trecho final do diário de campo que retratou os momentos finais da oficina e a reação dos usuários, “todos bateram palmas”. Em seguida ao término da exibição do vídeo dublado um dos usuários solicitou ao psicólogo “concluir o vídeo com assobios que lembravam temas de velho oeste”, para este participante o final do vídeo necessitava de uma conclusão “como quando são passados os créditos em um filme”.

ENTREVISTADO: Isso é massa, e eu só fui perceber o quão massa isso era depois. A galera estava tão empolgada sentindo que era um filme e eu não sei de onde ele tirou que parecia um filme de velho oeste ((risadas)). Porque realmente eu não acesso de forma alguma ((risadas)). Mas que massa. E a oficina de dublagem, já que é uma cena já recortada, a gente não tem espaço para criar isso. Já tem outras oficinas que a gente cria e vai fazendo sons, dubla em cima. Essa não, mas eu curti muito essa ideia assim. Realmente, fico pensando, terminar em filme de velho oeste?! ((risadas)) O que foi isso? ((risadas)). Mas é isso, né, olha como chega em cada pessoa de uma forma diferente. É muito diferente como chega em cada um. Provavelmente algum elemento ou alguma coisa que passou pela gente despercebido e tocou ele (..) e levou ele para memórias que eu não sei de onde. E isso é massa! É alguém fazendo uma fala

extremamente descontextualizada, mas descontextualizada para a gente, para ele não está.

Neste recorte a emergência do novo apareceu como um fator que captura elementos finais presentes na conclusão da oficina, “isso é massa, e eu só fui perceber o quão massa isso era depois”. O sujeito trouxe entre risada a surpresa presente nesse último momento, “porque realmente eu não acesso isso de forma alguma”. A pesquisadora questionou, no final, se a oficina correspondeu à expectativa e qual o sentimento em relação a reação dos usuários com o término da atividade.

ENTREVISTADO: Lírio, enquanto psicólogo, ficou bem satisfeito e vendo agora, na verdade, eu fico ainda mais feliz com o que foi feito, com essa repercussão. Mas ao mesmo tempo é isso, né, minha expectativa para essa cena era algo completamente diferente, e isso é bom também. Mas é completamente diferente, é isso, porque eu imaginava essa dublagem de acordo com outras dublagens que foram feitas dessa mesma cena, essa era a minha expectativa. E que era uma expectativa bem menos criativa; expectativa de que se fosse refeito seria algo bem semelhante aos anteriores. E dessa vez não, foi feito algo completamente novo que lembrou até o velho oeste.

A emergência do novo e a referência ao tempo surgem como elementos finais presentes no último recorte da entrevista. Há um movimento de satisfação do sujeito com o *feedback* que a oficina teve naquele dia para os usuários, “na verdade, eu fico ainda mais feliz com o que foi feito, com essa repercussão”. O psicólogo relatou que sua expectativa, apesar de assemelhar aos artefatos produzidos em oficinas anteriores, “era uma expectativa bem menos criativa”, diferenciado do que ocorreu naquele dia, “e dessa vez não, foi feito algo completamente novo que lembrou até o velho oeste”.

## **7.6 Síntese das polaridades em sua relação com a Emergência do novo**

Nesta seção será abordada uma síntese da análise das duas entrevistas realizadas com o sujeito e suas principais contribuições ao estudo da criatividade no contexto das oficinas. Cada fragmentado de dado apresentado, e discutido de forma interpretativa, considerou a dinâmica da emergência do novo em face à tríade: ator, técnica e outridades dialógicas envolvidas nas perspectivas construídas pelo participante. Apresenta-se abaixo as principais considerações que a presente dissertação construiu sobre as polaridades investigadas na dinâmica criativa e as principais dualidades encontradas.

### 7.6.1 A Observação participante da Ambiência institucional

Inspirado no modelo da Reforma Psiquiátrica e adotada pelo SUS, o espaço se constituía como de atenção às crises por intenso sofrimento psíquico, composta por uma equipe de técnicos multiprofissionais. De arquitetura ampla, aberta e confortável, o ambiente parecia ter uma rotina promotora de acolhimento e atenção aos usuários, sem apresentar maiores dificuldades, no contexto da observação realizada, sobre as trocas comunicativas tanto entre usuários, como entre a equipe.

### 7.6.2. O ator oficinairo

Formado em Psicologia, o profissional apresentou uma trajetória de multiformação (Jornalismo incompleto e Produção Fonográfica concluído). Nos seus enunciados a escolha profissional foi marcada por dúvidas e incertezas, sendo a área de Saúde Mental aquela que teria capturado com maior intensidade afetiva as identificações do ator desde sua graduação. Destaca-se, nos resultados, a permanente insegurança e nebulosidade acerca do ator quando se torna objeto de autorreflexão (eu para si). De modo a reconhecer que a própria situação de entrevista é geradora de tensões, pela natureza insólita e por vezes auto avaliativa.

No entanto, mesmo ao final de mais de quatro horas de entrevista, para além das observações, e dos contatos prévios, o participante posicionou-se repetidas vezes como um ponto cego para si mesmo, reconhecendo as outridades como campo fundamental, ou ainda, como necessidade estética absoluta, para a compreensão do significado e da efetividade de sua proposta e ação oficinaira. O não saber parece guardar uma dupla relação na experiência do profissional, uma ação voltada para a dimensão afetiva, das intuições que participam de sua técnica; o não saber da eventicidade única dos encontros oficinairos e a imprevisibilidade da eficácia terapêutica; o não saber acerca das significações de aparência mais idiossincrática dos usuários.

### 7.6.3. A Técnica

A técnica da dublagem com efeito terapêutico foi construída como uma espécie de elaboração da síntese da duplicidade na formação: psicólogo técnico em saúde mental e produtor fonográfico. Uma síntese criadora, nova, que surge na sua história como uma espécie de rubrica de seu saber fazer e que recebera ampla aceitação no contexto das oficinas. Ao pensar que as oficinas, conforme exposto na

apresentação desta dissertação, se revelou como uma prática de escassa literatura, e efetivado como uma prática não-manualizável, por assim dizer, a dublagem surgiria como uma curiosa formação sintomática existente entre seu percurso profissional, as demandas em saúde mental e o reconhecimento pela comunidade de usuários, supervisores e demais profissionais da instituição.

Na dinâmica das oficinas, é notável certa tensão de uma técnica que ao mesmo tempo em que se mostrou ser instrumento, em outras foi maestra na ação criativa e possibilitadora de harmonização na relação e diálogo dos usuários. Quando perspectivada pelo participante em relação à função terapêutica, mais uma vez emergiram muitas dúvidas, não-saber, tornando-se um estabilizador de sentidos sobre esta dimensão, a ideia de “expressividade”, “dar voz”, “construção de diálogo coletivo”, bem como a sintonização entre a subjetividade dos usuários e a objetividade das imagens na construção das dublagens.

Ao ser relacionada à teoria dos 5 A's de Glăveanu (2015) a técnica aparenta se constituir como uma *affordance* semiótica na medida em que busca que essa perspectiva significativa para o psicólogo seja elaborada e compartilhada também quando posta de encontro com os usuários. Por fim, a técnica apareceu em alguns momentos como um instrumento mediador plástico às demandas expressivas do grupo e também como uma outridade ativa, surpreendente e maestra da situação ao funcionar para o oficinairo como um agente ativo nos movimentos de corte das falas dubladas pelos usuários. Pode-se dizer que a maior parte das ambivalências observadas nas entrevistas pré e pós oficina terapêutica concentravam-se na reflexão sobre a técnica.

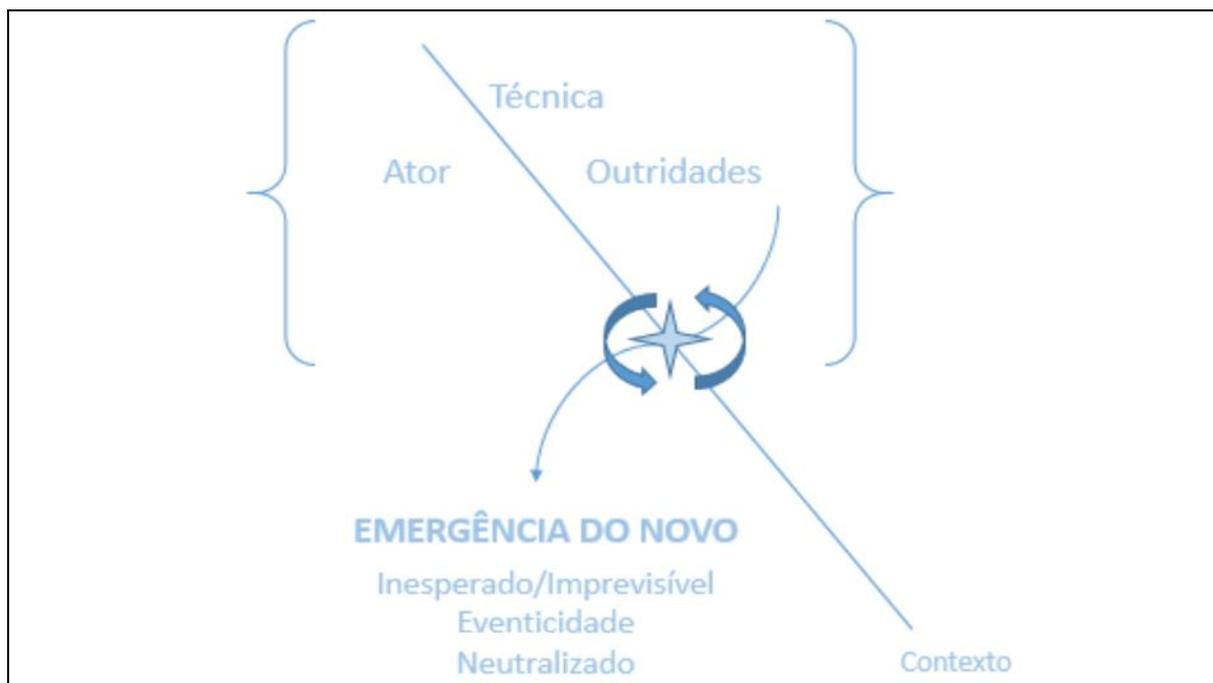
Vale notar também que a dublagem, se à primeira vista alude a uma ação da família do ventrilocar, na prática do oficinairo, há a transfiguração para a arte da expressão. Em situações que dizem respeito à oficina, quando se depara com o inesperado frente a proposta perspectivada, há uma marca de ambivalência dentro da zona de sentidos que perpassa a técnica. Este fato ocorreu devido ao sujeito lidar o tempo todo com elementos que não tinha como prever completamente, mas que em algumas foram observados movimentos de surpresa quando relatou “é isso”.

#### 7.6.4. Outridades dialógicas

Conforme mencionado anteriormente, as outridades são uma dimensão pervasiva à todas as três polaridades propostas na emergência do novo na experiência da oficina. Para efeito de síntese, neste sub item, foram destacadas as mais centrais no relato do profissional: a supervisora, responsável pelo reconhecimento e lapidação da inovação da técnica; a pesquisadora como um outro inquietante e, ao mesmo tempo, promotor de um espaço outro de elaboração e reflexão do vivido; a técnica, muitas vezes mencionada como alteritária, indo além de uma instrumentalidade na situação e, por fim, os usuários, como outridades mais imediatas no endereçamento da prática oficineira e de sua trajetória profissional.

Nos momentos de tensão existente nos enunciados do participante, quando confrontado com trechos do diário de campo da oficina ou da entrevista, foi observado que o inesperado da fala dos usuários, isto é, a emergência do novo, possuiu três importantes e diferentes semblantes na experiência do oficineiro. Sendo eles: 1) o novo como imprevisibilidade própria ao campo idiossincrático dos participante e de impossível decifração/interpretação; 2) como eventicidade própria à ocasionalidade e atmosfera do contexto da oficina e 3) como propriamente expressivo, e, para no entendimento da pesquisadora, criativo, isto é quando consegue engendrar ao campo das expectativas sabidas e intuídas pelo oficineiro em interface com a subjetividade dos participantes, que por sua vez conseguem articulá-las à objetividade das imagens selecionadas.

O engendramento de um diálogo, de um reconhecimento, que surgiu como algo novo para o ator da ação parece depender da sintonização dessas três polaridades interpretativas que, apesar de conhecidas em sua função, não são facilmente compreendidas acerca do como esse novo criador irrompe num processo marcadamente afetivo. A dimensão estética, por vezes, fez alusão a um lúdico/brincar que gerou mais engajamento nos usuários, funcionando como uma espécie de abertura que é imersiva e participativa. Esse brincar também foi marcado pela seriedade nos momentos em que o sujeito relatou que as falas dos usuários poderiam ser incompreensíveis, porém elas deveriam estar presentes na dublagem igualmente. Em súpula, a figura abaixo aborda uma síntese dos resultados obtidos no surgimento do novo.



Fonte: Cagliari (2020).

Deste modo, o ator ao ser submetido à confrontação dos recortes das entrevistas e do diário de campo, entrou em contraposição a si (eu oficineiro, eu para si), a técnica e as outridades que entrelaçadas possibilitaram ao sujeito entrar em contato com novas significações. Nessa perspectiva, o alinhamento dessas três polaridades (ator, técnica e outridades) funcionou como promotor do surgimento da emergência do novo enquanto estabelecimento de diálogo que refrata em diversas possibilidades, dentre elas o novo marcado como inesperado, imprevisível, eventicidade e neutralizado em termos de sua significação enquanto experiência estética. Esse turno reflexivo pode ocorrer no sujeito à medida que este se permite uma autorreflexão sobre sua ação.

Em alusão à Teoria dos 5 A's (ator, ação, audiência, artefato e affordance) foi confirmado, respectivamente, o ator da ação criativa como sendo o profissional de saúde mental que planeja e facilita oficinas terapêuticas, tendo a ação como dependente da relação com os usuários e as outridades. Em se tratando de audiência pode-se citar o próprio oficineiro, enquanto sujeito que contempla sua obra, e as outridades que emergiram, dentre elas: a supervisora da época de estágio, os usuários participantes da oficina, a técnica e a pesquisadora. Da relação entre o ator oficineiro e as audiências envolvidas na dinâmica cultural emergiu o artefato simbólico, que foi a oficina e suas resultantes marcadas pela emergência do novo.

Em relação à ampliação desta perspectiva, foi notória a importância da subjetividade e da afetividade na emergência do novo que extrapola os conceitos propostos por Glăveanu (2013, 2015). As relações intersubjetivas estavam diretamente entrelaçadas à essência dos processos criativos como foi observado ao longo da discussão e análise dos dados produzidos, deste modo torna-se imprescindível associá-la ao estudo da criatividade. A estética também surgiria como outro elemento necessário à implementação nas pesquisas sobre o ato criativo devido a sua dimensão transformadora e recriadora de realidade presente nos enunciados do sujeito. Deste modo, a criatividade na oficina terapêutica estaria voltada para o surgimento do novo como um fenômeno distribuído, dialógico e social composto de uma irreversibilidade no tempo, de uma afetividade e singularidade existentes no contexto da ação do profissional que se mostra diversa em cada planejamento, execução e reconstrução de cada oficina proposta.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta seção serão feitas algumas reflexões, de modo breve, sobre a presente dissertação, bem como suas contribuições para as pesquisas em criatividade voltadas para contexto de saúde. Uma dessas contribuições surgiu a partir dos dados produzidos que tinham em sua maioria uma marcação voltada para a dimensão intuitiva. Esse fator ocorreu como um movimento voltado mais para questões intuitivas do que cognitivas, mas que no campo da elaboração no contexto da oficina com pacientes em hospital dia, esse reconhecimento perpassou pela possibilidade de um estabelecimento de diálogo entre eles. Deste modo, se mostrou importante a reflexão da relação dos elementos intuitivos e cognitivos para estudos futuros.

Outra contribuição desse estudo, para além de sua expansão nas pesquisas em Psicologia Cultural da Criatividade, seria seu acréscimo no contexto de oficinas em saúde mental, de modo a ampliar e corroborar com seus posicionamentos teóricos de base sócio-histórica que possibilitam ao sujeito refletir sobre novas posições e formas de compreensão de práticas não manualizadas. Sendo necessário também enfatizar a importância de estudos futuros sobre a experiência da oficina não somente voltada para oicineiro, mas perscrutar também como a dinâmica criativa ocorre nos usuários participantes dessas atividades.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed). São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- AMARANTE, P. D. C. Reforma Psiquiátrica e epistemologia. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, v. 1, n. 1, p. 34-41, jan.- abr. 2009.
- AMARANTE, P. **Teoria e crítica em saúde mental**: textos selecionados. 2. ed. São Paulo: Zagodoni, 2017.
- ANDRADE, A. P. M.; MALUF, S. W. Experiências de desinstitucionalização na reforma psiquiátrica brasileira. **Comunicação, Saúde e Educação**, Botucatu, v. 21, n. 63, p. 811-821, out.- nov. 2017.
- BAKHTIN, M. (1986). **Speech genres and other late essays**. (V. W. McGee, Trans.). Recuperado de [https://issuu.com/jbfb/docs/m. m. bakhtin-speech\\_genres\\_and\\_oth](https://issuu.com/jbfb/docs/m._m._bakhtin-speech_genres_and_oth)
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BENEVIDES, D. S.; PINTO, A. G. A. Cuidado em saúde mental por meio de grupos terapêuticos de um hospital-dia: perspectivas dos trabalhadores de saúde. **Interface - Comunic., Saude, Educ.**, v. 14, n. 32, p. 127-138, 2010.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto Editora, LDA, 1994.
- BORGES, V. T. Memórias difíceis: Hospital Colônia de Barbacena, reforma psiquiátrica brasileira e os usos políticos de um passado doloroso. **Museologia e Patrimônio – Revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio**, v. 10, n. 1, p. 105-127, 2017.
- BRAGA, C. P. A perspectiva da desinstitucionalização: chaves de leitura para compreensão de uma política nacional de saúde mental alinhada à reforma psiquiátrica. **Saúde Soc. São Paulo**, v. 28, n. 4, p. 198-213, 2019.
- BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: ABDR – Associação Brasileira de Direitos Reprográficos, 2005.
- BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Saúde Mental no SUS: Os Centros de Atenção Psicossocial**. 1. ed. Brasília, 2004.
- CIORNAI, S.; SAVIANI, I.; ALLESSANDRINI, C. D.; GIORDANO, N. A. M. R.; FRANCISQUETTI, A. A.; ALMEIDA, A. B. T.; FABIETTI, D.; FAGALI, E. Q., . . . MATARAZZO, F. **Percursos em arteterapia: ateliê terapêutico, Arteterapia no trabalho comunitário, trabalho plástico e linguagem expressiva, Arteterapia e história da arte**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2004.

FARACO, C. A. Autor e Autoria. In: Brait, B. (Org). Bakhtin: conceitos-chave. 5ª ed. São Paulo: ABDR – Associação Brasileira de Direitos Reprográficos, 2005.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

FLICK, U. (Org.). **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FRANÇA, V. S. S. **A pilotagem policial de helicópteros e os processos criativos: desafios e vicissitudes sobre a emergência do novo**. 2019 (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife, Brasil, 2019.

FRAYZE-PEREIRA, J. **Arte, Dor: Inquietudes entre Estética e Psicanálise**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

GLĂVEANU, V. P. The cultural genesis of creativity: an emerging paradigm. **Revista de Psihologie scolara**, v. 2, n. 4, p. 50-63, 2009. ISSN 1844-1815

GLĂVEANU, V. P. Paradigms in the study of creativity: Introducing the perspective of cultural psychology. **New Ideas in Psychology**, v. 28, p. 79-93, 2010. doi: 10.1016/j.newideapsych.2009.07.007

GLĂVEANU, V. P. Rewriting the Language of Creativity: The Five A's Framework. **Review of General Psychology**, v. 17, n. 1, p. 69-81, 2013. doi: 10.1037/a0029528

GLĂVEANU, V. P. Creativity as a Sociocultural Act: Special issue on connecting theory, research, and practice in the psychology of creativity. **The Journal of Creative behavior**, v. 49, n. 3, p. 165-180. 2015. doi: 10.1002/jocb.94

GLĂVEANU, V. P.; LUBART, T.; BONNARDEL, N.; BOTELLA, M.; . . . ZENASNI, F. Creativity as action: findings from five creative domains. **Frontiers in Psychology**, v. 4, p. 1-14, 2013. doi: 10.3389/fpsyg.2013.00176

GOMES, J. F. S.; RODRIGUES, A. F.; VELOSO, A. Regresso às origens: a importância do indivíduo na criatividade nas organizações. **RAC**, v. 20, n. 5, p. 568-589, 2016.

GUERRA, A. M. C. Oficinas em saúde mental: percurso de uma história, fundamentos de uma prática. In: Costa, C. M., Figueiredo, A. C. (Org). **Oficinas terapêuticas em saúde mental: sujeito, produção e cidadania**. Rio de Janeiro: Contra Capa; 2004. p.105-16.

HOPKINS, H. L.; SMITH, H. D. **Willard and Spackman's Occupational Therapy** (6ª ed). Philadelphia: J. B. Lippincott, 1984.

JESUS, A. F. **Saúde mental no contexto da realidade brasileira: as peripécias de uma equipe multiprofissional**. 2. ed. Curitiba: Appris, 2017.

JUNQUEIRA, A. M. G.; CARNIEL, I. C. Olhares sobre a loucura: os grupos na experiência de Gorizia. **Revista da SPAGESP**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 12-22, 2012.

MACEDO, R. S. **Etnopesquisa crítica/ etnopesquisa-formação**. 2. ed. Brasília: LiberLivro, 2010.

MEAD, G. H. **Mind self and society from the standpoint of a social behaviorist**. Chicago: University of Chicago, 1934.

MELO, W. **Nise da Silveira**. Rio de Janeiro: CFP; Imago Ed, 2001.

MELO, S. L. **Cognição e Criatividade: Um estudo sobre o Processo Criativo em uma instituição de inovação**. 2018 (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife, Brasil, 2018.

MENEGASSI, R. J.; GASPAROTTO, D. M. Revisão Dialógica: princípios teórico-metodológicos. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 19, n. 1, p. 107-124, jan.- abr. 2019.

MILHOMENS, A. E.; MARTIN, D. Rupturas e transformações na vida de jovens acompanhados em um CAPS adulto. **Revista de Saúde Coletiva**, v. 27, n. 4, p. 1105-1123, 2017.

NASCIMENTO, J. C. H. B.; BERNARDES, J. R.; SOUZA, W. D., SANTOS, J. S.; CASTRO, M. M. B. Perspectivas da pesquisa em contabilidade no Brasil: Um ensaio teórico sobre as abordagens ideográficas e nomotéticas. **CAP Accounting and Management**, v. 2018, n. 11, p. 1-18, 2017.

OLIVEIRA, R. C. M. (Entre) Linhas de uma pesquisa: o diário de campo como dispositivo de (in) formação na/da abordagem (auto) biográfica. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, v. 2, n. 4, p. 69-87, 2014.

OLIVEIRA, M. S. **Potencial de criatividade e processos cognitivos: Contributos da aplicação das baterias EPoC e ECCOs**. 2016 (Dissertação de mestrado). Universidade Portucalense Infante D. Henrique – UPT, Porto, Portugal, 2016.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação** (29ª ed.). Petrópolis: Vozes, 2013.

PINHEIRO, M. A.; LEITÃO, S. Bakhtin e a “vida dos outros”. **Revista Mal-estar e subjetividade**, v. 10, n. 1, p. 87-110, 2010.

PINHEIRO, M. A. Singularidade e o corpo: uma questão para subjetividade. **Universidade Federal de Pernambuco**, 2011.

PINHEIRO, M. A. (no prelo). Creativity and aesthetic experience in childhood. In: **An Old Melody in a New Song**, Springer, Cham, 2018, p. 115-132.

PINHEIRO, M. A.; AGUIAR, M. B.; CARVALHO, G. M. M. Limites e possibilidades de interlocução entre o dialogismo bakhtiniano e a psicanálise. **Rev. Latinoam, Psicopat. Fund.**, v. 22, n. 2, p. 254-277, jun. 2019.

PINTO, V. A. M. **Oficinas Terapêutica em saúde mental: um olhar na perspectiva dos usuários do CAPS**. 2011 (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil, 2011.

RIBEIRO, L. A.; SALA, A. L.; OLIVEIRA, A. G. B. As oficinas terapêuticas nos Centros de Atenção Psicossocial. **Ver. Min. Enferm**, v. 12, n. 4, p. 516-522, out.-dez. 2008.

RONDEL, L. D. S.; DEYANIRA, L. Las perspectivas nomotética e ideográfica en el trato a la realidad estudiada por las Ciencias Sociales. **La revista arbitrada Orientación y Consulta**, v. 9, n. 1, p. 1-11, 2003.

SANTOS, L. R. A concepção Kantiana da experiência estética: Novidades, tensões e equilíbrios. **Trans/Form/Ação**, v. 33, n. 2, p. 35-76, 2010.

SERAPIONI, M. Franco Basaglia: biografia de um revolucionário. **História, Ciências, Saúde**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 4, p. 1169-1187, out.- dez, 2019.

SILVA, E. A.; OLIVEIRA, F. R.; SCARABELLI, L.; COSTA, M. L. O.; OLIVEIRA, S. B. Fazendo arte para aprender: a importância das artes visuais no ato educativo. **Pedagogia em ação**, v. 2, n. 2, p. 95-104, 2010.

SILVEIRA, N. **Casa das Palmeiras: a emoção de lidar**. Rio de Janeiro: Alhambra, 1986.

SIMÃO, L. M. **Ensaio dialógicos: compartilhamento e diferença nas relações eu-outro**. São Paulo: Hucitec, 2010.

TATEO, L. Poetic destroyers: Vico, Emerson and aesthetic dimension of experiencing. **Cultura & Psychology**, v. 23, n. 3, p. 337-355, 2017. doi: 10.1177/1354067X17701270

TENÓRIO, F. A reforma psiquiátrica brasileira, da década de 1980 aos dias atuais: história e conceitos. **História, Ciências, Saúde**, v. 9, n. 1, p. 25-59, jan.- abr. 2002.

VALSINER, J. **The guided mind: a sociogenetic approach to personality**. Cambridge: Harvard University Press, 1998.

VALSINER, J. (no prelo). *Ornamented Lives*.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia Pedagógica** (3ª ed.). São Paulo: Martins Fontes, 2010.

VYGOTSKY, L. S. **Imaginação e Criatividade na Infância** (1ª ed.). Portugal: Dinalivro, 2012.

YASUI, S. Conhecendo as origens da reforma psiquiátrica brasileira: as experiências francesa e italiana. **História, Ciências, Saúde**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 585-589, abr.-jun. 2011.

ZANELLA, A. V. Atividade criadora, produção de conhecimentos e formação de pesquisadores: algumas reflexões. **Psicologia & Sociedade**, v. 16, n. 1, p. 135-145, 2004.

ZANELLA, A. V.; REIS, A. C.; CAMARGO, D.; MAHEIRIE, K.; FRANÇA, K. B.; ROS, S. Z. Movimento de objetificação e subjetificação pela criação artística. **Psico-USF**, v. 10, n. 2, p. 191-199, 2005.

ZANELLA, A. V.; CABRAL, M. G.; ROS, S. Z.; URNAU, L. C.; TITON, A. P.; WERNER, F. W.; SANDER, L. Relações estéticas, atividade criadora e constituição do sujeito: algumas reflexões sobre a formação de professores (as). **Cad. Psicopedag**, v. 6, n. 10, p. 1-17, 2006. Recuperado de: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676-10492006000100002&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-10492006000100002&lng=pt&tlng=pt).

ZANELLA, A. V.; REIS, A. C. Psicologia Social no campo das políticas públicas: oficinas estéticas e reinvenção de caminhos. **Revista de Ciências Humanas**, v. 49, n. 1, p. 17-34, 2015. doi: 10.5007/2178-4582.2015v49n1p17

ZANELLA, A. V.; CASTILLO, P. F. V. O movimento de (re) criar mediado pelo outro em oficinas de improvisação teatral. **Revista Eletrônica de Investigación y Docencia (REID)**, v. 6, p. 63-76, 2011.

ZANELLA, A. V., BRITO, R. V. A. Formação ética, estética e política em oficinas com jovens: tensões, transgressões e inquietações na pesquisa-intervenção. **Bakhtiniana**, v. 12, n. 1, p. 42-64, 2017. doi: 10.1590/2176-457326093

## **APÊNDICE A – Roteiro para Entrevista Individual (Pré Oficina)**

Instrução inicial: Como você sabe, essa pesquisa trata sobre as questões que estão envolvidas na elaboração e facilitação de oficina terapêutica do psicólogo que atua em contexto de saúde mental. Antes de tudo, eu gostaria de saber sobre você e sobre como a atuação em saúde mental faz parte da sua vida; entender como iniciou seu trabalho com oficinas terapêuticas, porém ante de tudo gostaria de saber sobre você. Farei algumas perguntas para organizar melhor as informações, mas gostaria que você se sentisse à vontade para falar, pois tudo o que tiver a dizer será importante. Inclusive se você quiser me fazer perguntas, estou aqui para atendê-las. Quanto ao registro dessa entrevista pode ficar tranquilo que o material é sigiloso e será guardado a identidade do participante e do facilitador no processo de oficina.

### **PERGUNTAS SOBRE O “TORNAR-SE PSICÓLOGO”:**

Pergunta 1: Eu gostaria de conhecer um pouco da sua trajetória profissional.

Pergunta 2: Como foi que você escolheu no seu vestibular por psicologia? Como foi o processo de escolha? Você lembra? Pode me falar um pouco sobre isso?

Pergunta 3: Como surgiu o interesse pela Psicologia?

Pergunta 4: Onde você estudou e quais eram as disciplinas que mais motivavam na universidade/faculdade?

Pergunta 5: O que é ser psicólogo para você?

Pergunta 6: Há quanto tempo você exerce esta profissão?

Pergunta 7: O que você considera que seria importante saber sobre sua carreira?

Pergunta 8: Como você chegou na instituição?

### **PERGUNTAS SOBRE A “SAÚDE MENTAL E COMO PROFISSIONAL ESTÁ INSERIDO”:**

Pergunta 9: Como foi seu primeiro contato com a saúde mental?

Pergunta 10: Conte-me sobre como é o dia a dia de um profissional que atua na saúde mental.

Pergunta 11: Quais são os maiores desafios de quem trabalha na área de saúde mental?

### **PERGUNTAS SOBRE O “PENSAR E SENTIR OFICINAS TERAPÊUTICAS”:**

Pergunta 12: E com as oficinas terapêuticas?

Pergunta 13: Como você se sente ao exercer essa atividade?

Pergunta 14: O que te instiga a realizá-las?

Pergunta 15: Tem alguma oficina importante ou com maior apego emocional para você?

Pergunta 16: O que te marca ou marcou ao realizar uma oficina?

Pergunta 17: Como você se vê/sente nesse grupo ao realizar essa atividade?

Pergunta 18: Como é a dinâmica com o grupo?

Pergunta 19: Como foi a primeira oficina? Quais sentimentos?

#### PERGUNTAS SOBRE AS “OFICINAS TERAPÊUTICAS E SEU PROTAGONISMO”:

Pergunta 20: Como foi o processo de idealização e elaboração desta oficina em particular (Dublagem criativa)?

Pergunta 21: Como foi a primeira oficina dublagem? Quais sentimentos?

Pergunta 22: Sempre faz com dublagem? Porquê?

Pergunta 23: Quais as referências? Onde surgiu essa ideia?

Pergunta 24: Há quantos anos você trabalha com esse tipo de recurso?

Pergunta 25: É você quem recorta e monta os recursos áudio visuais?

Pergunta 26: Quais elementos participam durante a sua escolha do trecho a ser dublado? Há critérios pré-definidos? Vivência de oficinas anteriores?

Pergunta 27: Como você escolhe os trechos?

Pergunta 28: Como você se sente na situação de oficina?

#### PERGUNTAS SOBRE A “ELABORAÇÃO E PLANEJAMENTO DAS OFICINAS TERAPÊUTICAS”:

Pergunta 29: Quais são as metas dessa atividade? O que pretende provocar?

Pergunta 30: O que você espera dessa oficina em particular?

Pergunta 31: O que você imagina que vai atingir/alcançar ao escolher esse trecho?

Pergunta 32: Quem são os participantes dessa oficina?

Pergunta 33: O que você antecipa das respostas dos sujeitos?

Pergunta 34: Quais elementos você acredita que vão estar em maior evidência? Quais sentimentos e reações?

Pergunta 35: De onde veio o filme? Porque aquele trecho? Porque a escolha daquele filme?

Pergunta 36: Qual o momento do grupo? O que ele vê/sente no/do grupo agora?

## APÊNDICE B – Roteiro para Entrevista Individual (Pós Oficina)

Boa tarde, Lírio, estamos aqui novamente para dar andamento à segunda entrevista sobre as oficinas. Vamos conversar sobre como foi o planejamento e a facilitação da oficina? Para isso, trarei alguns recortes do diário de campo e da primeira entrevista para ajudar na nossa reflexão. Se tive qualquer dúvida ou comentários após a exibição do vídeo, é só fazer.

### PERGUNTAS SOBRE A OFICINA DE MODO GERAL

PERGUNTA: Para iniciar eu gostaria de te perguntar se você lembra como começou a oficina naquele dia?

PERGUNTA: De modo geral, como foi sua participação nela?

PERGUNTA: Tinham muitos usuários? Como foi a participação deles? E de Margarida? Como você sentiu o grupo naquele dia?

PERGUNTA: O que você sentiu no momento que estava executando a oficina?

PERGUNTA: O que você imaginava que iria acontecer?

PERGUNTA: Em algum momento foi difícil o manejo da oficina? Se sim, Qual? E porquê?

*“O psicólogo falou sobre oficina de forma breve e trouxe que pensou em pedir para os usuários refazerem a cena novamente, porém preferiu que fosse mantida a espontaneidade das falas”.*

PERGUNTA: Ao término da oficina relato que você trouxe a questão de refazer as falas, refazer porquê? O que você atingiria com essa ação?

### SOBRE A OFICINA

Vamos assistir agora o produto elaborado coletivamente na oficina ((PASSAR O VÍDEO DE 22 s)).

PERGUNTA: O que você sente quando revê?

PERGUNTA: Você assistiu novamente depois?

PERGUNTA: Em relação aos seus pensamentos, algo mudou depois dessa oficina?

PERGUNTA: Você se identificou com essa oficina?

PERGUNTA: Qual o propósito de estar naquele momento?

PERGUNTA: Após assistir essa elaboração, a posteriori, o que sentiu de eficácia da sua técnica?

PERGUNTA: Você lembra o que dizia para eles?

PERGUNTA: Qual sua impressão sobre o clima afetivo da oficina?

#### SOBRE O AQUECIMENTO

PERGUNTA: Qual a importância de se trabalhar o aquecimento e essa questão corpórea? O que você pensou e pretendia com esse aquecimento? E o que aconteceu?

*“Após essa última imitação os pacientes voltaram aos seus lugares e o psicólogo expressou ‘já estão sentando todos?! Escolhendo o horário de finalizar o aquecimento?!’”.*

PERGUNTA: Nesse momento como você se sentiu? Algo te incomodou?

#### SOBRE A FALA DOS USUÁRIOS

Sobre a fala dos usuários, gostaria que pudéssemos conversar sobre como você os percebe e sente como pessoas na relação com a atividade conduzida. Utilizando da cena do vídeo e dos recortes dos diários de campo como meio de acessar as memórias daquele dia.

*“Vai ter aula agora? Como ouvidores (outra atividade) é só as 10h, então a aula é aqui?”.*

PERGUNTA: O que você por ele fazer essa pergunta? A que se referia essa aula?

*“A fala feita pelo usuário foi algo como ‘coitado de nós, como a gente pode estar aqui?’”.*

PERGUNTA: Quando o usuário traz essa fala, por que você acha que ele falou isso? O que você pensa? Qual a relação que você vê com a atividade de dublagem?

*“Olha, nós estamos aqui para quê, finalmente? Finalmente estamos aqui para agradar uns aos outros”.*

PERGUNTA: Porque você acha que ele falou sobre isso? Qual a relação com a cena escolhida? Você tinha alguma expectativa sobre a resposta e construção dos usuários?

PERGUNTA: Para você, o que seria da ordem do terapêutico neste processo?

PERGUNTA: Por que posteriormente ele refez e não trouxe essa frase inicial? O que você acha que o usuário entendeu? Você vê alguma relação com as duas falas?

*“O psicólogo chamou a atenção novamente para a expressão no rosto do personagem e como parecia que ele estava naquele pequeno trecho e no contexto com os demais”.*

PERGUNTA: Quando você solicita aqui para que eles observem a expressão no rosto dos personagens. Porque você chamou a atenção dele?

*“Foi problematizado pelos demais participantes o fato do dublador ser um homem e a primeira personagem do vídeo ser uma mulher. A estagiária Margarida trouxe que isso não seria um problema, pois em algum momento da cena alguém teria que dublar o dragão”.*

PERGUNTA: Como é essa relação com a estagiária? Qual o papel da estagiária na oficina?

*“Entretanto, um usuário levantou, se ausentou da sala e retornou com um caderno em mãos e o levou para mostrar ao psicólogo. Algumas das frases que estavam contidas no caderno eram em inglês. Lírio solicitou que no momento de dublar o próximo personagem, ele poderia trazer o material, mas deveria esperar pela sua vez”.*

PERGUNTA: Me explica um pouco esse momento. O usuário costuma participar das oficinas? Ele costuma usar o caderno? O que pensou do que estava escrito? Por que pediu para que ele aguardasse?

PERGUNTA: O que você sente nesses momentos de interrupção? E desse em particular? Como é o seu manejo nesses momentos?

*“Contudo, a frase ficou muito extensa para o movimento e cena em que o personagem surge, então as últimas palavras foram cortadas. Deste modo, a frase no vídeo ficou ‘Olha, nós estamos aqui para quê, finalmente? Finalmente estamos aqui’, como a fala da **personagem 1**”.*

PERGUNTA: Por que você fez esse corte? O que você acha que esse corte provoca na sua oficina? O que você imagina que o usuário sentiu nesse momento?

*“O segundo usuário foi voluntariamente participar da atividade de dublar e trouxe o caderno que estava em suas mãos. (...) A segunda fala elaborada para o **personagem 2** trouxeram duas palavras em inglês; ‘sit down’ e a segunda foi ‘my’, sendo pronunciada de forma mais estendida e prolongada”.*

PERGUNTA: Qual a relação dessa fala com o contexto da oficina? Porque você acha que usuário trouxe essas palavras? O que você entende por essas palavras? E em outro idioma? Você vê relação? O que você pensa sobre isso? O que você sentiu com relação a essa fala do outro?

PERGUNTA: Como você se sente com essa palavra sendo pronunciada de modo mais prolongado? Quando você pensou a oficina, você imaginou que os usuários iriam trazer frases maiores?

*“O usuário relatou, depois da gravação, que o trecho dublado por ele ‘ficou bom, não ficou como um texto, mas a fala ficou boa. O negócio foi que eu não falei a frase completa’.*

PERGUNTA: Como você entendeu e sentiu ao ouvir esse relato?

*“Este foi instruído pelo profissional a observar qual personagem seria e qual o tempo de duração da fala; ‘o que você acha que ele está dizendo?’.*

PERGUNTA: Novamente nesse trecho você chamou atenção para o rosto, expressões e tempo de fala do personagem. Você imaginou que esse usuário ultrapassaria esse tempo? Porque? A partir da fala que ele trouxe, como você se sentiu? Imaginava que seria como?\_Essa pergunta que você fez, ‘o que você acha que ele está a dizer?’, para você o que se fez terapêutico, ou não, nesse momento? Porque você volta a solicitar atenção com a cena?

*“O terceiro participante expressou sua vontade de participar da oficina antes do segundo usuário concluir seu tempo de dublagem”.*

PERGUNTA: Novamente é visto a interrupção. Ou foi impressão minha?

*“A frase seguiu no mesmo modelo da frase dita em inglês pelo personagem anterior, em continuidade as falas em inglês: ‘no my cat, is my God, my friends’.*

PERGUNTA: Como o usuário anterior, esse também elaborou frases em outro idioma, como foi para você lidar com essa situação? O que você sentiu por essa frase ser em outro idioma? Já tinha acontecido outras vezes? Porque você acha que ele trouxe essa frase? O que você pensou que seria? Há certa continuidade da frase anterior (personagem 2) com essa (personagem 3)? Como você entende essas falas?

*“O profissional deixava em aberto a oportunidade de começar a gravar a frase do início ou continuar de onde tinham parado para completar a dublagem. Para realização e gravação da frase final do **personagem 3** o usuário a reproduziu e refez repetidamente”.*

PERGUNTA: Nesse momento, o que aconteceu aqui? Como foi esse processo de editar? Você sente alguma diferença ou dificuldade dos usuários que continuam a frase, com relação aqueles que modificam ela completamente? Para você, ao solicitar que eles continuem, o que sente quando alteram a frase? Existe um tempo

mínimo para que cada usuário execute a dublagem? Qual o papel da edição neste processo da oficina de dublagem?

*“O quarto usuário que participou da dublagem começou a cantar uma música ‘eu não posso mais ficar aqui a esperar’ para dublar a fala do **personagem 4**. Se trata da música “Sentado à beira do caminho” de Erasmo Carlos”.*

PERGUNTA: Porque esse usuário trouxe uma música de Erasmo Carlos? Qual sua interpretação dessa fala e desse trecho específico da música ser o escolhido para dublar o personagem? O que você sentiu ao ouvir essa dublagem? O que você pensou? Como fica o lugar da técnica quando o usuário não produz de forma original a fala? Como você se sente quando são recortes de outros espaços (filmes, séries, músicas)?

*“Após essa participação o profissional perguntou se alguém que ainda não tinha dublado, gostaria de dublar”.*

PERGUNTA: Nesse trecho, como você se sente ao solicitar a presença dos usuários para participar da atividade, tendo em vista que os usuários anteriores foram voluntariamente participar da oficina?

*“Então o quinto participante levantou e decidiu fazer a próxima fala, dublando, deste modo, o pensamento de um dos personagens, que aqui chamaremos de **personagem 5**. O usuário trouxe a própria palavra ‘pensamento’, outras não compreensíveis, seguidas de um balbucio. O oficinairo acolheu e colocou um efeito diferenciado para que fosse notado para os demais o contraste de uma fala com um pensamento. A próxima usuária, que foi dublar o **personagem 6**, também trouxe uma fala mais balbuciada, como uma reclamação, antecipando a palavra ‘não’ para o personagem dublado”.*

PERGUNTA: Porque você achou que os usuários falaram aquilo naquele momento, daquele jeito? Porque esses usuários trouxeram dessa forma a dublagem? Qual a relação deles com o balbucio? O que é esse balbucio, como você entende? O que você pensou e sentiu com esse balbucio? Qual o lugar que essa forma de expressão tem em relação a técnica que você criou? Como você vê a questão da expressividade? O que você sente que está construindo? Como é para você essa questão do som e da oralidade? Qual seria a diferença na questão da voz/palavra para o balbucio na dublagem?

REPASSAR VÍDEO, FOCANDO NA FALA DO PERSONAGEM 5 e 6.

PERGUNTA: Você consegue entender o que é falado aqui? Como é essa questão para você?

*“Pedi para que a sétima participante observasse o tempo de fala, já que em uma primeira tentativa foi excedido o tempo de movimentação do personagem, que era mais curto. A **sétima personagem** dublada ficou com a seguinte fala ‘Gente, eu sou o ancião aqui’. Em outra tentativa a usuária trouxe a seguinte indagação e exclamação: ‘Interessante, eu sou a mestre, (...) só que ela fala bem brava né? Tem que ser bem brava!’. A sétima frase dublada foi ‘Vocês pensam o que? Eu sou a mestre!’”.*

PERGUNTA: Por que a usuária falou sobre isso? Com relação ao que ela trouxe nessa fala, qual a relação com a oficina (como você interpreta)? O que sentiu? É visto, também, o momento em que a usuária modifica e altera a frase inicial, o que você pensou desse momento?

*“O oitavo sujeito tinha uma fala muito rápida e deveria dublar o dragão, **oitavo e último personagem** com fala na cena do vídeo. Deste modo, ele elaborou como fala do dragão a seguinte frase: ‘e aí? Tem alguma notícia importante?’”.*

PERGUNTA: Porque o usuário trouxe essa fala? O que você sentiu em relação a essa frase? E o que pensou ou imaginou que seria?

#### IMPRESSÃO SOBRE A TÉCNICA EM LINHAS GERAIS

PERGUNTA: O que você tem a dizer sobre a eficácia da técnica nessa oficina? Esse movimento para você, de dublagem, foi terapêutico? (O que é da ordem do terapêutico). O que essa técnica produziu e resultou no final? Como funcionou a ressonância da técnica no outro? (O que esse inesperado fala para ele sobre um instrumento, sobre ele mesmo e sobre aquele encontro).

*“Encontrar esse equilíbrio, né, de não ser superficial, de ser algo para tocar nas profundezas”.*

PERGUNTA: Quando você fala sobre esse superficial e aprofundar, o que foi que aconteceu em relação à oficina? O que você acha que o instrumento gerou, em termos do sentir, entender e provocar? O que foi que aconteceu? E por que foi que aconteceu?? Como você vê essa questão da expressividade? E agora relacionando à técnica?

PERGUNTA: Alguns que falaram somente uma palavra e se estenderam na pronuncia daquela palavra, o que você sentiu? Pensou que todos iriam trazer frases? Como é gerenciado o tempo das falas?

*“O desafio, como a gente tinha falado da oficina, também como um todo, é a gente conseguir construir (..) conseguir articular todas essas ideias, que vindo de cada indivíduo assim, que ele traz do seu repertório pessoal, a gente conseguir fazer com que isso se harmonize, tem que ter uma história toda e criar uma história coletiva”.*

*“Enfim, a principal meta da oficina de dublagem é a gente conseguir, né, criar esse espaço harmonioso, coletivo, né, e que o pessoal sinta que é possível fazer, e que a gente consiga dublar em si, então a gente consegue ressignificar essas histórias, acho que é o principal ponto”.*

PERGUNTA: Para você, qual a importância de conseguir fazer essa história coletiva? O que é essa harmonização? Atingiu esse objetivo na oficina?

PERGUNTA: Qual o papel que você vê nessa harmonização? O que você entendeu desse processo e como funcionou no dia? Para que serve e porque é necessário harmonizar? O que atinge com isso? Que efeito você vê? O que você sentiu, em relação a harmonização, dessa oficina? Ocorreu da forma que você imaginou ao falar sobre ela na entrevista? O que imaginou que seria?

*“E o que é que eu penso dessa cena, assim, por ser pessoas, de (.) parece um grande conselho, me vem assim. (...) Aí eu tento buscar sempre acessar essas cenas, né, mas as vezes vem uma cena que, tipo, não sei (.) nem sei o que me toca, mas eu trago mesmo assim e vamos ver no que é que dá”.*

PERGUNTA: Na entrevista você fala bastante sobre esse “vem/vir”, sobre um saber intuitivo, mas de onde vem essas movimentações? Que lugar é esse? Vem de que forma? (De onde vem esse *feeling*).

## CONCLUSÕES DA OFICINA

PERGUNTA: O que foi acessado do grupo e de cada usuário?

*“Todos bateram palmas e rapidamente um dos usuários trouxe a necessidade em concluir o vídeo com assobios que lembravam temas de velho oeste, pois para ele, aquele término de vídeo pediu uma música para conclusão – como quando são passados os créditos em um filme”.*

PERGUNTA: Como você interpreta essa reação? O que você sentiu?

*“Ao apresentar o vídeo completo para os usuários assistirem, todos ovacionaram o vídeo e deram risadas, principalmente da interação da fala do dragão com os demais personagens. Na fase posterior a dublagem o psicólogo questionou essa história elaborada pelos usuários que trouxeram: ‘foi uma história de várias peças, cada um dialogando sua parte’, ‘um trouxe uma fala em inglês, outro continuou, (...) fala que é a mestra e termina como se tudo não fosse importante, lendo jornal’. Outro usuário trouxe que ‘ficou muito legal o dragão’.*

PERGUNTA: E sobre esse recorte? Algo te traz alguma lembrança, sentimento?

PERGUNTA: Em relação a participação dos usuários, como você sente com os diferentes modos de agir e das ações deles diante das propostas de oficina?

#### DÚVIDAS EM RELAÇÃO A PRIMEIRA ENTREVISTA

*“Muitas vezes o tema foge, então, esse manejo da oficina eu acho complicado. Então eu acabo variando o (.) eu acabo sendo um pouco mais assertivo, na verdade mais diretivo, em outras eu deixo completamente aberto mesmo, assim, a gente vai testando para ver. Nunca consegui chegar num ponto, com o melhor formato, tem dias que funciona melhor de um jeito, tem dias que funciona melhor de outro”.*

PERGUNTA: Durante a primeira entrevista, você foi perguntado sobre quais sentimentos surgiam da oficina e como que você se sentia exercendo essa atividade. Deste modo, surgiu uma dúvida, quando você fala nesse trecho que *“nunca consegui chegar num ponto”*, que ponto seria este?

Pesquisadora *“Então deu certo na primeira tentativa?”*, Lírio respondeu *“É, exato, deu certo”*.

PERGUNTA: No que diz respeito a esse *“deu certo”* na primeira oficina de dublagem, como foi que aconteceu? A que você se refere quando fala que *“deu certo”*?

*“Eu tenho um banco de cenas já guardadas, que eu acabo utilizando e revisitando eles sempre. Mas assim, logo no início das oficinas a gente pensou que (.) a primeira oficina piloto que eu fiz com os estagiários, a gente fez uma oficina de 1 minuto. E a gente viu que era uma cena muito longa, que já que é uma atividade que as pessoas não têm tanto contato, vai demorando para pegar esse ritmo. E a ideia era de que a gente pudesse refazer essa cena, pelo menos, umas 3 vezes”.*

PERGUNTA: Quando você traz essa referência mais do procedimento, como você chegou até essa *expertise*? Como chegou até essa sequência e planejamento?

*“ O que eu sinto é que, pela demanda específica da casa, que a casa acolhe... A gente tem uma dificuldade muitas vezes em se conectar com o presente”.*

*“Muitas vezes a dificuldade de entender até de que personagem é esse que eu estou dublando. Eu sinto que em vários momentos a oficina consegue dar esse chão, a gente consegue chegar nisso, tem uma atenção maior, mas assim, qualquer dispersão é dispersão suficiente para a gente entrar em uma outra frequência mesmo”.*

PERGUNTA: A que você se refere quando fala sobre o presente? Que dificuldade seria essa?

## APÊNDICE C – Diário de Campo (Pesquisadora): Registro de Ambiência 1

### Diário de Campo – Registro 1 (ambiência)

Cheguei ao espaço as 9h da manhã de uma terça-feira, a oficina de dublagem criativa já tinha iniciado e estava acontecendo nas mesas que ficam dispostas em um espaço aberto da instituição, semelhante a um pátio. O coordenador da casa, Narciso, me chamou para explicar um pouco da dinâmica e quais acessos ao espaço eu teria, bem como tirar dúvida sobre em quais dias e horários eu realizaria a observação. Após esse diálogo, foi explicitado, por parte do Narciso, que eu deveria entrar na atividade, que não poderia somente observá-la de longe, teria que solicitar a permissão ao grupo para acompanhar de forma participativa. Fui chegando aos poucos perto do espaço onde estavam sentados em círculo os usuários, a estagiária Margarida e o psicólogo Lírio com um violão. Os usuários foram solicitados a cantar trechos de músicas que correspondessem com o seu estado mental naquele momento, fazendo uma reflexão sobre quais músicas estariam relacionadas ao seu estar naquele dia e horário. A medida que as músicas eram escolhidas e cantadas, os participantes elaboravam frases, que a estagiária Margarida começou a fazer registro. Cada vez que uma música de apreço geral era tocada, os demais usuários ovacionavam a escolha do companheiro. Próximo do término da oficina, Margarida leu as frases ditas pelo grupo e todos novamente bateram palmas e pareciam contentes com o ‘poema’ coletivo feito naquele momento cujo tema perpassava por questões amorosas. Dentre algumas frases ditas, me lembro bastante da parte em que o usuário Roxo trouxe que ‘o amor verdadeiro duraria para sempre’. A sugestão do psicólogo Lírio no final foi de que eles elaborassem instrumentos e transformassem esse poema em música, após a ideia ser bem recebida pelo grupo, Lírio finalizou a oficina. Contudo o usuário Azul se aproximou do profissional e perguntou como seriam esses instrumentos e sobre a dificuldade de pensar em uma melodia. O psicólogo Lírio conversou com ele sobre e despediu-se, pois, no horário das 10h começaria uma atividade em outro anexo da instituição. Os demais usuários e a estagiária Margarida retornaram as cadeiras para seu local e foi servido o chá. Nesse momento, o lanche foi servido pelas técnicas de enfermagem que tinham conhecimento da restrição alimentar de cada um dos usuários da casa.

Foi-me informado, posteriormente, que o motivo da oficina não acontecer na sala grande foi em decorrência de uma Reunião de Família marcada para aquele mesmo dia. Com o fim da reunião a quantidade de usuários aumentou e alguns foram conversar com seus familiares que estavam presentes. Nesse momento do lanche são servidos primeiro os usuários e seus familiares, para em seguida a equipe técnica e eu, que também fui liberada para lanche e fazer refeições durante os dias de observação.

Enquanto eram servidos os pratos com bolo e torradas, iniciei uma conversa com o coordenador Narciso que perguntou o que estava achando do espaço e falou sobre a distribuição feita pela equipe para abarcar e dar conta de servir a todos nos momentos de lanche e almoço. Foi explicado que algum estagiário sempre acompanha e auxilia a equipe de enfermagem, como, por exemplo, no manuseio do controle do portão de entrada e saída. Foi observado também que alguns usuários solicitam repetir o prato, porém nesse momento uma técnica em enfermagem e uma estagiária se disponibilizaram para conversar e explicar a questão da restrição alimentar.

Outro fator interessante sobre o lanche e o almoço foi de que todos comeram em conjunto nas mesas dispostas no espaço aberto e amplo da instituição; mesmo espaço no qual anteriormente estava acontecendo a oficina. Nesse dia em específico, uma usuária e sua irmã iniciaram uma conversa comigo sobre suas vivências e a importância de um local como aquele, que não fazem necessário o registro nesse instrumento de coleta.

Após o lanche, às 11h, foi iniciada a última oficina da manhã, elaborada por uma artista plástica, que chamaremos aqui de Flor de Lótus. Os estagiários que participaram dessa atividade, Tulipa e Girassol, acompanhando aicineira, pegaram uma das mesas grandes dispostas no espaço aberto e a colocaram dentro da sala grande onde aconteceria a oficina, cobriram a mesa com um plástico e distribuíram as cadeiras ao redor, enquanto isso a profissional manuseava os recursos da televisão. Um vídeo sobre o artista Gilvan Samico foi selecionado e após acalmar a todos os usuários, que já se encontravam na sala, a oficina foi iniciada. Alguns minutos do vídeo foi assistido por todos e Flor de Lótus o pausou, passando a entregar uma cartilha para os usuários falando sobre a vida de Gilvan Samico e a distribuição de imagens impressas que continuam gravuras das obras do artista. Nesse momento foi percebido uma contemplação por parte dos usuários

diante das gravuras das obras, muitos se impressionaram com o que foi dito no vídeo e com a observação da obra finalizada que foi apresentada por ilustrações no papel impresso. Posterior ao momento de vislumbre, a oficina e as estagiárias começaram a distribuição de materiais que foram utilizados na oficina: folhas A3 branca, tampinhas de garrafa com tinta nankin preta e cotonetes. A instrução foi de que, inicialmente, eles fechassem o papel ao meio, fazendo uma leve marca na folha, para em seguida desenhar, segurando o cotonete sujo de tinta nas duas mãos e reproduzir o mais semelhante possível em cada metade da folha. De forma geral, alguns usuários conseguiram executar a atividade, enquanto que outros, primeiro faziam o desenho de um lado para depois prosseguir do outro. Alguns sentiram a necessidade de utilizar mais de uma folha, os demais focaram em fazer somente em uma. Ao longo da realização da oficina, alguns usuários se ausentaram da atividade para depois retornar. Com a conclusão do desenho, as obras foram postas no chão para secar e em seguida guardadas pela estagiária e pela oficina. Foi observado que alguns dos materiais usados eram da instituição e outros a artista fornecia. A oficina teve duração de 1h, concluindo pouco tempo após às 12h. As mesas e cadeiras foram recolocadas no espaço aberto da instituição para que pudesse ser iniciado o horário de almoço, que transcorreu da mesma forma descrita anteriormente no lanche. Foi notado que nem todos os usuários participaram do almoço na instituição, já os demais fizeram uma fila em torno do balcão onde foi servido a comida. Após terminarem de comer, eles levaram os pratos novamente até uma parte do balcão onde uma SG (serviços gerais) recolheu para efetuar a limpeza nos pratos e talheres.

Com o fim das atividades da manhã conclui a coleta naquele dia fazendo 4h de observação no espaço.

#### LEGENDA:

Coordenador: Narciso.

Coordenadora: Azálea.

Estagiário: Cravo.

Estagiárias: Margarida, Girassol, Tulipa.

Oficineira /Artista plástica: Flor de Lótus.

Psicólogo: Lírio.

Psicólogas: Ipê, Rosa, Begônia.

Usuárias: Amarelo, Vermelho, Lilás, Violeta.

Usuários: Verde, Azul, Marrom, Cinza, Roxo, Laranja, Preto.

## APÊNDICE D – Diário de Campo (Pesquisadora): Registro de Ambiência 2

### Diário de Campo – Registro 2 (ambiência)

As observações no segundo dia iniciaram novamente as 9h com a oficina planejada e facilitada por duas estagiárias, Margarida e Tulipa. A quantidade de usuários nessa manhã estava inferior a quantidade do primeiro registro. Em decorrência do horário da instituição, ao invés de observar a oficina, foi optado por conversar com o coordenador Narciso sobre a possibilidade de substituir alguns dias de observação em detrimento de outros, tendo em vista que durante alguns turnos na semana o espaço funciona com outra proposta (um projeto voltado ao público sênior).

Deste modo, ficou combinado uma nova configuração de dias a serem feitas as coletas. Ao término do diálogo fiquei observando a dinâmica e a relação entre os profissionais da casa. O coordenador Narciso estava executando atividades administrativas e alguns estagiários estavam evoluindo prontuários. A relação e a dinâmica dos sujeitos pareceram bastante fluida à medida que cada um sabia quais atividades executar e quando. Foi notado um respeito mútuo e uma troca sobre as intercorrências que aconteceram na semana anterior entre a psicóloga Ipê e Narciso. A equipe de enfermagem, composta por duas técnicas e a enfermeira, estava recebendo os usuários que ainda estavam chegando na casa, bem como acompanhando aqueles que declinaram o convite de participar da oficina. Observei que já na entrada, no portão, os usuários começavam a falar amenidades com as técnicas, saudando com bom dias e sorrisos. E em decorrência à dificuldade de locomoção de alguns havia uma rampa próximo ao portão.

Quando chegou o momento do chá, a oficina já tinha terminado e as estagiárias foram recolhendo os materiais e guardando em seu devido lugar em um dos armários próximo ao lavabo. Enquanto o chá estava sendo servido observei os diálogos entre a equipe técnica sobre o funcionamento da oficina, que pareceu ser a primeira atividade realizada pelas estagiárias naquele horário da manhã. Observei a satisfação sobre a adesão da proposta pelos usuários e o local onde foram guardadas as produções realizadas.

Neste momento do lanche foi retirado um tempo para conhecer um pouco sobre a dinâmica da equipe. Foi notada uma interação positiva e repartição das atividades pelos estagiários mais velhos na instituição e o acolhimento com aqueles

que deram início a seu estágio recentemente. Em uma das paredes da sala de atendimento fica disposta uma tabela com o nome dos estagiários e quais são seus respectivos terapeutas de referência, aquele profissional o qual o estagiário busca na hora de tirar dúvidas e que acompanha os usuários determinados para ele, repassando e trocando quaisquer informações específicas e essenciais para a evolução. Outro quadro maior comporta as atividades a serem realizadas naquela semana separada por profissional.

Por volta das 11h os usuários foram chamados para participar de uma oficina chamada corpo e vida, facilitada por uma psicóloga Ipê que trabalha com os preceitos da bioenergética. A oficina aconteceu na maior sala disponível pela instituição, as cadeiras foram postas em círculo e foi solicitado que os usuários se acomodassem no local. Para o aquecimento da oficina a profissional pediu para que todos retirassem seus sapatos e sentissem o chão, alguns acolheram a instrução passada. Em seguida foi solicitado para que ficassem na postura mais confortável possível e dessem início ao aquecimento corporal, movimentando os membros inferiores e depois os membros superiores, sempre respirando. Nesse momento a usuária Lilás entrou em contato com uma lembrança e começou a relatá-la chorando, Ipê acolheu a demanda e a estagiária Tulipa foi acompanhar a Lilás para beber água. Após esse fato, a oficina prosseguiu com o encerramento do aquecimento e a solicitação para que os participantes levantassem das cadeiras e fizessem movimentos corporais instruídos pela profissional, quando chegou o momento de estimular certas partes do corpo, alguns usuários começaram a rir do movimento executado. Noto aqui uma dificuldade de manter os participantes fazendo uma mesma atividade por um longo tempo e a dificuldade de concentração.

Com o término da oficina, as estagiárias recolocaram as cadeiras no lugar para que o almoço pudesse ser servido. E com isso conclui a coleta nesse dia fazendo 3h de observação no espaço.

#### LEGENDA:

Coordenador: Narciso.

Coordenadora: Azálea.

Estagiário: Cravo.

Estagiárias: Margarida, Girassol, Tulipa.

Oficineira /Artista plástica: Flor de Lótus.

Psicólogo: Lírio.

Psicólogas: Ipê, Rosa, Begônia.

Usuárias: Amarelo, Vermelho, Lilás, Violeta.

Usuários: Verde, Azul, Marrom, Cinza, Roxo, Laranja, Preto.

## APÊNDICE E – Diário de Campo (Pesquisadora): Registro de Ambiência 3

### Diário de Campo – Registro 3 (ambiência)

Como foi dito no registro anterior, foi acordado com a instituição um novo horário para observação, deste modo chegou na casa por volta das 8:30 da manhã e observou a equipe de enfermagem receber os usuários naquela manhã. Conversou também com alguns estagiários sobre a experiência deles na instituição e as atividades executadas por eles. Todos pareciam bastante satisfeitos com o espaço e com a demanda, alguns estavam renovando o estágio, saindo do não obrigatório para o obrigatório, escolhendo esse local para dar andamento nos trabalhos finais do curso. Ocorreu também um diálogo entre uma estagiária mais recente e outra mais antiga explicando que a tabela com os técnicos de referência e seus estagiários seria editada futuramente e que em breve o nome dela estaria naquele quadro também.

Pouco antes das 9h o psicólogo Lírio, responsável pela oficina, chegou na instituição e conversou com a estagiária Margarida, que o acompanha, sobre a proposta a ser feita naquele dia, tendo em vista que uma reunião estaria acontecendo na sala grande, onde geralmente as oficinas são feitas. Pegando a caixa de palavras, o Lírio solicitou ajuda minha e de dois estagiários, Margarida e Cravo, para separar algumas palavras específicas que seriam utilizadas na oficina logo em seguida. Dentre as palavras separadas não podiam haver conectivos e nem palavras muito abstratas, deste modo foram escolhidas palavras como: terra, fantasma, rio, comida, espelho, arte, seca, vida, planeta, entre outras. Concluída a separação das palavras, os usuários começaram a ser chamados para participar da proposta que ocorreria ali mesmo no espaço aberto, na mesa maior (18 lugares). Neste dia a oficina contou com um grande número de participantes.

Para início da atividade Margarida pegou alguns materiais para serem utilizados: massa de modelar, caixa com as palavras pré-selecionadas e pranchetas para apoio. Após um breve diálogo do psicólogo Lírio com os usuários sobre como eles estavam naquele momento, a proposta foi iniciada. Os participantes foram instruídos a pegar somente uma palavra da caixa e não deixar o colega ao lado visualizar a palavra. Após todos retirarem suas palavras, o profissional pediu a estagiária que distribuísse as massinhas entre os usuários e que os mesmos deveriam colocar na massinha algo que remetesse a palavra sorteada. Percebi

nesse momento uma boa adesão a proposta e a concentração de alguns para realizar a atividade, em alguns momentos observando as feições dos que produziam continham sorrisos e outros dialogavam consigo e com o colega ao lado frases como 'essa vai ser difícil' ou 'quero ver quem vai adivinhar o meu'. Aqueles com dificuldades em pensar sobre a palavra ou na elaboração da imagem com a massinha foram auxiliados pelo próprio psicólogo e pelos dois estagiários. Com a conclusão de todas as produções Lírio questionou quem gostaria de ser o primeiro a mostrar sua obra e solicitar que os demais descobrissem qual foi a palavra sorteada. Mais uma vez é notada a participação do grupo como um fator positivo, bem como a relação entre pares e com o profissional, no momento que o primeiro usuário mostrou a obra, os demais prosseguiram em tentar adivinhar qual palavra seria aquela. A grande surpresa foi que a maior parte das palavras foram rapidamente associadas as suas imagens, algumas poucas necessitaram de dicas. Nesse momento o engajamento do grupo foi um ponto positivo para o prosseguimento com a atividade, pensando que eles estavam bastante empolgados em adivinhar qual palavra era. Me chama atenção o fato de que um dos usuários, que aqui chamarei de Cinza, retirou a palavra 'seca' e fez na massinha marrom um boneco retirante, outro fez um coração para falar sobre vida. Após todos falarem e adivinharem, entre risos e brincadeiras, as palavras sorteadas, foram solicitados pelo profissional a colocar todas as imagens em uma ordem que fizesse sentido para todos eles. Pensando as palavras e as imagens como a elaboração pelo grupo de mais um 'poema' coletivo. Um poema que contou dessa vez a história de um planeta e um rio.

No momento do chá todos os usuários que estavam no salão maior e aqueles que participaram da oficina se encontraram e foi notada a interação entre eles, pois alguns têm no projeto terapêutico dias opostos dos demais, então ao se encontrarem começaram a conversar sobre quais dias estavam vindo e sobre os acontecimentos recentes em suas vidas. Foi notado que nos dias de terça-feira a instituição possui maior parte da equipe de intercorrência presente.

Na oficina com a artista plástica chamada de Flor de Lótus, prevista para as 11h, auxiliei a estagiária Tulipa a transportar a mesa para dentro da sala grande, bem como agrupar as cadeiras em torno e chamar os usuários para a atividade. Percebi nesse momento que deixei de ser uma estranha diante dos usuários e da equipe, alguns sempre me chamando de estudante de psicologia e correspondendo

positivamente a minha presença até o momento, sem nenhum relato de estranheza diante de mim.

Em continuidade a oficina anterior, a profissional distribuiu aos usuários suas respectivas imagens produzidas na semana anterior. Passando novamente no início mais um vídeo sobre o artista Gilvan Samico e, em seguida, distribuiu encartes com a história de vida dele. Observei aqui novamente a adesão dos usuários diante da proposta, tendo em vista que ao serem questionados sobre o que estavam fazendo desde a oficina anterior, alguns recordaram. Acrescentando novos elementos, aicineira Flor de Lótus pediu que fosse observado a quantidade de cores nas obras do referido artista e pediu para que eles fizessem o mesmo em suas obras. Alguns começaram a utilizar de cores fortes, complementando aquela imagem em preto feita anteriormente, outros que não estavam na oficina da semana passada foram convidados a fazer uma imagem com as mesmas instruções já repassadas. No meio da atividade alguns usuários pediram licença para se ausentar. As produções foram dispostas no canto da sala para secar e a oficina foi encerrada. Deste modo concluí a coleta nesse dia totalizando mais 3h de observação à instituição.

#### LEGENDA:

Coordenador: Narciso.

Coordenadora: Azálea.

Estagiário: Cravo.

Estagiárias: Margarida, Girassol, Tulipa.

Oficineira /Artista plástica: Flor de Lótus.

Psicólogo: Lírio.

Psicólogas: Ipê, Rosa, Begônia.

Usuárias: Amarelo, Vermelho, Lilás, Violeta.

Usuários: Verde, Azul, Marrom, Cinza, Roxo, Laranja, Preto.

## APÊNDICE F – Diário de Campo (Pesquisadora): Registro de Ambiência 4

### Diário de Campo – Registro 4 (ambiência)

Cheguei na instituição perto da hora do almoço. Alguns usuários e a equipe ainda faziam suas refeições. Durante o momento de refeição em conjunto foi observado que os usuários puxavam assunto com a equipe. Foi notada também a saída de alguns usuários e o acolhimento diante de uma intercorrência com outro paciente.

Enquanto aguardava a chegada daicineira Rosa, fiquei circulando pela instituição e conversando com a psicóloga Ipê que era a responsável naquele turno. Foi tomado conhecimento sobre a relação da profissional com a abordagem que utiliza, com a instituição e com os usuários. Com estes últimos foi observado a preocupação em repassar a equipe de intercorrência a necessidade de alterar o projeto terapêutico de uma paciente, bem como acionar a família de outros, demandas essas que fazem parte da atividade do psicólogo que atua em contexto de saúde mental.

Quando aicineira Rosa do turno da tarde chegou, foi nítida a boa relação desta com os usuários, a recepção deles para com a profissional foi de acolhida e expectativa. Chamou a atenção a recepção da usuária Violeta que começou a cantar uma música que tem na letra o nome da profissional. Já com todos dispostos na sala e sentados à mesa um deles questionou o que seria feito naquele dia e outros pediram para repetir atividades feitas anteriormente. Rosa pontuou que em outro momento eles iriam ter oportunidade de reproduzir novamente os feitos daquela oficina, mas que naquele momento ela precisaria que pensassem em quais meios eles utilizavam para desconectar das situações e vivências, foi perguntado um por um do grupo e todos responderam diversas atividades, alguns repetindo as palavras ditas pelo colega anterior, outros pensando em formas novas de desconectar. Em um diálogo descontraído e divertido, os usuários falaram sobre seus assuntos de modo livre. Após esse primeiro momento, a profissional Rosa solicitou que fossem retiradas figuras aleatórias de dentro de uma caixa de imagens. Quando todos já tinham em mãos a sua, foi pedido que olhassem para a imagem e completassem ela da forma mais apropriada segundo eles. Todos então começaram a riscar as imagens com giz de cera, alguns tiveram necessidade de acompanhamento mais próximo por parte da psicóloga e outros tiveram dificuldade de modificá-las. Nesse

momento de alterar a imagem foi notado que alguns usuários auxiliaram outros nesse processo, sugerindo dicas, trocando as imagens e conversando com o participante ao lado. Com o término das alterações, um por um os usuários foram falando os complementos feitos e foi interessante notar a interação deles com as imagens produzidas pelos outros, ora compartilhando do mesmo pensamento, ora surpresos pela alteração feita pelo outro. Em alguns momentos foi notado o engajamento do grupo e a atenção diante do tema proposto. Fato interessante sobre essa oficina é que por ocorrer no mesmo dia da supervisão dos estagiários, quem acompanha a oficina é uma das técnicas em enfermagem. Após o término da atividade e com a reposição da mesa ao seu local de origem no espaço aberto, a maior parte dos usuários que se desloca sozinho para suas residências foram embora, juntamente com a oficina, ficando na instituição aqueles que aguardavam algum meio de transporte. Uma fruta também foi servida posterior a oficina.

Enquanto aguardava a saída dos demais pacientes, a usuária Lilás iniciou uma conversa comigo, questionando sobre quanto tempo ficaria na instituição e se participaria da feira onde seriam expostos produtos confeccionados por eles no dia a dia e em algumas das oficinas artesanais. Foi combinado então que no mês de realização da feira eu tentaria comparecer, a usuária informou que deixaria separado para mim peças de costura.

Quando Lilás foi embora, fiquei conversando com as duas técnicas em enfermagem, conhecendo um pouco da história delas na instituição, uma estava tirando férias da outra colega e acabou continuando no espaço. Foi falado o quão gratificante era aquele espaço e a experiência com os usuários.

Ao concluir as 2h de coleta da observação no espaço, fui embora. O período nesse dia foi curto em decorrência da demanda de apenas uma oficina nesse turno da tarde e a conclusão das atividades previstas para as 15h.

#### LEGENDA:

Coordenador: Narciso.

Coordenadora: Azálea.

Estagiário: Cravo.

Estagiárias: Margarida, Girassol, Tulipa.

Oficineira /Artista plástica: Flor de Lótus.

Psicólogo: Lírio.

Psicólogas: Ipê, Rosa, Begônia.

Usuárias: Amarelo, Vermelho, Lilás, Violeta.

Usuários: Verde, Azul, Marrom, Cinza, Roxo, Laranja, Preto.

## APÊNDICE G – Diário de Campo (Pesquisadora): Registro de Ambiência 5

### Diário de Campo – Registro 5 (ambiência)

A manhã desse dia foi um pouco chuvosa, cheguei na instituição por volta das 8:30 da manhã. Observei a entrada dos usuários, alguns chegando com seus familiares, outros sozinhos. Perto das 9h as estagiárias Tulipa e Margarida começaram a recolher o material para a oficina, dentre eles folhas A4 e materiais para pintar. Escolhi novamente não acompanhar essa atividade em detrimento da observação do espaço. Alguns usuários não foram participar da oficina por questões visuais e outros ficaram produzindo materiais de crochê. Fiquei observando esse grupo de usuários e alguns minutos depois um deles, que chamarei de marrom, começou a fazer movimentos com os braços e a demonstrar insatisfação e irritabilidade, nesse momento Girassol, uma estagiária que não tinha ido participar da oficina ficou conversando com ele e perguntando o motivo do nervosismo. O paciente se acalmou somente quando Girassol lhe entregou materiais para recorte, aparentemente uma de suas atividades preferidas. O resto da manhã seguiu com as usuárias conversando sobre os ocorridos do final de semana e sobre os planejamentos para as próximas semanas. Enquanto no canto da outra mesa uma das estagiárias fazia evoluções nos prontuários.

Por volta das 10h, com o término da oficina, os usuários começaram a lanchar e a conversar entre si e com os estagiários da instituição. Após esse momento de lanche alguns usuários foram sentar próximo a mesa da enfermaria, enquanto que outros foram observar a usuária Violeta utilizar de folhas de jornal para cobrir garrafas plásticas, inclusive alguns a ajudaram nessa atividade manual. Ao caminhar pelo espaço, notei que dentro da sala grande estavam dois usuários e a estagiária Girassol assistindo televisão. Quando estava observando a interação entre eles, um outro paciente, Preto, pegou na minha mão e começou a me mostrar todos os espaços da instituição sem dizer uma só palavra. Mostrou-me a sala de atendimento, o pátio e a parede da sala grande; repetindo esse percurso mais umas duas vezes sem soltar minha mão. Na última volta Preto mostrou novamente a parede e saiu andando de forma tranquila para fora da sala, sempre fazendo movimentos repetitivos com as mãos. Conversei brevemente sobre ele com Girassol que estava na sala, pois aquele foi um momento diferente, raramente notava-se uma comunicação de Preto com outras pessoas na casa. A forma dele se comunicar foi

mostrando todos os espaços do local que estávamos repetidas vezes. Durante o diálogo com a estagiária percebi que uma das usuárias estava cantando empolgada as trilhas sonoras de músicas infantis.

Quando se aproximou o horário das 11h a psicóloga Ipê, responsável pela oficina, começou a recolher materiais para utilizar, dentre eles foram separados pedaços de cabo de vassoura. A televisão que estava ligada nas músicas foi desligada e as cadeiras foram dispostas em círculo dentro da sala. Em seguida as estagiárias Tulipa e Margarida convidaram os usuários para participar da oficina. Minutos após seu início o coordenador Narciso me chamou para combinar qual seria oficialmente o dia da oficina que iria acompanhar o planejamento e facilitação das oficinas terapêuticas com o psicólogo Lírio, além de estabelecer quais seriam os futuros dias da entrevista com o profissional. Foi explanado sobre como funcionaria a coleta e fui questionada se seria necessário da instituição dispor de algum material, foi explicado que somente uma sala seria utilizada e que todos os materiais de coleta seriam de responsabilidade minha. Após o diálogo, não querendo atrapalhar a oficina que já tinha iniciado, observei um diálogo de uma usuária com uma das estagiárias, o clima da conversa pareceu ser tranquilo, pois estava regada de risadas.

Próximo ao horário do almoço foi notado que os usuários começavam a se deslocar pela instituição e alguns, após sair da oficina, sentavam nas cadeiras ao redor da mesa aguardando o almoço ser servido pelas técnicas. Momentos antes da refeição chegar, uma das usuárias, Lilás, me chamou para olhar as plantinhas que tinham feito em uma oficina na sexta feira. Mostrou a disposição dos vasos, disse quais recadinhos e plantas eram as suas, apesar de não lembrar quais eram plantas eram especificadamente. Após servido do almoço e observar poucos pacientes irem embora, foi finalizada a coleta de 3h de observação marcada para este dia.

#### LEGENDA:

Coordenador: Narciso.

Coordenadora: Azálea.

Estagiário: Cravo.

Estagiárias: Margarida, Girassol, Tulipa.

Oficineira /Artista plástica: Flor de Lótus.

Psicólogo: Lírio.

Psicólogas: Ipê, Rosa, Begônia.

Usuárias: Amarelo, Vermelho, Lilás, Violeta.

Usuários: Verde, Azul, Marrom, Cinza, Roxo, Laranja, Preto.

## APÊNDICE H – Diário de Campo (Pesquisadora): Registro de Ambiência 6

### Diário de Campo – Registro 6 (ambiência)

O início dessa última observação começou 8:30 da manhã e algo diferente do observado nos outros dias foi que nesta manhã encontrei no portão o psicólogo Lírio com uma caixa enorme nas mãos e dois estagiários o acompanhando, Margarida e Cravo. Após ser recebida por todos com bom dia e entrar na instituição, o profissional explicou qual a ideia da oficina e solicitou ajuda para encontrar no armário, que contém os materiais da oficina, possíveis objetos que pudessem servir como instrumentos sonoros. Foi explicado então que naquele dia eles iriam construir seu próprio objeto de música. Novamente a oficina seria realizada fora da sala grande, desse modo alguns usuários já se encontravam sentados à mesa.

A oficina deu início com o psicólogo Lírio lembrando as propostas anteriores de musicalizar os poemas feitos e produzir a própria abertura do projeto *talk show* que estava sendo planejado pelo profissional, juntamente com a estagiária. Contudo, para realização de tais atividades sonoras, seria necessário a produção individual de alguns instrumentos. Os objetos, bem como tintas e cordas, foram dispostos sobre a mesa grande que fica no espaço aberto da instituição; oicineiro Lírio começou a dar ideias e perguntar aos usuários o que seria possível construir com aqueles materiais. A maioria dos usuários conseguiram iniciar a elaboração de seu instrumento sem precisar do auxílio dos estagiários Cravo e Margarida ou do psicólogo Lírio, contudo, em outros sujeitos foi observado a necessidade do acompanhamento de perto, bem como no auxílio na confecção do objeto. Após alguns minutos de oficina, alguns instrumentos já estavam tomando forma e fazendo os mais diversificados sons. Foi sugerido então que fizessem um enfeite e pintassem seus instrumentos, nesse momento a usuária Amarela pediu minha ajuda para auxiliar na busca pelas cores das tintas e pelas fitas para decoração. Aqueles que foram concluindo a pintura, colocaram seus objetos para secar ao sol. Percebi nesse momento o quanto é necessário observar o tempo de realização e produção do material por parte de cada usuário, em determinado momento, grande maioria tinha concluído, enquanto que outros ainda estavam na construção do objeto. Apesar de esperar certa impaciência daqueles que já tinham terminado, foi visto apenas interação na produção repetida dos sons e diálogos paralelos sobre os instrumentos. O psicólogo Lírio solicitou, posteriormente, que com o término da

oficina chegando os materiais fossem postos em cima de uma prancheta, porém a estagiária Margarida teve ideia de fazer um registro de todos os usuários, seus instrumentos e os colaboradores da oficina. Desse modo, todos foram recolhendo seus objetos e se agrupando para registro fotográfico; notei a delicadeza de esperar e chamar os colegas que estavam participando da atividade para que todos estivessem presentes nesse momento. Feito o registro e posterior conclusão da oficina, o usuário Azul perguntou se poderia levar seu objeto para casa, percebi novamente uma relação positiva de cuidado com a peça elaborada, tendo em vista que o mesmo relatou o medo de perder e quebrar. O psicólogo Lírio sugeriu que ele poderia deixar no local onde geralmente as produções ficam, que seria em uma estante próxima ao lavado.

Durante o horário do chá alguns usuários iniciaram uma conversa com um grupo de estagiários que estavam próximos à mesa grande. Um deles, usuário que chamarei aqui de verde, iniciou uma conversa comigo perguntando se poderia me mostrar a caixa de livros e revistas que ele tinha levado aquele dia para a instituição. Dentro da caixa havia livros antigos, porta retratos e HQ's que foram sendo mostradas uma por uma; um caderno foi encontrado e o usuário começou a mostrar e a falar sobre as aulas de inglês que estava fazendo. Após mostrar todos os objetos o paciente começou a falar sobre sua vivência e relação com os pais, diálogo que foi interrompido quando a estagiária Tulipa pediu para retirar os materiais que estavam em cima da mesa, pois esta seria necessária para a realização da oficina. Ao terminar de ajudar a colocar a mesa na sala grande, o coordenador Narciso me chamou e conversou comigo sobre a dificuldade do usuário verde em aderir a algumas atividades de oficinas propostas pela instituição.

Para realização da segunda oficina da manhã por parte daicineira Flor de Lótus, a mesa que foi colocada dentro da sala grande foi coberta com um plástico sempre utilizado nas oficinas que demandam uso de tinta. O motivo de cobrir a mesa se deve ao fato de que após o término da oficina, a mesma deve ser reposicionada no espaço aberto da casa e utilizada para as refeições, desse modo é importante não sujar a toalha. Flor de Lótus e estagiária Girassol convidam os usuários a entrarem na sala para que a atividade possa ser iniciada, alguns usuários vão entrando, porém diferente da oficina anterior, havia uma movimentação e diversas conversas paralelas pela sala. De modo a tentar chamar a atenção de todos e conseguir iniciar a proposta, Flor de Lótus retirou de sua caixa um objeto

metálico e produziu um barulho com ele, na mesma hora os usuários começaram a diminuir o barulho. A oficinaira, por fim, começou um diálogo questionando o motivo da agitação naquele dia e se eles recordavam qual dos artistas eles estavam conhecendo o trabalho, usuário Cinza respondeu que era xilogravura. Aproveitando a deixa, Flor de Lótus deu play no vídeo que estava reproduzindo na televisão e ao seu término perguntou novamente que animais eles percebiam que surgia naquelas obras do artista Gilvan Samico, enquanto escutava a resposta foi entregando novamente as ilustrações coloridas do artista e questionando quais apareciam naquelas imagens também. Após alguns minutos, Flor de Lótus entregou novas folhas A3 e cotonetes para que eles elaborassem na folha aqueles elementos presentes na obra do artista que mais atraiu a atenção deles. Nesse momento todos os usuários começaram a executar a atividade. A sala estava tão cheia que foi preciso colocar mais duas mesas pequenas de 4 lugares dentro da sala para conseguir dispor de um espaço no qual todos pudessem pintar. Depois de um momento do início da pintura, a usuária Vermelho começou a falar em voz alta que estava procurando o papel com a obra de Samico que tinha sido entregue a ela para observar, o usuário Laranja, que estava sentado ao seu lado, entregou outra imagem, mas ela não aceitou falando que gostaria de uma imagem específica, buscando auxiliar nessa procurei com a estagiária Girassol a imagem específica e entregamos a Vermelho. Ao longo da atividade alguns usuários levantaram bastante e outros se ausentaram da sala, após terminar de produzir a imagem, já a usuária Amarela chegou no meio da atividade e perguntou a Flor de Lótus se poderia participar, informou que não havia conseguido chegar a tempo, pois estava na consulta com o psiquiatra. Depois de observar a Amarelo sentando em uma das mesas extras que estavam dispostas na sala e entregar o papel e as tintas para colorir, usuária Vermelha me chamou para mostrar sua imagem feita e começou a contar que tinha desenhado a mesma mulher que aparecia da gravura do artista Gilvan Samico que estava próxima a ela. Aqueles que foram concluindo a pintura começaram a chamar Girassol e Flor de Lótus que começaram a colocar as imagens no chão ao canto da sala para secar. E como já se passava das 12h, foi instruído que na próxima semana quem não tivesse concluído hoje, teria tempo de continua-la  
outro dia.

Depois de ajudar a guardar os materiais e a devolver a mesa para o espaço aberto, concluí a coleta 3h nesse dia, totalizando 18h de observação à instituição ao longo dessas semanas.

LEGENDA:

Coordenador: Narciso.

Coordenadora: Azálea.

Estagiário: Cravo.

Estagiárias: Margarida, Girassol, Tulipa.

Oficineira /Artista plástica: Flor de Lótus.

Psicólogo: Lírio.

Psicólogas: Ipê, Rosa, Begônia.

Usuárias: Amarelo, Vermelho, Lilás, Violeta.

Usuários: Verde, Azul, Marrom, Cinza, Roxo, Laranja, Preto.

## APÊNDICE I – Diário de Campo (Pesquisadora): Espaço Físico

### Registro Espaço Físico

Foram observados um total de 18h, divididos em 6 encontros semanais de 2, 3 e 4 horas. Referente ao espaço físico, a instituição conta com um local amplo, acolhedor e agradável, dispondo de um grande jardim.

Na entrada da casa há um pequeno nível de escadas e uma rampa com corrimão. No jardim, a esquerda da entrada dispõe-se de bancos de concreto e uma árvore, enquanto que a direita está disponível uma pequena horta com verduras e legumes. Adentrando mais ao espaço, encontra-se mais um banco de concreto e um pé de goiaba. A visibilidade da instituição, de quem olha assim que chega ao local, permite contemplar todas as entradas das salas, um dos banheiros, a mesa da enfermagem, o balcão e as duas mesas grandes. Há possibilidade de observar todo espaço aberto e amplo.

No espaço amplo da instituição estão disponíveis: duas mesas grandes, com 18 e 16 lugares; um balcão no qual são feitas as refeições e lanches, bem como a limpeza dos materiais de cozinha (possui pia e grandes armários dispostos na parede contendo louças e talheres); possui um lavabo; armários nos quais são armazenados os materiais utilizados nas oficinas. Distribuídos pelo espaço estão estantes com os produtos elaborados pelos usuários nas oficinas. Além de uma mesa para a equipe de enfermagem e próximo estão 4 cadeiras de madeira. Ao longo das paredes da instituição encontra-se objetos confeccionados pelos usuários e um quadro com o horário das oficinas e panfletos de eventos acadêmicos; além de vasos e 3 redes.

Em linhas gerais o espaço comporta: 3 salas, 3 banheiros (1 acessível a cadeirante), e um grande espaço aberto. As 3 salas existentes são dispostas para as seguintes atividades: a primeira é utilizada para atendimento psicológico, psiquiátrico e reuniões; possui mesa, telefone, abajur, poltronas e cadeiras, um local mais aconchegante. Na segunda sala estão dispostos os arquivos com os prontuários dos usuários; dois armários, um para arquivos gerais e outro para materiais de papelaria. Contém uma mesa com computador e quadros de louça, nos quais estão dispostos os planejamentos feitos pela equipe e a divisão dos terapeutas de referência, usuários e seus respectivos estagiários. A primeira e a segunda sala possuem tamanhos parecidos. A última sala da instituição é a maior disponível no espaço;

possui 3 janelas e comporta uma mesa de 16 lugares (quando há necessidade de implantá-la nesse espaço), televisão com acesso à internet, balcão para colocar os materiais a serem utilizados na oficina, contém também um armário para armazenamento dos colchonetes (utilizados nas atividades corporais) e no canto da sala cadeiras ficam dispostas uma em cima da outra. Esta sala é bastante utilizada na instituição para realização de oficinas e reuniões de família.

A equipe técnica é formada por: 1 terapeuta ocupacional, 2 psiquiatras, 2 técnicas de enfermagem, 1 enfermeira, 4 psicólogos, 8 oficinairos e 10 estagiários. Dentre as atividades dispostas, encontram-se: Oficina de Corpo e Vida; Despertar; loga; Dublagens Criativas; Música; Cinema de Animação; Afinação Coletiva; Teatro e Dança.

## APÊNDICE J – Descrição do Vídeo

### Descrição do vídeo – 22 segundos

A animação inicia mostrando 8 personagens seniores e em formato espectral flutuando em uma sala escura. Em seguida mostra-se um dos personagens (personagem 1) colocando a mão no peito e movimentando a boca exageradamente. Em seguida se curva para frente, enquanto que outro personagem (personagem 2) ao seu lado observa a atitude com os olhos semicerrados. A primeira personagem continua a falar e traz uma bengala de encontro ao peito do personagem ao seu lado que, surpreso, abre completamente os olhos e retruca, empurrando a bengala para baixo, gesticulando bastante com os braços e com feições de desagrado vira as costas para a personagem 1. Ambos se olham de cara feia.

A cena retorna dando ênfase ao que a personagem 3 está dizendo. Esta movimenta somente a boca. Após 3 segundos, repentinamente, irrompe o personagem 4 com um ábaco em mãos. Este olha para a personagem 3 com a mandíbula travada, vira e começa a fazer contas no seu ábaco. Por 2 segundos o personagem reflete, olhando para cima, e movimenta as peças do instrumento novamente. A cena corta para personagem 5 que somente observa a situação como se estivesse olhando de um ponto mais alto da sala, já que seu olhar está focando em pontos abaixo.

Em seguida, aparecem 4 personagens (personagem 6, 7, 8 e 9). O personagem que aparece no canto esquerdo no vídeo tem expressões franzinas no rosto e olha para os dois personagens (7 e 8) que aparecem mais ao centro. Estes, de certo modo, parecem ser o centro dessa nova cena; são uma mulher e um homem segurando um garfo forçado. Quando este (personagem 8) fala, a mulher (personagem 7) olha para frente com uma feição franzida e as sobrancelhas arqueadas. Nesse momento o personagem 6 olha para ele (personagem 7) sem modificar as feições emburradas, enquanto que o personagem 9, no canto direito do vídeo, movimenta os olhos, também observando o que está sendo dito.

Nesse momento a personagem 1 reaparece em pé, agitando a bengala, enquanto que o personagem 2 está olhando para o outro lado apoiando o rosto franzido e emburrado na mão. Após esse momento a cena mostra um dragão aparecendo no final do vídeo passando as páginas de um jornal, com as pernas

cruzadas e movimentando o pé com impaciência. Esse personagem olha para o canto superior da tela e depois volta o olhar para o jornal, passando a página.

## **APÊNDICE K – Diário de Campo: Pré-Oficina (Psicólogo)**

O QUE VOCÊ PLANEJA FAZER. PARTICIPANTES. EXPECTATIVA. COMO IMAGINA QUE IRÃO RECEBER A ATIVIDADE. COMO VAI TA DESENROLANDO

Tenho como expectativa que o grupo de participantes possa ressignificar a cena apresentada através do repertório pessoal. Utilizando nessa construção a própria voz, além de instrumento criados e confeccionados na oficina anterior para a sonorização da cena.

Nessa atividade busco proporcionar um ambiente harmônico, favorável à troca, para que os indivíduos participantes possam construir um material coletivo.

O desafio dessa construção se dá na possibilidade de articulação de ideias distintas trazidas pelos usuários e como cada conteúdo trazido pode acessar de maneira diferente cada participante. Para que se produza um material coletivo é importante que cada indivíduo se sinta autor da obra, representado naquela produção.

O contato com esse tipo de atividade possibilita os participantes a testarem outras maneiras de demonstração de afeto através da entonação da voz, com a chance de posteriormente escutar os resultados e conseguir alterá-los caso seja o seu desejo.

A oficina tendo a duração de 60 minutos imagino que para a cena selecionada tenhamos tempo suficiente para o aquecimento, produção e discussão do conteúdo emergido. Ao final da oficina reservamos um tempo para que os participantes possam expressar os sentimentos e sensações aflorados na construção, além de compartilhar memórias que foram acessadas.

## APÊNDICE L – Diário de Campo: Pós-Oficina (Psicólogo)

### Diário de Campo

Na oficina realizada no dia 10 de setembro de 2019 senti que os participantes estavam envolvidos com a proposta da atividade, apresentavam o desejo em dublar, no entanto demonstraram certa dificuldade na continuidade da história criada. A descontinuidade no discurso foi algo que me chamou atenção na atividade desse dia, mesmo conhecendo os usuários. Aparentemente cada participante expressava algo de seu desejo pessoal, mas não fazia conexão com o que já tinha sido dublado por outro participante.

No momento de apresentação da cena, ainda sem áudio, o grupo sugeriu que o tema poderia ser “reunião de conselho”, “anciões”, “velhos ranzinzas”, “reunião de chineses” ou “dragão folgado”. G. se mostrou interessado em realizar a dublagem diversas vezes durante a atividade e iniciou a produção levantando um conteúdo trazido inicialmente pelo grupo “Olha, nós estamos aqui para que finalmente? Finalmente estamos aqui”. A tentativa de construir algo trazido pelo coletivo mesmo dentro de um movimento de dispersão me chamou atenção nesse participante.

É difícil imaginar como cada oficina irá se desenvolver depois de ter presenciado tantas maneiras distintas de elaboração, sendo sempre surpreendente o resultado e a maneira como acontece. Nesse dia de oficina conseguimos cumprir com todos os pontos alinhados no roteiro preestabelecido (aquecimento, produção e discussão) apesar do elevado quantitativo de usuários. Também me chamou atenção a permanência dos participantes durante todo tempo da atividade, mesmo se tratando daqueles que não apresentavam o desejo em dublar e permaneceram como espectadores.

O manejo de algumas solicitações e inquietações durante a oficina se configurou para mim uma dificuldade, já que a proposta é a construção de um material coletivo que entrelace todas essas experiências. Sinto que as demandas paralelas dificultam a integração do grupo, causando certa dispersão, mas percebo também que algumas dessas inquietações são reações ao acesso de conteúdos ainda não elaborados.

A Oficina de Dublagem passeia por alguns formatos, na proposta elaborada para o dia 10 de Setembro acredito que tenha se desenvolvido bem. Não me chegou nenhum desejo pela modificação da oficina já feita.

## APÊNDICE M – Diário de Campo: Pós-Oficina (Pesquisadora)

### Diário de Campo (Pesquisadora)

#### FACILITAÇÃO

##### Anotações gerais

Antes da oficina iniciar, dois participantes já se encontravam na sala para participar e outros dois abordaram do lado de fora da sala para saber se a oficina iria começar naquele momento, “vai ter aula agora? Como ouvindores (outra atividade) é só as 10h, então a aula é aqui? ”.

O psicólogo Lírio, a estagiária Margarida e a pesquisadora organizaram as cadeiras em um ‘círculo’ e chamaram o restante dos usuários para participar da oficina. O profissional também organizou os materiais que iria utilizar para a oficina em cima de uma mesa e balcão próximos à TV. Dentre os recursos utilizados estão, de forma geral, caixa de som, notebook, microfone, software para edição dos vídeos, televisão, equipamento para conversão de áudio e cabos.

Todos animados para o início da atividade. Inicialmente contei 16 participantes na sala, porém ao longo da atividade mais 3 pacientes participaram da oficina. Durante sua execução alguns saíram para atender telefone, ir ao banheiro e beber água. Dentre os 19 participantes da oficina, a grande maioria participou diretamente ou indiretamente na elaboração do vídeo; alguns comentaram a cena, mas não participaram da dublagem. Alguns pacientes interromperam a atividade em algumas partes.

A oficina teve como duração 1 h.

##### Registro Específico

O profissional começou a oficina dando bom dia para os participantes e perguntando como eles estavam. Alguns usuários responderam de forma breve, porém um começou a relatar um ocorrido que aconteceu nos últimos dias e que até aquele momento da oficina estava incomodando-o. O psicólogo acolheu a demanda do usuário e informou que após oficina eles poderiam conversar sobre o assunto; ‘falar sobre isso não é momento da oficina, a gente pode falar disso em um pós-oficina’. Aproveitando que uma paciente levantou, o psicólogo solicitou que todos fizessem o mesmo e pediu para fazer um círculo. Deu-se início a um alongamento na parte superior dos membros e o profissional trouxe que durante a oficina eles

iriam utilizar a voz, para isso seria necessário aquecer as cordas vocais, 'esquentar um pouquinho'. Solicitou-se novamente para que todos estivessem em pé e pediu para que eles vocalizassem as vogais das mais diversas formas, porque 'coloca o sentimento que a gente tem na voz, quem é tímido fala mais baixo'. Em seguida solicitou que cada participante pensasse na voz de um personagem e fosse à frente do círculo para mostrá-la aos demais que a imitariam depois. O primeiro paciente foi ao meio do círculo e disse 'eu tenho a força', os demais interpretaram o mesmo gesto e frase. Outras frases que apareceram em seguida: 'hello'; 'eu sou o Megatron'; 'hehehe (imitação de risada) eu quero um sanduiche'; 'O Fred, Fred, Cadê Bob, Fred? ', após essa última imitação os pacientes voltaram aos seus lugares e o psicólogo expressou 'já estão sentando todos?! Escolhendo o horário de finalizar o aquecimento?!'. Todos os usuários fizeram o alongamento.

Com o término do aquecimento o profissional perguntou se todos estavam prontos para iniciar. Nesse momento alguns pacientes relataram que gostariam de assistir os vídeos gravados anteriormente. O psicólogo explicou que em um outro momento eles poderiam ter acesso a esses vídeos, pois as gravações e edições ainda estão em processo de ajustes.

Após apagar as luzes foi mostrado um trecho de 22 segundos de uma animação sem áudio. A cena contém diversos personagens fantasmagóricos e um dragão. Os personagens eram de diferentes idades e jeitos (alguns tinham objetos em mãos) e pareciam falar sobre algo. Depois de exibir a cena algumas vezes, alguns relataram já ter assistido ao filme completo. O psicólogo perguntou que impressões eles tiveram; a primeira palavra dita pelos usuários foi 'reunião', as demais foram 'reunião de conselho, reunião de chineses, reunião de ranzinzas', 'velhos', 'dragão folgado', outro pensou em Erasmo Carlos. Lírio enfatizou a ideia de não reproduzir, mas de criar algo novo; solicitou que observassem as expressões dos personagens, o movimento da boca na hora da fala. Questionou sobre quem seria o personagem com um ábaco na mão, eles responderam 'contador' e trouxeram que o dragão no vídeo era folgado.

Ao solicitar a participação de um dos usuários, prontamente um deles se voluntariou para dublar. O psicólogo mostrou então o **primeiro personagem** a ser dublado e iniciou as gravações. A fala feita pelo usuário foi algo como 'coitado de nós, como a gente pode estar aqui? ', o psicólogo chamou a atenção novamente para a expressão no rosto do personagem e como parecia que ele estava naquele

pequeno trecho e no contexto com os demais. Foi problematizado pelos demais participantes o fato do dublador ser um homem e a primeira personagem do vídeo ser uma mulher. A estagiária Margarida trouxe que isso não seria um problema, pois em algum momento da cena alguém teria que dublar o dragão. Alguns pareceram refletir sobre e voltaram a atenção para a atividade de dublar. Entretanto, um usuário levantou, se ausentou da sala e retornou com um caderno em mãos e o levou para mostrar ao psicólogo. Algumas das frases que estavam contidas no caderno eram em inglês. Lírio solicitou que no momento de dublar o próximo personagem, ele poderia trazer o material, mas deveria esperar pela sua vez.

Retornando as instruções, recortes, refazer e dublar novamente, a primeira fala do personagem 1 decorreu em: 'Olha, nós estamos aqui para quê, finalmente? Finalmente estamos aqui para agradar uns aos outros'. Contudo, a frase ficou muito extensa para o movimento e cena em que o personagem surge, então as últimas palavras foram cortadas. Deste modo, a frase no vídeo ficou 'Olha, nós estamos aqui para quê, finalmente? Finalmente estamos aqui', como a fala da personagem 1. Observo nesse momento a atenção e paciência do facilitador no que concerne à edição do áudio de acordo com a cena e as instruções passadas aos usuários; voltando e gravando novamente todas as vezes que o grupo sentiu necessidade.

O segundo usuário foi voluntariamente participar da atividade de dublar e trouxe o caderno que estava em suas mãos. Este foi instruído pelo profissional a observar qual personagem seria e qual o tempo de duração da fala; 'o que você acha que ele está dizendo?'. Profissional solicitava a todo momento que todos os usuários ao dublar poderiam criar algo novo ao observar a cena, além de pedir silêncio ao grupo sempre que necessário. A segunda fala elaborada para o **personagem 2** trouxeram duas palavras em inglês; '*sit down*' e a segunda foi '*my*', sendo pronunciada de forma mais estendida e prolongada. O usuário relatou, depois da gravação, que o trecho dublado por ele 'ficou bom, não ficou como um texto, mas a fala ficou boa. O negócio foi que eu não falei a frase completa'.

O terceiro participante expressou sua vontade de participar da oficina antes do segundo usuário concluir seu tempo de dublagem. A frase seguiu no mesmo modelo da frase dita em inglês pelo personagem anterior, em continuidade as falas em inglês: 'no *my cat, is my God, my friends*'. O profissional deixava em aberto a oportunidade de começar a gravar a frase do início ou continuar de onde tinham

parado para completar a dublagem. Para realização e gravação da frase final do **personagem 3** o usuário a reproduziu e refez repetidamente.

O quarto usuário que participou da dublagem começou a cantar uma música 'eu não posso mais ficar aqui a esperar' para dublar a fala do **personagem 4**. Após essa participação o profissional perguntou se alguém que ainda não tinha dublado, gostaria de dublar. Então o quinto participante levantou e decidiu fazer a próxima fala, dublando, deste modo, o pensamento de um dos personagens, que aqui chamaremos de **personagem 5**. O usuário trouxe a própria palavra 'pensamento', outras não compreensíveis seguidas de um balbucio. O oficinairo acolheu e colocou um efeito diferenciado para que fosse notado para os demais o contraste de uma fala com um pensamento. A próxima usuária, que foi dublar o **personagem 6**, também trouxe uma fala mais balbuciada, como uma reclamação, antecipando a palavra 'não' para o personagem dublado.

Acompanhando a lógica de aparecimento dos personagens, o profissional repassou o vídeo com as falas feitas até aquele momento e pediu para que a sétima participante observasse o tempo de fala, já que em uma primeira tentativa foi excedido o tempo de movimentação do personagem, que era mais curto. A **sétima personagem** dublada ficou com a seguinte fala 'Gente, eu sou o ancião aqui'. Em outra tentativa a usuária trouxe a seguinte indagação e exclamação: 'Interessante, eu sou a mestre, (...) só que ela fala bem brava né? Tem que ser bem brava! '. A sétima frase dublada foi 'vocês pensam o que? Eu sou a mestre! '. Já o oitavo sujeito tinha uma fala muito rápida e deveria dublar o dragão, **oitavo e último personagem** com fala na cena do vídeo. Deste modo, ele elaborou como fala do dragão a seguinte frase: 'e aí? Tem alguma notícia importante?'

Com a conclusão de todas as falas e o pensamento, a estagiária Margarida apagou as luzes e o psicólogo exibiu o trecho de 22 segundos para todos contemplarem a cena. Todos bateram palmas e rapidamente um dos usuários trouxe a necessidade em concluir o vídeo com assobios que lembravam temas de velho oeste, pois para ele, aquele término de vídeo pediu uma música para conclusão – como quando são passados os créditos em um filme. Após o usuário terminar os assobios, todos os demais usuários bateram palmas. Porém o equipamento não ajudou na captação do som por não ser o equipamento adequado para aquela função, desde modo quando a gravação foi executada, notou-se que a captura foi

somente dos ruídos próximos ao microfone. Lírio sugeriu então que na próxima oficina poderia trazer equipamentos mais adequados para esse tipo de som.

Ao apresentar o vídeo completo para os usuários assistirem, todos ovacionaram o vídeo e deram risadas, principalmente da interação da fala do dragão com os demais personagens. Na fase posterior a dublagem o psicólogo questionou essa história elaborada pelos usuários que trouxeram: ‘foi uma história de várias peças, cada um dialogando sua parte’, ‘um trouxe uma fala em inglês, outro continuou, (...) fala que é a mestra e termina como se tudo não fosse importante, lendo jornal’. Outro usuário trouxe que ‘ficou muito legal o dragão’.

Novamente, após a conclusão das dublagens e com o vídeo completo, Lírio questionou se alguém viu algo a mais no vídeo, ou diferente e uma paciente que tinha chegado na metade da atividade se pronunciou falando que ‘eu vi uma reunião de seres celestes/ancestrais e no final esse dragão que foi tomar conselho com eles e pegou um jornal para tirar onda’, outro paciente complementou sua fala dizendo ‘porque ele era o único vivo daí’, outro participante disse ‘ou porque eles estavam falando muita besteira’. E nesse momento os demais usuários começaram a rir.

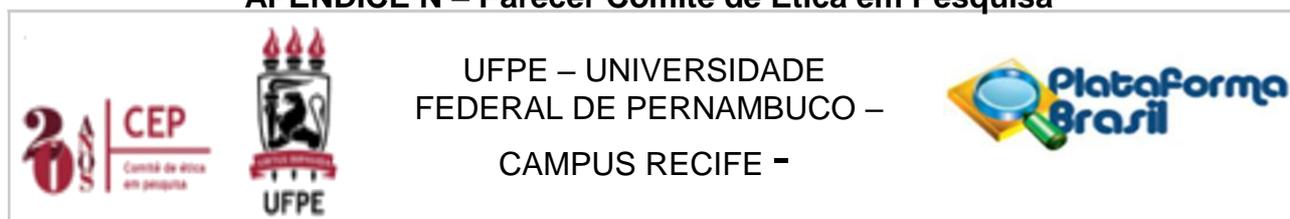
Nos momentos finais o psicólogo questionou se alguém gostaria de compartilhar mais alguma coisa, como ninguém se pronunciou para falar do vídeo em si, o profissional mostrou o vídeo completo mais uma vez e a oficina foi encerrada devido ao horário.

#### Impressões e observações finais

Os personagens dispostos aqui diferem dos apresentados na descrição do vídeo devido ao fator de que na descrição os personagens foram enumerados de acordo com a sequência em que foram aparecendo no vídeo, não levando em consideração somente os que estavam falando, mas sim a quantidade de sujeitos em cada parte do trecho/cena recortado. E os personagens enumerados no relato da oficina seguem a ordem das falas e das dublagens feitas pelos usuários, de acordo com sua preferência.

O psicólogo falou sobre oficina de forma breve e trouxe que pensou em pedir para os usuários refazerem a cena novamente, porém preferiu que fosse mantida a espontaneidade das falas.

## APÊNDICE N – Parecer Comitê de Ética em Pesquisa



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Processos Criativos no contexto de oficinas terapêuticas: a perspectivação do profissional em saúde mental.

**Pesquisador:** JACQUELINE LORRANE BRUGALLI CHAGAS CAGLIARI

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 13386919.6.0000.5208

**Instituição Proponente:** Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 3.436.972

#### Apresentação do Projeto:

Trata-se de um Projeto de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco da estudante JACQUELINE LORRANE BRUGALLI CHAGAS CAGLIARI sob orientação da Prof. Dr. Marina Assis Pinheiro. O estudo tem como hipótese que a dinâmica dos processos criativos, parte da ação do profissional de saúde mental no planejamento de oficinas terapêuticas, pode ser acessada e modelizada através da teoria dos 5 A's de Glăveanu, bem como é possível capturar as perspectivações existentes em decorrência das ambivalências e tensões que ocorrem ao longo do processo criativo. Estudo de caso de abordagem metodológica qualitativa de caráter ideográfico com um profissional da área de saúde mental que atue no planejamento e facilitação de oficinas terapêuticas em um hospital dia na cidade do Recife-PE. A proposta será informada ao profissional antes da entrevista, para obtenção de consentimento, bem como garantir o anonimato. O profissional realizará todos os procedimentos de acordo com a resolução do comitê de ética. Na primeira fase será dedicado um momento de observação das atividades cotidianas do profissional na instituição. Na segunda fase, a pesquisadora acompanhará, de modo dialogado, o planejamento da oficina terapêutica através de um protocolo de entrevista. A terceira fase será composta pela facilitação da oficina terapêutica pelo profissional, na qual o pesquisador estará presente somente como observador coparticipante da atividade. Nesse momento será observado como as antecipações se confirmam e são criativamente transformadas no campo intersubjetivo da profissional junto aos usuários; A quarta e última fase

**Endereço:** Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do Centro de Ciências da Saúde

**Bairro:** Cidade Universitária

**CEP:** 50.740-600

**UF:** PE

**Município:** RECIFE

**Telefone:** (81)2126-8588

**E-mail:** cepccs@ufpe.br



Continuação do Parecer: 3.436.972

consistirá em uma entrevista na qual ocorrerá a reflexão dialogada sobre fragmentos da transcrição da entrevista feita na segunda fase e do registro escrito da terceira fase. Será incluído no estudo o participante que trabalhe em uma instituição, hospital dia, com a elaboração e execução de oficinas terapêuticas no contexto de saúde mental. A análise dos dados da presente pesquisa possui sua macro-referência junto às instâncias apresentadas por Glaveanu (2015) na teoria dos 5 A's, em que se busca examinar as interações, a dialogicidade e as outridades envolvidas na atividade oficineira acompanhada na pesquisa. Um dos elementos centrais para a análise da perspectivação será capturar nas entrevistas e na situação de grupo como o sujeito antecipa e se relaciona com essas outridades. Neste sentido, será explorado as ambivalências discursivas, as tensões e os efeitos de significação que a affordance gerada pela oficina terapêutica produz entre os participantes ali presentes.

#### **Objetivo da Pesquisa:**

As autoras descrevem como objetivo primário investigar, em caráter exploratório, a dinâmica dos processos criativos ao longo da ação do profissional de saúde mental em oficinas terapêuticas. Como objetivos secundários, estão:

1. Acessar e modelizar, inspirado na teoria dos 5 A's de Glăveanu (2013, 2015), como ocorre a dinâmica perspectivante da ação criativa na relação do profissional face às outridades que participam de sua atividade oficineira.
2. Investigar como as ambivalências e tensões inerentes às significações da atividade oficineira lançam luz sobre as perspectivas atuantes na experiência estético-simbólico do profissional facilitador.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

As autoras apontam a possibilidade de que os procedimentos nesta pesquisa poderão levar o participante a sentir-se afetivamente desconfortável ao expor suas vivências e experiências com a ação oficineira, bem como as questões pessoais, as outridades e valores que circundam essa temática. Caso seja detectado algum risco imediato, como desconforto ou ansiedade no participante, o mesmo será assistido pela pesquisadora e, posteriormente, caso necessário, poderá encaminhá-lo rede pública de saúde. Além do mais, caso o participante deseje, sua participação pode ser suspensa durante qualquer etapa do projeto, por sua livre vontade, sem qualquer constrangimento ou ônus imediato ou futuro.

Ao participar dessa pesquisa o profissional oficineiro em saúde mental encontrarão um espaço de livre expressão a respeito da sua vivência com a temática das oficinas terapêuticas e as

**Endereço:** Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do Centro de Ciências da Saúde

**Bairro:** Cidade Universitária

**CEP:** 50.740-600

**UF:** PE

**Município:** RECIFE

**Telefone:** (81)2126-8588

**E-mail:** cepccs@ufpe.br



Continuação do Parecer: 3.436.972

perspectivações por trás dessa ação criativa. Destarte, consideramos como benefício dessa pesquisa a possibilidade de o participante expressar e experienciar opiniões e sentimentos sobre o ato de planejar, perspectivar e referir as outridades presentes na sua ação singular de elaboração da oficina, propiciando ainda autorreflexão a respeito da sua atuação na prevenção do suicídio.

Além do mais, um possível benefício direto seria contribuir para produção de conhecimento sobre o manejo das “no manualized practices” que circundam as atividades de Oficina utilizadas pelos centros de atenção psicossocial, retornando, deste modo, em subsídios para as políticas públicas.

### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

O estudo apresentou todos os termos conforme os preceitos éticos, apresentou coerência entre os pressupostos e objetivos a serem alcançados, com os riscos e benefícios voltados conforme o método do estudo.

### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

1. Folha de Rosto – Conforme os preceitos éticos.
2. Carta de Anuência – Conforme os preceitos éticos.
3. TCLE – Conforme os preceitos éticos.
4. Currículos dos pesquisadores – Adequados.
5. Projeto Detalhado – Conforme os preceitos éticos.
6. O termo de Compromisso e Confidencialidade – Conforme os preceitos éticos
7. Cronograma e Orçamento – Conforme os preceitos éticos.
8. Instrumento de Coleta de dados – Conforme os preceitos éticos.

### **Recomendações:**

Rever ortografia.

### **Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

O estudo foi avaliado e está APROVADO.

### **Considerações Finais a critério do CEP:**

O Protocolo foi avaliado na reunião do CEP e está APROVADO para iniciar a coleta de dados. Informamos que a APROVAÇÃO DEFINITIVA do projeto só será dada após o envio da Notificação com o Relatório Final da pesquisa. O pesquisador deverá fazer o download do modelo de Relatório Final para enviá-lo via “Notificação”, pela Plataforma Brasil. Siga as instruções do link “Para enviar Relatório Final”, disponível no site do CEP/UFPE. Após apreciação desse relatório, o CEP emitirá

**Endereço:** Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do Centro de Ciências da Saúde

**Bairro:** Cidade Universitária

**CEP:** 50.740-600

**UF:** PE

**Município:** RECIFE

Telefone: (81)2126-8538

E-mail: cepccs@ufpe.br



Página 03 de 05

**UFPE - UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE PERNAMBUCO –  
CAMPUS RECIFE -**



Continuação do Parecer: 3.436.972

novo Parecer Consubstanciado definitivo pelo sistema Plataforma Brasil.

Informamos, ainda, que o (a) pesquisador (a) deve desenvolver a pesquisa conforme delineada neste protocolo aprovado, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao voluntário participante (item V.3., da Resolução CNS/MS Nº 466/12).

Eventuais modificações nesta pesquisa devem ser solicitadas através de EMENDA ao projeto, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas.

Para projetos com mais de um ano de execução, é obrigatório que o pesquisador responsável pelo Protocolo de Pesquisa apresente a este Comitê de Ética, relatórios parciais das atividades desenvolvidas no período de 12 meses a contar da data de sua aprovação (item X.1.3.b., da Resolução CNS/MS Nº 466/12).

O CEP/UFPE deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (item V.5., da Resolução CNS/MS Nº 466/12). É papel do/a pesquisador/a assegurar todas as medidas imediatas e adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e ainda, enviar notificação à ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária, junto com seu posicionamento.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1334033.pdf	09/05/2019 12:08:26		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Detalhado_CEP.docx	09/05/2019 12:06:55	JACQUELINE LORRANE BRUGALLI CHAGAS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Maiores.doc	09/05/2019 12:06:22	JACQUELINE LORRANE BRUGALLI CHAGAS CAGLIARI	Aceito
Outros	Carta_de_Anuencia.pdf	09/05/2019 11:40:25	JACQUELINE LORRANE BRUGALLI CHAGAS	Aceito
Outros	Termo_Confidencialidade.docx	08/05/2019 15:58:01	JACQUELINE LORRANE BRUGALLI CHAGAS	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes_Orientadora_MarinaAssis.pdf	08/05/2019 15:55:42	JACQUELINE LORRANE BRUGALLI CHAGAS	Aceito

**Endereço:** Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do Centro de Ciências da Saúde

**Bairro:** Cidade Universitária

**CEP:** 50.740-600

**UF:** PE                    **Município:** RECIFE  
**Telefone:** (81)2126-8588

**E-mail:** cepccs@ufpe.br



UFPE - UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE PERNAMBUCO –  
CAMPUS RECIFE -

Continuação do Parecer: 3.436.972

Outros	Declaracao_Vinculo.pdf	08/05/2019 15:52:52	JACQUELINE LORRANE BRUGALLI CHAGAS	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes_JacquelineCagliari.pdf	08/05/2019 15:51:09	JACQUELINE LORRANE BRUGALLI CHAGAS	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	08/05/2019 14:45:04	JACQUELINE LORRANE BRUGALLI CHAGAS	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

RECIFE, 04 de Julho de 2019

---

**Assinado por:**

**LUCIANO TAVARES MONTENEGRO**  
(Coordenador(a))

**Endereço:** Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do Centro de Ciências da Saúde

**Bairro:** Cidade Universitária

**CEP:** 50.740-600

**UF:** PE **Município:** RECIFE

**Telefone:** (81)2126-8588

**E-mail:** cepccs@ufpe.br

## APÊNDICE O – Transcrição da Entrevista Individual (Pré Oficina)

Transcrição da Entrevista – Psicólogo (Lírio)

Realizada dia 10 de setembro de 2019

Tempo da Entrevista: 1h 13 min

### LEGENDA:

Coordenador: Narciso.

Coordenadora: Azálea.

Estagiárias: Margarida, Girassol, Tulipa.

Psicólogo Entrevistado: Lírio.

Psicólogas: Ipê, Rosa, Begônia.

Instituição Geral: Jardim

Instituição Espaço 1: Jardim Vertical

Instituição Espaço 2: Jardim Suspenso

Instituição X: Nome Fictício

Instituição Y: Nome Fictício

Instituição de Ensino Z: Nome Fictício

Programa Primavera: Nome Fictício

PESQUISADORA: Bom dia, como você sabe está pesquisa trata sobre as questões que estão envolvidas nessa elaboração e facilitação da oficina terapêutica pelo psicólogo que atua em contexto de saúde mental, que no caso é você. Antes de tudo eu gostaria de saber sobre você e como é essa atuação em saúde mental está fazendo parte na tua vida. Gostaria de entender como foi que iniciou o teu trabalho com as oficinas terapêuticas, mas antes da gente chegar nessa parte, eu queria que você me contasse um pouquinho sobre essa trajetória profissional. Então eu vou está fazendo algumas perguntas para organizar melhor as informações, mas eu gostaria que se você se sentisse à vontade. O que você sentir de falar pode falar e tudo que você tiver a dizer será importante, está certo? Inclusive se você quiser me fazer perguntas que eu estou aqui para atende-las. Quanto ao registro dessa atividade e dos demais materiais, pode ficar tranquilo que o material é sigiloso e será guardada a identidade dos participantes da oficina, bem como a sua identidade, está certo? Então para dar início aqui nossa entrevista, eu gostaria de estar conhecendo um pouquinho dessa tua trajetória profissional de como foi esse tornar-se psicólogo, né? Gostaria de saber como foi que você escolheu pelo vestibular de psicologia. Como foi esse processo de escolha? Você consegue lembrar? Você pode estar me falando um pouquinho sobre como foi essa escolha?

ENTREVISTADO: Então, Psicologia tinha sido um curso pensado para mim logo de início assim que acabei o colégio, mas eu não tentei para o vestibular, acabei pensando em outras coisas, eu já tinha participado de processo terapêutico a alguns anos e era (..) enfim, uma profissão que me chamava muita atenção era produção fonográfica. E após, enfim, tá formado na área eu decidi fazer alguns períodos do curso de psicologia simplesmente para ter um pouco mais de conhecimento. Mas aí quando eu entrei na faculdade, que foi na instituição de ensino Z, eu acabei, optando pelo, enfim, pela graduação e acabei seguindo assim. Foi uma coisa que durante o curso foi se construindo essa ideia de ser psicólogo assim, que durante muito tempo, enfim, eu não entendia muito bem como era trabalhar com isso. Sobre saúde mental especificadamente, no primeiro período que eu tive é (..) tive uma cadeira chamada Etnopsicologia e ele estava bem afrente de toda reforma psiquiátrica feita aqui, ele até foi meu orientador no projeto de conclusão do curso que foi sobre, enfim, basicamente essa história toda da loucura, bem Foucault. E eu me encantei muito pela área de saúde mental, então eu acho que meu desejo maior durante o tempo de formação foi trabalhar em instituições de saúde mental especificadamente. Foi nem ser o psicólogo clínico, foi um desejo bem, bem depois assim. Então como meu primeiro estágio nessa área foi na instituição Y, que fica aqui em Recife, depois posso te passar mais informações, se tu quiser. Eu fiz um estágio, é, depois eu fui para ((pensa um pouco, passa a mão no rosto)) o instituto X, que é uma clínica para dependência química, é particular também. Aí eu fiz o estágio lá na instituição X, fui contratado também, assim como fiz o estágio no Jardim e fui contratado no Jardim. E eu fiz uma pesquisa no Programa Primavera, que é um programa, acho que foi o único programa do Governo que é para (..) enfim, usuários de drogas. Tem os programas municipais, né? Mas o Programa Primavera eu passei um ano trabalhando lá também no Programa Primavera. Foi assim, todos os lugares que eu participei, eu acabei levando a oficina de dublagem. A oficina de dublagem foi criada no período de estágio no Jardim, mas acabou sendo um norte para um monte de coisa que eu fiz. Fiz também uma Pós-Graduação chamada, é (..) "Saúde Pública, Saúde Mental e Dependência Química, aí o trabalho de conclusão do curso dessa Pós-Graduação foi no uso de tecnologias em oficinas terapêuticas, é. No sentido de redução de danos. Posso te mandar esse nome certinho e agora eu estou concluindo uma Pós em JUNG, que vai ser também sobre a Oficina de Dublagens, enfim, agora de uma maneira mais ampla, eu acho que é isso.

PESQUISADORA: Então, o teu interesse pela psicologia surgiu antes mesmo de tu concluir o ensino médio, né? Mas você consegue lembrar um pouquinho de como foi que surgiu? Tinha entrado em contato com alguém, com algum psicólogo, ou algo do tipo?

ENTREVISTADO: ((Fungada)) Então não vou saber te precisar datas, assim, em tempos, mas eu participei de um processo de psicoterapia por volta de uns 11 anos e eu não consigo me lembrar do tempo que eu fiquei lá. E por volta de uns 15 anos eu iniciei um outro e nesse (.) que eu também não vou saber quanto tempo durou, os anos, nesse processo eu fiquei com muita vontade assim de fazer psicologia. Entendia como um espaço de cuidado, como algo que tava me fazendo tão bem, que eu queria fazer isso também com as pessoas, foi meio esse processo assim, mas tinha muita resistência familiar para o curso de psicologia, assim, muita. Na verdade, eu comecei até iniciando jornalismo, e (..) enfim, no segundo período de jornalismo eu fiz '*não, não é isso que eu quero*', fui para produção fonográfica, mas ((fungada)) o desejo surgiu por ter feito psicoterapia.

PESQUISADORA: É interessante que tua jornada sempre seguiu trazendo pontos justamente dessa produção fonográfica, né? Jornalismo também tem um pouco de relação. Quando você trouxe que tinha uma disciplina e um professor que foi seu orientador no TCC. Você quer está trazendo um pouquinho mais sobre quais disciplinas te motivaram mais na Universidade? Tinham outras? Ou era somente essa específica? Lembrando que o tempo é livre e você pode está trazendo sobre quaisquer disciplinas que você recordar agora no momento que tenham te motivado mais, né?

ENTREVISTADO: Vê só, é, eu não consigo lembrar assim especificadamente das disciplinas que eu mais gostei, não me vem à cabeça nada assim agora. Mas assim, durante o curso eu estava muito encantado com a psicologia, então, as disciplinas sempre me chamaram muita atenção, assim, tirando uma ou outra ((sorriso)) de modo geral eu gostava muito. Essa disciplina que era de etnopsicologia que esse professor deu, ele também deu (..) uma de (..) psicossomática ((movimento com as mãos)) eu não recordo agora, lembro de mais outras duas disciplinas, também que me chamavam muita atenção. Mas enfim eu não saberia te responder essa questão assim.

PESQUISADORA: Fique tranquilo. Tudo bem, sem problema. Eu tenho somente uma questão, uma dúvida, o que é, então, ser psicólogo para você? Você trouxe um pouco que fez terapia, mas para você o que é ser psicólogo?

ENTREVISTADO: ((sorriso)) Que pergunta difícil. Vou precisar ir na terapia antes de responder ((sorriso)). Brincadeira, deixa eu pensar um pouquinho aqui e te respondo. Mas é difícil essa pergunta mesmo, né? (...) Então, eu acho que minha concepção do que é ser psicólogo pra mim ela vem mudando muito desde antes de iniciar o curso até agora assim, eu não acho que tenha algo estabelecido, acho que por isso essa pergunta é tão difícil, assim. Mas eu penso que de início eu tava muito grudado ao arquétipo do herói, do salvador, né, como um psicólogo como aquele que vai ajudar todo mundo. Enfim, essa coisa bem mais, não sei, fantasiosa?! Não sei que palavra usar. Mas, não sei, depois do curso, depois de estar trabalhando na área acho que o psicólogo, ser psicólogo, é estar presente mesmo. É uma pessoa que consegue estar ali com outra por inteiro. A gente está vivendo nesse mundo que ninguém consegue escutar ninguém, com tanta informação rápida, tudo é muito superficial, né? Eu acho que a nossa prática é muito voltada para o aprofundar, né? Por estar ali com o outro valorizando cada narrativa do outro, cada história. Eu acho que isso é o ser psicólogo.

PESQUISADORA: Muito bonita tua reflexão e tua fala. E a quanto tempo você está exercendo essa profissão? Quanto tempo você está nesse lado de psicólogo? De escuta? Quanto tempo que você está exercendo?

ENTREVISTADO: Eu me formei no final de 2016. Então, não se tu queres saber quando me formei ou quanto tempo eu trabalho mesmo na área enquanto psicólogo. Eu me formei no final de 2016, mas antes de me formar eu tinha sido chamado para trabalhar na instituição X. Mas assim, contando, eu sempre estive trabalhando. Trabalhei na instituição X, no Programa Primavera, agora eu estou no Jardim, além do consultório. Mas, assim, estágio desde o primeiro período eu comecei a estagiar. E sempre foi, enfim, voltado para essa área de saúde mental, então é isso.

PESQUISADORA: Então, essa seria a próxima pergunta ((risos)) Mas já que você adiantou eu gostaria de saber, já que você trouxe essa questão do estágio, o que você considera que seria o mais importante para a gente estar sabendo da tua carreira? E se assim que você foi chamado pela instituição X, como foi que você chegou no Jardim? E o teu primeiro contato com saúde mental foi nesse estágio que

você fez no início do curso? Foi na graduação teu primeiro contato com a saúde mental?

ENTREVISTADO: Então ((mãos nas pernas)) vamos lá! Eu falei primeiro período, mas eu acho que foi no segundo que eu iniciei, eu posso até está pegando essa informação. Mas enfim, foi no primeiro ano da faculdade que eu estagiei na instituição Y, e lá foi sim meu primeiro contato com saúde mental, e eu já tinha pagado essa cadeira com o professor, etnopsicologia. Enfim, o que aconteceu assim, no (..) já próximo do final do curso eu fazia uma pós-graduação em 'Saúde Pública, Saúde Mental e Dependência Química' e estagiava na instituição X e no Jardim. Então eu acabei o estágio na instituição X um pouco antes e o estágio do Jardim eu acabei no meio de 2016. Aí segui fazendo estágio somente pela faculdade. Nesse tempo a instituição X me chamou, alguns meses depois de ter saído do estágio e tudo mais, eles me chamaram e enfim, estava próximo de me formar, aí fui. Sendo que essa pós-graduação que eu fazia em 'Saúde Pública, Saúde Mental e Dependência Química' eu fiz uma pesquisa sobre a oficina de dublagens que eu estava desenvolvendo lá no Jardim. Então era como o uso de tecnologia pode ajudar nas práticas de redução de danos. Enfim, eu fiz a pesquisa na instituição X, no Jardim e no Programa Primavera. Aí foi isso assim, eu fiz esses três pontos. Fui chamado para trabalhar na instituição X, depois de uns 6 meses trabalhando na instituição X, o pessoal do Programa Primavera me chamou para lá, e para mim fazia muito mais sentido, na época, ir para o Programa Primavera, por diversas questões. Mas eu gostava muito da instituição X. Então acabei indo para o Programa Primavera, passei um ano e pouco no Programa Primavera. E saí, pedi demissão para o Programa Primavera. Sendo que nesse tempo, desde que eu me formei, eu não perdi o vínculo com o Jardim, porque eu fui chamado para ficar fazendo oficina. Então eu ia para o Jardim fazer só a oficina de dublagens. Quando saí do Programa Primavera, um mês depois recebi um convite do Jardim para ir para lá. Foi a maior sorte da minha vida ((sorriso)). Aí eu estou lá agora, um ano e um pouquinho. Agora o que eu considero o mais importante da minha carreira?! ((sorriso)) Eu achei tão engraçado isso. Não sei, assim, sei nem o que pensar nisso. Mas uma coisa que eu sinto que foi um divisor de águas para eu ser reconhecido em alguns espaços foi a oficina de dublagens. Acho que isso foi importante (..). Mas não sei assim. Eu acho o seguinte, o lugar, não sei se foi essa tua pergunta que tu está fazendo, mas o lugar que eu senti que me formou como psicólogo, que eu aprendi,

minha prática (..) que minha prática é muito do que eu aprendi baseada no local, realmente foi o estágio do Jardim. É isso assim, para mim foi o que eu realmente encontrei o que eu queria realmente fazer.

PESQUISADORA: É muito legal observar o quanto a oficina te marcou e te marca, é muito bonito e interessante ver essa tua trajetória com esse dispositivo terapêutico. É muito interessante! Eu fiquei somente com uma dúvida, uma curiosidade, quando você falou do seu primeiro contato por conta da sua disciplina, você sentiu curiosidade de ir estagiar, quando você chegou na instituição, na primeira que você teve contato com a saúde mental, o que foi que você sentiu? Você viu algo diferente do que esperava? O teu estágio na instituição Y tu sentiu algo diferente da disciplina para a realidade? Algo te chamou muita atenção assim que você chegou na instituição? Algo que te marcou?

ENTREVISTADO: Então, na instituição Y sim era bem diferente, mas já que era um estágio pelo CIEE. Esse estágio que você se inscreve e eles te mandam para qualquer lugar. Enfim, eu achei que tive muita sorte de acabar parando na instituição Y, assim. E lá até uma definição diferente, não sei se seria saúde mental, mas seria necessidades específicas. Então a gente acompanha, fica um estagiário de psicologia acompanhando um pedagogo, no caso, na sala de aula. Sendo que não era uma sala de aula normal, logicamente. Na sala que eu fiquei, especificamente, era uma sala que tinham 5 autistas. (..) Era isso, a turma inteira eram 5 e é massa que essa professora ela também tinha especialização em psicopedagogia, então a gente conseguia trocar bastante. Nesse momento a gente não tinha contato, sei lá com o pessoal da psiquiatria, ou outras coisas nesse sentido. Eu acho que o que mais me chama mais atenção, e que eu carrego até agora, é de entender nesse momento que uma das melhores coisas que você consegue fazer para intervir é a construção do vínculo. Acho que a gente retoma até essa pergunta anterior, o que é ser psicólogo e essa ideia do estar presente, estar ali com o outro, eu acho que desde esse primeiro momento isso já foi se clareando assim também. (..) Mas acho que é isso assim, a instituição Y me chamou atenção, me cativa muito por ter sido o primeiro espaço que eu tive contato com psicologia, trabalhando, é essa ideia de você acompanhar as mesmas pessoas durante um longo tempo também chama bastante a atenção. E é verdade essa questão da oficina de dublagens, tem até uma pessoa do mestrado que está falando comigo ((sorriso)).

PESQUISADORA: ((sorriso) Lembro até que Azálea falou que você está ficando famoso, sujeito de pesquisa. Deixa eu te perguntar agora, voltando um pouquinho para o agora, o hoje, no teu trabalho em saúde mental e o teu dia a dia. Você pode estar falando um pouquinho sobre tua prática nesse espaço? Como são as atividades que você elabora? Eu acompanhei um pouquinho do dia a dia na instituição, esse tempo que fiquei observando. Mas eu gostaria de ouvir você falando um pouco sobre essas atividades que você executa no espaço, que você me falou que começou fazendo somente a oficina e hoje quais são os trabalhos que você executa por lá?

ENTREVISTADO: Vamos lá, eu faço parte do programa AD, que o programa de atenção a álcool e outras dependências e nesse programa eu faço duas oficinas, que é o acolhimento AD, que é na segunda-feira. A ideia é a gente acolher mesmo essas pessoas que estão chegando, entendendo que o final de semana é um momento de bastante vulnerabilidade para esses casos. E a gente faz um planejamento para a semana, na ideia de (.) é uma prática de (.) uma construção voltada para esse tipo de público, por exemplo, qual a dificuldade que as pessoas têm de planejar, cumprir planejamento, colocar metas. A gente tenta construir muito nessa oficina, a gente trabalha com muito material expressivo, bem variado, as vezes eu levo até a oficina de dublagens para esse acolhimento AD. E dia de quinta-feira eu faço a oficina de redução de danos, que aí é a criação realmente de estratégias para diminuir danos e riscos causados pelo uso. Também tem bastante material plástico, muito vídeo, texto sobre o assunto, para a gente refletir sobre essas práticas (..). Faço parte de um projeto chamado Centro de Convivência que Narciso até participava e me ajudou a montar esse projeto que é o seguinte: toda terça-feira a tarde a gente sai com alguns usuários para ir para a rua. A gente escolhe os passeios, a gente monta a programação sempre no mês anterior para onde eles quiserem conhecer. A gente por ir para a praia, para o cinema, para o museu, para algum tipo de serviço. Por exemplo, tinha um usuário que queria aprender a tirar a carteira de trabalho e o grupo inteiro de disponibilizou, '*a gente também vai contigo*'. Então o Centro de Convivência foi um lugar assim onde se tirou a carteira de trabalho, sabe? A gente já foi lá no CIS, que é o Centro Integrado de Saúde. Enfim, é bem variado. E o que a gente faz no Centro de Convivência?! A gente convive, basicamente ((sorriso)). A ideia é essa, várias pessoas que estão nessa dificuldade de reinserção social e com todos esses receios trazidos por

quadros depressivos, de qualquer outra coisa assim. As vezes a dificuldade é de estar na rua, pegar um ônibus. Então a ideia é que a gente esteja junto dessas pessoas. A equipe é formada nesse momento por um psicólogo, que sou eu, um estagiário e um técnico de enfermagem. Além dessas duas atividades eu faço a oficina de dublagens. Eu acho que só, acho que é isso.

PESQUISADORA: São muitas atividades, ne? E é muito interessante ver que justamente uma das propostas é a reinserção social, então é importante esse Centro de Convivência, saber que vocês estão tendo esse tipo de atividade. Indo de encontro ao antigo modelo é justamente trazer esse público para convivência. Muito interessante, gostei da proposta, desse trabalho de vocês. E você falou que faz mais duas oficinas, além da de dublagem, mas você também acompanha estagiário? Também tem algum momento de reunião de equipe? Alguma outra atividade que você faz na instituição para além das oficinas?

ENTREVISTADO: Sim, eu acompanho. Todas as atividades que eu faço tem algum estagiário que eu acompanho; no Centro de Convivência tem um estagiário do Centro, no programa AD tem um estagiário do programa AD, na oficina de dublagem é uma estagiária da casa, que tu conheceu, né? Margarida. A gente tem sim reunião de equipe que é toda quinta-feira. Fora isso a gente tem supervisão; supervisão dos psicólogos que é uma vez no mês. Mas a gente que é do programa AD, eu e Begônia, que é a coordenadora, temos também supervisões quinzenais com outro profissional, para discutir os casos AD. Na supervisão está tendo também um psiquiatra que está participando com a gente. De atividades o que a gente faz é evolução, reunião de família, laudos (...). Então, todas as documentações que um psicólogo pode fazer, a gente faz de modo pontual, mas acredito que as principais, que a gente faz no dia a dia, são as evoluções (...). O que acontece no serviço tem que alguma vez no mês, na verdade algumas vezes porque são grupos separados, porque assim tem usuário que tem reunião de família, então tem que chamar os usuários e a família para as atividades que tem na casa. Eu não acompanho isso, acompanhei na época de estágio. Mas fora isso, sempre que a gente tem algum tipo de demanda mais específica a gente sente que é importante a família está junto, a gente convida os familiares ou os familiares mesmo propõem, então a gente tem essas reuniões pontuais.

PESQUISADORA: É importante a gente estar sabendo do teu trabalho para além das oficinas, desse novo modelo de promoção de saúde. Pensando um pouquinho

nesse teu trabalho em saúde mental, quais são teus maiores desafios? Os desafios que você encontra no dia a dia, você pode falar um pouco?

ENTREVISTADO: Como tu falou, como se trata de um novo modelo de promoção de saúde, um desafio é lidar com o novo; vai dando uma insegurança, '*será que eu estou indo pelo caminho certo?*'. São muitas escolhas que a gente tem que fazer todos os dias. No espaço como o Jardim a gente tem muita oportunidade de troca, assim, com a equipe. A equipe é sempre muito próxima. Em vários momentos, como em qualquer outra profissão a gente vai ter que tomar muitas atitudes sozinho. E muitas vezes são escolhas que a gente precisa fazer que não tem como ser embasada por livro ou algo nesse sentido. A gente vai construindo juntos mesmo. Não é à toa, é um novo modelo que a gente está construindo. Ao mesmo tempo que isso é bom, fantástico. Eu me sinto privilegiado em está participando disso. Eu me sinto realmente dentro de algo muito bonito, muito grande que está acontecendo, muito transformador. Por mais que eu não tenha alcançado a parte de toda transformação da Reforma Psiquiátrica, do (.) de destruindo o que tinha para reconstruir, acho que nessa construção sim eu estou presente. Acho que contribuindo até com os artigos sobre a dublagem mesmo. Falando sobre novos modelos de intervenção, minha proposta de como a gente consegue intervir com tecnologia, sabendo que o mundo inteiro (.) enfim, a gente está na era da tecnologia. Como é que a psicologia consegue assimilar isso para dentro das intervenções?! (..) Mas é um grande desafio, porque muitas vezes na prática, como a oficina, vem dúvidas. Caramba, será que isso é realmente terapêutico?! Será que isso que eu estou fazendo é psicologia?! Isso está fazendo bem para alguém?! E lidar com isso e trocar. Mas eu acho que o caminho é realmente trocar com as pessoas também. E lendo sobre o que todo mundo está escrevendo sobre, enfim, sobre novos projetos mesmo. É muito gratificante, muito consolador escutar e ler quando as pessoas estão falando sobre isso e contando também sobre as inseguranças. Um outro desafio acho que é tempo. A gente está em um mundo muito corrido, então, essa velocidade ela afeta todos âmbitos e um desses âmbitos é dentro da instituição também, né?! Então, como é que a gente consegue dar conta de tudo que tem de dar nesse tempinho assim?! São muitas vidas, né, que estão se entrelaçando. (..) eu fico pensando assim, a psicologia é (..) enfim né, tipo, é uma produção que a gente vai tender de '*não entrar nesse processo de correria*', vai, mas (.) como é que eu posso dizer ((movimenta as mãos)) enfim, vai mais para o seu mundo para não

entrar nesse processo adoecedor mesmo. Acho que outro desafio é como é que a gente não entra nesse processo adoecedor estando trabalhando com tanta demanda assim. Uma demanda muito, muito crescente, assim. Jovens na saúde mental é algo que as vezes eu sinto como assustador, é (.) enfim, eu trabalho na área de dependência, então a dependência de games é uma coisa que é muito nova. O CID acabou de assimilar isso como um transtorno mental, só entrou agora no CID 11. Já tinha um diagnóstico para dependências para jogos de azar – bingo, cassino- essas coisas assim. Aí a gente vê a relação muito grande da dependência de games com a dependência química, mas assim era mais encaixado como (..) acho que é transtorno de comportamento impulsivo, posso te passar esse nome melhor. E agora a gente, tipo, inicia um novo processo, né. Então quando a gente vai cuidar de uma pessoa que tem dependência de jogos é algo que não tem nem algum tipo de precisão mesmo. Qual o tratamento que funciona?! O que já foi feito?! Não, a gente iniciou agora. A gente entendeu agora que isso é uma doença e claro que não poderia ser uma doença antes já que não existia jogos. Jogos estão aí, começaram a fazer efeito, enfim, estão mais presentes na vida das pessoas se tornou uma nova doença. E eu acho que isso exemplifica muito bem o quanto a sociedade vai construindo coisas que são adoecedoras. E a gente, enquanto elas constroem, (.) a gente precisa ir elaborando formas de cuidar disso, né.

PESQUISADORA: Muito legal isso que você trouxe. E eu fico até curiosa de saber se tem demanda. No caso tem público? Aparecem pessoas com esse tipo de queixa? Realmente é um desafio trabalhar com saúde mental, principalmente com as recentes notícias desse ano. Quanto a Reforma, acredito que ela ainda continua em construção, e quando a gente recebe esse tipo de notícia, retrocedendo todos os avanços que vinha conseguindo com a luta, que querendo ou não respalda no seu trabalho, respalda na pesquisa. Mas, voltando, esse público tem buscado os serviços que você trabalha?

ENTREVISTADO: Então, em relação as demandas de dependência em tecnologia é muito pouco que chega. Muito pouco mesmo, né. Então, aí é uma opinião minha, eu imaginei que já é tão novo isso tudo que as pessoas ainda nem entendem. Até isso se tornar um diagnóstico no CID teve uma pressão danada para que não fosse, porque estigmatiza as pessoas que jogam, porque assim, existem jogadores profissionais que investem bastante tempo deles nessa atividade. A gente vai vendo que é uma média, mas a gente não tem esse número exato, mas se não me engano

é uma média de 3% de pessoas que jogam e que desenvolvem uma dependência de games. Um exemplo assim é (.) imagina você está com uma pessoa, um familiar seu, que em geral é um familiar que busca esse tipo de ajuda, e alguém quer sei lá, internar uma pessoa em um hospital dia porque ela joga muito vídeo game. Tem que chegar em um caso muito grave hoje em dia para que as pessoas tomem essa decisão, sabe? Por que ainda não é trabalhado isso socialmente. Em alguns países eles já identificaram isso como um problema, enfim, uma problemática de saúde pública há um tempo e já vem tomando algumas atitudes. Acho que no Japão a galera, é (.) mandou a galera dos videogames colocar os danos que podiam ser causados. China e Coreia, se eu não me engano, estipularam, se não me engano, que crianças de até 16 anos só poderia jogar até tanto tempo. Enfim, tiveram alguns países que fizeram algumas coisas nesse sentido, há algum tempo atrás. Então onde é que chega mais essas demandas?! Eu acho que, se eu não me engano, no Jardim chegou uma vez isso. Na instituição X eu já trabalhei com algumas pessoas nesse sentido. No consultório chega, mas nunca chega, assim, de games. Chega a pessoa que não está conseguindo dar conta da vida dela porque está desmotivada, aí vai tendo uma, enfim (.) as pessoas começam a não cuidar da higiene, a não comer. É um quadro muito parecido com dependência química, porque tem isso, as pessoas têm dificuldade de dar conta das atividades da vida diária. E com o tempo começa a desenvolver sintomas de depressão, ansiedade elevada, esse tipo de coisa. Então chega por aí e depois a gente vai entendendo que é algo da dependência de games. Acaba que hoje em dia não chega diretamente. A gente tem que 'arrodear' para entender. E realmente, assim, essa parte do novo governo, né, como uma dificuldade para se trabalhar nesse novo formato, eu, sinceramente, estou tentando ignorar, assim. Não pode, não. Eu estou em negação disso, achando que nada disso aconteceu e que é mentira e vão me acordar, sabe? Acho que é por isso que eu nem coloquei em pauta. Não sei. É muito assustador. É como se a gente pegasse tudo que a gente fez, tudo que a gente está construindo e realmente tivesse a grande chance de ser jogada no lixo, assim, né. Mas, é ((sorriso)) (.) vou contar sobre esse assunto não, senão eu fico deprimido ((sorriso)).

PESQUISADORA: ((sorriso)) Realmente é um assunto muito delicado, essa questão da redução de danos que foi influenciada. Mas enfim, Danilo, eu queria agradecer novamente pela tua disponibilidade de estar aqui respondendo com paciência esse questionário. Eu vou ser repetitiva, mas muito obrigada pela sua participação, está

certo? Voltando (.) como eu te perguntei quais eram os teus desafios, o desafio de quem está trabalhando na área de saúde mental, agora eu vou perguntar quanto aos desafios de se trabalhar –planejar, facilitar- uma oficina terapêutica. Quais os desafios que você sente nessa prática? E você pode estar falando livremente sobre esses desafios, tanto pessoal quanto profissional, de estar nesse manejo dessas oficinas, desde planejar, pensar, idealizar, até a parte da execução mesmo, questões técnicas. Quais são os maiores desafios?

ENTREVISTADO: Pode ficar tranquila, de verdade mesmo, eu estou achando massa. É bom que a gente repensa nossa prática, né? É bem legal assim falar sobre isso tudo, massa mesmo ((sorriso)). Então vamos lá ((bate as mãos nas pernas)) os desafios de se fazer uma oficina terapêutica assim. Primeiro ponto eu acho que é tempo, para a gente conseguir ser criativo não é só parar um tempinho e ‘*ah, vamos criar alguma coisa*’. Precisa de um tempo, a gente precisa estar bem, né. Vem um monte de ‘leseiras’ na cabeça até a gente conseguir filtrar tudo e ter algo assim. E eu acho que as oficinas elas demandam muito algo assim. Quando você está dentro de um serviço, em um hospital dia, com tantas demandas urgentes, tanta coisa para se resolver, eu acho que esse tempo da elaboração (.) da criação de cada oficina acaba que não tem um tempo separado para isso, então você tem que dar conta em outros espaços. É o levar o trabalho para casa, assim, que eu acho que acaba sendo um lugar que é mais tranquilo para pensar e criar. Então isso, enfim, sinto como um desafio, conseguir colocar esse tempo como uma parte do trabalho institucional. Eu sinto que pensar em uma atividade para um público específico, que é um grupo que é bem mutável, no caso das oficinas, né, tipo, toda semana podem vim pessoas diferentes. E é tipo o momento de cada lugar, porque é isso, na oficina de dublagem mesmo, é importante pensar na cena que a gente vai levar porque tem momentos que podem ser bem inadequados, tem momentos que podem instigar coisas que a gente não vai conseguir dar conta naquela situação. Então, enfim, tem que ser bem pensado. Uma outra coisa, né, é porque é isso, ao mesmo tempo que a gente pensa nisso, e como é importante pensar, muita coisa sai completamente do controle. As vezes uma expectativa que você tem que vai dar em algum canto, mas dar em outro completamente diferente, né. Acho que a oficina terapêutica tem muito disso. Eu estou falando assim só o que vem na cabeça, pode estar um pouco confuso (.) é, vamos ver ((esfrega as mãos na calça)).

PESQUISADORA: A gente estava falando das oficinas...

ENTREVISTADO: Tá, a oficina também tem uma questão que as vezes a gente acessa conteúdos, né, de (.) algum usuário acessa algum conteúdo, que é muito específico da vida dele, que seria legal trabalhar. E em algumas oficinas a gente consegue trabalhar alguma coisa, mas tem oficinas que a proposta não é aprofundar mesmo nisso, mas sim estimular para que ele leve para outros espaços. Ou a gente tem um acolhimento posterior à oficina com esse usuário. Isso eu sinto que é um desafio assim, encontrar esse equilíbrio, né, de não ser superficial, de ser algo para tocar nas profundezas, e ao mesmo tempo não provocar algo que não possa ser, enfim, ser (.) ser terapêutico dentro daquele espaço. De alguma maneira até ser contido, não sei se essa palavra é boa para ser usada, mas assim a gente conseguir ter um continente mesmo, né, porque é um grupo, né, não é um ((pigarreio)) um atendimento individual. E também é um grupo sempre muito misto, não é que nem um grupo terapêutico, né, que são aquelas mesmas pessoas que se veem sempre naquele mesmo horário. É um grupo que pode qualquer pessoa entrar, uma oficina é isso, então sinto também como um desafio.

PESQUISADORA: Outra questão, outra dúvida, como você se sente quando está realizando essa atividade? Quais são os sentimentos que te vem? O que surge de ti da oficina? Como que você se sente ao exercer essa atividade?

ENTREVISTADO: Então, já que eu sou algumas pessoas dentro de uma só, como todos nós somos, eu tenho sentimentos bem distintos, assim. Então eu me sinto muito desafiado. Muito desafiado em toda oficina que eu faço, assim, porque ((fungada)) uma das coisas que a gente falou em uma outra pergunta que você fez, era *'caramba, estou indo pelo caminho certo?'*, *'Eu podia fazer outra coisa?'*. Quando alguém fala alguma coisa, caramba, estimula a continuidade, tipo, *'até onde eu devo estimular eles a criar um tema ou a seguir um tema que eles já criaram?'*. Muitas vezes o tema foge, então, esse manejo da oficina eu acho complicado. Então eu acabo variando o (.) eu acabo sendo um pouco mais assertivo, na verdade mais diretivo, em outras eu deixo completamente aberto mesmo, assim, a gente vai testando para ver. Nunca consegui chegar num ponto, com o melhor formato, tem dias que funciona melhor de um jeito, tem dias que funciona melhor de outro. E o sentimento também que eu tenho (.) eu tenho certa felicidade, assim, certa alegria em estar fazendo a oficina. Quando eu estou lá, assim, é legal pensar que um projeto que foi construído e que está dando certo, quando eu vejo os usuários querendo dublar, eu penso *'caramba que massa ter pensado em uma proposta*

*como essa que comove as pessoas e as pessoas sentem um prazer* e isso dá suporte nesse processo terapêutico. Enfim, em alguns momentos eu sinto isso, em outros eu sinto uma grande insegurança ((sorriso)) de estar fazendo, acho que é por aí assim. São sentimento confusos, mas estão bem presentes.

PESQUISADORA: Verdade, de certa forma são sentimentos um pouco ambivalente, você relata que fica feliz e inseguro. Então, depois disso tudo que você falou, o que te instiga a fazê-las? A planejar? O que está te instigando a continuar fazendo essa oficina ao longo desses três anos? E dentre as oficinas que você maneja, tem alguma que você tenha um apego emocional maior? Tem alguma que você considera assim a mais importante? Para você, ao decorrer da semana, qual é aquela que você sente mais comovido, tem maior impacto em você?

ENTREVISTADO: A oficina de dublagens ((sorrisos)).

PESQUISADORA: O que te instiga a realiza-la?

ENTREVISTADO: Conseguir produzir um material coletivo dentro de um espaço de saúde mental que o grupo se sinta satisfeito e se reconheça naquilo é um grande desafio. Acho que a oficina de dublagem proporciona isso. Acredito que daí venha boa parte da instiga.

PESQUISADORA: Agora eu vou te perguntar sobre essa oficina específico, a de dublagem. Como foi para você idealizar e elaborar essa oficina em particular?

ENTREVISTADO: Então, vê só, o meu primeiro curso foi em produção fonográfica. Então eu trabalhava com som, eu nunca trabalhei especificadamente com dublagem, mas sempre foi um desejo meu. Então, assim, eu lembro que quando eu era pequeno, eu brincava muito de tirar o som da TV e ficar dublando. Então, na época de estágio a gente é estimulado a criar uma oficina, e aqui a gente tinha, na época, a supervisão de Azálea, né, para (.) enfim, desenvolver isso junto. Aí na minha época eu pensei *'como é que eu junto essas duas coisas?'*. Aí acabou com a ideia de dublagem e seguiu assim. Azálea deu uma boa elaborada nisso tudo, que era um projeto meio perdido, assim, eu queria fazer uma dublagem, *'mas porquê?'*, *'nem sei muito'*. A gente foi meio que construindo assim.

PESQUISADORA: E como foi tua primeira oficina de dublagem? Você lembra?

ENTREVISTADO: Então, a primeira, primeira oficina de dublagem eu fiz para os estagiários ((sorrisos)). Era meio que um piloto para a gente entender como é que funcionaria, então a gente fez no espaço de supervisão. Aí já foi bem legal, assim, é

(.) algumas coisas confusas, ainda se encaixando, mas a gente já via que iria fluir assim. Era uma proposta que envolvia sim.

PESQUISADORA: Então deu certo na primeira tentativa?

ENTREVISTADO: É, exato, deu certo.

PESQUISADORA: Qual foram teus sentimentos nessa primeira oficina que você fez? Mesmo sendo voltada para os estagiários, você sentiu o que?

ENTREVISTADO: Insegurança ((sorrisos)). Eu ficava me perguntando '*por que eu estou fazendo isso?!*', '*meu irmão, será que isso é psicologia? Ou não é psicologia e eu só estou, sei lá, fazendo uma viagem aqui?*'. Então ficava um dos meus grandes questionamentos: '*Tá, como é que eu faço para isso aqui conseguir ser terapêutico?*' . Era uma coisa que Azálea me falava muito (.) que essa atividade por si só ela já era terapêutica, uma coisa que não estava no cotidiano das pessoas, que envolvia, assim, um trabalho coletivo, que colocava a voz das pessoas, o protagonismo era esse, que fazia as pessoas ressignificarem uma história, entrar em contato com esses conteúdos, assim. Enfim, ela fortaleceu bastante isso em mim, que era uma dificuldade que eu tinha bastante assim de início, '*meu Deus, você era estagiário e está propondo algo que você nunca viu*', né, era meio que um tiro no escuro.

PESQUISADORA: E tem quanto tempo de oficina já?

ENTREVISTADO: Então, eu comecei a oficina no início de 2016, por aí, que o meu estágio acabou no meio de 2016. Pelo menos uns 6 meses, então (.) uns 3 anos e meio.

PESQUISADORA: Você sempre faz com dublagem a oficina?

ENTREVISTADO: Não. Então, está dizendo no horário da oficina de dublagem, se eu sempre faço dublagem?! Não, porque em algum momento da vida a gente simplesmente sente o desejo e a vontade de (.) e acabou que a oficina ao invés de ser dublagem, o nome está sendo levado para isso, mas a maior parte das oficinas são de dublagem. Mas a gente acabou que a gente vai experimentando muita coisa do (.) feito, enfim, eu fiz uma pesquisa na minha época da pós-graduação em saúde mental e foi sobre a oficina de dublagens. E eu acabei vendo a importância de se estudar o uso de tecnologias dentro de oficinas terapêuticas. Ver que, tipo, está se iniciando esse estudo por aqui, então acaba que a gente vai misturando várias coisas diferentes. A gente já fez vídeo clipe, filme, trailer, rádio, é (.) *talk show*. A gente fez um monte de coisas assim ((sorrisos)), mas uma das coisas que fica próximo a oficina de dublagem, né que as vezes a gente mistura, é (.) enfim, é

porque o termo específico não seria dublagens, seria sonorização (.) da gente brincar com os sons, mas não necessariamente com a voz. A ideia, e até a proposta hoje, é que a gente vai brincar um pouco com o som e outra que é somente a voz. Deixei aqui (no notebook) para a gente escolher.

PESQUISADORA: Quando você traz que abordou isso também na pós, quais foram as tuas referências?

ENTREVISTADO: Caramba, eu não vou lembrar assim de cabeça tudo, eu tenho acesso a alguns artigos de pessoas que já falavam sobre o uso de tecnologias, especificadamente, né, em oficinas e saúde mental. O que eu percebi disso?! Que as oficinas que são feitas de tecnologias, tipo cinema, as pessoas (.) é como se elas não tivessem um acesso direto sobre a tecnologia, sei lá. É como se elas vissem um curta, um exemplo, e (.) vão refletir sobre isso, fazer uma produção ((interrupção da técnica de enfermagem)). É (.) me perdi.

PESQUISADORA: Eu te perguntei das referências, mas para saber de onde surgiu a sua ideia? Então foi no curso mesmo?

ENTREVISTADO: Foi, exato. Mas aí eu peguei algumas referências de algumas oficinas dessa. Tem alguns livros, que se não me engano é de Minas Gerais que o pessoal está fazendo sobre isso. Aí eu vi que a galera usa tecnologia de outra forma que é (.) é dada a tecnologia, mas, assim, a gente não interage especificadamente com a tecnologia, que eu acho que a oficina de dublagem tem isso de diferente, que a gente constrói isso junto e vai editando junto com ele. E outra oficina aqui no Jardim que é de cinema de animação. Eu sinto que é essa mesma pegada do pessoal construir junto, né, de alguma maneira eles estão mexendo na tecnologia especificadamente, não só recebendo, como, sei lá, uma oficina de música, que é diferente quando você faz música e você escuta a música para refletir sobre ela. Eu acho que isso tem sido um giro nas oficinas, nos últimos tempos, assim.

PESQUISADORA: Então tua ideia surgiu antes de você entrar na psicologia também?

ENTREVISTADO: Assim, não, porque eu nunca pensei em fazer uma oficina de dublagem, *'simplesmente, tá, eu queria trabalhar com dublagem, mas nada a ver com a psicologia'*. Então era assim um sonho que eu tinha que estava simplesmente guardado, aí quando eu estava aqui na ideia de pensar oficina, uma que foi assim *'caramba, uma oficina de dublagem'*. Talvez saia alguma coisa daqui, e  
foi.

PESQUISADORA: Quais são os elementos que participam quando você escolhe o trecho a ser dublado?

ENTREVISTADO: Então, é uma coisa que até hoje eu me pergunto, assim, eu tenho um banco de cenas já guardadas, que eu acabo utilizando e revisitando eles sempre. Mas assim, logo no início das oficinas a gente pensou que (.) a primeira oficina piloto que eu fiz com os estagiários, a gente fez uma oficina de 1 minuto. E a gente viu que era uma cena muito longa, que já que é uma atividade que as pessoas não têm tanto contato, vai demorando para pegar esse ritmo. E a ideia era de que a gente pudesse refazer essa cena, pelo menos, umas 3 vezes. Na ideia mesmo de ressignificar uma cena (.) da gente entender que uma imagem ela pode ter diversos sentidos. Mas gente pensou nisso, depois do piloto, que o ideal seria uma cena de 20 segundos. Então, tem uma cena de 20 segundos, onde várias pessoas falem, nesse movimento e que a gente sinta que passe alguma história naquilo, isso é o grande desafio, assim, para mim (.) de conseguir encontrar, porque no geral o máximo são duas pessoas falando ou uma pessoa só fala 20 segundos. Então essa edição é meio difícil mesmo, encontrar isso (.) é, tem umas cenas especificadamente que eu noto que se a gente usa ela, uma até que eu trouxe aqui assim, uma cena em que os espíritos aparecem, essas entidades, em que eles estão conversando e é um diálogo meio fervoroso, assim. Então, EM GERAL, as pessoas jogam para política. Mas quando você vê uma cena dessa você já sente que ela lhe toca de alguma forma, né, tipo, meu Deus, alguma coisa acontece quando você vê? Aí eu tento buscar sempre acessar essas cenas, né, mas as vezes vem uma cena que, tipo, não sei (.) nem sei o que me toca, mas eu trago mesmo assim e vamos ver no que é que dá.

PESQUISADORA: É você que recorta os trechos...

ENTREVISTADO: Sim.

PESQUISADORA: É você que edita?

ENTREVISTADO: Em geral eu passo o domingo fazendo isso ((sorrisos)). Assistindo um monte de desenho para ver o que é que vai ser.

PESQUISADORA: E depois aqui, com as ferramentas, são todas suas?

ENTREVISTADO: É, correto, Exato.

PESQUISADORA: Vamos falar então sobre como você sente nessa situação de oficina de dublagem?

ENTREVISTADO: Não entendi a pergunta.

PESQUISADORA: Quando você vem aqui para elaborar essa oficina, quando você planeja ela (.) na hora que você planeja e na hora que você facilita ela (.) de modo geral antes da gente passar para falar da de hoje.

ENTREVISTADO: Certo, então, o planejamento é sempre um desafio, mas eu entendi que ele sempre me surpreende, eu sempre gosto de pensar no que eu espero, como é que vai ser a cena, as vezes eu fico dublando a cena na minha cabeça enquanto estou vendo. Mas é sempre COMPLETAMENTE diferente, assim, eu nunca (.) até esse tempo todo que eu venho fazendo ela, eu nunca consigo prever o que é que vai sair daí. Por que é isso, né? Acho que é uma das expectativas que eu coloquei aqui (no diário de campo) na oficina de hoje é o grande desafio é construir esse espaço coletivo onde cada pessoa (.) já que é para ser uma produção coletiva cada um deles precisam se identificar com aquilo, precisa sentir que aquela produção é dele. Aí a gente vai articulando cada ideia de cada pessoa que sentiu vendo a cena, junto assim, sem ter um roteiro pré pensando. Então assim, vai produzir espaço. Mas a ideia (.) e tem isso, né, tem cenas que eu sinto *'meu Deus acho que isso aqui vai dar muito o que falar'* e quando vê é uma oficina mais travada, assim, parece que ninguém chegou em canto nenhum, assim ((sorrisos)). E outras que eu faço *'vamos testar, porque eu nem sei para onde isso vai dar'* e acessa muito forte assim, depois o que isso significa para mim. Fico olhando assim ((inclina a cabeça)). Vou olhar a cena de novo em casa, vou repensar sobre aquilo, né.

PESQUISADORA: Essa de hoje, você pensou alguma dublagem específica? Algum tema?

ENTREVISTADO: Eu pensei em dois recortes e achei que a gente poderia escolher os dois juntos o recorte. Uma foi uma que (.) o que eu pensei, já que você vai usar essa imagem para um projeto de mestrado, eu fiquei no receio de utilizar algum filme da empresa, né, por conta da empresa mesmo, mas que não esteja em domínio público, então você não pode citar ele. Vamos pegar pelo menos 1 de domínio público e outro que não. O de domínio público que eu escolhi foi esse do ano de 1939. Então é uma cena que tem muitos personagens, né, que tem tipo muita cor (.) que cor, eu sinto, que é uma coisa que joga a gente para esse lado mais lúdico, da fantasia, então as pessoas se sentem mais soltas para falar. E já que é uma cena do chapeleiro com Alice, com os coelhos, com tudo assim, é uma cena que a gente pode estar falando de qualquer coisa mesmo. Além de ter elementos de som que a

gente pode construir, então a gente vai poder ter um pouco mais de acesso de elementos da oficina, é (.) enfim, pode ir para qualquer lugar.

PESQUISADORA: Então, quais seriam as metas dessa tua atividade? Que você pretende evocar?

ENTREVISTADO: Vamos, lá. (..). Enfim, a principal meta da oficina de dublagem é a gente conseguir, né, criar esse espaço harmonioso, coletivo, né, e que o pessoal sintam que é possível fazer, e que a gente consiga dublar em si, então a gente consegue ressignificar essas histórias, acho que é o principal ponto. E é a expectativa para todas as oficinas. Então essa oficina a gente pode utilizar tanto a voz quanto os instrumentos que a gente confeccionou em uma oficina anterior a essa. Então a gente vai tentar utilizar só esses instrumentos para fazer esse som. O desafio, como a gente tinha falado da oficina, também como um todo, é a gente conseguir construir (..) conseguir articular todas essas ideias, que vindo de cada indivíduo assim, que ele traz do seu repertório pessoal, a gente conseguir fazer com que isso se harmonize, tem que ter uma história toda e criar uma história coletiva. Então, mesma coisa que eu falei, *'qual o desafio disso?'*. É fazer com que cada pessoa ela consiga se sentir representada naquela produção, né, se não, não é dela. Então eu acho que é isso, conseguir fazer com que todo mundo participe. O tempo da oficina é de 60 minutos, então quais são os passos que a gente tem? A gente precisa fazer um aquecimento (..) vocal, isso também é um aquecimento corporal, assim, para a gente entrar na atividade, é (.) algumas atividades que a gente faz para desinibição, para estimular a (..) espontaneidade, eu acho que é uma coisa massa, fazer a atividade da produção em si dublagem. E no final de toda oficina, a ideia é que a gente reserve pelo menos um tempinho, para que consiga falar um pouco sobre como cada um está se sentindo, discutir um pouco do conteúdo que surgiu. Eu acho que isso é uma parte, que as vezes, evoca algumas memórias, então é bom a gente entrar em contato com isso, assim. A expectativa que eu tenho para hoje é dá gente conseguir fazer tudo isso. Se eu fosse pensar *'ah, é (.) o que é que eu imagino de tema que surja para hoje?'*. DE VERDADE, assim, eu não imagino nenhum, assim ((sorrisos)). Não chego a imaginar nenhum, mas acho que é deixar vim mesmo.

PESQUISADORA: Você acha que a partir da oficina anterior, qual seria o momento do grupo? Do que foi evocado em outras atividades, em outras oficinas.

ENTREVISTADO: Então, nas últimas oficinas aqui a gente não conseguiu fazer a oficina de dublagem, devido a uma questão de estrutura física daqui, está tendo alguns outros projetos, é. Então a gente estava na verdade fazendo atividade de *talk show*, a gente estava construindo um *talk show*, que na verdade era um projeto mais longo. A gente teve que dar uma interrompida nisso, por várias semanas, porque (.) a sala está precisando ser utilizada para outras coisas e a gente não conseguindo fazer a atividade de dublagem na área externa. Então, assim, estamos em *stand by*, então não sei como o grupo está indo para chegar nisso hoje vai ser uma grande novidade. Além da oficina ter trocado de dia, então muitos usuários são novos, talvez alguns usuários daqui nunca tenham feito uma oficina de dublagem.

PESQUISADORA: Então você consegue pensar o que eles podem estar antecipando do vídeo? Você consegue visualizar algo assim?

ENTREVISTADO: Que era importante em questão de tema?

PESQUISADORA: Isso!

ENTREVISTADO: ((coloca as mãos no rosto)) (...)

PESQUISADORA: Quando você olha esse trecho? ((aponta para o vídeo 1)).

ENTREVISTADO: Nesse momento eu não consigo, se a gente fosse pensar na outra cena ((vídeo 2)), que a do conselho, por experiência de outras coisas, seria uma coisa voltada para a política. Ou, enfim, a política de várias formas, ou até uma briga de condomínio, ou algo nesse sentido ((sorrisos)) sinto que essa cena desperta muito isso em mim. Se a gente fosse pensar nessas coisas que eu te falei (.) tipo, essa é uma cena que eu olho e sinto que tem um conteúdo que parece que já paira por essa cena por si só. Essa outra ((vídeo 1)) não. Parece que é uma coisa mais aberta, eu sinto que essa pode vim qualquer coisa, assim. Não que a outra não possa, mas essa muito aberta, muito lúdico. São coisas bem inesperadas; alguém saindo de um bule, quebrando alguma coisa, ou alguém andando pela mesa.

PESQUISADORA: E qual dessas duas você prefere escolher?

ENTREVISTADO: Então essa ((aponta para vídeo 1 no notebook)) eu acho que se precisar de alguma coisa, se você puder citar e mostrar em algum canto, pegando autorização, eu acho que não problema. (..) Então, eu acho que se a gente fosse pensar (.) tentar pensar em uma coisa prévia, né, para ver se a gente consegue construir, né (..) essa cena ((aponta para o vídeo 2 no notebook)) eu acho que seria mais apropriada para essa proposta. E o que é que eu penso dessa cena, assim, por ser pessoas, de (.) parece um grande conselho, me vem assim. Me vem muito

também quando penso assim o arquétipo do velho sábio, tipo, as pessoas que já tem muita estrada e por isso eles vão definir aquilo por várias outras pessoas, então. Em outros momentos que a gente já teve (.) um tema político já estava mais quente na época, então sempre foi por esse lado, para a ordem de discussões. Mas, enfim, o que me chega é isso: UM GRANDE CONSELHO QUE VAI DEFINIR ALGO PARA UM GRUPO MAIOR. Me vem esse tema, assim, agora que conselho é esse, que algo maior é esse (..).

PESQUISADORA: Aproveitando que você trouxe, nas respostas anteriores, como um desafio essa questão de acessar, com o vídeo (..) o que você espera acessar com aquele vídeo? O que você pensou que poderia estar mobilizando? O que poderia estar emergindo dessa oficina? Desse trecho que você recortou?

ENTREVISTADO: Então, nessa oficina especificadamente, o que é que eu pensei, foi que a cena vai remeter muito a um conselho, parece que as pessoas estão discutindo sobre algo para chegar em algum ponto, né. Eu acho que é um estímulo para criar um ambiente favorável para que eles possam falar sobre o que eles estão querendo decidir, assim, porque parece que é algo muito importante que está acontecendo, eles estão muito enérgicos, até agressivos assim na fala, para ver assim, e fazem contas. A ideia é meio essa, assim '*o que é que na minha vida, nesse momento, eu estou precisando decidir?*'. E decidir em coletivo que remete muito da oficina de dublagem, eles precisam decidir em coletivo e construir a história juntos. E na minha cabeça vem muito isso.

PESQUISADORA: E quando eles dublam, eles dublam cada um, um personagem? Ou tem narrador?

ENTREVISTADO: Então, a gente deixa bem aberto. Em geral, um mesmo personagem ele pode ter vozes diferentes, assim como, a mesma voz pode ocupar diversos personagens. A gente deixa isso bem aberto. Em alguns momentos o grupo sente a necessidade de escolher alguns personagens, '*não, eu quero ser esse*'. Então, ok, vamos cada um definir. Às vezes a gente divide a (.) os participantes em subgrupos. Vamos definir aqui dois ou três subgrupos e cada um vai pensar em um tema específico e depois que você pensar em um tema específico, a gente vem e dubla. Então a gente pode até pensar nisso hoje. Eu tinha pensando em uma coisa mais aberta já para ser a oficina como ela foi pensada de início, mas ela vai se desdobrando em várias possibilidades, assim. Não sei se eu consegui responder o que você realmente perguntou, mas (..).

PESQUISADORA: Acredito que seja isso. Você quer falar um pouquinho desses participantes da oficina?

ENTREVISTADO: Então, vamos lá, no Jardim Suspenso, especificadamente, que é essa casa que a gente está, é (...). O que eu sinto é que, pela demanda específica da casa, que a casa acolhe, é (.) a gente tem uma dificuldade muitas vezes em se conectar com o presente. Muitas vezes a dificuldade de entender até de que personagem é esse que eu estou dublando. Eu sinto que em vários momentos a oficina consegue dar esse chão, a gente consegue chegar nisso, tem uma atenção maior, mas assim, qualquer dispersão é dispersão suficiente para a gente entrar em uma outra frequência mesmo. Então, essa atividade acho que de dublagem, eu sinto que é um grande desafio aqui dentro, um grande desafio mesmo de se fazer. Alguns usuários mesmo, eles conseguem entender e participar da oficina de uma forma mais (...). Não sei uma palavra boa para usar para isso, mas assim (...) de participar sem tanta dificuldade de entender, mas eu acho que a proposta aqui dentro é de que, mesmo os participantes que talvez não estejam pensando na construção dessa imagem coletiva, que eles possam mesmo assim dar voz ao que eles quiserem. Então é isso, a gente pensa que a oficina de dublagem você vai poder dar aquilo e você vai poder se escutar nisso. Eu acho que isso é importante, você pode se escutar e você pode refazer aquilo que você fez, assim. Nessa tentativa parece que é de ensaio, né.

PESQUISADORA: Depois que termina a dublagem, você conversa com eles sobre o artefato feito?

ENTREVISTADO: A gente puxa e vê o que está dando desejo de trazer. Não vai ser nada do tipo ' *você falou isso, você falou aquilo*', não. Mas eu acho que é muito mais do sentimento, como cada um está sentindo no pós. Se veio alguma memória.

PESQUISADORA: Você acha que essa tua prática com a oficina de dublagem é inovadora?

ENTREVISTADO: Pergunta difícil para responder. Para responder alguma coisa dessa afirmativa tem que ser sem modéstia mesmo, né? ((sorrisos)). Então, eu sou inseguro para falar disso, mesmo sempre fazendo aqui no Jardim. O Jardim acolheu essa atividade de uma forma muito boa, assim, e eu acho que ela tem uma repercussão muito boa com os usuários. Se fosse para pensar assim, o tempo que eu estou fazendo a pesquisa sobre ela e tudo mais, eu fui vendo que isso não tem em outros espaços, então sim, é inovador, né. E eu acho que é isso, a oficina é

como se ela ainda estivesse em um projeto de construção, sabe? Eu sinto que ela ainda não fechou enquanto oficina. Parece que eu ainda preciso caminhar um pouco, né. E eu sinto, tipo, que é inovador uma das coisas (.) que me faz pensar nisso é, eu tenho dificuldade de encontrar outras pessoas que troquem comigo especificadamente sobre isso, né. Porque não tem, assim, tanta opção, mesmo? Mas (.) é se a gente for pensar na ideia em si, a ideia é que a gente consiga se expressar de alguma maneira lúdica e a gente consiga trabalhar esse conteúdo. Então isso, especificadamente, não é inovador, porque, assim, o trabalho da Arteterapia, o trabalho de outros profissionais dentro da psicologia, é isso, né. A ferramenta que a gente utiliza para acessar esse conteúdo que é diferente, né. E eu acho que é aproximar esses usuários da tecnologia, sabendo que a gente está na era da tecnologia, entendendo a importância. A gente pensa na importância de trazer essas pessoas para essa realidade, para esse contexto social mesmo, assim, a gente fala reinserção social. Tipo, caramba, a gente precisa trazer muito eles para a tecnologia, também né, então.

PESQUISADORA: E funciona como ferramenta terapêutica.

ENTREVISTADO: Sim, acho que a proposta é essa ((sorrisos)) que a gente utiliza. Acho que o resto é o que vem de bônus.

PESQUISADORA: Então vamos ver como é que funciona hoje?

ENTREVISTADO: Vamos 'simbora' ((bate as mãos na perna e sorri)).

**APÊNDICE P – Transcrição da Entrevista Individual (Pós Oficina) – Parte I**

Transcrição da Entrevista – Psicólogo (Lírio)

PÓS OFICINA – PARTE 1

Tempo da Entrevista: 1h 30 min

**LEGENDA:**

Coordenador: Narciso.

Coordenadora: Azálea.

Estagiárias: Margarida, Girassol, Tulipa.

Psicólogo Entrevistado: Lírio.

Psicólogas: Ipê, Rosa, Begônia.

Instituição Geral: Jardim

Instituição Espaço 1: Jardim Vertical

Instituição Espaço 2: Jardim Suspenso

Instituição X: Nome Fictício

Instituição Y: Nome Fictício

Instituição de Ensino Z: Nome Fictício

Programa Primavera: Nome Fictício

PESQUISADORA: Boa tarde, Lírio. Estamos aqui novamente para dar andamento nessa segunda entrevista sobre as oficinas. Vamos estar conversando sobre como foi esse planejamento e essa facilitação da oficina, está certo? Para isso eu trouxe alguns recortes dos diários de campo e da primeira entrevista para ajudar nessa reflexão e na construção nesse segundo momento.

ENTREVISTADO: ((balança a cabeça)) Uhum.

PESQUISADORA: Se você tiver qualquer dúvida e quiser fazer qualquer comentário após a exibição do vídeo e dos recortes, fique à vontade para fazer, certo?

ENTREVISTADO: Certo.

PESQUISADORA: Então, para a gente estar começando eu queria perguntar se você lembra como foi que começou aquela oficina naquele dia?

ENTREVISTADO: Não ((risos)). Já tiveram tantas oficinas depois daquela que eu não lembro de jeito nenhum.

PESQUISADORA: Em um dos recortes do diário você trouxe que eles estavam muito agitados naquele dia. Um dos pacientes perguntou, assim que entrou na oficina, '*vai ser aula aqui?*'.

ENTREVISTADO: Uhum.

PESQUISADORA: Você consegue lembrar um pouquinho?

ENTREVISTADO: Sim, sim, eu lembro. Não lembro quem foi agora, mas eu lembro disso que é meio comum de acontecer na verdade. '*Professor, tenho aula aí?*'. ((risos)).

PESQUISADORA: Isso vou te perguntar mais na frente em específico que ele trouxe. Você lembra como foi, de modo geral, a tua participação na oficina?

ENTREVISTADO: Como assim?

PESQUISADORA: Você lembra, de modo geral, como foi o procedimento? Como foi que você percebeu?

ENTREVISTADO: Eu acho que a gente começou com um aquecimento, não foi? Acho que foi um aquecimento e eu lembro, não tenho certeza se foi nessa, que o pessoal estava aquecendo, mas eles começaram a sentar, estavam meio inquietos, não foi? E o aquecimento foi aquele de falar, fazer uma voz de uma entonação e todo mundo dá um passo para frente e fala. Certo. Ai *caramba*, a galera estava bem inquieta mesmo, até na verdade ((risos)) esse vídeo ficou bem solto, né? E eu acho a cara do Jardim Suspenso, mas né, ok.

PESQUISADORA: Você lembra como foi a participação dos usuários nesse dia? Eles estavam como?

ENTREVISTADO: Então, pensando agora, eu lembro que eles estavam inquietos e eu lembro que teve um envolvimento de parte. Eu lembro que, não sei se posso falar o nome, enfim, mas um usuário específico, ele ficou querendo o tempo todo dublar. E ultimamente ele tem ficado assim mesmo, mas acho que por outras questões, não é pela oficina especificadamente, mas ele tem tentado participar muito das atividades. E em outro momento eu até falei que me chamou atenção que ele foi o único que, depois que o grupo escolheu mais ou menos os temas, ele foi o que ainda puxou algo por ali, né? Depois foi todo mundo para um canto diferente. Eu acho que a oficina tem essa pegada de: você vai dizer o que você quer dizer. E é no improviso, independente da história que está sendo construída. Você vai ter que tecer isso aí a partir do desejo de cada um. Então, ok. Mas tende, a oficina, a ter um ((estalo com a língua)) uma linha, por mais que seja confuso em alguns momentos de entender, tem uma linha que vai tecendo aquilo. Nesse dia eu senti que as pessoas estavam tão dispersas que é como se não tivesse essa linha muito bem estabelecida, né. Então fica uma coisa meio que cada um para um lado.

PESQUISADORA: E como é que você se sente com essa linha dispersa?

ENTREVISTADO: Então, eu, particularmente, fico inquieto. Acho que eu tento trabalhar isso em mim há um bom tempo: de não ficar inquieto, de não ficar inseguro. Mas fico sim inquieto. Eu fico tentando, em geral quanto está nesse momento, eu fico tentando pensar no que é que eu posso fazer para mudar isso. No que é que eu posso fazer para conectar mais as pessoas à oficina. Eu não recordo exatamente o que é que eu tinha pensando nesse dia. Mas, assim, em geral, puxar alguém que eu sinto que está olhando, mas que eu sinto que pode ter o desejo ou que está com uma postura mais reservada e perguntar a pessoa especificadamente *'ei, fulaninho, o que você acha? Você pensou em alguma coisa?'*. Se a pessoa não quer ir lá, estimular, de *'ah, tu pode dizer alguma coisa para o grupo e alguém ir lá gravar'*. Ou alguém que está realmente disperso e de você tentar puxar. Mas ao mesmo tempo acho que é uma atividade que é importante a gente puxar mesmo, faz parte do nosso papel, mas, assim, a gente pensando que é um hospital dia, tantas coisas vão tocando as pessoas que as vezes é importante dar o espaço delas mesmas assim. E, mas enfim, estar nesse equilíbrio das coisas que para mim é bem difícil. Ainda hoje é bem difícil. Então, acho que é isso, assim, se eu fosse, eu não lembro exatamente como eu me senti, mas pensando agora como é que, conhecendo meus padrões, como eu acho que me senti: certa insegurança, pensativo no que é que eu poderia fazer de diferente. Mas ao mesmo tempo, eu faço atividade no Jardim Vertical e no Jardim Suspenso há um bom tempo, então, assim, você meio que já vai entendendo o funcionamento. Tem dia que (..) a gente fez a oficina semana passada que estava todo mundo muito ligado assim, muito, muito, muito. Assim, várias pessoas que não dublaram, especificadamente, contribuíram muito com as falas de outras. Muito! Então a gente vai sentindo isso, que cada dia é um dia, parece que é um grupo completamente diferente. É isso. Acho que eu falei, falei e 'arrodeei' e não disse muita coisa não.

PESQUISADORA: Disse sim. Você lembra como foi a participação de Margarida na Oficina de modo geral? De modo específico estaremos falando ao longo dos recortes e das perguntas. Mas de modo geral, você percebeu?

ENTREVISTADO: ((risos e uma fungada)). Então, eu não lembro exatamente, não vou mentir não. Não lembro não. Mas assim, Margarida, ela é (..) *Caramba*, é uma pessoa que eu confio muito, porque é o seguinte, a gente, tanto eu quanto ela, a gente tem uma formação anterior na área de tecnologia, de comunicação, de

cinema. Então, assim, trazer essa oficina, acho que não só trazer para o Jardim, trazer para o mundo, na verdade essa oficina, é uma coisa muito difícil, porque ninguém entende muito bem, ninguém sabe mexer. A galera tipo '*ah, eu queria fazer, me ensina*', tá, mas tipo você tem que entender de um monte de coisa de áudio para poder fazer uma coisa bem simples ali. Mas se você não sabe de outras coisas não rola chegar ali. E é massa porque ela é uma pessoa que eu confio muito, terapeuticamente falando, na função de psicologia. E é uma pessoa que me dá um suporte muito grande porque ela entende esse funcionamento todo por trás de tudo ((risada)). Então, assim, acho que é um bom complemento. Até no momento ela está desenvolvendo uma outra atividade lá que está bem bacana também.

PESQUISADORA: É a de fotografia?

ENTREVISTADO: Então, na verdade, eu estou dando *spoiler* ((som mais próximo do gravador)) *Spoiler* ((risos)) que é cinema até. Pega cenas clássicas de filme e a galera vai regravar de quadro a quadro, com as coisas, enfim, editar lá na hora, assim. Então a gente tem feito uns testes na oficina de dublagem para já ir entendendo como é., mas enfim, não lembro especificadamente como ela foi, mas eu sinto de uma maneira geral dela é que ela é uma pessoa muito atenta. Então, assim, muita coisa de que eu poderia estar atento e intervindo, tipo alguns usuários específicos: tem usuário que se move, que chora, que fica inquieto, querendo ir ao banheiro e tudo mais. Com ela lá eu me sinto muito tranquilo porque as vezes, não sei se aconteceu nesse dia, de focar naquela pessoa. A pessoa está ali, aconteceu alguma coisa, para o grupo inteiro não se perder, foco em outra coisa, e eu sei que ela vai lá dar conta. Ela vai lá e sai. É isso assim, de modo geral, é uma pessoa muito atenta.

PESQUISADORA: Você falou que não recorda, mas vou perguntar agora o que você sentiu no momento que você estava executando a oficina, você consegue pensar assim? Sendo de modo geral?

ENTREVISTADO: Então, uma coisa que eu lembrei agora enquanto falo, é que é muito diferente você fazer uma oficina quando você está simplesmente fazendo uma oficina e quando você faz sabendo que tem uma pessoa ali olhando que você está fazendo na oficina. E isso é bem diferente. Não só uma pessoa que está fazendo uma pesquisa especificadamente, mas sei lá, as vezes na oficina um psiquiatra quer entender que oficina é essa, tipo, alguém da direção quer ver. É diferente, você dá

uma travadinha. Você fica '*meu Deus do céu*'. Eu lembro de tentar não ser tomado por essa energia, lembro muito, tipo, '*tá, vamos fazer como é e ponto*'.

PESQUISADORA: A que energia você se refere?

ENTREVISTADO: A gente fala muito o nome energia lá, mas significa tanta coisa. Vou dar um exemplo fora disso aqui: uma pessoa está com muita raiva, a ideia é que você não entre nessa energia de raiva, então você fica se acalmando para que a gente consiga passar essa energia para essa pessoa e os dois se acalmarem. Então quando eu sinto lá, sinto uma certa tensão, uma certa insegurança mesmo, um '*e aí? O que é que a pessoa está pensando?*'. A ideia de não se conectar com essa energia é bem essa, assim, de tipo: ó, vamos parar de pensar nisso. Acho que a gente de psicologia trabalha muito com isso. As vezes alguém do consultório fala algo que remete a uma coisa da nossa vida e tipo '*volta, fica aqui. Fica aqui, faz isso!*'. Acho que eu senti muito isso no momento.

PESQUISADORA: De tudo que aconteceu, o que foi que você imaginou que iria acontecer na oficina?

ENTREVISTADO: Então (...) se você tiver exemplos de pontos vai dando. Eu imaginava que as pessoas iriam ficar dispersas sim, no aquecimento, porque é um padrão daquela casa ter uma grande dispersão, que é difícil os dias que não tem. Mas imaginei que as pessoas iam sim dublar a cena inteira, até porque a cena é curta (..) O que aconteceu e o que eu pensei?! Eu consigo pensar em coisas que não aconteceram na verdade.

PESQUISADORA: Pode falar, se você sentir confortável.

ENTREVISTADO: Aquela cena, especificadamente, eu achei que as pessoas iriam mais para os temas pensados anteriormente, nessa coisa, um conselho de velhos sábios, mas nesse arquétipo. Também achei que a gente ia conseguir ter uma discussão maior no final, até quando eu pensei nessa ideia de que as pessoas estavam cada um falando sobre questões muito particulares. Não no sentido de acessando questões muito profundas, mas estarem tecendo a mesma coisa. Pelo menos essa foi minha impressão, eu posso já, já assistir o vídeo de novo e ter outra impressão completamente diferente. Mas o que eu recordo agora foi de não estar tecendo isso. Então o que eu sinto é que cada um estava mais no seu mundo, como a gente tinha pensado. Então quando acontece isso, em geral, no final da oficina quando a gente vai conversar, cada pessoa traz um pouquinho da sua história, do que aquilo tocou, porque está vindo aquilo. E nesse dia não teve.

PESQUISADORA: E como foi para você esse movimento de 'não teve'?

ENTREVISTADO: Então, pensando que a gente é várias pessoas dentro de uma só, e eu sou vários sentimentos ao mesmo tempo. Eu fico até meio frustrado. Assim, meio difícil de usar essa palavra, aí *caramba*, mas é porque é isso '*caramba, logo agora que tem uma pessoa olhando a oficina e a galera nem foi*'. Eu acho que me vem certa tranquilidade nesse momento e tipo '*ok, hoje não acessou isso, paciência*'. Outro dia a gente acessa as outras coisas ((risos)).

PESQUISADORA: E o que é que você pode estar trazendo de difícil no manejo?

ENTREVISTADO: Eu sinto que eu estou circulando nas minhas falas. Eu acho que o manejo, no Jardim Suspenso especificadamente, a desatenção, porque é uma oficina que requer muita atenção e o aquecimento eu acho que é fundamental para que a gente crie um clima de grupo, trabalhe essa questão da desinibição, que o pessoal comece mais a desenvolver essa espontaneidade, soltar um pouquinho mais a criatividade. Acho que o aquecimento faz toda diferença, para todos os locais que fiz a oficina, eu sinto que o aquecimento bem feito muda muito. Sendo que é muito difícil fazer um aquecimento lá. Muito difícil porque é isso, é uma outra forma. Eu sinto que é uma dificuldade para mim, eu sinto que eu ainda não encontrei uma forma de fazer esse aquecimento naquele espaço. Por mais tempo que eu esteja lá, sabe? Falta ainda uma chave ainda a ser girada nesse sentido.

PESQUISADORA: Entendi. Então você quer partir para os trechos?

ENTREVISTADO: Vamos lá!

PESQUISADORA: Então, no início da oficina, você pediu aos usuários para refazerem novamente algumas falas e referiu que preferia que fosse mantida a espontaneidade das falas, porque um dos usuários trouxe que já tinha assistido ao filme.

ENTREVISTADO: Certo!

PESQUISADORA: Então, no término do teu diário de campo, você falou que naquele momento não sentiu necessidade de modificá-la depois da oficina pronta. Mas durante a ocorrência da oficina, você sentiu necessidade de solicitar que eles refizessem essa fala?

ENTREVISTADO: Eu não lembro se a gente refez alguma fala nesse dia, mas eu gosto muito de deixar a critério deles. Já que é uma ideia de um reconhecimento é muito difícil a gente se escutar. Eu acho que a gente tem ficado muito mais tranquilo desde da entrevista passada. Mas é muito difícil se reconhecer nessa voz, que eu

acho que é importante, que é uma função terapêutica, dentro da forma como é feita. Mas assim eu tento não ser a pessoa que define, acho que eu tento estimular que eles optem por refazer ou não, depois que eles se escutarem, não porque é um teste, é um exercício. De tipo: '*caramba eu falei de tal forma, posso tentar falar de outra forma e faz essa escuta?!*'. Eu gosto muito dessa ideia. Sentir a necessidade de para mim, para que o produto final, seja melhor? Não, não mesmo, porque a ideia é justamente outra história. A gente não está pensando no produto final, mas sim no processo, que processo é esse que está acontecendo ali. Às vezes, eu sinto até que, nessa oficina não teve, mas algumas falas dos usuários, às vezes, fazem com que o grupo se recolha mais, fique mais introspectivo, que alguém bota algo para fora que é tão forte, ou simplesmente a forma como é colocado para fora é tão forte, que você vê que ele se sente até, de alguma forma, exposto. Não sei se exposto é a palavra, mas enfim parece que ele mostra algo que você não elaborou para mostrar, você simplesmente soltou e aí '*eita, foi por ali*'. Então eu acho que as pessoas se reconhecem nesse processo e se recolhem. Então trava, é difícil. É muito difícil porque você não fez isso no processo individual, foi no meio de um grupo. Então, assim, como é que a gente lida com isso?! Então, essa é uma das coisas que eu deixo que eles fiquem livres.

PESQUISADORA: Vamos agora observar o vídeo feito na oficina. ((Vídeo é mostrado ao entrevistado)).

ENTREVISTADO: *Caramba*, sabe de uma coisa? Que eu não tinha percebido, não tinha pensando? Reparando, e agora vendo, parte dessas pessoas que participaram dessa oficina são pessoas que normalmente não participam e que têm um comprometimento maior.

PESQUISADORA: E como é que você se sente ao ver e constatar isso agora?

ENTREVISTADO: Não, então, eu fico até, sei lá, mais feliz ((risos)). Eu fiquei pensando agora e *caramba* de alguma maneira o grupo permitiu que essas pessoas tivessem um espaço de fala. E talvez seja isso, se as pessoas que em geral participam da oficina tivessem participado teria essa coerência que a gente falou, essa estruturação maior. Mas você vê que várias pessoas que foram ali têm dificuldade na fala e no pensamento. Não tinha percebido isso. É porque não dá para dizer o nome, mas assim, de três pessoas que especificadamente gravaram aí, as três não participam da oficina de jeito nenhum.

PESQUISADORA: E o que é que você está sentindo agora?

ENTREVISTADO: Acho que mais sentido, né? Porque parece que ((risos)) revendo agora, isso é, não sei, que tocou coisas que eu não tinha percebido nas pessoas. Esse nível de envolvimento que eu tinha pensado que não tivesse e *caramba* teve em outro nível e com outras pessoas na verdade. Legal!

PESQUISADORA: Quer assistir novamente?

ENTREVISTADO: Quero! ((Novamente o vídeo é repassado, após a segunda fala dublada)). Esse! ((Vídeo continua, após a fala do quarto dublador)). Esse que em geral participa muito pouco! ((vídeo continua e repassado completo mais uma vez)). Esse também, mas essa pessoa que está por último também, é uma pessoa que é muito difícil até da gente escutar, mas tem um desenvolvimento bem bacana dentro do serviço de uma forma geral. Então, que tem uma dificuldade de se colocar mesmo, dificuldade na fala, dificuldade no pensamento, mas participou.

PESQUISADORA: Agora que a gente viu o vídeo, quando você terminou a oficina e chegou em casa depois você chegou a assistir o vídeo?

ENTREVISTADO: Assisti.

PESQUISADORA: E quando você assistiu, você sentiu o que?

ENTREVISTADO: Então, eu não fiquei analisando ((risos)). Antigamente eu re-assistia e revia muito as dublagens. E eu acho que fica um chamado para isso, estou até escrevendo um artigo sobre isso que é massa está fazendo essa pesquisa contigo porque vai me fazendo pensar de outras formas. Vejo até uma necessidade de elaborar melhor as coisas em relação a isso, mas eu não tenho visto mesmo. Eu me sinto tomado por tantas atividades, tantas coisas assim que não tenho tempo. Não tenho. Eu fiquei até pensando, na outra entrevista tu fez até uma pergunta sobre o que instiga e é muito doido porque esses dias eu solicitei a direção da casa para não fazer mais essa oficina.

PESQUISADORA: Você poderia me dizer o porquê?

ENTREVISTADO: Então, foi até por conta de alguns serviços que acabam sendo prioridade e com tempo que eu preciso, maior, e não tem de onde esticas. Então, assim, uma das coisas que eu poderia abrir mão era dessa oficina. Não vai estar tendo a oficina de dublagens, essas vão ser umas das últimas semanas que estarei fazendo. E para ser sincero, talvez em outro momento eu não teria aberto isso. Mas eu fico pensando, *caramba*, eu vi a cena de novo, revi e não fiquei pensando sobre isso.

PESQUISADORA: E sobre agora, que você trouxe da oficina, sente o que?

ENTREVISTADO: Eu sinto, de certa maneira, que tudo é muito cíclico, que já fazendo 4 anos e que em outro momento eu penso em voltar e fazer a oficina muito. Mas no momento, de verdade, é um desejo de dar um tempo, de parar um pouquinho. Eu acho que quando a gente passa muito tempo fazendo uma coisa, além de entrar no automático, que a ideia é nunca entrar no automático, é de a gente acabar não tendo mais tanta criatividade para aquilo. Parece que esse investimento criativo começa a não ir e com o tempo, como um texto que a gente escreve, a gente coloca o texto para descansar um pouquinho para depois retomar aquilo. Eu sinto que estou precisando desse momento, dar uma descansada e depois de vir com outras referências, outras atividades, eu sinto isso. ((som de telefone tocando)).

PESQUISADORA: Eu vou estar te perguntando agora o que você sentiu da eficácia da técnica nessa oficina.

ENTREVISTADO: Então, agora eu vejo algo até diferente, um dos pontos que a gente tinha pensado da oficina, '*caramba*, a oficina está dispersa' e conversando até com Margarida foi que, pela gente não ter sala, nessas últimas semanas que antecederam isso, a gente não teve a oficina de dublagens, então a gente ficou três semanas sem fazer a oficina de dublagens. E a gente tinha acabado de mudar o dia, então o grupo era diferente, algumas pessoas já eram, mas a grande maioria do grupo era outra, com pessoas que não conheciam a oficina. E a gente sentiu isso: '*caramba muita gente*', parece que a galera perdeu o ritmo, de alguma maneira. Mas também vai muito da expectativa que a gente tem: de que ritmo é esse, o que é fogo, assim, você vai falando e vai clareando isso. Mas vendo agora a eficácia da técnica me clareia muito quando eu revejo agora, pensando, *caramba*, a gente conseguiu fazer com que pessoas, que normalmente não participam da oficina, tenham participado. Fico pensando que, *caramba*, eu acho que isso vem de algo anterior, não foi simplesmente do dia, eu acho que estar estimulando isso faz com que as pessoas vão tendo vontade fazer e em algum momento elas falam '*é hoje*'. E talvez uma pessoa vendo que a outra vai fazer, e ela fala '*talvez*', tem uma instiga. Eu fico pensando agora, se eu pudesse refazer a oficina, agora eu penso, refaria. Refaria para essas pessoas especificadamente, para quem não dublou. Foi mal, desculpa, para quem não dublava e dublou nesse dia. No final da oficina eu sinto falta disso agora, de verdade. De saber o que fez essas pessoas dublarem nesse

dia. *Caramba*, agora é muito doido porque foi uma coisa na cara e que passou muito batido. Tem que re-assistir mesmo.

PESQUISADORA: Qual foi tua impressão sobre o clima afetivo da oficina? Entre eles.

ENTREVISTADO: ((risada)). Então, na verdade, eu preciso me lembrar de como estava o clima afetivo naquele dia ((risada)). Não consigo responder isso (...). Se minha memória não falhar, eu sinto que, parece que, mas já muda minha opinião depois disso, que não estava um clima de grupo tão fechado, mas ao mesmo tempo, até o final da oficina as pessoas estavam lá e se eu não me engano, posso estar enganado, teve muita saída. E as entradas e saídas tiram muito da concentração. Eu fico pensando muito em um (32:27) da alquimia que precisa estar muito fechado para cozer alguma coisa em algo novo. Então para a construção de algo criativo a gente precisa ter todo mundo ali dentro e de ser algo em grupo. Esse entra e sai, dispensa. E se não me engano, algumas pessoas estavam chorando e mobilizadas. Mas eu certo momento, tem dias que as pessoas estão tão inquietas que acaba que a oficina começa com trinta e acaba com cinco ((risadas)). Tem uma felicidade de que, a oficina de dublagem, em geral, acaba cheia. Mas tem que, e esse dia específico que eu me lembre, o pessoal ficou até o final.

PESQUISADORA: E sobre o aquecimento, como que você está importância de estar trabalhando aquecimento e a questão corporal de pedir para eles levantarem, movimentarem o corpo.

ENTREVISTADO: Toda oficina a gente vai pensando em técnicas diferentes. Há muito tempo eu fui chamado para participar de um grupo de improviso no teatro. Foi na época que eu estava construindo a oficina de dublagens, para mim foi muito rico. Boa parte das coisas que eu utilizo como aquecimento na oficina de dublagem veio disso. Não se era um padrão do teatro ou um movimento desse grupo específico, mas as técnicas que eles utilizavam para foco, espontaneidade. Então, eu acho que é superimportante estimular isso para a galera ir superquente. Mas assim, da dublagem, acho que eu até falei nesse dia, a gente vai ter que passar toda emoção e todo afeto que a gente tem, toda história, através da voz. Tudo vai ter que ser passado por ali, então, se a gente não presta atenção nisso, a gente cai muito nas armadilhas, na timidez, tentando se esconder um pouco. Então a gente mostra a articulação da boca, vai crescendo, vai do a até o u, que fica bem pequenininho. Então, assim, gesticular é muito importante. A forma como a gente fala cada coisa é

importante. Não sei se foi nesse dia que eu falei a questão do não. É muito diferente você falar não e você falar NÃO. É completamente diferente. E na dublagem é somente isso que a gente vai utilizar. Acho que as pessoas precisam pensar nisso e estimular isso muito antes de iniciar a oficina para que esteja todo mundo. Mas é uma doideira, porque dependente de como é conduzido isso, para onde vai, isso pode trazer uma grande integração mesmo do grupo, entrarem nisso. Como pode causar também uma grande timidez. Às vezes as pessoas vêm com algumas falas que o grupo não se sente confortável em fazer, mas a proposta é fazer, aí faz todo mundo, e então começa a se sentir constrangido e ((som com a boca - ur)). Aí é difícil reverter isso, é bem difícil. Hoje em dia o que eu penso é de que *'ok, se está todo mundo constrangido, ou está todo mundo mais assim, a gente vai dublar assim porque também faz parte'*. Vamos escutar como a gente é assim. Mas se for pensar no meu desejo eu, como uma pessoa extrovertida, eu quero que todo mundo esteja UAAA ((risadas)).

PESQUISADORA: Então, falando agora do que você pensou, do que você pretendia do aquecimento, você trouxe essa sua experiência agora, o que foi que aconteceu no dia? Do que você planejou e no que de fato aconteceu na oficina.

ENTREVISTADO: Agora você consegue lembrar quais foram os aquecimentos que eu fiz nesse dia? Lembro do a, e, i, o e u,

PESQUISADORA: Foi o a, e, i, o e u; de vocalizar essas vogais com a boca fechada. Vou te passar o trecho do diário de campo que fala um pouco sobre o aquecimento.

((TRECHO APRESENTADO: *"Após essa última imitação os pacientes voltaram aos seus lugares e o psicólogo expressou 'já estão sentando todos?! Escolhendo o horário de finalizar o aquecimento?!' "*)).

ENTREVISTADO: ((risadas)). Minhas belíssimas intervenções ((risadas)). *Caramba*, eu preciso realmente controlar minhas intervenções ((risadas)). Então vamos por uma persona mais terapeuta aí. Mas eu acho que tem uma coisa, eu acho que a oficina, ela pede uma postura, uma pegada mais espontânea, até pela proposta dela. Tem uma coisa do brincar, que é uma proposta brincar. Então, assim, acho que não tem condições da gente, da pessoa que está facilitando a oficina, ser uma pessoa séria, falando um monte de coisa e regras, porque não funciona. Eu acho difícil, na verdade, uma oficina terapêutica ser tão rígida assim. Mas tem algumas em que sim é necessário, mas na oficina de dublagem não, até porque cortaria

totalmente o clima. E a ideia, se a gente for pensar no final das contas, a intenção da dublagem é brincar. Então, difícil é a gente entender o que é brincar primeiro, alinhado a esse conceito, porque brincar pode ser *'está fazendo nada'*, mas não é isso. O brincar aqui é que desenvolve tudo. Então eu acho que até os tipos de intervenção acabam sendo em tom de brincadeira também. Como é que é?! *'Já estão sentando todos?! Escolhendo o horário de finalizar o aquecimento?!'*. Mas é bem isso, que foi o que a gente falou. Parece que o grupo, não sei, de alguma forma parece que não estavam ali, se não estavam a fim de fazer, nem se não é muita exigência, não se sentiram confortável em fazer os aquecimentos. Mas nesse momento eu sinto uma inquietação, sinto uma inquietação de verdade, porque é meio de que se a gente for para o nosso lado humano, não profissional, é, tipo, *'caramba, estou fazendo uma coisa aqui e vocês nem ligam'*. Mas o pior é que no final das contas é esperado isso. Não é algo que fugiu do controle. Eu acho que já usei essa fala aqui algumas vezes, que é quase um jargão ((risadas)).

PESQUISADORA: Bom, agora nessa próxima parte eu vou estar trazendo alguns trechos para lembrar a fala dos usuários.

ENTREVISTADO: Certo.

PESQUISADORA: Eu gostaria, se você sentir confortável, em responder algumas perguntas sobre as falas desses usuários e alguns momentos ao longo da interação com eles. Se você sentir necessidade, eu vou estar repassando a fala do vídeo na íntegra.

ENTREVISTADO: Ok.

PESQUISADORA: Mas se somente a partir dos recortes você sentir como um meio de acessar as memórias daquele dia. Certo?

ENTREVISTADO: Ok.

PESQUISADORA: Como eu tinha dito anteriormente, tem um usuário que iniciou a oficina perguntando se iria ter aula. Então, nesse momento inicial, porque você acha que ele fez essa pergunta?

((TRECHO APRESENTADO: *"Vai ter aula agora? Como ouvindo (outra atividade) é só as 10h, então a aula é aqui?"*)).

ENTREVISTADO: Então, na verdade, algo bem objetivo é que eles ficam confundindo. Acho que tem uma pegada muito de escola, se a gente for pensar nesse termo de ter aula, o tio e a tia, professor, aula e hora do recreio. Algumas pessoas carregam isso muito forte, eu sinto, eu posso até estar sendo tipo, enfim,

algum pouco cego mesmo. Mas o que eu penso vai muito nesse sentido de que eu poderia até mudar isso. Agora é hora da oficina, não vai ter aula, mas, simplesmente, é muito difícil porque são termos que a gente usa muito específicos, tipo, oficina. Até eu trabalhar em lugares que utilizavam esse termo oficina terapêutica; oficina para mim era oficina de carro. Eu vou para a atividade, eu não vou fazer uma oficina. Então é diferente para eles também, é algo que vamos fazer lá que tem uma pessoa na frente que diz o que é que é. É uma aula. Fica impressão de uma aula ((risadas)). Tu pensou em alguma outra coisa, diz aí para mim?

PESQUISADORA: Não. Mas nesse momento eu achei interessante também porque é um espaço que tem horário, que eles se deslocam para passar o dia, almoçam, tem atividades, então remete ao período da escola.

ENTREVISTADO: Exatamente.

PESQUISADORA: Que tem alguém que instrui de certa forma, apesar de ser livre, o momento de elaborar a atividade.

ENTREVISTADO: Se for pensar a escola, para a gente, eu acho, para mim, na verdade, é uma referência muito negativa modelo escola. Mas se a gente for pensar em uma coisa mais utópico do que poderia ser uma escola, de alguma maneira ali é uma escola também. As pessoas vão de alguma maneira aprender a viver, digamos assim, aprender a estar em relações sociais, que a maioria das pessoas ali tem uma dificuldade muito grande de estar tendo essa relação. Então, de alguma maneira gente fica estimulando a atividade nas pessoas para que desenvolvam isso. Onde é que tu vai para um lugar em que você aprende a desenvolver alguma habilidade?! Escola.

PESQUISADORA: Verdade, é bastante compreensível a associação. Podemos ir para a próxima fala?!

((TRECHO APRESENTADO: “A fala feita pelo usuário foi algo como ‘coitado de nós, como a gente pode estar aqui?’”).

ENTREVISTADO: ((Começa a ler o trecho em voz alta)). Isso foi o dublado, ou foi antes?

PESQUISADORA: Foi anterior a gravação da fala final. Assim que usuário se levantou e foi dublar, ele dublou primeiro esse recorte. E não o que de fato está no vídeo.

ENTREVISTADO: Ah, certo, ele gravou isso primeiro e depois a gente refez, né? Certo, lembrei.

PESQUISADORA: Quando ele traz essa fala, o que você acha que ele pensou? Porque ele trouxe ela?

ENTREVISTADO: *Caramba*, isso é muito profundo, né? ((risadas)). É uma onda, assim, porque psicologia tem muito disso, tipo, se eu te respondo isso aqui eu vou estar projetando uma outra coisa minha. A ideia era a gente ter perguntado a ele na hora. O resto é projeção.

PESQUISADORA: Então, do que você pode estar trazendo, o que você pensa?

ENTREVISTADO: Então *'coitado de nós, como a gente pode estar aqui?'*, se a gente for pensar que estamos nesse espaço, em uma instituição, em que está todo mundo ali precisando de suporte, é um espaço de saúde mental, onde as pessoas estão adoecidas, estão sofrendo para *caramba*. Então, *'coitado de nós, como a gente pode estar aqui'*, é bem pesado. Essa fala me vem, um primeiro momento, como isso. Mas é um achismo meu.

PESQUISADORA: Você observa alguma relação dessa fala com a atividade de dublagem?

ENTREVISTADO: *Caramba*, espero que não ((risadas)). Espero muito que não. Mas, não sei. É algo para ficar atento. Para ser bem sincero, eu não sinto isso. Não sinto que alguém está sofrendo lá dentro para participar da oficina. Mas cada mundo é um mundo.

PESQUISADORA: Esse próximo trecho foi o que de fato ele dublou para o vídeo. Você quer assistir novamente?

((TRECHO APRESENTADO: *"Olha, nós estamos aqui para quê, finalmente? Finalmente estamos aqui para agradar uns aos outros"*)).

ENTREVISTADO: Não, não precisa, eu recordo bem assim. É uma onda esse usuário especificadamente tem essa questão de agradar todo mundo e dizer o que você quer ouvir. É o usuário que mais quis participar dessa oficina, que a gente até precisou dizer *'opa, vamos dar espaço para outras pessoas dublarem?'*. E ele vem nessa pegada ultimamente. Mas ele é uma pessoa que o humor dele oscila muito; de uma depressão mais forte, de uma apatia para um movimento de humor mais em relação, e uma produção mais intensa. E a gente vê mais especificadamente isso na oficina de dublagem *"Olha, nós estamos aqui para quê, finalmente? Finalmente estamos aqui para agradar uns aos outros"*. E aí? O que é isso? E se eu for pensar pelo mesmo caminho, o que danado é isso que eu estou fazendo aqui? Coitado de mim. E ao mesmo tempo ele é a pessoa que mais dubla e mais quer dublar. E

'estamos aqui para agradar uns aos outros', essa parte é a que me chama mais atenção, principalmente vindo dele (..). Fico pensando que se fosse hoje em dia eu perguntaria 'e é, nós estamos aqui para agradar um ao outro?', que de alguma maneira é (..), eu fico na psicologia do consultório, é um lugar que a gente precisa ficar muito atento para que não aconteça isso. E se a gente vê uma pessoa que quer simplesmente tentar agradar, não funciona de nada. A pessoa fica aqui dez anos e não vai funcionar. Não, é diferente do hospital dia que a dinâmica terapêutica é similar. A gente vai pensar que (..) se a intenção é agradar todo mundo, o que está sendo feito? E a gente trazendo para essa nossa realidade eu tento, de uma maneira geral, não ir para um caminho como esse de interpretar falas. A gente estimula que com um conteúdo específico, que a gente sente que chegou mais, da gente tentar entrar nesse conteúdo ou estimular que a pessoa leve para um espaço onde ela deseja trabalhar isso. O receio de que se a gente 'cutuca' muito, na oficina especificadamente, a gente fica meio que quase em um espaço de julgamento, 'porque você falou isso?! Você falou tal coisa, venha cá'. E a gente também não tem condições de aprofundar tanto, se a gente pergunta, vai ter que aprofundar. Outra coisa que eu tenho pensado é quando a gente interpreta algo assim, o que a gente faz com isso?! A gente interpreta e fica para a gente, não leva para ele ((risadas)). Eu acabo nem indo, mas pensando assim, é muito bacana quando você olha agora e pensa sobre isso, para que é isso, a gente está se comunicando o tempo todo. A gente está dizendo muita coisa e é bom estar atento.

PESQUISADORA: O que você acha queria da ordem do terapêutico nesse processo?

ENTREVISTADO: Aqui?! Então eu fico pensando assim, ele se escutou falando isso, para a gente pode passar sem nem mesmo percebermos, mas eu acho que para ele não passa despercebido. Pessoa que fala isso e escuta, eu acho que essa é a intenção da oficina de dublagem na verdade. Você falou, você vai se escutar e vai se escutar algumas vezes. Você pode não prestar atenção no que os outros falaram, mas a sua fala você presta atenção. Então, eu espero ((risadas)) que ele tenha refletido sobre isso.

PESQUISADORA: E o que você pensa sobre ele ter feito inicialmente a primeira fala e logo depois concluir com essa fala? O que você pensa dessa alteração?

ENTREVISTADO: Vamos lá (...). Realmente eu tenho dificuldade de pensar algo sem ficar projetando tanto (...). Você lembra por que ele regravou essa fala?

PESQUISADORA: Por causa do tempo.

ENTREVISTADO: Tem um outro sentido, a gente já vai para um outro canto lembrando disso, tipo, *caramba*, ele faz uma fala que quer fazer e a fala fica muito grande e precisa refazer. Então essa fala já vem '*tá, vou fazer do jeito que você quer, vou colocar no tempo*'; '*a gente está aqui para se agradar, ok, beleza*', algo mais nesse sentido. E é uma onda porque você pergunta '*o que é terapêutico?*' e essa questão do tempo da fala eu acho que é algo muito importante sim. Muitas pessoas que dublaram nesse dia, que eu até falei que são pessoas que nunca dublam, eu tenho plena ciência de que elas não têm noção sobre que personagem elas estão dublando. Parece até um absurdo eu falar um negócio desses assim, mas acredito que elas têm uma dificuldade muito grande de entender qual é, de reconhecer aquilo. Então, você conseguir fazer com que as pessoas elas consigam olhar aquele personagem, tentar sentir o que aquele personagem está sentindo na fala e expressar aquilo de acordo com o que você está pensando aqui naquele tempo, é um exercício complexo. É um exercício complexo para pessoas que são, sei lá, categorizadas como normal, para as pessoas que não estão dentro de um hospital já é difícil uma atividade assim. Então, eu acho que isso é terapêutico, fazer com que as pessoas entendam isso, porque, tá, você pode até não gravar tudo certinho, mas você entender quando uma fala é curta e quando uma fala é longa naquele espaço no qual as pessoas não conseguem entender se uma fala é curta ou uma fala é longa de acordo nesse estímulo, eu acho positivo. Mas também, a gente pode cair nisso, da pessoa querer dizer uma outra coisa e a pessoa não disse o que ela queria dizer porque ela precisou refazer. Agora eu lembro também que teve a fala de algumas pessoas que a gente recortou e uma dessas pessoas que a gente recortou que ela nem pode opinar.

PESQUISADORA: E como é que você se sente com esse procedimento da técnica?

ENTREVISTADO: Eu sinto que toda técnica tem suas limitações, todas mesmo. Não é uma coisa que nesse momento me abala ou me faz questionar. Eu fico pensando como a gente faz de outra forma, mas não consigo enxergar bem, porque já que a ideia é de que se a gente faz um material, algo que eu sempre quis fazer muito, mas entendo que o foco não é o material que é feito no final, mas sim o processo que está ali. Mas também é muito importante que o final daquele processo eles se identifiquem e gostem daquilo, que de alguma maneira esteja redondinho. Até porque eu sinto que é uma forma organizadora, porque se a gente for pensar é meio

bagunçado a forma de fazer, parece que a gente não sabe nem para onde está indo à história direito, 'alguém passa na frente, puxa alguém daqui, vai e volta', mas ok, no final a gente enxerga redondinho. Mas se deixar redondinho a gente tem que cortar muita coisa. Não é completamente livre igual várias oficinas terapêuticas são e propõe justamente isso; ser bem livre, deixa vir o que vier e veio. Lá é deixa vir o que vier, mas a gente vai precisar encaixar. É diferente, mas eu sinto isso como terapêutico também. A gente não está fora do mundo, a gente não pode ficar na nossa realidade o tempo todo, algumas atividades que a gente vai fazer é até terapêutico, vai precisar estar ali dentro, intervir.

PESQUISADORA: Pronto, eu acho que agora nós podemos ir para o próximo recorte.

((TRECHO APRESENTADO: “O psicólogo chamou a atenção novamente para a expressão no rosto do personagem e como parecia que ele estava naquele pequeno trecho e no contexto com os demais”).

ENTREVISTADO: Então, falando da fisionomia e da expressão do personagem que estava na TV, né isso? A gente falou disso até agorinha, da dificuldade desse grupo específico de se conectar o que eles estão vendo. Eu nem sei como explicar isso. É como se olhando a tela, isso é o que eu sinto e de acordo com as falas que estão vindo, como se está passando vários personagens e eu vou dublar, ‘*ah tá, está na vez desse personagem aqui, o personagem que é roxo*’. A pessoa fala, e claramente você vê que ela está falando a fala do personagem azul, você fala ‘*qual personagem você está dublando?!*’, ‘*como é esse personagem?*’, ‘*o que ele está fazendo?*’; para a gente ver se estamos falando do mesmo personagem. Pode não ser que não, pode ser que eu ache que ele está dublando o azul e ele está dublando o roxo mesmo, na cabeça dele. E eu estou na minha viagem achando que não. Então é trazer, ‘*olha, presta atenção, o que está acontecendo?*’. E as vezes até, não sei se fiz nesse dia, ‘*me contem, o que foi que ele fez?*’. É meio que puxando para um chão e por mais que essa oficina seja lúdica, brincadeira e seja para cima, em algum momento se perde se a gente só for. De alguma maneira libera mas vem para o chão. A gente vai fazer isso tudo lá, mas com o pé aqui ((barulho de palmas)) com o material que está sendo construído; seja cinema ou dublagem. A gente está aqui e eu curto esse mix, na minha cabeça na verdade soa como aquelas comidas que levam sal e açúcar, sabe? Que a gente até tem dificuldade de saber se é doce ou salgado ((risadas)). É os dois e que é massa quando mistura. Nem tanto

simplesmente ir e nem tanto somente chão. O que eu acho que esse é que é um equilíbrio que a gente busca, se a gente for pensar, acho até que tem um desses livros que é *best-seller* '*Pés no chão, mente nas estrelas*'. E que é meio que isso: a gente precisa ir, mas se a gente vai e não consegue construir algo aqui, não sei.

PESQUISADORA: E realmente é muito o que você disse antes: parar um momento e chamá-los. Próximo trecho.

((TRECHO APRESENTADO: "*Foi problematizado pelos demais participantes o fato do dublador ser um homem e a primeira personagem do vídeo ser uma mulher. A estagiária Margarida trouxe que isso não seria um problema, pois em algum momento da cena alguém teria que dublar o dragão*".)).

ENTREVISTA: Ah, olha que sacada dela, ela é muito boa ((risadas)). '*Eu vou ter que dublar o dragão, quem o dragão aqui, vou ter que chamar o dragão*' ((risadas)).

Então, a gente tenta muito estimular esse tipo de coisa, assim, de que tipo, isso é uma dublagem, isso é um personagem. Até porque eu já levei, porque eu tinha alguns vídeos que eram documentários e falando sobre dublagem. Mostra dubladores profissionais; como é que eles fazem a sonoplastia das coisas, enfim, e muitos personagens mulheres são feitos por homens, assim como, na verdade, personagens homens por mulheres é mais difícil, são mais crianças personagens femininos tanto quanto masculinos feitos por mulheres. E é isso, de alguma maneira, o que eu penso, além disso que a gente vai mostrando por esse lado é o nosso lado, o lado feminino no masculino. A gente chama muito de animus e anima; que precisa trabalhar essa trava porque '*não vou falar porque é mulher, não vou falar*'. A gente vê que deve ter uma mulher danada aí querendo sair ((risadas)) dentro dessa pessoa. E eu lembro que no começo foi uma coisa levada para supervisão sobre isso. De a gente pensar na importância disso, mas não sei, de alguma maneira a gente precisa estar trazendo por outras vias. A gente não vai chegar lá e dizer '*não, porque você precisa trabalhar o seu feminino*', tipo, não faz sentido. Então acho que essa é uma boa intervenção, '*então, quem vai dublar o dragão então?!*' ((risadas)).

PESQUISADORA: E como que você sentiu essa relação deles com a estagiária? Nesse momento que ela traz essa fala.

ENTREVISTADO: Não lembrava como foi a intervenção dela, quanto mais da relação. Mas assim, ela tem um vínculo muito positivo com eles, ela está estagiando lá há um bom tempo. Tem boas sacadas. E em geral eu sinto que tem uma receptividade ok, boa até, na verdade. Até uma coisa muito legal que eu nunca falei

em nenhum dos textos que eu escrevo sobre dublagem, sobre isso, trabalhar animus e anima, seria massa isso.

PESQUISADORA: Você pode me explicar um pouco sobre essa questão de animus e anima?

ENTREVISTADO: Então, de acordo com Jung, anima é toda energia do feminino que o homem carrega, assim como o animus é toda energia masculina que a mulher carrega. Mas assim, como um todo na psicologia, a gente vai expandir muito o que é masculino e o que é feminino. Então ele tem uma lista do que é masculino, que principalmente no nosso tempo, a gente vai olhar e ((sons com a boca)) que nojo ((risadas)). Mas assim, a gente vai entender também o que é que a sociedade estimulou nos homens e o que a sociedade estimulou nas mulheres; e que isso demora um tempo para ser construído. Essa coisa mais objetiva, do masculino e essa coisa mais afetiva, intuitiva, dos sentimentos é mais do feminino. Mas vai dizendo que todo homem tem isso e tem o outro lado, então deu esse nome. E para isso são chamados de arquétipos; arquétipo da anima e arquétipo do animus. Então essa função do homem é trabalhar essa anima nele, assim como da mulher trabalhar a dela, integrado. Estou falando extremamente superficialmente, mas é um dos estigmas mais importantes da psicologia Junguiana.

PESQUISADORA: De forma rápida, o que você acha desse papel dela na oficina? Da estagiária?

ENTREVISTADO: Então, o que eu acho do papel de um co-terapeuta?! Não lembro de ter conversado com uma pessoa mais experiente sobre ou de ter visto um texto sobre isso em nenhum outro lugar, mas estagiário, na minha opinião, esse co-terapeuta, que é a função dela lá, é muito de estar nesse suporte, por trás nos bastidores. De alguma maneira o grupo precisa ter uma pessoa na referência, que eles não vão ficar focando em mais de uma pessoa o tempo todo. Então, essa intervenção, possivelmente iria passar por mim despercebido e eu não iria falar, ela se liga, porque eu estou pensando em outras coisas, fazendo outras coisas. Então é diferente eu estar aqui no consultório prestando atenção simplesmente no que uma pessoa está falando do que estar em um grupo terapêutico, prestando atenção lá, fazendo oficina terapêutica com computador, microfone, equipamento, paciente vindo; eu não vou estar focando porque tem muitas coisas. Eu não vou ter essa função de psicólogo clínico dentro da oficina de dublagem, não vou mesmo, isso é bem ok para mim. No começo foi difícil, mas agora é bem ok; não vou, não vou ficar

entrando em intervenções bem específicas e ela pode entrar. Nesse momento, 'opa, ela sentiu que veio alguma coisa importante', eu não vou ali, ela vem. Outra coisa é a função da pessoa de dar uma descompensada na hora da oficina e a gente não ter como trabalhar ali dentro, ela especificadamente tem uma sensibilidade muito boa para fazer. Algumas vezes eu sinto que os usuários precisam de um atendimento, na verdade algo mais voltado para a enfermagem ou para a psiquiatria, que precisa se ausentar, ou em alguns momentos que a gente precisa se ausentar, ela conduz a oficina, eu sinto que ela pode. Se algum usuário ficar mobilizado; o usuário precisa sair, mas precisa ser acolhido, e eu sinto que é importante eu acolher aquela pessoa, então ela conduz a oficina e eu saio com a pessoa. Na verdade, tem oficina que tem alguém que está fazendo algo que a gente entende que não está sendo legal, não está sendo construtivo, a gente tenta sair com essa pessoa da oficina. E eu fiquei agora com esse sentimento de escola ((risadas)). A pessoa vai para a coordenação ((risadas)). Mas a pessoa não sai da sala e a gente sente que precisa fazer uma intervenção somente com a pessoa. Eu peço '*Margarida, sai com todo mundo da sala que eu vou ficar com essa pessoa*'. Então a oficina é interrompida e todo mundo sai da sala e eu fico só com aquela pessoa, '*you quer ficar nesse espaço aqui, mas vamos ficar nesse espaço a sós*'. Então ela tem que ter muito manejo, ela vai ficar com todos do lado de fora tentando manter uma energia de grupo, então, tipo, é bem difícil ((risadas)). É bem difícil mesmo, eu lembro de quando eu era co-terapeuta assim, então é isso. Eu acho que a função terapêutica é essa. Na oficina de dublagem tem mais coisas, é um monte de equipamento para montar, suporte para montar, esse tipo de coisa. E tem outra coisa boa de ter outra pessoa nesse tipo de atividade é o seguinte: transferência e contratransferência. Às vezes alguém vem e tem uma imagem minha que eu não consigo mais intervir naquele momento; e uma pessoa que identificou isso e ela entra fazendo a mesma intervenção que eu fiz, ou algo muito similar, isso quebra. Essa pessoa consegue escutar ela e essa energia circula, que se eu estivesse só lá, possivelmente, iria emperrar naquilo, então é massa o co-terapeuta nesse sentido de entender e trocar um olhar de 'entre' ((risadas)). E isso que é diferente de estar em um grupo, ou algo individual. E é massa isso porque é uma pessoa que precisa ter muita consciência disso, porque quando você está estudando isso você tem uma insegurança muito grande de intervir, mas sua vontade é de intervir e você entender que você vai passar uma oficina inteira, até duas, sem fazer nenhuma intervenção, somente ali

parado escutando. Mas no momento que for, tipo, ((som de palma batendo)) ‘vai’. É uma função muito difícil porque requer que você fique em atenção o tempo todo. Uma coisa que traz a gente para o chão, que traz a gente para a presença, é estar nesse diálogo também, falar é vir, vai conectando. Se você está lá somente para se perder nos seus pensamentos é muito fácil. Acaba sendo mais difícil o co-terapeuta entrar nessa função do que ser a pessoa que está ali na frente fazendo.

PESQUISADORA: Porque você está em um momento de observar, mas em algum momento você é participante daquela atividade também. Próximo recorte?

ENTREVISTADO: Vamos lá.

((TRECHO APRESENTADO: “*Entretanto, um usuário levantou, se ausentou da sala e retornou com um caderno em mãos e o levou para mostrar ao psicólogo. Algumas das frases que estavam contidas no caderno eram em inglês. Lírio solicitou que no momento de dublar o próximo personagem, ele poderia trazer o material, mas deveria esperar pela sua vez*”).)).

ENTREVISTADO: Uhum, limites, né?! ((risadas)).

PESQUISADORA: Você lembra como é que esse usuário costuma participar das oficinas?

ENTREVISTADO: Então, ele é um usuário que eu acho que a segunda fala foi a dele e ele dublou em inglês, não foi?

PESQUISADORA: Isso!

ENTREVISTADO: Ele não participa, muitas vezes ele passa 10 minutos dentro da oficina e sai. E a gente fez um filme, um *trailer*, e ele foi o principal. Ele conseguiu escrever com a gente todo um roteiro sobre isso. E foi incrível! Mas nesse momento tem questões muito específicas da vida dele, pessoal e familiar, que no momento está fazendo ele não estar tão legal. Então você sente uma desconexão dele maior, ao mesmo tempo tem uma necessidade de acolhimento, de estar ali junto, algo mais próximo mesmo. Mas que dentro de uma oficina como essa ele não vai ter esse espaço. E a gente conseguir dar esse corte, nesse espaço, para ele entender que *‘tá, depois da oficina a gente pode’*. Porque ele tem disso de produzir muita coisa, você pode trazer naquele espaço da oficina. E ele tem muito uma questão com o protagonismo, porque ele foi o super-herói, quando ele está nesse momento se envolve muito, ele precisa ser o protagonista das histórias. E a gente tirou o lugar de protagonista dele nas histórias, *‘não, você vai esperar’*. E é difícil para o terapeuta também dar esse limite. E são limites que a gente precisa até ir por uma via um

pouco mais seca, mais assertiva de ‘*olha, espera sua vez*’. E que é difícil. Eu, particularmente, tenho dificuldade com isso, eu acho que tenho tentado exercitado cada vez mais. E é uma coisa na oficina que me deixa bastante inquieto; em muitos momentos da oficina de dublagem. É isso.

PESQUISADORA: Você sente dificuldade em fazer?

ENTREVISTADO: Sinto. Sinto menos hoje em dia, mas eu sinto. É como se, de uma forma bem senso comum, não é o meu perfil ((risadas)).

PESQUISADORA: Nesses momentos de interrupção, falando nessa questão de um usuário interromper o outro, o que você sente com essa atitude dele?

ENTREVISTADO: Vamos lá, eu fico inquieto. Vou falar de mim, especificadamente, eu tenho uma essência inquieta. Então é uma coisa que eu preciso respirar; respira e vai. Então é isso, tem dias que, várias vezes, é o movimento da casa, dos pacientes, não tem como ser diferente. Mas, *caramba*, se a pessoa entra e sai, eu já vejo como uma forma positiva, ela poderia simplesmente sair e não voltar mais, mas ela tem um desejo de estar ali. E se é dessa forma que ela consegue estar ali, então que ela esteja ali daquela forma. Atrapalha o grupo? Atrapalha. Mas ao mesmo tempo que atrapalha é o que é possível para ela. Enfim, muitas vezes outras pessoas que estão ali no grupo ficam nesse movimento, então é importante até para que as pessoas se reconheçam naquilo, nesse movimento. Se a gente olhar tudo tem importância; do rever aquilo. Mas assim, não vou mentir, é inquietante ((risada)).

PESQUISADORA: Então o que você achou nesse momento? No manejo?

ENTREVISTADO: Nesse momento especificadamente?

PESQUISADORA: Isso!

ENTREVISTADO: Difícil falar sobre, avaliar seu próprio manejo. Mas acho que eu não faria diferente ou de outra forma. Posso até levar uma bronca quando for para a supervisão, quando for falar disso, mas até o momento (..).

PESQUISADORA: Quer ir para o próximo?

ENTREVISTADO: Sim.

((TRECHO APRESENTADO: “*Contudo, a frase ficou muito extensa para o movimento e cena em que o personagem surge, então as últimas palavras foram cortadas. Deste modo, a frase no vídeo ficou ‘Olha, nós estamos aqui para quê, finalmente? Finalmente estamos aqui’, como a fala da **personagem 1**” .)).*

ENTREVISTADO: A gente falou sobre isso, sobre a limitação desses cortes. É uma pena que poderia trazer outra coisa, ela poderia ter dito uma outra coisa antes, mas

a fala ficou grande e precisou ser recortada. Se você ainda corta para colocar ali dentro é uma forma de também dizer *'olha'*, de puxar *'olha como é que está aqui, vamos cortar'*. Para a pessoa sentir também que algo que você disse vai ter que ser cortado também, porque é esse espaço. A gente já fez algumas oficinas em que a gente não respeitou nem um pouco, algumas oficinas na verdade, não respeita nem um pouco. Se a fala do personagem ocupou três falas, ok. Mas ao mesmo tempo parece que fica tão solto que não é uma oficina de dublagem, é uma oficina de outra coisa, de articulação, que *'fale, fale o que você quer dizer sobre o que você quer dizer'*. Mas a de dublagem pede esse recorte. Tem uma coisa da figura do pai castrador ((bate uma palma na outra)). E é isso, fale o que você tem que falar, mas aqui nesse espaço. É bom pensar assim que (..) não sei, fiquei pensamento na importância que tem nesse espaço. O Jardim, especificadamente, é um espaço muito aberto para isso, acho que todo espaço que é terapêutico, é um bom espaço para isso. E que precisa ser, mas acho que precisa ser, porque é isso, quais são os espaços que essas pessoas têm de falar; que elas podem falar simplesmente, falar o que elas precisam falar e querem falar. E elas precisam ter esse espaço, precisam muito, mas ao mesmo tempo, a gente precisa também dar o espaço para que elas falem e também precisa dar esse contorno, esse contorno, e que não seja uma doutrinação de *'você tem que dizer isso ou aquilo'*. Mas *'olha, quando você fala, tenta dizer o que tudo o que tu quer dizer nesse tempo'*; é um exercício de como se fala o que eu quero dizer. Como é que eu posso dizer o que eu quero dizer.

PESQUISADORA: O que você acha que esse recorte provoca na oficina?

ENTREVISTADO: (..) Pergunta difícil.

PESQUISADORA: A outra é mais difícil ainda ((risadas)).

ENTREVISTADO: O que provoca?! Vamos tentar elaborar. Não sei exatamente o que ele provoca. Mas eu fiquei pensando, falando sobre isso, quando se escolhe a parte que vai ser cortada, eu tento muito estimular que eles escolham a parte que vai ser cortada e algumas vezes eu sinto que eu alguns momentos não dão para ser da escolha dele. Então a ideia é que eu tente escolher deixando o máximo de sentido que ele quis ali, mas acaba sendo uma avaliação minha. E depois mostrar a ele e dizer *'e aí? É isso? Foi isso que você quis dizer?'*. E seguir. Mas tem momentos que nem isso acontece.

PESQUISADORA: Você acha que o usuário sentiu o que nesse momento do corte? Você imagina que ele sentiu o que nesse momento do corte?

ENTREVISTADO: (..). Não sei, verdadeiramente, não sei. Ele, especificadamente, é uma pessoa que a gente já teve outras vivências, participou do Centro de Convivência, participa das oficinas a mais tempo, a gente tem um vínculo bem positivo. Então eu acho que em alguns momentos permite (..) enfim, de alguma maneira, com o tempo, parece que a gente se entende com uma veracidade maior do que com outras pessoas pela a gente ter tido muito mais proximidade. Mas eu não me recordo. Eu estou falando isso porque não recorto especificadamente da expressão dele naquele dia.

PESQUISADORA: Então vamos para o próximo? Mas vamos ver o horário para não te atrapalhar.

ENTREVISTADO: Eu acho que a gente responde mais uma, né?

PESQUISADORA: E podemos encerrar. A gente pode remarcar, tem algum problema para você?

ENTREVISTADO: Sim, tranquilo.

PESQUISADORA: Está sendo tranquilo para você ou está cansativo?

ENTREVISTADO: De jeito nenhum.

PESQUISADORA: Próximo.

ENTREVISTADO: Vamos lá!

((TRECHO APRESENTADO: “O segundo usuário foi voluntariamente participar da atividade de dublar e trouxe o caderno que estava em suas mãos. (...) A segunda fala elaborada para o **personagem 2** trouxeram duas palavras em inglês; ‘sit down’ e a segunda foi ‘my’, sendo pronunciada de forma mais estendida e prolongada”).

PESQUISADORA: Você gostaria de rever essa fala no vídeo?

ENTREVISTADO: Quero, ele falou isso mesmo? ((Vídeo é mostrado ao entrevistado)). *Sit down* ((risadas)). E ele queria dizer outras coisas, mas ele tem uma fala lentificada, essa dificuldade nessa elaboração. Eu acho que, se eu não me engano, ele tentou gravar várias vezes. Acho que ele gravou um tempão e a gente pegou somente uma partezinha, mas ele iria elaborar mais coisas que ficou ali. É difícil esse manejo, eu sinto muita dificuldade nesse manejo assim, de até onde a gente simplesmente faz o produto dublagem e pronto. Mas é isso, ao mesmo tempo a gente volta para o mesmo canto e ele se escutar ali. E deu isso, e aí, né? Que eu lembro que ele, a gente escutou, mas ‘e aí, como é que tá?’, mas ele olha e é como se fosse isso. Nesse momento e em outro momento ele consegue, mas nesse momento ele não consegue, na minha visão. Na minha percepção é que ele não

está conseguindo entender que personagem ele está dublando ou é simplesmente a fala, ele quer dizer. Então, assim, eu acho que esse é um conteúdo que a gente consegue trabalhar em outro espaço, não na oficina. E reconhecer mesmo que tem limites; tem limites bem definidos ou senão tão definidos assim, mas tem limite de que não vai conseguir dar conta disso.

PESQUISADORA: E ele foi aquele usuário que você trouxe que ele participou da outra oficina.

ENTREVISTADO: Que ele foi o super-herói, o protagonista e tudo mais; tipo, ele estava em outro momento. Outro momento.

PESQUISADORA: Quando ele traz essa fala, qual relação você vê com o contexto da oficina?

ENTREVISTADO: Nenhum contexto. Ele está produzindo algo, ele está produzindo coisas como se fosse um roteiro de próximo filme e, então, quando ele trouxe isso, foi um pedaço de algo que ele já tinha elaborado anteriormente e que já ele queria me mostrar. Ele tinha dito antes da oficina que queria e ele foi lá para mostrar. E eu sinto que o que ele está dizendo é uma forma de *'olha, me escuta, eu quero te falar sobre isso'*. Acho que chega para mim é isso. Então, de alguma maneira, eu acho que esse recorte até aqui (..) é como se fosse além da oficina. Na minha percepção é um *'tá ok'*, tá a palavra, tá a voz. Eu sinto que não fiz parte daquilo, mas de alguma maneira faz parte de outra história. E se a gente está pensando que as pessoas estão ali para falar e a gente conseguir captar essa energia. Aliás, outra maneira é que a oficina tem muito é essa função, alguns conteúdos surgem e a gente trabalha em outro canto; *'ok'* eu fico atento a ele. Ele quer muito falar comigo, ele quer muito me mostrar, ele tem coisas que ele quer dizer. Mas eu sentei para conversar com ele, não nesse dia, dias depois e ele queria me mostrar um monte de coisas e tudo mais. E é isso, a gente capta isso e ok; não consegue trabalhar naquele momento, mas a gente tem a informação para trabalhar em outro momento. Foi bom porque a gente trabalhar em equipe então a gente pode chamar outra pessoa da equipe e dizer *'fulano, tá precisado disso'*, acho importante ele ter esse espaço de fala.

PESQUISADORA: E por que o inglês?

ENTREVISTADO: Porque ele está na vibe do inglês ((risadas)). Tem uns usuários que estão na vibe do inglês. E agora, na verdade, essa é uma boa pergunta. Era uma boa pergunta para ser feita e que não fiz. Mas é uma excelente pergunta, porque o inglês está cativando ele tanto nesse momento? Ele gosta muito de filme

de ação, talvez ele veja muito filmes que, eu nunca perguntei, mas eu acredito que legendado ele não consiga ver, mas talvez ele veja um filme legendado e (..) essa na verdade é uma boa pergunta, talvez ele veja filme legendado e só fique escutando. Intensa a pegada, o desejo é bem mais imponente a pessoa falar coisas. ((muda entonação na voz)) *'hey, you. Ei, você?'* ((risadas)).

PESQUISADORA: Quando ele traz essas palavras pronunciadas, que ele faz *'my'*, mais alongado, o que você sente com essas falas?

ENTREVISTADO: Isso é desse outro? Do super-herói?

PESQUISADORA: Isso. Sobre essa não duração das palavras que ele traz um *'my'* mais arrastado, mais prolongado.

ENTREVISTADO: Você já viu ele falando em outros momentos? Mas é isso, ele especificadamente, precisa ser o centro, precisa ver como se trabalha isso. E de alguma maneira a gente precisa fazer com que ele viva esse desejo de ser centro, como se fosse ser reconhecido nisso, algo superimportante, mas também conseguir estimular essa interação (..). Pelo horário a gente vai precisar fechar, mas quarta-feira é o melhor dia para mim.

PESQUISADORA: O melhor dia para você é o melhor para mim, certo?

ENTREVISTADO: Combinado.

PESQUISADORA: Então, até o próximo encontro para estarmos fechando os recortes dos diários e da entrevista. Muito obrigada pela disponibilidade mais uma vez.

**APÊNDICE Q – Transcrição da Entrevista Individual (Pós Oficina) – Parte II**

Transcrição da Entrevista – Psicólogo (Lírio)

PÓS OFICINA – PARTE 2

Tempo da Entrevista: 1h

**LEGENDA:**

Coordenador: Narciso.

Coordenadora: Azálea.

Estagiárias: Margarida, Girassol, Tulipa.

Psicólogo Entrevistado: Lírio.

Psicólogas: Ipê, Rosa, Begônia.

Instituição Geral: Jardim

Instituição Espaço 1: Jardim Vertical

Instituição Espaço 2: Jardim Suspenso

Instituição X: Nome Fictício

Instituição Y: Nome Fictício

Instituição de Ensino Z: Nome Fictício

Programa Primavera: Nome Fictício

PESQUISADORA: Boa tarde, Lírio. Estamos aqui novamente para dar continuidade aos recortes. Vou estar te perguntando novamente sobre a oficina; sobre a fala dos usuários, a técnica e alguns pontos sobre a entrevista do planejamento da oficina. Não sei se você lembra, mas da última vez que a gente se encontrou, paramos na fala desse usuário. Vou te mostrar novamente para relembrar um pouco de onde paramos e dar continuidade as próximas perguntas.

((TRECHO APRESENTADO: “O *segundo usuário foi voluntariamente participar da atividade de dublar e trouxe o caderno que estava em suas mãos. (...) A segunda fala elaborada para o **personagem 2** trouxeram duas palavras em inglês; ‘sit down’ e a segunda foi ‘my’, sendo pronunciada de forma mais estendida e prolongada”)).*

PESQUISADORA: Você quer olhar o vídeo novamente agora?

ENTREVISTADO: Não, está tudo bem.

PESQUISADORA: Esse próximo recorte foi desse usuário ainda, por isso que te mostrei a fala dele anterior. E essa ele trouxe após a gravação e exibição da fala pronta.

((TRECHO APRESENTADO: “O *usuário relatou, depois da gravação, que o trecho dublado por ele ‘ficou bom, não ficou como um texto, mas a fala ficou boa. O negócio foi que eu não falei a frase completa’*”).

PESQUISADORA: Quando você lê agora, o que você sente desse relato?

ENTREVISTADO: É (...). O que me chama mais atenção é ele falar isso '*o negócio foi que eu não falei a frase completa*', que ele queria ter falado de alguma maneira e ele tentou por várias vezes concluir a frase, mas não conseguiu e tem a questão do tempo. Mas ao mesmo tempo ele reconhece '*ficou bom, não ficou como um texto*', não sei se foi como '*um texto*' ou '*o texto*', algo que ele quis dizer, não sei se foi como o texto que ele escreveu anteriormente, '*mas a fala ficou boa*' ((risada)). Legal esse negócio dele se reconhecer. Tem um livro sobre criatividade, que é até de Azálea, psicóloga do Jardim, que ela faz uma investigação com pessoas que estão com depressão e ela vai entender um pouco como é que o processo criativo ele funciona, como ele contribui nesse processo. Então, uma das falas dela é que (..) ela vai reconhecendo uma das coisas muito positivas que traz é quando a gente tem a sensação de trabalho feito. E tem essa coisa de '*caramba, ficou bom*', então você tem um orgulho daquilo que você fez e isso de alguma maneira organiza, porque você vai se reconhecendo. Acho que uma das coisas do processo terapêutico, em oficinas desse formato, é (..) a gente, de alguma maneira, se testando, colocando e fazendo coisas que não fazíamos antes, a gente se reconhece, porque a gente pode ver o que a gente fez, como ele. Ele faz, tenta algumas vezes, vai gravar e depois ele para e olha. Então ele se percebe no mundo. Então eu acho que isso é o mais legal.

PESQUISADORA: E você sentiu o que com essa fala?

ENTREVISTADO: Difícil dizer o que eu sinto quando vejo, mas pensando nesse usuário especificadamente, quando olho, o que me vem é algum sentido de '*caramba, que massa ele está seguindo, ele está tentando, ele está se reconhecendo*'. Enfim, é algo positivo. Eu fico aqui na dúvida, será que era legal ter conseguido gravar a frase toda?! Mas ao mesmo tempo, no espaço, não tinha como ele gravar a frase toda ((risada)). Não tinha condições alguma. É o que deu, reconhecer que foi o que deu, é isso, então.

PESQUISADORA: Podemos ir para o próximo?

ENTREVISTADO: Sim, vamos lá!

PESQUISADORA: Próximo recorte.

((TRECHO APRESENTADO: "*Este foi instruído pelo profissional a observar qual personagem seria e qual o tempo de duração da fala; 'o que você acha que ele está dizendo?'*".)).

ENTREVISTADO: Certo.

PESQUISADORA: Quando você vê esse trecho, quando você chama a atenção do usuário para olhar o rosto, as expressões, movimentação da boca, do personagem, você imaginou o que poderia vir desse usuário com relação a fala?

ENTREVISTADO: Eu imaginaria que ele ultrapassaria o tempo da fala porque a gente conhece já o perfil, conhece como cada um se desenvolve nas atividades. Então uma das coisas da oficina de dublagem é isso, é estimular essa percepção; estimular que eles consigam entender o que está na tela e conseguir conectar com o que eles querem dizer. Não é simplesmente dizer, porque seria somente uma oficina de fala, não seria dublagem. Então tem que ter esse link, a gente tem que conseguir caminhar junto; se cada um simplesmente gravasse, se uma pessoa gravasse e jogasse me cima seria simplesmente algo aleatório. Mas não é, é essa construção. Então é isso, eu não lembro exatamente agora disso aqui, mas em geral quando eu faço essa fala, é quando eu percebo que o usuário vai grava e ele não está olhando para a televisão, ele olha somente para o microfone. Me chama a atenção e, tipo, *'opa, vamos olhar, vamos olhar'*. Então eu acho que é isso, ele estava até com o caderno, *'leia o caderno, pega o microfone e vamos lá'* e não é isso. Não é para ser um discurso.

PESQUISADORA: Quando você observa essas movimentações, de não olhar, o que você nesse momento? Quando você chama ele para a cena?

ENTREVISTADO: Eu me sinto desafiado a conseguir estimular que ele consiga fazer isso. É sempre um desafio que muitas vezes você vai e a impressão que dá é que a proposta não foi entendida, mas ao mesmo tempo *'que proposta é essa que eu quero? Que expectativa é essa para essa oficina?'*. A ideia era, exatamente essa, deles conseguirem ver e conseguir passar o que eles sentem naquele tempo daquela forma como meio de passando um pouco a mistura do sentimento deles e o que ele imagina que aquele personagem está, porque o que ele imaginar que aquele personagem está sentindo é uma projeção. Então tá, vamos projetar, mas vamos projetar naquele personagem. Não é simplesmente sair, não é isso, mas para mim é um desafio, me sinto sempre desafiado com isso. E fico na dúvida da medida, até onde a gente vai estimulando, vai forçando chegar nessa compreensão de entender quem é o personagem ali e deixar um pouco mais livre para ver o que é que surge.

PESQUISADORA: Nesse momento, para você, o que foi que se fez terapêutico?

ENTREVISTADO: Com esse usuário especificadamente?

PESQUISADORA: Isso, quando você fala *'o que você acha que ele está dizendo?'*

ENTREVISTADO: A ideia é essa mesmo, o que ele achar que o personagem está dizendo com toda certeza fala dele, então a terapêutica fala disso como é que a gente vai conseguir identificar isso e olhar depois. Tanto que eu acho que a oficina de dublagem é muito o que a gente consegue ver depois, o que ele traz como *'ah, foi legal, não foi a frase toda'*. Então eu acho que é isso, tentar entender o que um personagem está falando sem a gente escutar e sem saber contexto nenhum, ele vai simplesmente pela imagem que está ali, é completamente projeção, não tem como ser de outra forma. Não tem mesmo. O que eu acho terapêutico nisso aqui dele é isso, eu senti que ele não estava olhando para a televisão e ele não estava prestando atenção no personagem que ele iria dublar, ele já tinha um texto pronto, mas quando acaba ele vê. Ele diz que não deu ali no tempo não, mas ali eu acho que ele consegue enxergar o que ele fez, o que está dentro e o que não está dentro. Isso que eu acho que acaba sendo a função terapêutica.

PESQUISADORA: E quando você pede e solicita para ele voltar a atenção para a cena, por que você solicita?

ENTREVISTADO: Na hora da dublagem ou depois?

PESQUISADORA: Na hora.

ENTREVISTADO: Exatamente para isso, para ele conseguir se conectar ao personagem que ele vai dublar.

PESQUISADORA: Vamos para o terceiro participante.

((TRECHO APRESENTADO: *"O terceiro participante expressou sua vontade de participar da oficina antes do segundo usuário concluir seu tempo de dublagem"*)).

PESQUISADORA: Nesse momento é visto uma interrupção. Antes mesmo dele terminar a dublagem o outro usuário estava informando que gostaria de participar. Quando você observa essa movimentação, o que você sente? O que você acha dessa atitude deles?

ENTREVISTADO: Então, não recordo exatamente agora, mas esse movimento é um movimento comum de acontecer. Tem alguns pontos aí, eu sinto que as vezes acontece uma inquietação das pessoas, principalmente quando tem usuário que está fazendo tem uma dificuldade em dublar, então causa uma inquietação geral, talvez até uma identificação das pessoas de estar se colocando naquele lugar; *'meu Deus, será que eu consigo, ou não. Será que é difícil de fazer?!'*. Porém ao mesmo tempo veio um sentimento de *'poxa, que massa também, a galera está empolgada querendo fazer'*. E eu acho que parte desse processo também é isso. Precisa ser de

alguma maneira uma brincadeira a dublagem, essa é a proposta. Então quando a gente está empolgada querendo brincar, a gente acaba passando um por cima do outro. Não é nem passar, é interferindo no outro e que vai acontecendo essa mistura e a gente solta as coisas de uma forma mais espontânea, que a gente está liberando ‘*ei, sou eu, quero. A minha é a outra fala aí*’. Isso eu acho bem positivo quando acontece. As vezes fica dois ou três usuários ao lado do microfone, um esperando o outro, um as vezes fala no meio da fala do outro; ‘*ei, não, é um de cada vez se não o microfone não pega*’ ((risada)). Isso é legal porque está saindo. Não são muito usuários, a princípio, mas esse já estava escrito o que ele iria dizer, aí ele pensa que é isso. Ele não está fazendo ali, o sentimento que me dá é que ele precisa de um espaço fora da oficina. É aquele mesmo negócio, a gente reconhece que a oficina não consegue dar conta de tudo, ele precisava ter uma conversa fora. A gente até teve uma conversa com ele, que ele está fazendo um curso de inglês e tudo mais. É um outro espaço que ele está precisando para colocar aquilo naquele momento.

PESQUISADORA: Então vamos para o próximo recorte.

((TRECHO APRESENTADO: “*A frase seguiu no mesmo modelo da frase dita em inglês pelo personagem anterior, em continuidade as falas em inglês: ‘no my cat, is my God, my friends’*”).).

ENTREVISTADO: Então, foi esse que falou que ‘*era minha vez?*’! ((risada)).

PESQUISADORA: Isso! Como o usuário anterior, esse também trouxe frases em outro idioma. Como é para você lidar com essa situação?

ENTREVISTADO: Eu (..) nunca pensei especificadamente nisso, é muito raro trazer outro idioma. Já aconteceu de uma usuária, que eu sabia que falava inglês. Eu fico pensando, não sei se a gente conversou sobre isso, mas o contato que esses usuários têm com filmes em inglês é muito comum. A maioria dos filmes que a gente vê são *hollywoodianos*. Então você fazer uma fala em inglês parece que é bem mais filme. Eu acho legal, mas eu sinto que esse usuário foi muito mais pela empolgação do outro ter iniciado do que a vontade dele de fazer uma fala em inglês especificadamente. E esse usuário, esse terceiro usuário, ele trabalha com audiovisual.

PESQUISADORA: Então você acredita que foi por esse motivo que ele trouxe a fala assim?

ENTREVISTADO: Eu acredito que sim. Eu acho que é muito disso também da gente continuar. Esse usuário até que tem mais autonomia, que tem uma compreensão

maior, desenvolvimento cognitivo maior. E uma das coisas é que a ideia de trazer nessa oficina é que a gente dê continuidade a uma fala. Isso aqui ele conseguiu fazer, ele deu continuidade.

PESQUISADORA: Nesse ato da continuidade, você pode falar um pouco?

ENTREVISTADO: Eu sinto que a gente entra em uma engrenagem. Se cada um fala uma coisa, é ok, cada um expressou o que tinha, mas quando a gente entra nesse movimento de continuidade, um vai puxando de acordo com o que outro fala, além dessa projeção que alguém tem do personagem, de se identificar com aquilo e o que passa no momento, a gente consegue organizar isso em forma de grupo. Realmente, começa a virar um material só e um material coletivo. A gente chegou na expectativa da proposta, aí é legal para mim, eu sinto que 'eita, ok'. Mas é isso, nossas expectativas para tudo.

PESQUISADORA: O próximo trecho agora.

((TRECHO APRESENTADO: “O profissional deixava em aberto a oportunidade de começar a gravar a frase do início ou continuar de onde tinham parado para completar a dublagem. Para realização e gravação da frase final do **personagem 3** o usuário a reproduziu e refez repetidamente”).)).

PESQUISADORA: Como é esse processo para você? De editar?

ENTREVISTADO: O processo de editar é bem tranquilo, assim, se for pela parte da técnica é bem ok e rápido. Pelo menos, o que eu sinto é o seguinte muitas vezes é difícil, é difícil para todo mundo a gente conseguir dublar um personagem pelo tempo da fala, do que a gente quer dizer, do que é necessário dizer, mesmo com um roteiro é difícil você encaixar a voz ali dentro, no tempo, na expressão toda. E é por isso até que tem tão poucos profissionais de dublagem. Então, assim, se a gente vai tentar fazer isso, que fique exatamente no tempo, que é uma das coisas que ficam mais legais assim, de ver um produto e você gostar do resultado, leva para um outro lugar ((telefone tocando)) quando a pessoa fala e dá para ver que o usuário gostou do que foi dito e faltou um pedaço, a ideia é editar e passar. Rapidinho, tá?

PESQUISADORA: Fique à vontade.

ENTREVISTADO: Vamos lá! Foi mal, vou ter que interromper novamente quando a campainha tocar.

PESQUISADORA: Tudo bem, fique à vontade (..). Gostaria de saber o que você sente quando eles alteram a frase. O primeiro personagem também modificou na hora de gravar. Como você se sente com isso?

ENTREVISTADO: Na verdade, eu acho que minha atenção não fica voltada para isso na hora das oficinas, não presto atenção nessas mudanças. Acho que a gente tem muita coisa para ser dita, então as vezes a gente fala e queria dizer uma outra coisa e mudou, simplesmente não deu tempo, então a gente já pensou em outra coisa. Talvez aquilo já tenha sido elaborado, daí a gente vai para um outro ponto, que quando a gente realmente quer dizer aquilo e aquilo não foi elaborado, a gente vai dizer um milhão de vezes, ((telefone tocando)) dizer a mesma coisa. Tá difícil hoje ((risada)).

PESQUISADORA: Tranquilo, fique à vontade.

ENTREVISTADO: Vamos lá!

PESQUISADORA: Eu gostaria de te perguntar uma dúvida sobre a técnica que surgiu agora, existe algum tempo mínimo para que cada usuário execute a dublagem?

ENTREVISTADO: Não, não tem tempo mínimo. Pode ser qualquer coisa, as vezes o som é tipo 'ah' ou um susto e acabou, ((risadas)) é isso. Às vezes é um som, um bater de um martelo 'peí' e acabou. E as vezes é uma fala bem longa. Tem oficina de dublagem que é um monólogo. Uma que eu gosto muito de fazer é uma com espelho da rainha da Branca de Neve que é quase um minuto só do espelho falando. E eles soltam muitas coisas assim ((risadas)).

PESQUISADORA: E quando a gente pensa na cena e nas falas produzidas, você pensou que eles fossem elaborar frases com maior duração? Por exemplo o usuário que prolongou uma palavra em vez de trazer várias outras, como você imagina essa fala do usuário?

ENTREVISTADO: Como eu imaginava que ele faria?! Então, a fala desse usuário é um pouco comprometida nesse sentido, a gente vai conversar com ele e a gente consegue entender, mas é algo mais arrastado. Então, em uma cena daquela não rolaria, é tipo, depende muito do tipo de cena. Tem personagens que a gente encaixa super bem, que tem essa voz arrastada, então depende. Naquela cena não tinha nenhum combinasse tanto com a voz arrastada.

PESQUISADORA: E você sente como quando pega essa palavra e observa no personagem sendo dublado? Quando você vê a fala no personagem.

ENTREVISTADO: Eu teria que ver de novo para saber o que eu sinto ((risadas e o vídeo é mostrado ao entrevistado)). Então, eu acho que a gente sempre tenta dar algum tipo de sentido para isso. E o dele ele fala 'myyyyy' e isso eu acho que é algo

que acontece na vida, que a gente tenta falar muito da dublagem e dublagem está presente na vida o tempo todo; alguém fala e a gente fala. Alguém fala e outra fala vem por cima, tipo, ele vai falar uma frase e está se arrastando, alguém vai e fala por cima, que a mesma coisa de quando ele estava lá falando e alguém falou '*ei, é minha vez, eu sou o próximo*'. Na dublagem acontece isso. Meu sentimento quando eu vejo é esse, é um diálogo normal da vida, alguém vai atrapalhando o outro e não deixa o outro acabar de falar. E essa coisa arrastada dele eu acho que me lembra isso (...). São reflexões bem mais distantes, mas com gagueira. As pessoas que sofrem de gagueira falam disso, incomodo muito grande, porque, em geral, quando as pessoas começam a falar e vão travando, as pessoas completam a frase e o sentimento é de '*caramba, eu consigo completar isso, me deixe completar, não me interrompa*'. Mas sempre acontece e é uma queixa muito grande, sempre acontece. E de alguma maneira ele também foi interrompido, foi interrompido também pelo profissional ((risadas)) e pelas outras pessoas. E está lá gravado para todo mundo ver que tem interrupção.

PESQUISADORA: Sempre acontece na oficina de dublagem?

ENTREVISTADO: Não, sempre não. Às vezes acontece, mas não é tão difícil de acontecer não.

PESQUISADORA: Você sente algo com essas interrupções?

ENTREVISTADO: Eu acho que isso tudo faz parte desse processo, da proposta, na verdade, da oficina, que é a gente conseguir ver o que a gente está fazendo, porque é isso, não é para sair um filme *hollywoodiano*, não é para ser um negócio que vai passar na sessão da tarde. É para a gente conseguir entender o que está acontecendo na cena, então essas interrupções e esse não conseguir falar, é algo que é importante de ser visto, não como uma crítica '*olhe o que você está fazendo de errado*', mas sim para ir reconhecendo, como é que eu tenho feito as coisas. E até como é que eu interrompo o outro e como é que eu me deixo ser interrompido. A ideia é simplesmente a gente ver como um espelho de uma outra maneira, vamos ver o que é que dá.

PESQUISADORA: Você trouxe antes a ideia de editar, como é para você esse editar? O papel da edição?

ENTREVISTADO: Operar isso, especificadamente, é tranquilo e vem de uma outra formação minha. Então me sinto muito confortável em ficar editando coisas, mas eu sinto que eu perco muito em editar, porque são dois focos diferentes. Você está

mexendo no computador, uma edição de programa que requer atenção enquanto que tem um monte de coisa acontecendo na oficina que era bom você estar atento para intervir. Então esses dois focos fazem com que, sei lá, fique disperso, não fique tão centrado em algumas coisas que acontecem e por isso é importante ter um bom co-terapeuta na oficina. Se não tivesse essa pessoa que estava acompanhando lá, que é Margarida, é uma pessoa que eu tenho muita confiança e de que *'ok, ela está atenta'*. E eu converso sobre isso antes, eu queria muito ser, queria muito que o co-terapeuta estivesse operando ((risadas)). Acho que ia ser o ideal, mas até o momento isso não aconteceu.

PESQUISADORA: E para além da questão operacional? Como fica a edição para você?

ENTREVISTADO: Não sei. Me sinto tranquilo. Eu acho que a parte que (.) o que me faz ser parte daquele processo. Tá, conduzir a oficina também é fazer parte do processo de construção, mas quando eu estou editando, de alguma maneira, eu também estou dando a minha cara, eu também vou falando algumas coisas *'ei, vamos lá'*. Tem coisas que eu acho que foi muito distante, então vamos voltar, porque é isso, a gente volta para o que estava dizendo antes. É um falar por falar? Não. É simplesmente dizer o que eu quero dizer? Não, é um dublar, aqui é diferente. Então, precisa de um mínimo de controle lá e algumas pessoas nunca dublaram na vida e vão fazer a proposta e precisam de alguém que conduza aquilo e *'olha, vamos prestar atenção nisso aqui'*. É isso, então, tem parte que eu estou ali, dando minha cara, falando o que eu penso.

PESQUISADORA: Vamos para o quarto usuário?!

((TRECHO APRESENTADO: “O quarto usuário que participou da dublagem começou a cantar uma música *'eu não posso mais ficar aqui a esperar'* para dublar a fala do **personagem 4**. Se trata da música “Sentado à beira do caminho” de Erasmo Carlos”).).

PESQUISADORA: Por que você acha que o usuário trouxe essa música?

ENTREVISTADO: Então ((risada)) quando eu leio agora, porque realmente na hora eu não pensei nisso, *'eu não posso mais ficar aqui a esperar'* caramba, veio logo na cara assim ((risadas)). Ele está ali ou querendo dublar ou querendo muito sair dali porque alguma coisa ele não está aguentando mais esperar ((risadas)). Acho que é uma forma sim de comunicar algo, essa música deveria ter várias partes e ele escolheu dublar especificadamente essa parte; se bem que ele cantou mais e a

gente cortou, porque eu lembro que ele cantou um bom pedaço e a gente cortou um trecho e foi. Talvez de alguma maneira até seja uma coisa inconsciente bem minha desse recorte, tipo, do que eu estou lendo também, não sei. Mas, assim, aí vai para outro nível que eu não conseguiria nem falar agora. É um usuário que ele sempre canta, é um usuário que o contato que a gente consegue acessar ele é através da música. Tem oficina lá que eu faço que não é de dublagem, eu simplesmente pego somente o violão e a gente toca violão. E de acordo com as músicas que vão surgindo a gente vai pescando (..) memórias, alguns usuários vão trazendo memórias, e como é que isso toca, a gente constrói para outras coisas assim. Uma vez até já fiz uma oficina de dublagem que antes o estímulo era a gente ficar cantando. Então é uma coisa massa que conecta essa pessoa. Então é isso, ele fala através da música mesmo e nada melhor do que ele dublar uma música ((risadas)). A gente também já fez vídeos lá dele cantando, então era como se fosse um clipe ((risadas)).

PESQUISADORA: Quando você vê e escuta essa dublagem? Você sente o que com ele cantando uma música?

ENTREVISTADO: Eu acho massa ((risadas)). Eu sinto que combina até com personagem que ele fez (..) com o contador; ele chega do nada assim, aleatoriamente com elementos que não estavam presentes ali e subindo e descendo, e está cantando. Se a gente for pensar mesmo, ele lembra de alguma maneira uma harpa. A pessoa chega com uma harpa ali e que (..) não sei dizer. Mas isso é uma forma de se comunicar; a música é uma forma de se comunicar. A gente está falando de uma atividade, criatividade, então, assim, genial.

PESQUISADORA: Como fica o lugar da técnica quando um usuário traz uma música?

ENTREVISTADO: Como assim?

PESQUISADORA: Voltamos aquela mesma dúvida anterior, o que muda seria que nessa fala ele trouxe uma música, mas na hora de dublar não é esperado, necessariamente, que ele cante.

ENTREVISTADO: Então, eu nem espero especificadamente que seja uma fala. Cantar eu acho que é super fácil. Tem alguns usuários, que já participaram da oficina, e eles faziam somente sons ‘Grrrrrrrr’, e ficou lá assim, eu acho massa, e é uma outra forma de expressar mesmo, de dizer ‘*eu quero esse som, não quero*

*cantar, eu quero esse som mesmo. Eu quero esse som para quê?* '. Um dos usuários, uma vez, ele assobiou, em vez de falar ele foi lá e assobiou, ok.

PESQUISADORA: Foi nessa oficina.

ENTREVISTADO: Foi nessa?! Foi mesmo?!

PESQUISADORA: No final do vídeo ele queria assobiar e não tinha o (..).

ENTREVISTADOR: O anti Puff. É, mas já teve em outros momentos. Mas que massa que foi nessa também.

PESQUISADORA: Eu lembro que ele falou que parecia um filme de *cowboy*.

ENTREVISTADO: É verdade, verdade, massa.

PESQUISADORA: Então, para concluir esse trecho, quando você escuta e lê essa música, o que você sente com essa parte?

ENTREVISTADO: Pensando nisso agora, nesse usuário especificadamente, a história dele traz muito disso de não aguentar ficar aqui mais a esperar, ele não quer estar aqui, esse usuário especificadamente quer estar em outra cidade. Ele quer estar perto de outras histórias, assim, ele está dizendo isso o tempo todo, não é de agora. Acho que a gente tinha conversado agora (..) o que a gente realmente quer dizer, a gente vai ficar dizendo, e dizendo. Até quando a pessoa fala alguma coisa e depois ele fala outra, tá, pode ser uma '*falou e opa, guardei para mim*', foi forte demais e ok a gente respeita isso e deixa. Mas se ele quer falar algo mesmo assim, ele vai trazer e vai ficar batendo. E desde o início ele está trazendo. É a grande demanda dele, é a grande demanda da vida dele é essa.

PESQUISADORA: Próximo trecho.

ENTREVISTADO: Vamos lá!

((TRECHO APRESENTADO: "*Após essa participação o profissional perguntou se alguém que ainda não tinha dublado, gostaria de dublar*".)).

PESQUISADORA: Como você se sente quando solicita a presença deles para participar da atividade?

ENTREVISTADO: Então, nesse momento eu recordo que o usuário que iniciou tinha solicitado dublar de novo, então eu pedi para que ele esperasse, para gente ver se tinha alguém, porque em geral, tem algumas pessoas que elas têm esse desejo maior, então esse momento mais desprendido, mais desinibido e querem fazer. Mas isso também acaba fazendo com que as pessoas que precisam de um estímulo para ir não vá, porque está sendo ocupado aquele lugar e a ideia é a gente ter um espaço para todo mundo. É bom que se inicie com quem está mais empolgado, porque aí

gera essa energia, mas depois a gente vai tentando puxar as pessoas. Acho importante porque muitas vezes tem alguém que não quer participar, dublar especificadamente, mas contribui com a ideia *'ah, podia ser tal coisa aí, mas eu não vou não'*. Ok, *'Está, então vamos escolher outra pessoa para dublar isso?'*. A gente vai construindo. E eu sinto que isso é um movimento natural da vida, tipo escola, tem gente que vai para o quadro fazer as coisas e tem gente que não vai de jeito nenhum. É isso, a gente vai pensar em todos os lugares; as pessoas mais extrovertidas mesmo elas vão dublar e as introvertidas são difíceis de *'tá, eu vou dublar, vou aí na frente de todo mundo, vou deixar minha voz registrada'*, é muito difícil. É uma atividade mais extrovertida essa, né? Então que a gente consiga estimular algo legal, conseguiu estimular os introvertidos a participar de uma atividade extrovertida, eu sinto que essa é a busca. E dá um controle maior aos extrovertidos como eu ((risadas)).

((TRECHO APRESENTADO: *"Então o quinto participante levantou e decidiu fazer a próxima fala, dublando, deste modo, o pensamento de um dos personagens, que aqui chamaremos de **personagem 5**. O usuário trouxe a própria palavra 'pensamento', outras não compreensíveis, seguidas de um balbucio. O oficinairo acolheu e colocou um efeito diferenciado para que fosse notado para os demais o contraste de uma fala com um pensamento. A próxima usuária, que foi dublar o **personagem 6**, também trouxe uma fala mais balbuciada, como uma reclamação, antecipando a palavra 'não' para o personagem dublado".*)).

ENTREVISTADO: Deixa eu ver essa parte?! Eu acho que eu sei quem foi esse do pensamento ((vídeo é mostrado ao entrevistado)). Pode passar novamente que eu acabei não prestando atenção na outra? ((vídeo é repassado)). Tá, ok, pensei que era outra pessoa. Vamos lá, personagem cinco, é um usuário que ele tem uma questão mais voltada para o delírio e para a alucinação. Então ele traz coisas, às vezes, bem incompreensíveis mesmo. E eu não lembro como foi essa escolha dele para que dublasse esse personagem do pensamento especificadamente, mas não me parece aleatório. Ele queria fazer algo mais transcendente mesmo que é o tema dele. E essa personagem seis, a fala dela é assim, né? Não é que ela fez a dublagem desse jeito, esse é o jeito dela ((telefone tocando)). Opa.

PESQUISADORA: Por que você acha que eles trouxeram essa forma de dublar? E qual seria a relação deles com esse balbucio?

ENTREVISTADO: Então, a dele na verdade, o que ele fala especificadamente, as palavras que ele fala é realmente compreensível, não tem problema não. Nessa daqui acho que é a emoção de estar ali e você fica pensando muitas coisas, acho que foi meio que isso a dele, especificadamente. O tema de algo mais transcendente. E o dela não, acho que ela não teve intenção de fazer isso, nesse momento, pelo menos, ela não tinha condições de fazer de outra forma. Acho que é massa, assim, porque a gente está dando a cara do grupo; dando a cara para daquele espaço e é isso que acontece. Como você fala, são difíceis mesmo de serem compreendidas.

PESQUISADORA: Qual seria o lugar desse balbucio e dessa expressão em relação a técnica que você criou?

ENTREVISTADO: Eu acho que a gente volta para a mesma coisa do assobio, do falar em inglês, do cantar, do gritar, são formas de expressão e a gente via precisar se desdobrar mesmo em cima disso para entender melhor, para ler juntinho das pessoas, essa é a forma que eles conseguem trazer, acaba que a gente tem que trabalhar em cima disso. Então volta para a limitação da ofical, especificadamente, que como tudo tem um limite, a gente não vai conseguir trabalhar isso tudo lá dentro. Ela trouxe isso e ok, né? Acho que é permitir esse espaço para que ela possa nesse espaço ser reconhecida com essa fala dela; ela faz parte igual qualquer outro participante dali. Tem um lugar que (..) esqueci qual a palavra que dá para isso, mas ela tem o lugar reservado como o de todo mundo. Se vai ser entendido, ou se não, depende do outro, né? ((risada)).

PESQUISADORA: E como você vê essa questão de eles estarem se expressando dessa forma?

ENTREVISTADO: Primeiro de tudo eu vejo de uma forma bastante positiva isso. Essa coisa de tipo '*ah, aquela pessoa quer palco, quer chamar atenção, dá o microfone para ela*', e é meio que isso, a gente dá o microfone para a pessoa, a gente dá o palco para a pessoa, a gente faz a pessoa estar na TV. É esse o lugar que a gente dá (..) de, não sei seria essa a palavra, privilegio (..) não seria bem essa palavra, me perdi muito. Mas, assim, de valorizar esse lugar, o que é dito por eles tem um lugar de importância, assim, o trabalho vai ser passado e todo mundo vai ter uma produção ali dentro. Eu fiquei pensando nisso agora e esqueci qual foi tua pergunta especificadamente.

PESQUISADORA: Como é a expressividade, esse modo deles estarem se expressando, chamado balbucio? Como você vê? Como você se sente com isso?

ENTREVISTADO: Eu fico vendo, como no encontro anterior, que é uma engrenagem que vai funcionando e essa questão da continuidade, do atropelo de uma fala na outra, em que chega alguém e diz algo que ninguém entende. Acho que isso fala muito daquele espaço, quais são as pessoas incompreendidas. E é isso, a gente está dando voz para as pessoas incompreendidas, e essa voz não vai ser compreensível ((risada)). Mas eu acho que mais importante que a técnica é dar voz, esse reconhecimento, esse processo de autonomia e do quanto a gente consegue trabalhar isso posteriormente, quando a pessoa vê e o que me chama atenção na própria fala é ser reconhecido como é você dentro daquele grupo todo, você balbuciando, gritando e cantando, que é legal. Não sou eu que vou dizer ao outro, não é nossa função dizer '*ah, você faz isso*', não. Aquele modo ele pode achar ótimo e ok, é ótimo mesmo ((risadas)). Mas a gente conseguir enxergar o que está acontecendo é a principal coisa.

PESQUISADORA: E o que você sente que está construindo?

ENTREVISTADO: Boa pergunta, excelente pergunta, juro que quando eu descobrir isso eu vou escrever sobre ((risadas)). Eu sinto que eu estou construindo, mas o que eu estou construindo eu não faço ideia e isso me inquieta muito. Eu tenho uma grande inquietação (...). Me veio, talvez eu tenha que levar isso para a terapia primeiro na verdade, me veio muito pedras. E a gente colocando uma pedra sobre a outra naquele formato mesmo de construindo alguma coisa mais primitiva, sabe? Uma pirâmide, ou coisa assim. Na verdade, me veio muito aquelas imagens das construções do Peru, aquelas pedras sendo colocadas assim, mas (..) não sei, vamos descobrir como é. O que acontece se a gente colocar uma pedra em cima da outra? Parece que a gente não sabe que está construindo uma cidade, só está colocando pedra para ver o que é que dá. Talvez não seja nem algo legal de ser dito assim, é uma coisa meio aleatória.

PESQUISADORA: Mas é interessante porque você vai ver no final a forma que tem.

ENTREVISTADO: Tipo a dublagem, a dublagem é meio que isso, vai fazendo e é isso. Eu falei isso, mas na verdade eu acho que esse é o mesmo sentimento que eu tenho em relação a dublagem especificadamente. Da dublagem quanto oficina parece que a gente está colocando pedra sobre pedra e depois a gente vê no que vai dar, mas na construção da técnica eu sinto a mesma coisa.

PESQUISADORA: Sério? Me explica.

ENTREVISTADO: Sério. É porque eu estou colocando uma pedra sobre outra e não sei onde é que vai dar isso. Lógico que a gente tem muitas coisas, as pessoas que me supervisionaram, deram um monte de material que eu li, construí meu artigo em cima disso, estou construindo outro, mas ao mesmo tempo ainda é para mim uma coisa meio que (..) não sei o que é isso. É isso? A oficina é isso? Acabou aqui? Não, não é isso, eu tenho muita impressão de que vai para além disso. Eu sinto que está sendo construído, chegou em um ponto que *'eita, então é legal colocar pedra sobre pedra, que dá um conforto, uma segurança para a gente, e tem uma coisa que a gente pode ficar por aqui, ok'* mas sabe, eu não sei ainda o que a gente está colocando, esse pedra sobre pedra. Não sei o que é isso, vamos ver.

PESQUISADORA: Você acha que já está perto de terminar de construir?

ENTREVISTADO: Eu não tenho ideia ((risadas)).

PESQUISADORA: Como é para você essa questão do som e da oralidade? Do som e das palavras? Em relação ao balbucio e a palavra?

ENTREVISTADO: Então, assim, som foi alguma coisa que sempre me chamou muito atenção muito mais do que um vídeo. Na minha vida, na verdade, eu acho que sempre entrei muito pelo lado do som, então, eu sou músico também, então, sei lá, quando eu penso tocar violão, pode ser só um som (..). Então a gente fala muito disso, a gente aprendeu uma outra língua e construir frases dentro daquela língua, e fazer sentido aquelas frases, porque você pode fazer um monte de frases sem sentido, e isso é expressão, isso toca as pessoas. E pode não ter palavra nenhuma. A gente fala na dublagem da importância da entonação da voz, que é você dizer uma coisa, tipo, *'ah, que girassol bonito'* e *'MEU DEUS QUE GIRASSOL BONITO'* é completamente diferente. E você fazer *'annnnnnn'* e *'ann'* é completamente diferente, você está dizendo algo ali, está o tempo todo dizendo. E as vezes a gente não diz nada, só abre a boca e já disse tudo ali. Então uma respiração ((som de uma respiração profunda)) já foi, para mim é isso, está sendo dito o tempo todo.

PESQUISADORA: De alguma forma está sendo passado.

ENTREVISTADO: Exatamente. Anteriormente eu tinha muita preocupação com isso, de eu ter que entender tudo que estava sendo dito na dublagem, de eu conseguir trabalhar tudo que foi dito (..) e foi um tempo para entender que não. Eu estou proporcionando um espaço para que as pessoas falem, onde vai ser trabalhado isso é uma outra coisa. Eu trabalho em equipe ali dentro, então tem coisas que me

chamam muito a atenção e tem muita coisa que vai passar que eu não vou perceber, e que eu passo para a equipe, falo para os usuários levarem isso para outro canto, assim, mas é isso, a gente está estimulando um espaço de fala. Não vamos colocar os pés, pelas mãos ((risada)), porque já começa a dar uma angustia, uma gastura, '*meu Deus, será que eu entendi mesmo?!*' e ficava vendo e revendo os vídeos. Até ficar '*não, calma, ((risada)) não é esse o meu papel, não é esse o meu lugar*'.

PESQUISADORA: Aconteceu muitas vezes de você ficar assim?

ENTREVISTADO: Muito, muito. Assim que eu comecei a construir a oficina, que foi em 2016, passava muito tempo, mas eu passava muito tempo vendo o filme para escolher a cena, porque era muito mais difícil para mim escolher a cena que iria dublar. E tinha que ser uma cena de tal e tal jeito e *blá blá blá*. E tinha que preencher todos os pré-requisitos aleatórios que eu inventei que era somente projeção minha. E ficava vendo e revendo muito. Quando eu fui escrever o artigo ficava vendo e revendo muito, eu pedi autorização de todos os usuários que participaram de todas as oficinas para poder levar isso para o trabalho, então eu transcrevi o que foi dito, então tinha que ficar revendo muito aquilo para pensar no que era. E foi nessa escrita que eu vi, *caramba*, essa não é a minha função, não era para eu estar fazendo, não era para eu estar analisando o discurso, não é isso. Ficar dizendo o que a pessoa disse, a pessoa disse o que ela disse ((risada)), não sou eu que vou dizer o que ela disse não ((risadas)).

PESQUISADORA: E hoje em dia para você como é que está?

ENTREVISTADO: Então, acho que é bem mais ok em tudo. Eu sinto que nesse momento especificadamente, eu estou em um momento, eu acho que eu não estou colocando pedras, parece que eu estou aproveitando ali, parece que eu estou procurando pedra, olhando ali onde tem ou não. Mas é isso, os processos de construção de coisas eles são sempre muito intensos para eles poderem funcionar. Então nesse momento eu não estou, vai desenvolvendo naturalmente, lógico que quanto mais você vai fazendo, mais você vai desenvolvendo, mas eu não estou nesse processo, nesse momento intenso de desenvolver algo da oficina que é de temporada. Tem tempo que eu penso '*cara, a oficina, nesse momento precisa desenvolver mais coisas*' e foi assim que ela foi desenvolvendo a parte de sonorização que não tinha, de cenas mais longas, de cenas contendo (..) da oficina virar uma cena e outra que vai continuando as cenas com um mês, vai vendo, daqui

a pouco fica tipo um seriado. Sendo desenvolvida outras coisas com o tempo, a forma dos exercícios, dos estímulos que são trazidos, tem que buscar mais esse tipo de estímulo que vai ser desenvolvido assim, então vai ser desenvolvido. Nesse momento não, eu fiz diversas coisas e no momento estou usando isso ((risadas)). Estou mais de boa.

PESQUISADORA: Você ainda chega a rever muitas vezes?

ENTREVISTADO: Não, somente as cenas que tenha me chamado muita, muita atenção, aí eu chamo outros amigos, psicólogos, para dar uma olhada, pensar junto comigo, são cenas muito específicas. Tem cena que me chama tanta atenção que eu levo para a direção do Jardim. Me chama tanta atenção assim que '*caramba, é importante*'. Às vezes eu levo alguma cena para a reunião de equipe, algum usuário que puxou alguma coisa que eu acho importante a equipe estar atenta a isso, então eu levo para ver todo mundo junto.

PESQUISADORA: Outra pergunta, qual seria essa diferença entre essa voz e o balbucio para você? Voz e da palavra?

ENTREVISTADO: Eu não faço ideia. Mas eu acho que eu vou me repetir (...). Começa com uma palavra, aí volta e quebra, depois vai para o inglês ((risadas)). É muito Jardim Suspenso isso, é a cara de lá. É não sei, preciso pensar sobre isso. Preciso mesmo, sim. Para mim sempre foi a questão de forma de expressão e cada um se expressa de um jeito e a gente vai entender isso como o que é possível. É porque toda vez que falo nisso, a imagem que tem, vou até compartilhar contigo, é da cidade. A cidade não é feita para pessoas que tenham algum tipo de transtorno, então é tudo muito complicado para ela, não precisava ser muito complicado, poderia ser ok para todo mundo, mas a gente precisa se esforçar para entender as necessidades das pessoas que muitas vezes não é a nossa necessidade, então é muito difícil para gente entender esse balbucio porque a gente não se esforça para isso, porque não é uma necessidade da gente. A gente fica o tempo todo em contato com pessoas que falam da mesma forma que a gente. Então, é um desafio, a pessoa está colocando, mas está colocando do jeito que ela quer ((risadas)). Quer dizer, não sei se é do jeito que ela quer, mas é do jeito que ela pode, do jeito que ela pode.

PESQUISADORA: Pronto, vamos ficar por aqui? Para não passarmos para a próxima fala e ficar quebrado? Estamos chegando nos últimos recortes.

ENTREVISTADO: Vamos.

PESQUISADORA: No próximo encontro vamos estar finalizando todos os trechos e concluindo a coleta. Obrigada mais uma vez pela sua disponibilidade, Lírio. E desculpa qualquer inconveniente que a pesquisa esteja acarretando nas tuas atividades e na disponibilidade dos seus horários.

ENTREVISTADO: Sem problema. Podemos marcar no domingo 10h?

PESQUISADORA: No horário que for melhor para você.

ENTREVISTADO: É um dia bom porque eu separo as cenas da oficina e vou estar planejando o *talk show*, quem sabe você não me ajuda? ((risadas)).

PESQUISADORA: Combinado.

## APÊNDICE R – Transcrição da Entrevista Individual (Pós Oficina) – Parte III

Transcrição da Entrevista – Psicólogo (Lírio)

PÓS OFICINA – PARTE 3

Tempo da Entrevista: 1h 44 minutos

### LEGENDA:

Coordenador: Narciso.

Coordenadora: Azálea.

Estagiárias: Margarida, Girassol, Tulipa.

Psicólogo Entrevistado: Lírio.

Psicólogas: Ipê, Rosa, Begônia.

Instituição Geral: Jardim

Instituição Espaço 1: Jardim Vertical

Instituição Espaço 2: Jardim Suspenso

Instituição X: Nome Fictício

Instituição Y: Nome Fictício

Instituição de Ensino Z: Nome Fictício

Programa Primavera: Nome Fictício

PESQUISADORA: Bom dia, Lírio.

ENTREVISTADO: Bom dia! Vamos ‘*simbora*’, gente ((risadas e o vídeo é mostrado ao entrevistado)).

PESQUISADORA: Vamos agora dar continuidade e finalizar os recortes, as dúvidas. Novamente, o que você quiser trazer, se tiver algum questionamento, acrescentar alguma informação, fique à vontade. Certo?

ENTREVISTADO: Certo.

PESQUISADORA: Eu lembro que a gente parou no recorte do balbucio.

ENTREVISTADO: Foi! E teve até uma pergunta que era para falar sobre o balbucio que eu não pensei (..). A diferença de balbucio e palavra (..). PESQUISADORA:

Qual seria essa diferença entre essa voz, a palavra e o balbucio na dublagem? Você quer de rever o recorte?

ENTREVISTADO: Quero!

((TRECHO REAPRESENTADO: “*Então o quinto participante levantou e decidiu fazer a próxima fala, dublando, deste modo, o pensamento de um dos personagens, que aqui chamaremos de **personagem 5**. O usuário trouxe a própria palavra ‘pensamento’, outras não compreensíveis, seguidas de um balbucio. O oficinairo acolheu e colocou um efeito diferenciado para que fosse notado para os demais o contraste de uma fala com um pensamento. A próxima usuária, que foi dublar o*

*personagem 6, também trouxe uma fala mais balbuciada, como uma reclamação, antecipando a palavra 'não' para o personagem dublado".))*.

PESQUISADORA: Você lembra desses pacientes que dublaram esse vídeo?

ENTREVISTADO: Sim, sim. Eu lembro que a gente falou sobre (..) um deles, esse primeiro, que fez o pensamento, a fala mais atropelada, mas em geral ele não fala dessa forma tão atropelado. Às vezes é incompreensível pelo contexto, mas ali ficou meio incompreensível, acho que até a voz (..) acho que tinha um pouco do nervosismo de ficar com o microfone, de gravar e fica cheio de ideias e solta, assim. O dela não. A fala dela não (..) a fala dela é aquela da forma que é possível para ela. Eu sinto (..) acho que a gente conversou sobre isso da outra vez, que permanece a expressão, permanece tendo conteúdo, e eles conseguem passar o que eles querem. Ou pelo menos a gente consegue entender algo do que foi passado, sendo que a gente está projetando tudo. Vai, tipo, eu acho cumpre completamente a função (..) da fala, do discurso. Eu sinto que (..) a gente já falou.

PESQUISADORA: Qual seria essa diferença da palavra e do balbucio?

ENTREVISTADO: Eu sinto que tem umas questões da dublagem que a gente falou. Tem a questão da continuidade, que a gente já falou. E que perpassa simplesmente o desejo de falar. Eu sinto que esses dois personagens, especificadamente, essas duas dublagens, eles queriam falar algo que não estava em contexto com o que estava sendo trazido na dublagem; até que um deles chegou meio que no meio, tipo o número 5. E ele trouxe um tema que ele sempre traz, né, ele trouxe as relações dele com equipe, com outros usuários, essa coisa mais cósmica mesmo, esse tema mais cósmico; o tempo, a conexão, o sentir, então acho que ele trouxe o que ele queria trazer e é isso. E eu acho que a dublagem a ideia é que a gente vá tentando trazer para alguma coisa que se ligue, mas também se cada um fala uma coisa que estava no seu e está dentro daquele conjunto todo mundo falando coisas que simplesmente vieram, também representa algo ali naquele contexto. Então a gente vai vendo que é meio que um reflexo, um espelho daquilo, que cumpre sua função. O dela, no caso, tem muitas coisas que é difícil, pelo menos para a equipe, compreender no dia a dia. É difícil, você precisa estar muito atento e pedir para repetir alguma vezes para que a gente consiga, nessa pescada de palavras, em cada vez que é dita, se criar um contexto que na oficina de dublagem não seria tão possível assim. O mais que eu sinto é isso, nessa proposta, é tipo, 'se expresse' e tem que se expressar. Ok, a gente acolhe e segue.

PESQUISADORA: Quando passei o vídeo para você agora no início, com a fala dos personagens cinco e seis, você consegue entender o que é falado ali?

ENTREVISTADO: Não.

PESQUISADORA: E como fica isso para você?

ENTREVISTADO: Bem ok ((risadas)). Eu não entendo tudo ((risadas)).

PESQUISADORA: Então agora vamos para o sétimo?!

((TRECHO APRESENTADO: “*Pedi para que a sétima participante observasse o tempo de fala, já que em uma primeira tentativa foi excedido o tempo de movimentação do personagem, que era mais curto. A **sétima personagem** dublada ficou com a seguinte fala ‘Gente, eu sou o ancião aqui’. Em outra tentativa a usuária trouxe a seguinte indagação e exclamação: ‘Interessante, eu sou a mestre, (...) só que ela fala bem brava né? Tem que ser bem brava!’ . A sétima frase dublada foi ‘Vocês pensam o que? Eu sou a mestre!’*”).

ENTREVISTADO: Essa parte ‘só que ela fala bem brava’, foi a usuária que trouxe?

PESQUISADORA: Sim! Você lembra qual usuária foi?

ENTREVISTADO: Uhum ((risada)) (..). Certo.

PESQUISADORA: Por que você acha que ela falou isso?

ENTREVISTADO: É (..) ((pigarro da garganta)). Sei (..) esse lugar de protagonismo mesmo vive presente na estrutura dessa usuária e se a gente for pensar na cena, como foi, é uma pessoa que realmente está bem brava, aí ela está dando um esporro mesmo e apontando para as pessoas. É meio que um ‘*pare com isso; já deu*’, pelo menos me chega isso. Então não consigo imaginar uma fala tão diferente disso, não com essas palavras, mas com essa entonação e nesse sentido (..) de eu ‘*opa, né, me escutem aqui*’ ((som de palmas)). Agora, essa pessoa, ela tem um perfil que se parece muito com o personagem dublado, pelo menos aquele momento do personagem dublado. Dá para ver aqui, eu não lembrava das falas que ela tinha construído antes, mas dá para ver que é um (..) conseguir mesclar tudo que ela tinha dito antes. Ela conseguiu sair encaixando, previamente é isso, ela conseguiu fazer o exercício que a gente propõe na dublagem, que é a gente conhecer algumas coisas (..) a gente sente o que a gente quer passar e a gente vai tentar passar dentro daquele formato, daquele tempo. Então ok, ela conseguiu fazer divinamente ((risadas)). Ela conseguiu se ater bem a proposta que é a ideia de você estar dentro do contexto, o que aquilo vai estar dizendo e falar o que quer dizer com a entonação que se parece ali. Agora, se for pensar no que ela disse assim ‘*vocês pensam que*

*eu sou a mestre'* (..) é se colocar realmente em um outro lugar, um lugar de, enfim, de sabedoria, o arquétipo do velho sábio mesmo (...).

PESQUISADORA: Você lembra que já tinha falado na entrevista anterior sobre esse arquétipo do velho sábio?

ENTREVISTADO: Não.

PESQUISADORA: Sobre o tema do vídeo.

ENTREVISTADO: Ah, certo. Por que esse era um dos temas prováveis, né?! É verdade, é verdade.

PESQUISADORA: Então, contrapondo a todos os outros que dublaram antes, que você falou, e agora que você trouxe novamente o velho sábio, como é você se sente?

ENTREVISTADO: É, né, a impressão que dá é que ela realmente conseguiu se conectar ao que eu me conecto quando vejo essa imagem. O que eu planejei para a oficina, essa usuária especificadamente, foi pela mesma via (..). É legal ver isso assim. Eu espero que não tenha estimulado ela ((risadas)) por aí assim. Essa cena, especificadamente como tinha dito, e por isso que eu pensei em trazer ela (.) de pessoa que tinha que se planejar para fazer, dar continuidade e quais seriam as minhas expectativas, essa cena é a cena que, costumeiramente, ela traz esse tema para as pessoas. É o conselho dos velhos sábios, do que ter que resolver alguma coisa, de botar ordem em algo, de ser conselheiro mesmo de quem está necessitado, que as vezes é o dragão ou as vezes é alguém que não está lá. É (..) não sei, acho que ela conseguiu ir por essa via que normalmente surge quando as pessoas olham, bonito né?! E é uma pessoa que consegue perceber o que está acontecendo e entrando, de alguma maneira, é isso que eu tinha falado, nesse desejo dentro daquilo que está sendo proposto. Contanto que chegue em cantos muito parecidos (..). Eu lembrei de um documentário de um cara que vai falando de como é que a gente vai sendo iniciado por tudo e (..) você já viu esse documentário ou não?

PESQUISADORA: Não.

ENTREVISTADO: Ele vai mostrar como ele faz *'olha, vou chamar pessoas aleatórias'*, aí ele chama duas ou três pessoas aleatórias e ele vai fazendo assim *'tá, vou fazer com que essa pessoa crie uma marca de tal coisa'*, vou dar um exemplo aqui (.) uma marca de cadeira, *'mas eu quero que ele crie uma marca de cadeira, sendo que ele vai criar'*, eu não lembro exatamente como ele fala, mas *'vai ter um*

*urso, um ar condicionado e fósforo, assim, e vai ter que ter umas coisas redondas*'. Aí ele pega, coloca o cara no carro e passeia; vai passeando por lugares específicos, onde faz acionar esses gatilhos na pessoa, aí ele chega lá e diz *'ah, eu queria fazer uma propaganda dessa cadeira'*, ele não fala nem lances, ele não fala nada. E o cara faz o que ele tinha dito antes.

PESQUISADORA: Eu acho que já vi algo parecido em um programa da TV, que ele pede para a menina desenhar, eles estão no Pão de Açúcar, e ela faz um desenho. Depois ele mostra para ela onde o desenho estava e ela não tinha visto.

ENTREVISTADO: Total, uma doideira como a gente vai pescando essas coisas sem perceber.

PESQUISADORA: E poderia desenhar qualquer coisa, mas ela reproduz igual.

ENTREVISTADO: Não sei, eu acho que de alguma maneira, quando a gente vai pensando em arquétipos, né, vai entendendo do porque a gente se ligou nessas imagens simbólicas que puxa a gente para isso. A forma como vai falar é diferente, mas a gente acaba falando da mesma coisa. Ao mesmo tempo que a gente vai sendo pescado por muitas informações que estão ao nosso redor exatamente como essa menina. Como se fosse uma criação e a criação de alguma maneira é isso também, a gente conseguir colocar para a nossa forma o que a gente está percebendo, né, isso é criativo.

PESQUISADORA: Observando também que igual os outros, ela também modificou e alterou a frase inicial, você pensa o que a partir disso?

ENTREVISTADO: Eu sempre acho que isso faz parte da construção. Como não é uma coisa que, sei lá, a gente está fazendo um exercício de livre associação ou alguma coisa de *'fale a primeira coisa que vem na sua cabeça'* e a gente vai anotando, não é essa a proposta realmente. A proposta não é essa. A ideia é mesmo de uma construção, de uma construção mais pensada, por mais que seja de um improviso. É possibilidade de poder refazer quantas vezes quiser. É a ideia da gente aprender a construir junto algo que a gente faça *'ok, é isso'*. Então isso faz parte da construção, ou alguma coisa *'não é bem assim, vamos outra'*, mas ali tá circulando aquele tema, conseguindo encaixar, *'ok, né, conseguimos produzir'*. É a mesma coisa escrever um texto, *'não, é melhor trocar a palavra'*, porque de alguma maneira os exercícios terapêuticos tendem muito a isso e eu não me afasto tanto disso. A gente não vai escrever um roteiro antes de fala, nem nada desse tipo, mas da gente conseguir produzir algo, da gente ver e rever para que o material final seja

um material (..) digamos assim, trabalhado. Não no sentido mesmo do improvisado, que seja, não sei nem como explicar, porque eu estou falando e sinto me contradizendo enquanto falo ((risada)) porque ao mesmo tempo também é isso. Mas já que se trata de um material coletivo, de uma produção, isso fica (..) muito cheio de garranchos e não dá, sem esses nomes e essas costuras bem certinhas, fica muito confuso, então não é legal de se ver. Eu estou até falando '*não é legal de se ver*' para os usuários, acho que não é tão gratificante, '*tá, eu fiz um material que não funcionou, assim, de uma maneira esperada*'. Lógico que funciona de qualquer forma, mas assim, de olhar e dizer '*caramba, eu consegui fazer o que as pessoas conseguem fazer e que passa na televisão*', '*eu consigo fazer um material que qualquer pessoa vai ver e vai dizer que tá massa, tá dublado*'. Acho que chegar mais próximo da (..) das realizações feitas na sociedade maior, dizer '*olha, a gente consegue também, né, a gente faz do nosso jeito e a gente consegue*'.

PESQUISADORA: Só para concluir, uma última pergunta sobre a fala dessa personagem, com relação ao que ela trouxe, como é que você interpreta a relação dela com a oficina?

ENTREVISTADO: Na relação '*vocês pensam o que eu sou a mestre*'?! É difícil para mim porque vem somente minhas projeções., quando eu penso naquilo é uma coisa mais bem direcionada e pensando o que a gente pensou antes, parece que estava todo mundo revoltado com a oficina ((risadas)). Tá, vamos tentar pensar de uma forma mais positiva (..) a fala antes é do balbucio, né?

PESQUISADORA: Quer assistir novamente?

ENTREVISTADO: Quero, quero ((vídeo é mostrado ao entrevistado)). Quando eu vejo assim agora ((risada)) parece que está todo mundo falando sobre alguma coisa e parece que ela quer um pouco de atenção até, '*vocês pensam o que?! Eu sou a mestre*'. No sentido de '*me escutem, parem com essa bagunça*', é uma coisa meio, sei lá (.). Enfim, a pessoa que está à frente das coisas assim. Me veio muito a imagem do professor na sala de aula, acho que eu já falei muito de professor aqui ((risadas)).

PESQUISADORA: Mas pode ficar à vontade.

ENTREVISTADO: Descobri que eu tenho uma ligação forte com escola ainda ((risadas seguida de um pigarro da garganta)). Eu sinto que, eu acho que ela é uma pessoa mais aterrada, que tenha falado aí. Me parece também que é uma tentativa

de puxar as pessoas para essa terra ((sons de batidas no chão)), *‘é meu cargo, vocês estão pensando o que?! Eu sou a mestre’*.

PESQUISADORA: Quer trazer mais alguma coisa?

ENTREVISTADO: Não.

PESQUISADORA: Então vamos para a última fala.

((TRECHO APRESENTADO: “O oitavo sujeito tinha uma fala muito rápida e deveria dublar o dragão, **oitavo e último personagem** com fala na cena do vídeo. Deste modo, ele elaborou como fala do dragão a seguinte frase: *‘e aí? Tem alguma notícia importante?’*”).

ENTREVISTADO: ((começa a ler o recorte em voz alta)). Então, é fogo assim porque esse usuário (..) é massa quando ele dubla assim, porque é uma pessoa que participa muito pouco, mas ele está em um outro momento agora e tudo mais. E as vezes me surpreendo muito com as coisas que ele traz (..) é difícil quando ele participa. E a voz dele, quanto voz mesmo, parece como uma cena saída agora. De um tempo para cá a voz dele no dia a dia, então, ele falar é uma coisa muito bacana sim de se acompanhar. Eu me sinto privilegiado de acompanhar um processo como esse. Sendo que quando ele fala *‘e aí? Tem alguma notícia importante’*, eu sinto que *‘caramba, ele viu a cena, ele se conectou com o que tava, com o que (..) com o elemento que estava na hora de dublar’*, então ele se conectou com isso. Mas, assim, meu sentimento é que ele não se conectou com o dragão, eu posso estar completamente errado, mas assim, ele se conectou com o jornal. A impressão que me dá é que é uma outra pessoa, que a câmera não está filmando, que está perguntando ao dragão *‘e aí? Tem alguma notícia importante?’* ((risadas)). É o dragão que está segurando o jornal, o dragão saberia, o dragão não está perguntando a ninguém, ele não está nem aí para ninguém e para o que está acontecendo ali. E essa é a minha leitura, completamente minha leitura. Ele pode ter feito uma leitura exatamente do dragão sobre isso e de ser assim. Eu lembro que o dragão não gesticula a fala, então é difícil. É o pensamento do dragão?!

PESQUISADORA: Quer dar uma olhadinha?

ENTREVISTADO: Não, eu (..) ele fala como se fosse falando, não um pensamento. Me deixa muito na dúvida, mas eu acho legal deixar isso. Na hora eu tinha pensado isso, mas que massa que fica critério de quem está assistindo assim, *‘é a fala do dragão ou é a fala de outra pessoa que está ali atrás? Não sei’*. E é massa que é a

última fala, eu penso muito em uma coisa muito *Hitchcock*. O filme fecha e você não tem noção do que é aquilo, só é. E vai embora assim ((risadas)).

PESQUISADORA: E por que você acha que ele trouxe essa fala?

ENTREVISTADO: Porque, assim, ele se conectou com o elemento que estava lá. E o elemento que estava lá era o jornal (...). Não sei, 'e aí? *Tem alguma notícia importante?*', talvez uma busca ou uma mistura desse elemento com algo que surgiu na oficina, não sei. Eu sinto que isso é forçar a barra ((risadas)), não é uma leitura que eu faça, tentando encaixar com alguma coisa, sabe. Mas não é algo que me vem, assim, de uma forma espontânea.

PESQUISADORA: E o que te vem de forma espontânea?

ENTREVISTADO: Essa conexão dele com o elemento que estava lá. De verdade mesmo, '*caramba, olhei e eu tenho que fazer aquela cena; o que tem naquela cena que me chamou atenção; me chamou atenção um jornal. O que é que eu falo quando eu vejo um jornal?! E aí? Tem alguma notícia importante?*'. É tipo também uma busca, '*eu quero saber de alguma coisa*'. Aí me vem um sentimento de '*caramba, eu não quero ler o jornal inteiro, me diz logo se tem alguma coisa de importante* ((risadas)) *que eu falo um pouco de mim também*'. Essa é a leitura que eu tenho ((risadas)).

PESQUISADORA: E de um modo geral, o que foi que você sentiu?

ENTREVISTADO: Da oficina inteira ou dessa fala?

PESQUISADORA: Dessa fala.

ENTREVISTADO: (...) eu acho que foi algo diferente da maior parte da oficina. Tem uma fala que uma pessoa dublou (...) aquela fala da anciã também se conectou, em específico, com o sentimento daquela pessoa, mas eu acho que ele também se conectou ao elemento. E alguns outros usuários se conectaram muito mais com alguma coisa mais interna mesmo, que foi o que era de dentro. Ele não. Parece que teve uma elaboração maior para tentar entrar dentro daquela realidade que não é simplesmente a dele, com toda certeza, tem um peso danado de carregar algo assim. Se esforçou para estar em outra também. Também não sei como é a busca dele de saber coisas importantes, '*o que é que está acontecendo de importante*'. Eu acho que fala desse movimento mesmo, a voz dele está cheia de (...) acho que junto com a voz está a curiosidade também. O estar no mundo que também é essa ideia de se conectar com alguma coisa de lá, parece que ele está chegando mesmo, se

conectando mesmo a tudo. Então aparece a voz, aparece tudo, o desejo, aparece a costura. Acho que é isso.

PESQUISADORA: Você pode me explicar um pouquinho como é para você, que trouxe agora de alguns personagens se conectaram e outros não com o vídeo, como é isso para você? Já adiantando um pouco a questão da técnica.

ENTREVISTADO: Então, o que é que eu penso enquanto a técnica disso é que você vai, com toda certeza, trazer o seu repertório pessoal com toda a experiência que você carrega da tua vida para jogar para ali e de alguma maneira é isso que a gente busca em um processo terapêutico. É tipo botar para fora, da gente pensar uma coisa mais catártica mesmo, de jogar ali e a gente conseguir trabalhar aquele conteúdo. Mas é esse exercício de você se conectar com o que está dentro através do que está fora. O que está fora é o estímulo para tocar o que está dentro e devolver. É isso. E por que isso seria importante?! Porque se a gente simplesmente se conecta com o que está dentro, e que é um exercício bom e bastante usado, é uma via. Mas você ser estimulado por outra coisa, por exemplo, uma atividade com música. A gente coloca a música para tocar e a gente vai falar sobre sentimento de acordo com aquela música que tocou. É um estímulo de fora?! É, ok, mas na música está dita as coisas. A gente vai ver tipo um filme e no filme está dito algo. Na imagem não-dublada, que é o silêncio, é isso, é realmente só a imagem. É um estímulo que pode ser qualquer coisa, que não foi dito nada, só o que a gente projeta mesmo. E como é que aquilo que está ali pulsando vai tocar em você e você devolve para reconstruir aquilo. Porque você vai construir aquela realidade ali com tuas projeções, esquece a técnica, que é diferente da gente escutar a música e pensar sobre ela. Ou simplesmente, no processo terapêutico, a gente trazer de fora. A gente vai construir junto. Às vezes eu falo e acho que repito a mesma coisa várias vezes na tentativa de ficar mais claro ((risadas)).

PESQUISADORA: Fica à vontade. O exercício é assim, a gente vai falando, lembrando e trazendo. É assim. E eu fiquei com uma curiosidade, você se sente como quando um usuário dubla um personagem que vai de acordo com o que foi dito e outro que dubla algo que é mais dele? O que me chamou atenção também foi na fala da mestra, a usuária se corrige, já nos outros você pontuou.

ENTREVISTADO: Então, vê só, Lírio, enquanto pessoa, enquanto pessoa que faz '*eu quero trabalhar, me deixe trabalhar, minha gente, vamos fazer*' e tipo toda minha agonia interna, eu fico bem feliz quando alguém dubla a cena, eu fico tipo '*aí,*

*finalmente alguém, achei que ninguém tinha entendido isso, bora galera*'. Tem algo em mim que tem isso, com toda certeza. O Lírio terapeuta, o Lírio que era para estar respondendo essas questões aqui, eu sinto que era isso, tudo fazia parte e a gente tem que dar essa acalmada nas nossas expectativas. Expectativas que as vezes é tanta que *'nossa, meu Deus do céu'* aí me dá vontade de mostrar para todo mundo porque *'olha, como ficou isso aqui, está arrasando, hollywood isso aqui'*. Mas isso é muito mais do meu desejo de ter um material pronto para mim e não tem nada a ver com o processo das pessoas. Porque em relação ao processo deles tanto essa fala mais coerente como a fala não, dá igual, é o mesmo processo. Foi isso que a gente falou, o que é possível para a pessoa naquele momento. E eu acho que esse é o tipo de exercício que toca em cantos que as pessoas não conseguem nem elaborar na hora para falar. Você vai ver sua fala no final da oficina, que só tem um tempinho que você vê e você fala, provavelmente aquilo vai reverberando depois. E já escutei falas tipo *'ah, fulaninho trouxe no grupo terapêutico, fulaninho trouxe na outra oficina do que fez uma dublagem e trouxe blábláblá'*, as vezes vem conversar comigo *'olha, sobre a oficina'*, as vezes vem como um pedido de desculpa *'olha, não queria dublar daquele jeito'*. Ou então, *'caramba, eu gostei tanto de ouvir minha voz'*, isso é mais atípico e eu fico impressionado porque eu escuto a minha voz e fico querendo me enfiar dentro de um buraco ((risadas)). Mas eu acho que é uma coisa que reverbera depois. Eu acho que por ser uma cena curta e a pessoa passou tanto tempo ali olhando para ela, eu acho que é uma cena que fixa. Você participou daquilo, deu a sua voz, e vai fixar. E que vai ficar ali. É legal porque você não precisa ser a sua voz especificadamente, você cria um personagem. Muitas vezes as pessoas ali as pessoas não criam um personagem, ou talvez tenham pensado que criaram, talvez criaram e eu que não percebi ((risadas)). Mas quando eles falam, quando eles dublam, tem essa coisa de (..) se é a mesma coisa ou não (..) não sei. Eu fico pensando: saiu algo, foi no microfone, eles quiseram fazer, eles quiseram dizer e serem gravados. Alguma coisa tem ali, por mais que eu não perceba, tem ((risadas)).

PESQUISADORA: O que você diz depois disso tudo, sobre a eficácia da tua técnica nessa oficina?

ENTREVISTADO: Eu acho que para avaliar essa eficácia alguém vai precisar fazer um trabalho de mestrado ((risadas)).

PESQUISADORA: Você consegue pensar em algo?

ENTREVISTADO: Então, vamos lá, eu talvez, pelos meus receios, eu sempre tento levar muito para a ideia de que a eficácia da técnica está dentro de um contexto de hospital dia, num contexto de equipe multidisciplinar. Então, para mim a oficina de dublagem é um elemento dentro daquilo. Eu tenho uma resistência muito grande, já fui bem solicitado para fazer uma oficina dessa aberta ao público, como uma oficina terapêutica, enfim, aberta, e eu sempre senti muita resistência em fazer. Talvez pela insegurança ou talvez por isso tudo não estar muito claro na minha cabeça. Às vezes eu acho que está claro e eu inseguro, mas quando eu penso assim nessa eficácia, o que que as oficinas propõem dentro de um espaço desse? É você conseguir fazer com que se tenha um espaço acolhedor, um espaço onde os usuários possam se expressar, se expressar criativamente naquilo ali. Eles possam ver as produções, eles possam trabalhar e dizer sobre o sentimento que veio, nessa ideia mesmo de se reconhecer, de se conectar consigo e com o mundo. Porque se conectar com o grupo é se conectar com o mundo. Então, nisso eu sinto que a oficina de dublagem é bem eficiente. Bem eficiente mesmo. Tem uma adesão muito grande das pessoas e eles conseguem participar e fazer esse material, então algo ali atrai e eles conseguem caber dentro desse ambiente e ter o *feedback* deles é positivo. Então, ok, funciona. Funciona como mais uma atividade no Jardim. Agora, uma atividade de dublagem, especificadamente, só com dublagem, como isso afeta terapêuticamente no processo individual eu vou precisar estudar ((risada)). Eu já fiz em um atendimento individual a oficina de dublagem e foi muito maluco como no dia parecia que tinha sido uma coisa, assim, que não deu em nada, foi uma grande sequela. Deixa eu ver como eu coloco em palavras bonitas ((risadas)). Mas no momento do atendimento terapêutico que foi feita essa oficina de dublagem, parecia não ecoar em nada e parecia não ter nenhum sentido. Eu lembro que a pessoa me perguntou '*por que a gente está fazendo isso?*'. E isso me deixou muito na dúvida de '*é né, por que eu estou fazendo isso? Porque acabou e não aconteceu nada*'. Na sessão seguinte esse conteúdo veio todo à tona, da gente passar quase um mês trabalhando somente os conteúdos que tinham surgido a partir da dublagem e foi bem potente. É isso, parece que precisa de um tempo para ser elaborado essa coisa que veio para se permitir. E eu pensando que tenho uma resistência muito grande de fazer isso novamente ((risadas)). Mas eu penso em fazer de novo, só falta estrutura dentro do consultório, na verdade, para fazer isso também. Mas enfim, eu fiz porque no espaço que estava dava para fazer, então eu fiz e foi bem ok assim.

Então a gente sente quando, caramba, isso é uma técnica, que ao meu ver, é bem potente e consegue despertar muita coisa, mas a gente tem que sustentar também muito um lugar de tipo, é isso né, de alguma maneira, ainda fazer isso é novo. Não é nem novo a dublagem em si, mas a gente não tem contato com isso de uma forma geral. Isso é massa assim porque acho que umas das coisas que a gente vê é que uma pessoa que é muito pensamento, muito racional, a gente precisa levar ela para o afeto, essa é a técnica, porque enquanto ela estiver muito racional, o discurso dela é muito pronto, não consegue acessar essas profundezas, então ela vai para um canto que não precisa acessar. Então a gente não vai levar ela direto ao ponto, a gente vai circulando até chegar lá para a gente ir puxando disso, porque se não a pessoa cria uma resistência tão grande que se afasta. De alguma maneira a oficina de dublagem tem disso, vai de alguma forma (..) a gente circula na brincadeira, vou fazer aqui e quando vejo vou só fazer, e vai chegando em algum ponto que a pessoa vai soltando, *'porque não sou eu, é apenas uma personagem'* e *'tome'* projeção ((sons de estalos)). O conteúdo chegou e a gente vai falar desse conteúdo, mas na oficina dentro desse espaço terapêutico de um hospital dia, porém, a gente não consegue chegar nesse outro ponto. Assim, não tem tempo, são muitos usuários. Às vezes, raramente, a gente consegue porque um usuário se tocou tanto que a gente vai precisar parar ali e ouvir ele, mas na forma geral é para ser mais diluído mesmo. Vá para outros espaços.

PESQUISADORA: Acho que é até uma proposta das oficinas em geral. De um modelo de hospital dia não aprofundar tanto e encaminhar para uma escuta individual.

ENTREVISTADO: Aham, sim. Não são grupos terapêuticos, são oficinas. E até nos grupos terapêuticos, que aprofundam muito o tema, a pessoa é indicada para uma psicoterapia.

PESQUISADORA: Então, para fechar essa parte, esse momento de dublagem foi terapêutico?

ENTREVISTADO: Nessa oficina?

PESQUISADORA: Isso!

ENTREVISTADO: Eu achei. Achei muito terapêutico.

PESQUISADORA: E o que essa técnica produziu e resultou no final?

ENTREVISTADO: Produziu um material coletivo, que era a proposta. Vamos, lá (...) se for pensar no que resultou, de uma forma mais ampla, mas pensando na oficina,

no material que foi produzido especificadamente, é isso, a gente conseguiu estimular que pessoas que tem uma dificuldade de expressão conseguissem se expressar da forma delas, da maneira que era possível. E a gente conseguiu fazer com que a maior parte dos participantes ficassem envolvidos no material que estava sendo produzido mesmo sem ter uma atitude mais ativa, mais à frente daquilo. Então, esse foco das pessoas estarem ali atentas aquilo eu acho que é bem importante. Da gente conseguir assistir o que foi produzido, se reconhecendo ali e curtir, tem esse sentimento de *'que massa, a gente conseguiu'*. Nesse sentimento de desafio, superar o desafio que foi proposto. Tiveram pessoas que ainda queriam dublar, então teve esse sentimento de *'caramba, eu não queria, mas eu passo a fazer, eu gosto do que eu fiz e eu quero fazer'*. Esse processo eu acho muito bacana, você coloca as pessoas em uma engrenagem mesmo e que começa a funcionar. Parece que nas primeiras vezes, esses usuários, parece que emperrou essa engrenagem, aí a gente precisa colocar olho e mexendo aos pouquinhos, dando ela movimento para que volte a funcionar. Essa parte mais do desejo, da volição. Bota essa energia para rodar, então vem aqui e faz, daqui a pouco, empolgado, tem vontade de fazer umas dez cenas seguidas e tipo, *'vamos rodar isso'* e a gente conseguiu fazer isso. Conseguiu tocar isso em pessoas que dificilmente são tocadas.

PESQUISADORA: Então como você acha ficou essa questão da ressonância da técnica no outro?

ENTREVISTADO: Acho que ressoou ((risadas)).

PESQUISADORA: O que esse inesperado está falando para você sobre o instrumento?

ENTREVISTADO: O que o inesperado está falando para mim sobre o instrumento?! Meu Deus, estou me sentindo em uma sessão de terapia agora ((risadas)).

PESQUISADORA: Sobre você mesmo, sobre o encontro com eles.

ENTREVISTADO: É (...) a primeira palavra que me vem à cabeça é, e eu estou tentando entender porque, é gratidão. Mas eu acho que vai além do que eu estou pensando, assim. Me vem um sentimento muito bom que de alguma maneira a proposta que foi criada está funcionando, envolve as pessoas e eu consiga perceber que ela é terapêutica, né. Além de ser terapêutica, tem uma boa receptividade, então é massa. Para mim, assim, fica um sentimento muito bom de reconhecimento e *'que massa'*. E vê isso funcionando para mim é inesperado, desde da criação da oficina era uma coisa meio que *'caramba, cuidado para não colocar os pés pelas*

*mãos. Você está fazendo o que aí com isso* e vê que isso toca nos usuários, vê a empolgação das pessoas falando sobre isso, ver isso depois. E é isso mesmo depois. O momento de fazer ele não tão fluido, ele não é tão (..) não sei como explicar, porque as vezes ele é fluido sim. Mas é isso, como ecoa depois que para mim é o mais interessante, e exatamente é o inesperado mesmo. A parte de produzir já é mais esperada, porque a gente vai estimular as pessoas e a forma que elas vêm falando sobre isso depois; o que pensaram ou o que é que sentiram dias depois, semanas depois, *'queria refazer aquela cena porque eu gostaria de ter dito isso, isso e aquilo'*, isso eu acho incrível. E aquilo acompanhou a pessoa durante um tempo; na produção que ela fez e acompanhou, isso é o inesperado. Na verdade, hoje em dia já é o esperado por mim assim, nem é o inesperado para todo mundo ((risadas)). Para mim é esperado que venha. É (..) eu acho que é isso, me repetindo mais uma vez, é um sentimento de privilegio de acompanhar. E parece para mim que essa linguagem do áudio visual é mais fácil de se entender, para mim funciona bem assim, por antigos contatos que eu tive na vida, outras experiências. Então ver o processo terapêutico funcionando por essa via para mim é massa porque é a minha linguagem, não que a psicologia não seja minha linguagem hoje em dia, mas minha linguagem muito mais antiga, profissionalmente falando. Também se for pensando por aí que massa, né. E é massa conseguir juntar essas duas leituras, me dá a impressão, pelo menos, de que eu estou tendo uma leitura mais profunda até dessas pessoas. É isso.

PESQUISADORA: Misturando um pouco das duas propostas.

ENTREVISTADO: É. E faz eu me sentir mais eu. Me dá uma liberdade muito maior, porque é isso: o que eu sei fazer além da psicologia eu estou fazendo ali. Então, assim, também sai um pouco também dessa persona do psicólogo, da coisa assim (..) minha bagagem de vida mesmo eu estou levando para ali e não é uma coisa que vai pelas entrelinhas, é uma coisa que vai na cara assim ((risada)). E todo mundo pergunta *'oxe, tu trabalha com isso, é?'* e eu fico, tipo, *'é'*. E eu acho que é massa de me colocar, de me expor, não sei se a palavra é essa, me expor. Mas é de me colocar mais como um humano que está ali em outros momentos, nem é em outro momento, mas que tem outra bagagem, outra vida, outras experiências, acho que também permite ao outro de se colocar com outras palavras também. Eu estou dentro da brincadeira com ele. Tem oficinas até que eu vou dublar junto com eles, são poucas, mas sempre que me chamam eu vou. Quando me chamam eu penso

*'caramba, alguma coisa tocou aí que eles querem que eu esteja próximo e eu não estou tão próximo', então 'ah, por que não dubla?', 'tá, eu dublo, vamos procurar um personagem para eu dublar'.*

PESQUISADORA: E é legal nessa questão do lúdico porque eles estão te chamando para brincar. Eu vou continuar agora te perguntando sobre a técnica e aqui nesse trecho você trouxe assim.

((TRECHO APRESENTADO: "*Encontrar esse equilíbrio, né, de não ser superficial, de ser algo para tocar nas profundezas*".)).

PESQUISADORA: Como você traz um pouco sobre essa questão de ser superficial e aprofundar nessa oficina?

ENTREVISTADO: ((fungada)). Então, não sei em que contexto eu falei isso aqui, mas o que me chega quando eu penso nisso é: eu acho que tudo que a gente faz que parece ser superficial talvez se a gente olhar com mais atenção seja bem mais profundo do que parece. É aquela coisa que a gente estava falando, assim, *'caramba, quando eu quero dizer algo, eu vou dizer e várias vezes porque eu preciso ser escutado'*. Superficial parece que fala disso, a gente estava falando de algo que está bem ali, por cima, tá nesse discurso pronto, mas porque esse discurso pronto?! Está falando exatamente disso. Ele podia estar falando de qualquer outra coisa, mas está falando disso. Então, assim, se a gente ficar atento a gente vai ver que tem outras coisas. Mas ao mesmo tempo a gente não vai só estimular esse superficial, a gente vai ter que aprofundar mesmo e de uma forma que a gente saiba que vai estar aprofundando. O que eu penso na oficina de dublagens é que (..) quando a gente dubla fala a primeira palavra que veio e tudo mais, dependendo de como é feito isso pode ser simplesmente dizer qualquer coisa, tipo, encontra uma pessoa e fala *'oi, tudo bom?', 'Oi, tudo bom', 'Boa tarde', 'Boa tarde'*, pode ser simplesmente os estímulos, ou o que ele está fazendo na hora, principalmente os exercícios anteriores da gravação ou pode ser algo que veio direto das profundezas. Algo que simplesmente veio e ((barulho de algo batendo)). Vem mais avassalador. Então é isso, se a gente também constrói uma oficina, que eu penso muito na oficina que eu tenho do monólogo, que é tipo espelho, essa oficina é muito densa, então para mim é difícil de fazer essa oficina para mim, particularmente, é difícil porque é uma oficina inteira muito pesada e eu tenho que está muito disponível para isso dentro de uma oficina, dentro daquele manejo de um hospital dia e ser muitos usuários, porque é tenso e muita gente quer sair. Mas é incrível fazer ela. Então a

oficina de dublagem vai nessa parte mais brincadeira que pode só falar sobre coisas, 'O *Naútico* ganhou, o *Sport* perdeu e blá blá blá'. E como é que a gente vai criar esse equilíbrio da gente ir de uma forma suave chegando nesses conteúdos, mas ir chegando, escavando um pouco mais. Isso é um desafio.

PESQUISADORA: O que você acha que o instrumento gerou em termos do sentir, entender e provocar?

ENTREVISTADO: Nessa oficina ou na outra?

PESQUISADORA: Nessa passada.

ENTREVISTADO: Repete a pergunta.

PESQUISADORA: O que você acha que esse instrumento gerou no que diz respeito ao sentir, provocar e entender? O que o instrumento gerou?

ENTREVISTADO: Sentir, colocar e entender. Eu acho que o sentir a gente pode começar falando do que eu já disse assim, do se sentir desafiado, sentir que não consegue fazer, mas sentir que consegue fazer. É um sentimento de '*caramba, eu fiz e ficou legal, eu gostei do que eu fiz*'. Eu acho que isso é um pouco do sentir. O sentir também no medo e a alegria de conseguir fazer. Vem um sentir (..) que provoca, assim. Tem muita dessa coisa do que eu sinto, e desperta coisa '*eu estou inadequado? Ou eu estou adequado?*'. A ideia da gente tirar isso do que é certo e errado, que eu acho que permeia muitos momentos. Você falou a ideia do sentir, entender e o quê?

PESQUISADORA: Provocar.

ENTREVISTADO: O entender me chega muito, por já ter lido muito sobre (..) me chega muito essa questão de entender a proposta, de entender o que está sendo mostrado ali na imagem, entender o como eu vou fazer aquilo. Então, eu acho que é um exercício grande para alguns espaços como o Jardim. Mas ao mesmo tempo chega para mim também é eu entender cada um, que cada um vai fazer de um jeito e cada um tem total sua forma. Muitas vezes já me deparei com isso (..) e é massa isso que a gente está fazendo de reler e pensar assim. Da outra vez eu achei que era uma coisa e para mim estava muito claro que era uma coisa, mas aí você fica tipo '*caramba, pode ser outra completamente diferente*'. E a pessoa estava muito mais conectada do que eu tinha imaginado. Eu sinto que quando alguém vai dublar e tudo mais ela se conectou com algo ali assim. Não é à toa. Aí tem uma última palavra.

PESQUISADORA: Sentir, entender e provocar.

ENTREVISTADO: Provocar. O que é que provoca?! Então, a intenção do que provocar é muito esse contato com esse mundo mais interno, com essa questão lúdica da criatividade e a gente vai até entendendo, que eu já tinha até falado do livro de Azálea, as pessoas que vão tendo um contato maior com a criatividade elas conseguem ter uma vida psíquica mais saudável. Elas conseguem tomar decisões de uma forma mais criativa. Elas conseguem buscar novas estratégias e recriar mesmo esse espaço que elas habitam do que a gente ficar naquela grande neurose de repetir, repetir e repetir, só sei de uma forma, então, o que se tenta provocar é isso, que as pessoas entrem (..) vou usar essa mesma palavra, mas tentem girar essa engrenagem, de conseguir pensar em outras formas de acordo com aquilo que está posto, do que essa imagem já tem posta. Como é que eu lido com aquilo de uma forma criativa?! Então é meio que isso, assim. Eu fico pensando no provocar e no sentir (..) é no provocar esse sentimento de desejo em fazer, de '*eu faço parte*', porque eu sinto que é isso. O que eu vejo parece que são várias ilhas e a ideia é como a gente conecta essas ilhas todas? Parece que essas ilhas são menos valorizadas e todo mundo quer chamar essas ilhas para virar um continente, tipo, não, elas podem ser ilhas, só é importante que tenham uma conexão. Aí se vai ser um barco, se vai ser uma ponte, não sei, a gente vai descobrir depois. Mas eu acho que é provocar esse estigma de se conectar, fazer um trabalho coletivo que é meu, tá ali, individual, mas também é do outro.

PESQUISADORA: E como você vê essa questão da expressividade deles em relação a tua técnica?

ENTREVISTADO: Eu sinto que é muito individual e muito próprio o jeito que cada um se expressa. Muito, muito, muito próprio. E a gente já tinha até falado, tem pessoa que trazem sons, tem pessoas que balbuciam, tem pessoas que gritam, tem pessoas que sussurram. Cada um traz da sua forma. E eu acho que essa é a proposta assim, né? Mas ao mesmo tempo a proposta é traga da sua forma, mas aprenda a fazer diferente também. É por isso que tem aquele estímulo de início da gente criar várias entonações e ficar falando, da gente entender qual foi a entonação que o outro fez, como também entender novas formas de que (..) a gente não é nunca uma coisa só. A gente é um milhão de coisas dentro de um só, então essa questão da gente conseguir entrar em contato com esses outros aspectos para que a gente possa utilizar quando for necessário. Isso não é ser de mentira, é se reconhecer.

PESQUISADORA: Vamos para o próximo trecho? Eu trouxe dois trechos na verdade, se você quiser comentar somente um ou os dois fique à vontade. São recortes da primeira entrevista.

((TRECHO APRESENTADO: “O desafio, como a gente tinha falado da oficina, também como um todo, é a gente conseguir construir (..) conseguir articular todas essas ideias, que vindo de cada indivíduo assim, que ele traz do seu repertório pessoal, a gente conseguir fazer com que isso se harmonize, tem que ter uma história toda e criar uma história coletiva”).

(...) “Enfim, a principal meta da oficina de dublagem é a gente conseguir, né, criar esse espaço harmonioso, coletivo, né, e que o pessoal sinta que é possível fazer, e que a gente consiga dublar em si, então a gente consegue ressignificar essas histórias, acho que é o principal ponto”).

ENTREVISTADO: Certo ((lendo os trechos em voz alta)). Certo.

PESQUISADORA: Eu gostaria de saber o que é para você essa harmonização.

ENTREVISTADO: É o seguinte, a harmonização seria (..) é muito (..) deixa eu pensar em uma palavra. Esse espaço ele pode acabar sendo muito individual onde cada um está envolto em seu próprio mundo pensando no que vai dizer e simplesmente dizendo o que quer. Ou a gente criar um espaço onde as pessoas consigam se conectar e construir algo junto. Então harmonização seria eles conseguirem de alguma maneira se ligar, é isso, ligar essas ilhas na construção de algo. Quando eu penso, assim, harmonização (..) quando a gente sente que está sendo julgado ou algum usuário de alguma maneira percebe, acredita, ou enfim, o usuário sente que pode estar sendo julgado ou que pode estar fazendo uma coisa errada e ficar tentando buscar fazer aquilo que é certo eu acho que isso impede vários processos. Então esse ambiente harmonioso seria um ambiente no qual ele se sinta acolhido, se sinta sem esse julgamento e que ele possa tá falando de uma forma mais espontânea junto com tudo que está sendo tecido com todos os outros participantes. Acho que é isso.

PESQUISADORA: Você acha que atingiu esse objetivo na oficina?

ENTREVISTADO: Acredito que sim.

PESQUISADORA: E para você, qual foi a importância de conseguir fazer essa história coletiva?

ENTREVISTADO: Eu acredito que seja da gente conseguir (..) deixa eu pensar em uma reflexão para ver se consigo pensar de um jeito melhor. Mas no planejamento,

quando a gente pensa no funcionamento de um hospital, de modo geral, é conseguir de alguma maneira reinserir essas pessoas na sociedade. E como seria reinserir essas pessoas na sociedade?! É conseguir fazer com que ela conviva de maneira saudável com as outras pessoas e isso não quer dizer que ela ficará igual as outras pessoas, o objetivo não é esse, é bem diferente. A gente quer na verdade uma liberdade dessas pessoas delas poderem ser o que elas são, mas de alguma maneira que elas consigam ser o que elas são dentro disso, dentro da coletividade. Então, fazer esse trabalho coletivo é como se fosse um processo de uma ressocialização, de uma conexão, dessas pessoas com o mundo todo. Então como é que eu consigo construir algo que é isso, que não é só meu, mas também das outras pessoas e eu consiga construir junto, consigo caminhar junto com as outras pessoas apesar de todas as diferenças. Seria algo nesse sentido.

PESQUISADORA: E qual papel você vê nessa harmonização?

ENTREVISTADO: O papel é tornar mais fluido o processo. Eu acho que, se não está harmonizado, a gente não consegue alcançar o objetivo que é esse das pessoas realmente colocarem em prática a forma que sentem o mundo como já posto.

PESQUISADORA: E aconteceu da forma que você imaginava?

ENTREVISTADO: Não da forma que eu imaginava, mas da forma que era possível ((risadas)). E que eu acho que foi bem bacana. É o inesperado, isso (..) as vezes eu espero de uma forma, que é a forma ideal assim, como eu me comportaria naquilo, mas é sempre de uma outra maneira que você olha '*certo, funcionou, na medida do que foi possível, então está tudo certo*'. Então está tudo certo. E tem vezes que os usuários ficam saindo assim na sala e quebra muito o espaço, mas eles saem e voltam. E eles escolheram voltar, eles podiam ter ficado lá fora, mas eles voltam. E é a forma como eles conseguem estar que é entrando e saindo. E o que é que eu queria?! Que ficasse todo mundo atento o tempo todo ((risadas)), mas aí já é demais, eles não precisam estar o tempo todo naquele espaço. E talvez estar naquele espaço seja difícil para eles.

PESQUISADORA: Próximo trecho foi sobre o que você pensou sobre a oficina em relação a cena escolhida.

((TRECHO APRESENTADO: "*E o que é que eu penso dessa cena, assim, por ser pessoas, de (.) parece um grande conselho, me vem assim. (...) Aí eu tento buscar sempre acessar essas cenas, né, mas as vezes vem uma cena que, tipo, não sei (.) nem sei o que me toca, mas eu trago mesmo assim e vamos ver no que é que dá*".)).

PESQUISADORA: Você traz sobre um saber que é intuitivo, então eu gostaria de saber de onde vem essa intuição e que lugar é esse? Está vindo de que forma?

ENTREVISTADO: Então ((risadas)) eu sou uma pessoa que tem uma bagagem e uma vivência muito extensa. Vamos lá, eu tenho uma bagagem muito cética de vida, de acreditar em pouquíssimas coisas e desde que eu consegui estudar Jung, esse canal vem se abrindo assim. Então, de qualquer maneira, eu tenho um pé muito atrás com muita coisa, mas vai fazendo sentido e cada vez que eu vou entrando vai fazendo sentido. Então uma coisa que eu percebo é que eu já tenho um movimento muito grande intuitivo, mas que eu não reconhecia como intuição e hoje em dia eu consigo chamar de intuição. Então, eu acho que é algo que sempre me acompanhou e que hoje em dia eu consigo nomear e que eu tento, de alguns anos para cá, estimular isso. Estimular ser guiado por intuição. Na minha forma de pensar, mais cética das coisas, tentando juntar uma formação com a outra, eu penso que a intuição seria um processamento muito rápido do nosso cérebro sobre todos os conteúdos. A gente sai pegando tudo que é informação ao redor e esse processamento rápido só chega na gente em forma de intuição, simplesmente como se fosse um grande apanhado. Ele pega e *'o que você precisa é disso, toma'*. Parece que é um computador na nossa cabeça que funciona e dá as respostas. E a gente só vai entender isso depois. Então eu sinto que quanto mais eu tenho investido em escutar essa voz intuitiva, mais respostas positivas eu tenho tido do trabalho e da minha vida pessoal. Tem hora que eu racionalizo tanto, mas eu tenho que ir por aqui assim. Tenho tempo de errar, se for um erro. E vem da intuição. A oficina de dublagem de alguma maneira (..) de alguma maneira não, a oficina de dublagem foi completamente intuitiva. Queria fazer uma oficina, queria fazer o que? Não sei. Dublar, tá dublar uma coisa. Massa, eu gosto, mas eu nunca tinha dublado profissionalmente. Trabalhava com som, trabalhava com cinema e tinha feito umas coisas assim, até sonorização, mas para mim veio. E uma coisa que eu acho que seria massa foi dublagem. E quem conseguiu me fazer pensar de uma forma mais acadêmica, mais fundamentada, foi Azálea. Eu tinha contado a ideia para ela e ela disse que estava massa e que podia funcionar *'você só vai ter que estudar mais sobre isso'*. Mas ok e a ideia só veio assim ((barulho de vento)). Eu acho que a maioria das ideias que a gente tem são assim, são coisas muito intuitivas. Eu acho que planejamento e arrumação da ideia.

PESQUISADORA: Estamos quase concluindo, vou te perguntar somente mais alguns pontos sobre a oficina em específico e depois algumas dúvidas da primeira entrevista. Certo?

ENTREVISTADO: Certo.

PESQUISADORA: Sobre a conclusão da oficina.

((TRECHO APRESENTADO: “*Todos bateram palmas e rapidamente um dos usuários trouxe a necessidade em concluir o vídeo com assobios que lembravam temas de velho oeste, pois para ele, aquele término de vídeo pediu uma música para conclusão – como quando são passados os créditos em um filme*”).

ENTREVISTADO: Isso é massa, e eu só fui perceber o quão massa isso era depois. A galera estava tão empolgada sentindo que era um filme e eu não sei de onde ele tirou que parecia um filme de velho oeste ((risadas)). Porque realmente eu não acesso de forma alguma ((risadas)). Mas que massa. E a oficina de dublagem, já que é uma cena já recortada, a gente não tem espaço para criar isso. Já tem outras oficinas que a gente cria e vai fazendo sons, dubla em cima. Essa não, mas eu curti muito essa ideia assim. Realmente, fico pensando, terminar em filme de velho oeste?! ((risadas)) O que foi isso? ((risadas)). Mas é isso, né, olha como chega em cada pessoa de uma forma diferente. É muito diferente como chega em cada um. Provavelmente algum elemento ou alguma coisa que passou pela gente despercebido e tocou ele (..) e levou ele para memórias que eu não sei de onde. E isso é massa! É alguém fazendo uma fala extremamente descontextualizada, mas descontextualizada para a gente, para ele não está.

PESQUISADORA: Próximo trecho.

((TRECHO APRESENTADO: “*Ao apresentar o vídeo completo para os usuários assistirem, todos ovacionaram o vídeo e deram risadas, principalmente da interação da fala do dragão com os demais personagens. Na fase posterior a dublagem o psicólogo questionou essa história elaborada pelos usuários que trouxeram: ‘foi uma história de várias peças, cada um dialogando sua parte’, ‘um trouxe uma fala em inglês, outro continuou, (...) fala que é a mestra e termina como se tudo não fosse importante, lendo jornal’. Outro usuário trouxe que ‘ficou muito legal o dragão’*”).

ENTREVISTADO: ((começa a ler em voz alta)).

PESQUISADORA: Esse recorte traz que sentimento para você?

ENTREVISTADO: De que a gente conseguiu (..) traz sentimento de que chegou. E lembra um pouco de tudo que eu já tinha falado antes. A gente conseguiu construir

uma história coletiva que as pessoas, que os participantes, gostaram da história, se identificaram e se surpreenderam. E tem uma frase de Azálea que diz que as pessoas vão se surpreendendo com o potencial criativo que carregam. E é bem isso, é como se fosse *'caramba, nem sabia que conseguia fazer isso, sabia nem que iria ter essa criatividade, mas eu tenho, tá aqui'* e tu pode ver quantas vezes quiser ver porque você tem. E quando chega nessa parte e a gente olha e tem esse feedback deles; eles ovacionaram, olha só. É algo que prende. E é assim, eu acho que a se gente fosse mostrar um vídeo dublado *'bota um filme aí'*, uma história que foi dublada, não seria a mesma coisa, não são eles que dublaram. Imagina quantos tipos de filmes, isso aqui foi o velho oeste, mas deve ter acessado tantos filmes. E eu fico pensando nisso porque no meio da oficina eles vão trazendo memórias muito antigas *'vendo isso agora eu lembrei de'* e ((VRÁ, barulho com a boca)). Então eles bateram palmas para a própria vida.

PESQUISADORA: Correspondeu com a tua expectativa também? Como você sentiu com essa reação deles?

ENTREVISTADO: Lírio, enquanto psicólogo, ficou bem satisfeito e vendo agora, na verdade, eu fico ainda mais feliz com o que foi feito, com essa repercussão. Mas ao mesmo tempo é isso, né, minha expectativa para essa cena era algo completamente diferente, e isso é bom também. Mas é completamente diferente, é isso, porque eu imaginava essa dublagem de acordo com outras dublagens que foram feitas dessa mesma cena, essa era a minha expectativa. E que era uma expectativa bem menos criativa; expectativa de que se fosse refeito seria algo bem semelhante aos anteriores. E dessa vez não, foi feito algo completamente novo que lembrou até o velho oeste.

PESQUISADORA: Agora são algumas dúvidas em relação a primeira entrevista, bem rápido, que eu gostaria de perguntar.

((TRECHO APRESENTADO: *"Muitas vezes o tema foge, então, esse manejo da oficina eu acho complicado. Então eu acabo variando o (.) eu acabo sendo um pouco mais assertivo, na verdade mais diretivo, em outras eu deixo completamente aberto mesmo, assim, a gente vai testando para ver. Nunca consegui chegar num ponto, com o melhor formato, tem dias que funciona melhor de um jeito, tem dias que funciona melhor de outro".*)).

ENTREVISTADO: ((lendo em voz alta)).

PESQUISADORA: Durante a primeira entrevista, você foi perguntado sobre quais sentimentos surgiam da oficina e como que você se sentia, então eu fiquei com essa dúvida. Quando você traz que *“nunca consegui chegar num ponto”*, que ponto é esse?

ENTREVISTADO: No ponto seria da gente ser mais assertivo, que se estimula um tipo de funcionamento, que quase que criar um roteiro *‘olha, aqui, o que é que o grupo acha? Tá falando sobre o que? Qual o tema? E a gente vai precisar fazer uma fala com tal tema’*. Estimular isso, dessa conexão, desse chão, do trazer para perto e estar produzindo algo. É criativo?! É, mas está dentro de um formato, é dentro de uma história que a gente criou previamente. Então tem oficinas que eu fico trazendo mesmo as pessoas para essa realidade, *‘vamos lá, mas certo, isso que você tá falando tem conexão? Vamos pensar no que foi dito antes. É isso? O que o grupo acha dessa fala?’* e a gente vai trazendo isso mesmo para construir algo bem dentro de um formato que eu acho que é bem bacana, porque é isso, cada um vai para um lado, mas ao mesmo tempo, o de cada um ir para um lado em temas livres cria um outro tipo de movimento. É uma outra terapêutica e que funciona também dentro dessa oficina. Então é isso, qual o melhor formato?! Não sei, então eu vou variando, vou testando. Eu tenho até uma tendência a ir sempre para uma coisa mais aberta. Mas eu acho que é importante, dentro de uma oficina, a gente mudar e chegar em algum lugar, porque vai chegar.

PESQUISADORA: Nesse trecho foi uma pergunta que te fiz e a resposta que você me deu. Aqui a gente estava falando sobre a primeira tentativa com os estagiários e você foi me contando sobre.

((TRECHO APRESENTADO: “Pesquisadora *“Então deu certo na primeira tentativa?”*, Lírio respondeu *“É, exato, deu certo”*)).

ENTREVISTADO: Teve uma bagunça mesmo, uma falta de manejo, um nervosismo de estar fazendo lá. Mas super deu certo. É porque eu sempre espero outra coisa, e é aquilo das expectativas. E que bom que estou sendo sempre surpreendido, mas o material ficou pronto e as pessoas curtiram, se divertiram muito fazendo e até hoje eu tenho ((risadas)) esses momentos com os estagiários. E a cena foi montada e fala sobre vários temas, vai circulando coisas. Então, funcionou.

PESQUISADORA: Próximo trecho.

((TRECHO APRESENTADO: *“Eu tenho um banco de cenas já guardadas, que eu acabo utilizando e revisitando eles sempre. Mas assim, logo no início das oficinas a*

*gente pensou que (.) a primeira oficina piloto que eu fiz com os estagiários, a gente fez uma oficina de 1 minuto. E a gente viu que era uma cena muito longa, que já que é uma atividade que as pessoas não têm tanto contato, vai demorando para pegar esse ritmo. E a ideia era de que a gente pudesse refazer essa cena, pelo menos, umas 3 vezes” .)).*

PESQUISADORA: Como foi que você chegou nessa *expertise*?

ENTREVISTADO: Quem chegou foi Azálea na verdade ((risadas)). Eu acho que tem um manejo diferente, acho que hoje em dia eu consigo ter esse manejo da oficina de uma forma diferente. Hoje em dia eu faço sim cenas de 1 minuto, e nessas cenas de 1 minuto a gente não consegue refazer, porque a ideia é, desde o início, já que a ideia é trabalhar a ressignificação, a gente precisava fazer algumas vezes a mesma cena para ficar essa ideia de que uma mesma cena pode ter diversos sentidos. Com o tempo, eu acho que os estímulos são trazidos nos aquecimentos vão facilitando esse processo de dublagem. Então a gente consegue dublar mais rápido e de forma até mais espontânea, consegue fazer várias cenas. Algumas oficinas eu faço até três vezes, em outras eu divido em subgrupos e cada grupo pensa um tema e grava sobre, o que é algo, realmente, bem diferente. Às vezes não, dependendo da cena a gente vai precisar de um tempo maior. E o que é que muda?! Na oficina que a gente fez com os estagiários eu não tinha intenção de fazer sonorização, se não me engano (..) estou em dúvida agora. Se eu não me engano a gente fez sim sonorização na primeira cena, mas isso não foi para a oficina de dublagem, era para o Jardim, foi somente voz.

PESQUISADORA: Você chegou a fazer aquecimento também?

ENTREVISTADO: Sim, mas era meio perdido, não chegou a fazer nada (..) depois a gente vai fazendo diferente, vai mudando, vai fazendo nas outras. E ficou bom, vai conseguindo estimular, vai testando. Aí eu tenho hoje em dia alguns modelinhos de aquecimento para determinados tipos de oficina. Acho que a oficina teve um ganho muito grande depois que eu tive essa experiência com teatro. Muito assim.

PESQUISADORA: Próximo trecho.

((TRECHO APRESENTADO: “O que eu sinto é que, pela demanda específica da casa, que a casa acolhe... A gente tem uma dificuldade muitas vezes em se conectar com o presente” .)).

PESQUISADORA: Você quer ver um pouco mais sobre isso?

ENTREVISTADO: Sim, pode ser.

PESQUISADORA: Esse é o último trecho.

ENTREVISTADO: Ah não, então quero deixar para a semana que vem ((risadas)).

((TRECHO APRESENTADO: “Muitas vezes a dificuldade de entender até de que personagem é esse que eu estou dublando. Eu sinto que em vários momentos a oficina consegue dar esse chão, a gente consegue chegar nisso, tem uma atenção maior, mas assim, qualquer dispersão é dispersão suficiente para a gente entre em uma outra frequência mesmo”).)).

PESQUISADORA: Aqui quando você fala da dificuldade referente ao presente, que dificuldade é essa?

ENTREVISTADO: É, vamos lá. Digamos assim, uma imagem ela me chega, chegou por algum tipo de estímulo e eu estou pensando no futuro, no que eu quero, no que eu poderia fazer, ou no passado e isso me remeteu as histórias do velho oeste e eu estou ali em meio a isso e eu posso até ir dublar, eu penso em histórias e é massa. Porém, ao mesmo tempo, isso não se conecta ao presente. A técnica de dublar já é se conectar ao presente, mas um presente no sentido de ok, tem um personagem ali, mas é uma coisa mais objetiva, eu vou ali dublar, que tem um tempo e uma entonação. E as vezes tem um outro nível de não estar no presente que é ‘*caramba, eu estou com fome, quero comer, que horas sai o lanche? O que tem lá fora? Queria conversar com alguém*’. Esse tipo de coisa que eu acho que o exercício de estar no presente é um exercício para a gente quanto psicólogo. E a gente sabe o quanto é difícil estar no presente. É um exercício para a vida inteira.

PESQUISADORA: E quanto aos usuários?

ENTREVISTADO: E quanto a essas pessoas que estão sendo acompanhadas para ser um pouco ainda mais difícil, porque tem demandas muito básicas que ainda não conseguiram ser cuidadas. Então, tem muita coisa ali que ainda não foi trabalhada e precisa ser elaborada, naquele plano em cima da cabeça que fica rodando, ali vem muitos conteúdos. Muitos conteúdos que precisam ser elaborados e estão ali, então é mais fácil ainda de não estar nesse presente, de estar imerso nessa confusão. Então eu acho que esse exercício que eu sempre falo do chão, trazer para cá, para o presente, é difícil, por isso as vezes eu sou mais assertivo, diretivo (..) não sei qual a melhor palavra para usar nesse momento, mas é ‘*vem cá, olha aqui para esse personagem, olha a boca dele*’. É uma dificuldade?! É, mas talvez a gente pudesse trocar essa palavra dificuldade por (..) me perdi agora. Mas a demanda é essa, o que a gente vai trabalhar é isso. Isso é o nosso material de (..) deixa eu tentar

pensar em algo melhor ((estala os dedos)). Não sei como falar, mas é como se essa dificuldade de estar no presente nesse nível fosse um sintoma disso que a gente está cuidando. É um exercício de se estimular que se venha que eu vou dizer '*a dificuldade do usuário é lidar com delírio dele, certo, estamos aqui para cuidar*'. Então, isso que é para estarmos mais atentos, como é que a gente vai chamar de uma forma cuidadosa que não é julgamento, não vou dizer ' *você não está aqui, venha para cá*'. Não faz sentido isso. Como é que a gente chama esses usuários para o presente de uma forma acolhedora, de uma forma gratificante, de uma forma estimulante?! De uma forma que eles gostem de estar nesse presente e que faça sentido para eles estar ali. Não é simplesmente trazer eles para estarem aqui nesse presente, um presente que talvez eles nem queiram estar, assim, não vai estar. Vai ser só o meu desejo e não o desejo deles. E as vezes é difícil mesmo estar no presente.

PESQUISADORA: Pronto, Lírio, era isso. Terminamos.

ENTREVISTADO: Olha aí.

PESQUISADORA: Muito obrigada pela sua participação. Desculpe as idas e vindas.

ENTREVISTADO: Que isso, valeu pela escolha. E eu espero que você tire todas as minhas gírias, certo? ((risadas)).

PESQUISADORA: Muito obrigada mais uma vez.